

**ALMANACH
LITTERARIO**

DE
SÃO PAULO

PARA O ANNO DE

1884

PUBLICADO
POR

JOSÉ MARIA LISBOA

7.º ANNO



ALMANACH LITTERARIO

E. L. J. Corda

ALMANACH
LITTERARIO

DE

S. PAULO

PARA

1884

PUBLICADO POR

José Maria Lisboa

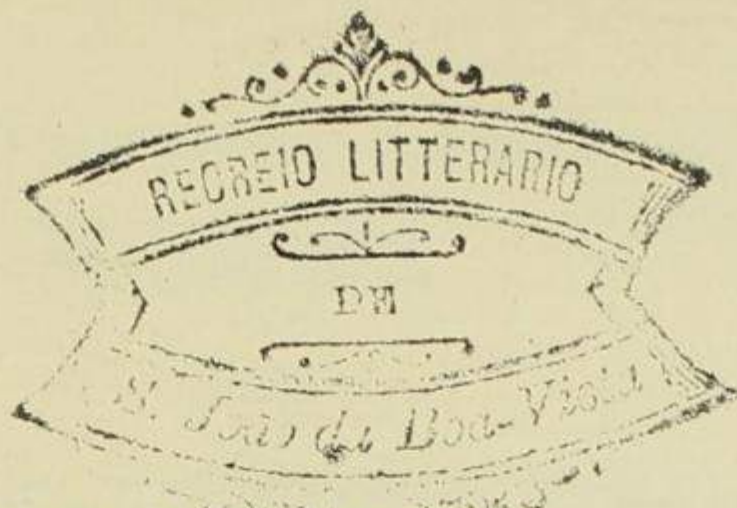
VII ANNO

S. PAULO

TYPOGRAPHIA DA «PROVINCIA DE SÃO PAULO»

53 — RUA DA IMPERATRIZ — 53

1883



AO LEITOR

Depois da interrupção de dous annos, apparece de novo o *Almanach Litterario de S. Paulo* para 1884.

Como sempre deficiente de artigos originaes relativos á provincia, pela difficuldade de obtel-os.

Aos autores dos que vão na presente publicação muito agradecemos o seu valioso concurso.

Ao Sr. Abilio Marques devemos alguns escriptos de autores brazileiros e portuguezes, que o leitor encontrará n'este livro, e que se destinavam a um *Almanach Positivista*, que o mesmo senhor teve em mente publicar.

Lamentando que no *Almanach* de 1884 deixem de figurar varios cavalheiros, que tão brilhantemente tem illustrado as paginas dos antecedentes, felicitamo-nos por haverem entrado na collaboração do presente algumas distinctissimas senhoras da sociedade paulista, bem como diversos collaboradores, que pela primeira vez honraram-nos com seus trabalhos.

A todos nossa gratidão.

S. Paulo, Setembro, 1883.

JOSÉ MARIA LISBOA.

NOMES

DAS

PESSOAS QUE ILLUSTRAM AS PAGINAS D'ESTE ALMANACH



AS EX.^{mas} SR.^{as} :

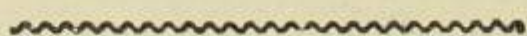
D. Anna Maria de Moraes Barros
D. Damiana Rangel Pestana
D. Julia Lopes



OS ILL.^{mos} S.^{res} :

A. Daniel do Prado
A. Figueiras (Dr.)
A. Marques
A. Pereira Pinto Junior (Dr.)
Antonio Zeferino Candido (Dr.)
Aristides da Silveira Lobo (Dr.)
Aureliano de S. e Oliveira Coutinho (Desembargador)
Azevedo Sampaio
Barão de Piratininga
Barboza de Sandeville
Benedicto Marcondes Homem de Mello (Coronel)
Benedicto Oliveira
Brazilio Machado (Dr.)
Carlos Ferreira
Carrilho Videira
Cesario N. de A. Motta Magalhães Junior (Dr.)
D. Guedes Cabral (Dr.)
E. A. Zaluar
Estevam Leão Bourroul (Dr.)
F. Ribeiro de Mendonça

Francisco Corrêa de Almeida Moraes
Francisco Octaviano de Almeida Rosa (Senador)
Francisco Quirino dos Santos (Dr.)
Francisco Rangel Pestana (Dr.)
H. Capello e Ivens
Hyppolito de Camargo (Dr.)
J. A. de Barros Junior (Dr.)
J. Feliciano dos Santos (Dr.)
J. J. Machado de Oliveira (Brigadeiro)
J. P. da Motta Junior
J. R. Mendonça (Dr.)
J. Xavier da Silveira (Dr.)
João Kopke (Dr.)
João Quirino dos Santos (Dr.)
Joaquim Roberto de Azevedo Marques (Capitão)
José de Araujo Novaes (Tenente-Coronel)
José Bonifacio (Conselheiro)
Julio de Mattos
Lucio de Mendonça (Dr.)
Manoel Antonio Duarte de Azevedo (conselheiro)
Manoel da Rocha
Miranda Azevedo (Dr.)
Rafael Aguiar Paes de Barros (Dr.)
Roberto Maria de Azevedo Marques
Teixeira Bastos
Th. Lacordaire
Theophilo Braga (Dr.)
Theophilo Dias (Dr.)
Vicente de Carvalho
Wenceslau de Queiroz



COMPUTO ECCLESIASTICO

Tabella temporaria para 1884

Periodo Juliano	6597
Cyclo solar	17
Aureo numero.	4
Epacta	III
Indição romana	12
Lettra dominical.	f. e.
Lettra do Martyrologio.	C.

Festas moveis

Septuagesima	10 de Fevereiro
Quarta-feira de Cinzas	27 de Fevereiro
Domingo de Paschoa	13 de Abril
Rogações (<i>Ladainhas</i>)	19, 20 e 21 de Maio
Ascensão	22 de Maio
Pentecoste (<i>Espirito-Santo</i>)	1 de Junho
Dominga da SS. Trindade.	8 de Junho
Corpo de Deus	12 de Junho
Sagrado Coração de Jesus	20 de Junho
1. ^a Dominga do Advento	30 de Novembro

Temporas

Primeiras	5, 7 e 8 de Março
Segundas.	4, 6 e 7 de Junho
Terceiras.	17, 19 e 20 de Setembro
Quartas	17, 19 e 20 de Dezembro

Bençams nupciaes

São prohibidas desde a 1.^a Dominga do Advento (30 de Novembro) até o dia de Reis inclusivè, e desde Quarta-feira de Cinzas até a Dominga *in Albis* inclusivè (20 de Abril).

Estações do anno

O Outono principia a 20 de Março ás 2 h. da tarde.
O Inverno principia a 20 de Junho ás 10 h. da manhã.
A Primavera principia a 22 de Setembro á 0 h. da tarde.
O Verão principia a 21 de Dezembro ás 7 h. da manhã.

ECLIPSES

Haverá no anno de 1884 cinco eclipses, a saber: tres do sol e dous da lua.

1.º eclipse do sol (invisivel no Rio de Janeiro) terá logar a 27 de Março.

Principio geral na terra ás 2 h. 18' 7" da manhã.

Maxima phase ás 3 h. 9' 31" da manhã.

Fim geral na terra ás 4 h. 0' 49" da manhã.

2.º eclipse total da lua (invisivel para o Rio de Janeiro) terá logar a 10 de Abril.

1.º contacto com a penumbra ás 5 h. 49' 55" da manhã.

1.º dito com a sombra ás 6 h. 59' 49" da manhã.

Meio do eclipse ás 10 h. 58' 1" da manhã.

Ultimo contacto com a sombra ás 11 h. 57' 55" da manhã.

A grandeza d'este eclipse é de 1.431, sendo o diametro da lua = 1.

3.º eclipse parcial do sol (invisivel para o Rio de Janeiro) terá logar a 25 de Abril.

Principio geral na terra ás 10 h. 7' 25" da manhã.

Maxima phase ás 11 h. 53' 37" da manhã.

Fim geral na terra á 1 h. 39' 49" da tarde.

4.º eclipse total da lua (visivel em parte para o Rio de Janeiro) terá logar a 4 de Outubro.

1.º contacto com a penumbra ás 4 h. 24' 7" da tarde.

1.º dito com a sombra ás 5 h. 22' 31" da tarde.

Meio do eclipse ás 7 h. 49' 19" da tarde.

Ultimo contacto com a sombra ás 8 h. 56' 7" da tarde.

Ultimo dito com a penumbra ás 9 h. 54' 31" da tarde.

A grandeza d'este eclipse é de 1,525, sendo o diametro da lua = 1.

5.º eclipse parcial do sol (invisivel para o Rio de Janeiro) terá logar a 18 de Outubro.

Principio geral na terra ás 7 h. 27' 13" da tarde.

Maxima phase ás 9 h. 25' 13" da tarde.

Fim geral na terra ás 11 h. 23' 7" da tarde.

(Tempo médio do Rio de Janeiro).

JANEIRO

Quarto crescente	a 5, ás 6 h., 42' 24" da tarde
Lua cheia	a 12, á 0 h., 34' 25" da tarde
Quarto minguante	a 20, ás 2 h., 30' 37" da manhã
Lua nova	a 28, ás 2 h., 8' 31" da manhã

- 1 + Terça, CIRCUMCISÃO DO SENHOR
- 2 Quarta, s. Izidoro, b., s. Martiniano
- 3 Quinta, S. Antero, papa, s. Genoveva
- 4 Sexta, s. Tito, b., s. Theoctisto, ab.
- 5 ☿ Sabbado, s. Telesphoro, papa
- 6 DOMINGO, EPIPHANIA DO SENHOR
- 7 Segunda, s. Theodoro, monge, s. Julião
- 8 Terça, s. Severiano e s. Maximo, bb.
- 9 Quarta, s. Marciana, v.,
- 10 Quinta, s. Guilherme, b., s. Marciano
- 11 Sexta, s. Hygino, s. Honorata.
- 12 ☽ Sabbado, s. Bento Biscopio, s. Taciana
- 13 DOMINGO, s. Vicencio, s. Glaphira
- 14 Segunda, s. Hilario, s. Macrina
- 15 Terça, s. Paulo, 1.º eremita, s. Secundina
- 16 Quarta, s. Marcello, papa, s. Priscilla.
- 17 Quinta, s. Antão, abbade
- 18 Sexta, s. Prisca, s. Liberata, s. Moseo
- 19 Sabbado, s. Canuto, rei da Dinamarca
- 20 ☾ DOMINGO, s. Sebastião, s. Amaro
- 21 Segunda, s. Ignez, s. Publio
- 22 Terça, s. Anastacio Persa, m.
- 23 Quarta, Desposorios de N. S com S. José
- 24 Quinta, s. Thimotheo, s. Zamas
- 25 + Sexta, s. PAULO, AP.
- 26 Sabbado, s. Polycarpo, s. Paula
- 27 DOMINGO, O SS. Nome de Jesus
- 28 ● Segunda, s. Gonçalo de Amarante
- 29 Terça, s. Francisco de Salles, S. Valerio
- 30 Quarta, s. Martinha, s. Jacintha de Mariscotis
- 31 Quinta, s. Pedro Nolasco, s. Saturnino

FEVEREIRO

Quarto crescente	a 4, ás 3 h., 4' 31" da manhã
Lua cheia	a 11, á 1 h., 55' 13" da manhã
Quarto minguante	a 19, á 0 h., 20' 1" da manhã
Lua Nova	a 26, ás 2 h., 42' 19" da tarde

- 1 Sexta, s. Ignacio, s. Pionio, s. Brigida
- 2 + Sabbado, PURIFICAÇÃO DE N. S.
- 3 DOMINGO, s. Braz, s. Celerino, s. Celerina
- 4 ☽ Segunda, s. André Cursino, b., S. José de Leonissa, s. Gilberto
- 5 Terça, s. Agueda, s. Francisco
- 6 Quarta, s. Antoliano, m., s. Dorothea
- 7 Quinta, s. Romualdo, s. Moysés
- 8 Sexta, s. João da Matta, s. Cointha
- 9 Sabbado, s. Appolonia, s. Ammonia
- 10 DOMINGO, s. Austreberta, s. Amancio
- 11 ☽ Segunda, s. Lucio e s. Desiderio
- 12 Terça, s. Gaudencio, s. Eulalia, s. Damião, soldado, s. Christina de Aquila
- 13 Quarta, s. Catharina de Riccis, s. Polyeucto
- 14 Quinta, o b. João Baptista da Conceição
- 15 Sexta, s. Faustino, s. Jovita
- 16 Sabbado, o b. Onesimo, s. Seleuco
- 17 DOMINGO, s. Faustino e seus companheiros
- 18 Segunda, s. Theotonio, confessor, s. Simeão
- 19 ☾ Terça, s. Conrado, s. Zambdas
- 20 Quarta, s. Eleuterio, s. Sadoth
- 21 Quinta, s. Pedro Mavimeno, s. Maximiano
- 22 Sexta, s. Aristio, discipulo de J. C.
- 23 Sabbado, s. Pedro Damião, s. Romana
- 24 DOMINGO, s. Ediberto, rei, (*Carnaval*)
- 25 Segunda, s. Felix, papa, s. Cesario
- 26 ● Terça, s. Ludgero, confessor
- 27 Quarta, CINZAS, s. Lucas, abbade
- 28 Quinta, s. Romão, abbade, s. Caio
- 29 Sexta, Trasladação de Santo Agostinho

MARÇO

Quarto crescente,	a 4, ás 10 h., 40' 25" da manhã
Lua cheia,	a 11, ás 4 h., 47' 19" da tarde
Quarto minguante,	a 19, ás 8 h., 20' 19" da tarde
Lua nova,	a 27, ás 2 h., 54' 24" da manhã

- 1 Sabbado, s. Eudoxia, s. Hemes e Adriana
- 2 DOMINGO, 1.º da Quaresma, s. Lucio, b.
- 3 Segunda, s. Ticiano, s. Eutropia
- 4 ☿ Terça, s. Casimiro, o b. Romêo, confessor
- 5 Quarta, (*Temporas*) s. Euzebio Palatino
- 6 Quinta, s. Marciano, b. m., s. Coleta
- 7 Sexta, (*Temporas*) s. Thomaz de Aquino
- 8 Sabbado, (*Temporas*) s. João de Deus
- 9 DOMINGO, 2.º da Quaresma, s. Catharina
- 10 Segunda, s. Victor, s. Droctovêo
- 11 ☽ Terça, s. Firmino, abbade, s. Gorgonio
- 12 Quarta, s. Gregorio Magno, s. Egdunio
- 13 Quinta, s. Sabino, s. Christina, s. Sancha
- 14 Sexta, s. Eutychio e seus companheiros, mm.
- 15 Sabbado, s. Longuinhos, soldado
- 16 DOMINGO, 3.º da Quaresma, s. Julião
- 17 Segunda, s. Patricio, s. Gertrudes
- 18 Terça, s. Gabriel Archanjo, s. Frigidiano
- 19 ☾ Quarta, S. JOSÉ, s. Quintilla
- 20 Quinta, s. Nicodemus, s. Euphemia
- 21 Sexta, s. Bento, abbade, s. Lupisino
- 22 Sabbado, s. Emygdio, s. Saturnino, s. Calinica
- 23 DOMINGO, 4.ª da Quaresma, s. Theodulo
- 24 Segunda, s. Epigmento, s. Alexandre
- 25 + Terça, ANNUNCIACÃO DE NOSSA SENHORA
- 26 Quarta, s. Braulio, s. Tecla, s. Jovino
- 27 ● Quinta, s. João, eremita, s. Cronidas
- 28 Sexta, s. Xisto III, papa, s. Gunthrano, rei
- 29 Sabbado, s. Cyrillo, diacono, s. Masculas
- 30 DOMINGO DA PAIXÃO, s. Pastor, b.
- 31 Segunda, s. Benjamin, diacono, s. Balbina

AO NOVO MUNDO

RUA DA IMPERATRIZ N. 30 A

Em frente ao «Correio Paulistano»

ARMAZEM DE

Fazendas, modas, confecções, armarinho
e perfumarias

N'este novo e bem montado estabelecimento encontra-se sempre um completo e variadissimo sortimento de :

Sedas, lãs de todas as qualidades, merinós, alpacas, linhos de cores e lisos e muitas fazendas de gosto que todos os mezes recebe directamente dos principaes mercados da Europa.

Escolhido sortimento de capas enfeitadas para Senhora ;—paletots de todos os tamanhos ; colletes, saias, camisas, collarinhos—tudo o que ha de moderno.

Artigos para presentes

PREÇO FIXO-VENDAS A DINHEIRO

Rua da Imperatriz n. 30 A

ABRIL

Quarto crescente,	a 2, ás 6 h., 24' 19" da tarde
Lua cheia,	a 10, ás 8 h., 51' 25" da manhã
Quarto minguante,	a 18, á 1 h., 2' 1" da tarde
Lua nova	a 25, á 0 h., 4' 55" da tarde

- 1 Terça, s. Venancio, b., s. Irenêo
- 2 ☽ Quarta, s. Francisco de Paula, s. Theodosia
- 3 Quinta, s. Paneracio, s. Benedicto de S. Philadelpho denominado o negro
- 4 Sexta, As Dôres de Nossa Senhora, s. Ambrosio
- 5 Sabbado, s. Vicente Ferreira, s. Juliana
- 6 DOMINGO DE RAMOS, s. Platonides
- 7 Segunda, s. Donato, s. Rufino, s. Calliopio
- 8 Terça, s. Amancio, s. Alberto, s. Macaria
- 9 Quarta DE TRÉVAS, s. Maria Cleophæ
- 10 ☉ + Quinta DE ENDOENÇAS, s. Africano
- 11 + Sexta DA PAIXÃO, s. Leão, papa
- 12 Sabbado DE ALLELUIA, s. Constantino
- 13 DOMINGO DE PASCHOA, s. Urso b., s. Dadas
- 14 Segunda, s. Tiburcio, s. Lamberto
- 15 Terça, s. Maximo e s. Olympiades
- 16 Quarta, s. Engracia, s. Julia, s. Caio
- 17 Quinta, s. Aniceto, s. Roberto
- 18 ☾ Sexta, s. Eleutherio, s. Corebo
- 19 Sabbado, s. Crescencio, s. Elphego
- 20 DOMINGO *in Albis*, s. Theotimo
- 21 Segunda, NOSSA SENHORA DOS PRAZERES
- 22 Terça, s. Sotero, papa, s. Mucio
- 23 Quarta, s. Jorge, m., s. Adalberto
- 24 Quinta, s. Fidelix de Sygmaringa
- 25 ☀ Sexta, s. Marcos, evangelista, s. Aniano
- 26 Sabbado, s. Cleto, p., s. Richario, presb.
- 27 DOMINGO, N. S. do Desterro, s. Francha
- 28 Segunda, s. Paulo da Cruz. s. Theodora
- 29 Terça, s. Roberto, abbade, s. Paulino
- 30 Quarta, s. Catharina de Sene, s. Sophia

RIO BRANCO

Orgam politico, litterario, commercial
e noticioso

REDACTOR E PROPRIETARIO

José Peixoto da Motta Junior

ASSIGNATURAS

POR UM ANNO 10\$000
POR SEIS MEZES 5\$000

Pagamento adiantado

CONDIÇÕES

Não acceita annuncios para a captura de
escravos fugidos.

Não restitue autographos, embora não
sejam publicados.

Columnas francas a artigos de interesse
geral.

Publica todos os artigos e annuncios dos
collegas, gratuitamente.

Será enviado *gratis*, a todas as biblio-
thecas, clubs litterarios e associações abo-
licionistas, quando solicitado por circula-
res.

DIRECÇÃO

A' redacção do «Rio Branco»

PIRASSUNUNGA

Provincia de S. Paulo

MAYO

Quarto crescente,	a 2, ás 3 h., 14' 55" da manhã
Lua cheia,	a 10, á 1 h., 15' 1" da manhã
Quarto minguante,	a 18, ás 2 h., 1' 43" da manhã
Lua nova,	a 24, ás 7 h., 43' 55" da tarde
Quarto crescente,	a 31, ás 2 h., 3' 43" da tarde

- 1 Quinta, s. Felippe e s. Thiago
- 2 ☿ Sexta, s. Athanasio, s. Germano
- 3 Sabbado, Inv. de Santa Cruz, s. Alexandre, papa
- 4 DOMINGO, Patrocínio de S. José, s. Antonia
- 5 Segunda, Conversão de S. Agostinho
- 6 Terça, s. João *ante portam latinam*
- 7 Quarta, s. Estanisláu, s. Domitilla
- 8 Quinta, s. Acacio, centurião, s. Dionysio
- 9 Sexta, s. Gregorio Nazianzeno, s. Beato
- 10 ☽ Sabbado, s. Gordiano, m., s. Simplicio
- 11 DOMINGO, s. Francisco de Jeronymo
- 12 Segunda, s. Joanna Lusitana, v.
- 13 Terça, s. João, o silencioso
- 14 Quarta, s. Bonifacio, s. Justa e Justina
- 15 Quinta, s. Dypna, s. Cecilio
- 16 Sexta, s. João Nepomuceno, s. Maxima
- 17 Sabbado, s. Paschoal Baylão, s. Restituta
- 18 € DOMINGO, s. Venancio, s. Julitta
- 19 Segunda, (*Ladainhas*) s. Pedro Celestino
- 20 Terça, (*Ladainhas*) s. Bernardino de Sena
- 21 Quarta, (*Ladainhas*) s. Secundino, s. Palio
- 22 + Quinta, ASCENSÃO DE N. S. JESUS CHRISTO
- 23 Sexta, o b. Chrispim de Viterbo
- 24 ☿ Sabbado, s. Robustiano, s. Afra
- 25 DOMINGO, s. Gregorio VII, s. Tejunio, monge
- 26 Segunda, s. Felippe Nery, s. Paulino
- 27 Terça, s. Maria Magdalena, s. Ranulpho
- 28 Quarta, s. Hermano, s. Justo, s. Carauno
- 29 Quinta, s. Restituto, s. Theodosia
- 30 Sexta, s. Fernando III, rei de Castella
- 31 ☿ Sabbado, s. Petronilha, filha de S. Pedro

MACHINA DE SECCAR CAFÉ

TAUNAY-TELLES

Realisa o seccamento do café nas melhores condições ; conhecida nas provincias do Rio de Janeiro e Espírito Santo e apreciada pelos esplendidos resultados verificados na experiencia diaria, economisa grande numero de braços, dando ao café qualidades que o tornam apreciadissimo nos mercados.

E' transportavel facilmente para qualquer fazenda, extremamente simples e solida.

Recebem-se encommendas e prestam-se todas as informações nas casas dos srs.

TELLES NETTO & COMP^x

EM SANTOS

E

SANTOS IRMÃO & NOGUEIRA


EM CAMPINAS

Tem funcionado com os melhores resultados durante a safra ultima, nas fazendas dos srs. dr. Braz Carneiro Nogueira da Gama, commendador Domingos Theodoro de Azevedo Junior e no Engenho Central de Santa Leopoldina, no Espírito-Santo.

JUNHO

Lua cheia,	a 8, ás 4 h., 56' 31" da tarde
Quarto minguante,	a 16, ás 11 h., 41' 48" da manhã
Lua nova,	a 23, ás 2 h., 40' 25" da manhã
Quarto crescente,	a 30, ás 3 h., 22' 7" da manhã

- 1 DOMINGO, ESPÍRITO SANTO, s. Juvencio
- 2 Segunda, s. Marcellino, s. Eugenio
- 3 Terça, s. Davino, o b. André Caraciolo
- 4 Quarta, s. Quirino
- 5 Quinta, s. Bonifacio, s. Dorothéo
- 6 Sexta, s. Norberto
- 7 Sabbado, s. Estevam Bandello
- 8 ☉ DOMINGO, SS. TRINDADE, s. Victorino
- 9 Segunda, s. Primo, e s. Feliciano
- 10 Terça, s. Margarida r. da Escossia
- 11 Quarta, s. Barnabé, apostolo
- 12 + Quinta, CORPO DE DEUS
- 13 Sexta, s. Antonio de Lisboa
- 14 Sabbado, s. Basilio Magno
- 15 DOMINGO, s. Laudelino, abbade
- 16 ☾ Segunda, s. João Francisco Regis
- 17 Terça, s. Thereza, viuva, s. Humerio
- 18 Quarta, s. Cyriaco e s. Paula
- 19 Quinta, s. Juliana Falconeria
- 20 Sexta, Coração de Jesus, s. Silverio
- 21 Sabbado, s. Luiz Gonzaga
- 22 DOMINGO, s. Albano
- 23 ☿ Segunda, s. Agripino
- 24 + Terça, NASCIMENTO DE S. JOÃO BAPTISTA
- 25 Quarta, s. Lucia
- 26 Quinta, s. Pelagio, s. David
- 27 Sexta, s. Ladisláu, r. da Hungria
- 28 Sabbado, s. Leão II, s. Irinêo
- 29 DOMINGO, S. PEDRO E S. PAULO
- 30 ☾ Segunda, s. Emiliana, s. Ostiano, s. Marcial,
os bb. Alpiniano e Austricliniano



AGUAS DE CACHAMBU'

Hotel Double

Situado em um dos melhores pontos de Caxambú, proximo á praça das fontes mineraes, ajardinado, com banhos de chuva, offerece todo o conforto possivel, asseio, tem bilhares, jogo de bola, e outros divertimentos.

O proprietario J. J. Double, encarrega-se de ter conducção na **Soledade** para os hospedes, sendo avisado com oito dias de antecedencia de S. Paulo.

PREÇOS

*Hospede de primeira classe, 3\$500
Criados 1\$500. Crianças 2\$000
Café das 6 ás 7 horas da manhã,
almoço ás 9 horas, jantar ás 3 horas
da tarde, chá ás 8 horas da noute*

A viagem para Caxambú, é hoje facilima, pela Estrada de Ferro Minas e Rio. O trem parte da ESTAÇÃO DO CRUZEIRO, de manhã e chega á ESTAÇÃO DA SOLEDADE, quatro horas depois. Ahi se encontra conducção de animaes, liteiras, cargueiros e carros para carga, camaradas, e tudo que é preciso para a viagem de duas leguas até Caxambú.

JULHO

Lua cheia,	a 8, ás 7 h., 17' 37" da manhã
Quarto minguante,	a 15, ás 6 h., 46' 7" da tarde
Lua nova,	a 22, ás 10 h., 1' 25" da manhã
Quarto crescente,	a 29, ás 7 h., 8' 37" da tarde

- 1 Terça, s. Arão, 1.º levita, s. Romualdo
- 2 Quarta, Visitação de N. S. a Santa Izabel
- 3 Quinta, s. Jacyntho, s. Mustiola
- 4 Sexta, s. Lauriano, s. André
- 5 Sabbado, s. Miguel dos Santos, s. Triphina
- 6 DOMINGO, s. Isaias propheta.
- 7 Segunda, s. Pulcheria, s. Edilburga
- 8 ☉ Terça, s. Izabel rainha de Portugal
- 9 Quarta, s. Veronica Juliana, s. Bricio b.
- 10 Quinta, s. Januario, ss. Rufia e Secunda
- 11 Sexta, s. Sidronio, s. Sabino
- 12 Sabbado, s. João Gualberto, s. Marciana
- 13 DOMINGO, s. Anacleto, s. Turiano
- 14 Segunda, s. Boaventura, s. Camillo de Lellis
- 15 ☾ Terça, s. Antiocho, s. Cyriaco carniceiro
- 16 Quarta, s. Fausto, s. Hilarino, monge
- 17 Quinta, s. Aleixo
- 18 Sexta, s. Symphorosa, s. Rufino, s. Bruno
- 19 Sabbado, s. Vicente de Paulo, s. Macrina
- 20 DOMINGO, O Anjo custodio
- 21 Segunda, s. Daniel, s. Julia, s. Zotico
- 22 ☿ Terça, s. Platão, s. José conde
- 23 Quarta, s. Apolinario, s. Primitiva
- 24 Quinta, s. Ursicino, s. Francisco Solano
- 25 Sexta, s. Thiago ap., s. Theodomiro monge
- 26 Sabbado, s. Valente
- 27 DOMINGO, s. Pantaleão medico
- 28 Segunda, s. Innocencio papa, s. Acacio
- 29 ☽ Terça, s. Martha, ss. Lucilla e Flora
- 30 Quarta, Sant'Anna, mãe de N. S., s. Julita
- 31 Quinta, s. Calimerio, s. Firmo, s. Faustino

PORTA LARGA

1--RUA DO IMPERADOR--1

Fazendas, armario, roupa feita, etc.

— («:») —

TORRES & COMP.

Esta casa tem por base servir bem aos seus freguezes e por divisa—vender barato—para vender muito Systema americano

S. PAULO

Aqui na Porta Larga
E' de estylo e de feição
A todos fallar verdade
Seja preciso ou não.

Para os nossos freguezes
A verdade é uma só,
Pois assim nos ensinou
A defunta nossa avó.

Não vender gato por lebre,
Nem seda por algodão,
E' praxe de nossa casa
Seja ella boa ou não.

Vender muito e sem ganhar
Grandes rios de dinheiro,
E' a divisa do Torres
E tambem de seu caixeiro.

Não pretendo ser banqueiro
Nem capitalista tambem,
O que quero é vender muito
E não perder um vintem.

AGOSTO

Lua cheia,	a 6, ás 8 h., 14' 1" da tarde
Quarto minguante,	a 14, a 0 h., 15' 25" da manhã
Lua nova,	a 20, ás 7 h., 1' 25" da tarde
Quarto crescente,	a 28, á 0 h., 49' 13" da tarde

- 1 Sexta, s. Pedro *ad Vincula*, s. Felix, s. Vero
- 2 Sabbado, s. Affonso Maria de Ligorio
- 3 DOMINGO, s. Euphronio, s. Lydia, s. Cyra
- 4 Segunda, s. Perpetua, s. Raynerio
- 5 Terça, s. Emygdio, s. Cantidio, s. Oswaldo
- 6 ☉ Quarta, s. Jacob eremita, s. Chremetes
- 7 Quinta, s. Caetano, s. Victricio b.
- 8 Sexta, s. Severo, s. Famiano, confessor
- 9 Sabbado, s. Romão, soldado, s. Rustico
- 10 DOMINGO, s. Lourenço, s. Agathonica
- 11 Segunda, s. Tiburcio, s. Digna s. Rufino
- 12 Terça, s. Clara, s. Herculano
- 13 Quarta, s. Hyppolito, s. Cassiano
- 14 ☾ Quinta, s. Calixto, s. Athanasia
- 15 + Sexta, ASSUMPÇÃO DE N. S., s. Alipio
- 16 Sabbado, s. Roque, s. Tito, s. Ambrosio
- 17 DOMINGO, s. Joaquim pai de Nossa Senhora
- 18 Segunda, s. Agapito, s. Helena, s. Juliana
- 19 Terça, s. Luiz, b., s. Bartholomeu abb.
- 20 ☽ Quarta, s. Bernardo, s. Felisberto
- 21 Quinta, s. Cyriaca, s. Paterno, s. Quadrato
- 22 Sexta, s. Thimoteo, s. Guniforto
- 23 Sabbado, s. Philippe Benicio, s. Douvina
- 24 DOMINGO, s. Bartholomeu, apostolo
- 25 Segunda, s. Luiz rei de França, s. Genesio
- 26 Terça, s. Zeferino, s. Irinêo e Abundio
- 27 Quarta, s. José de Calasans, s. Eulalia
- 28 ☿ Quinta, s. Agostinho, s. Pelagio
- 29 Sexta. Degolação de S. João, s. Candida
- 30 Sabbado, s. Rosa de Lima, s. Tecla
- 31 DOMINGO, s. Raymundo Nonnato

SETEMBRO

Lua cheia	a 5, ás 8 h., 3' 7" da manhã
Quarto minguante	a 12, ás 5 h., 23' 49" da manhã
Lua nova	a 19, ás 6 h., 44' 19" da manhã
Quarto crescente	a 27, ás 7 h., 28' 13" da manhã

- 1 Segunda, s. Egydio, s. Terenciano, s. Verena
- 2 Terça, s. Estevam rei da Hungria
- 3 Quarta, s. Euphemia, s. Antonino
- 4 Quinta, s. Rosa de Viterbo, s. Castro
- 5 ☉ Sexta, s. Lourenço Justiniano, s. Obdulia
- 6 Sabbado, s. Zacarias, a b. Libania
- 7 DOMINGO, s. Regina, s. Pamphilo
- 8 + Segunda NATIVIDADE DE NOSSA SENHORA
- 9 Terça, s. Sergio, a b. Seraphina
- 10 Quarta, s. Nicolau Tolentino, s. Menodora
- 11 Quinta, s. Pafuncio, s. Theodora, penitente
- 12 ☾ Sexta, s. Heronides, s. Marcedonio
- 13 Sabbado, s. Macrobio, s. Julião
- 14 DOMINGO, s. Crescenciano, s. Materno b.
- 15 Segunda, s. Nicomedes, s. Eutropia
- 16 Terça, s. Cypriano, s. Sebastiana
- 17 Quarta, (*Temporas*) s. Pedro de Arbues
- 18 Quinta, s. José de Cupertino, s. Eustrogio
- 19 ☽ Sexta, (*Temporas*) s. Trophimio
- 20 Sabbado, (*Temporas*) s. Prisco, s. Philipa
- 21 DOMINGO, As Dôres de N. S., s. Mathias
- 22 Segunda, s. Thomaz de Villa Nova
- 23 Terça, s. Constancio, s. Xantippa
- 24 Quarta, N. Senhora das Mercês, s. Geremaro
- 25 Quinta, s. Firmino, s. Lopo
- 26 Sexta, s. Calistrato, s. Eusebio papa
- 27 ☽ Sabbado, s. Cosme e s. Damião
- 28 DOMINGO, s. Wenceslau, s. Salomão b., s. Eusthocia, v.
- 29 Segunda, Dedicacão de S. Miguel Archanjo
- 30 Terça, s. Jeronymo, s. Sofia, viuva

OCTUBRO

Lua cheia	a 4, ás 7 h., 7' 19" da tarde
Quarto minguante	a 11, ás 11 h., 36' 31" da manhã
Lua Nova	a 18, ás 8 h., 38' 43" da tarde
Quarto crescente	a 27, ás 2 h., 1' 43" da manhã

- 1 Quarta, s. Remigio, s. Severo
- 2 Quinta, s. Gerino, s. Theophilo monge
- 3 Sexta, s. Candido, s. Gerardo, abb.
- 4 ☉ Sabbado, s. Francisco de Assis, s. Aurêa
- 5 DOMINGO, N. S. do Rosario, s. Placido
- 6 Segunda, s. Bruno, confessor, s. Fé, v. m.
- 7 Terça, s. Marcos papa, s. Augusto conf.
- 8 Quarta, s. Birgitta, s. Martinho abb.
- 9 Quinta, s. Dyonisio areopagista, s. Rustico
- 10 Sexta, s. Francisco de Borgia, s. João conf.
- 11 ☾ Sabbado, s. Canico abb., s. Placida
- 12 DOMINGO, s. Maximiliano, s. Seraphim
- 13 Segunda, s. Eduardo rei, s. Chelidonia
- 14 Terça, s. Fortunata, s. Burchardo b.
- 15 Quarta, s. Theresa de Jesus, s. Aurelia
- 16 Quinta, ss. Saturnino e Nerêo, s. Gallo abb.
- 17 Sexta, s. Edwiges, s. Florentino, b.
- 18 ☿ Sabbado, s. Lucas evangelista, s. Typhonia
- 19 DOMINGO, s. Pedro de Alcantara, s. Varo
- 20 Segunda, s. João de Cancio, s. Feliciano
- 21 Terça, s. Ursula e companheiras, s. Dario
- 22 Quarta, s. Maria Salomé, s. Abercio
- 23 Quinta, s. Ignacio b., s. João Capistrano
- 24 Sexta, s. Evergisto, s. Marcos solitario
- 25 Sabbado, ss. Chrispim e Chrispiniano
- 26 DOMINGO, s. Evaristo papa, s. Quotvutdeus b.
- 27 ♃ Segunda, s. Elesbão rei da Ethiopia
- 28 Terça, s. Simão e s. Judas, s. Ferrucio
- 29 Quarta, s. Valentim, a b. Bemvinda
- 30 Quinta, s. Macario, s. Eutropia, s. Zenobia
- 31 Sexta, s. Wolfgango, s. Ampliato



BANCO MERCANTIL DE SANTOS

Agencia em S. Paulo

Travessa do Collegio

LONDRES

Emitte saques contra o English
Bank of Rio de Janeiro (Limited).

PARIS

contra A. & M. Heire.

Sobre

HAMBURGO

contra J. Berenberg, Grossler &
Comp.

PORTUGAL

contra o Banco Lusitano e suas
dependencias

SANTOS, CAMPINAS E RIO DE JANEIRO

contra sua caixa matriz e agencias

—): (—

Recebe dinheiro

em c/c. e por lettras a prazos fixos

DESCONTA

Ordens e lettras pagaveis n'esta
Praça e nas de Santos, Campinas e
Rio de Janeiro.

A. F. Quiques }
E. Steidel } AGENTES

NOVEMBRO

Lua cheia,	a 3, ás 5 h., 44' 7" da manhã
Quarto minguante,	a 9, ás 8 h., 19' 43" da tarde
Lua nova,	a 17, ás 3 h., 19' 1" da tarde
Quarto crescente,	a 25, ás 7 h., 23' 13" da tarde

- 1 + Sabbado, TODOS OS SANTOS, s. Cesario
- 2 DOMINGO, ss. Publio, Victor Hermes e Papias
- 3 ☉ Segunda, Commemoração dos fieis defuntos
s. Wenifrida, s. Malachias, s. Sylbia
- 4 Terça, s. Carlos Borromêo, s. Modesta
- 5 Quarta, s. Zacharias pae de S. João Baptista
- 6 Quinta, s. Leonardo, s. Winoco abb.
- 7 Sexta, s. Florencio b., s. Willibordo
- 8 Sabbado, s. Godofrido, s. Claro presbitero
- 9 € DOMINGO, s. Aggripino, b., s. Eustolia v.
- 10 Segunda, s. André Avelino, s. Triphena
- 11 Terça, s. Martinho b., s. Athenodoro
- 12 Quarta, s. Cuniberto, s. Theodoro Studita
- 13 Quinta, s. Diogo, s. Quinciano
- 14 Sexta, s. Clementino, s. Veneranda
- 15 Sabbado, s. Gertrudes, s. Abido diacono
- 16 DOMINGO, s. Gonçalo de Lagos, s. Edmundo
- 17 ☽ Segunda, s. Gregorio Thaumaturgo
- 18 Terça, s. Thomaz, ss. Romão e Barulo
- 19 Quarta, s. Izabel viuva, s. Poncyano b.
- 20 Quinta, s. Felix de Valois, s. Agapito
- 21 Sexta, s. Columbano abb., s. Gelasio papa
- 22 Sabbado, s. Cecilia, s. Pragmacio b.
- 23 DOMINGO, s. Clemente, papa, s. Lucrecia
- 24 Segunda, s. João da Cruz, s. Firmina v.
- 25 ☿ Terça, s. Catharina, s. Mercurio soldado
- 26 Quarta, s. Pedro Alexandrino, s. Nikon
- 27 Quinta, s. Leonardo de Porto Mauricio
- 28 Sexta, s. Rufo, s. Papiano
- 29 Sabbado, s. Braz, s. Illuminada
- 30 DOMINGO, 1.º do Advento, s. André apostolo



LOJA DE ROUPAS FEITAS

E

ALFAIATARIA

(Em frente á egreja da Misericordia)

N'esta casa encontra-se sempre um grande e variadissimo sortimento de casimiras de côres modernas, assim como : diagonaes, chevictes, montagnaes, pannes francezes e casimiras pretas. Camisas, peito de linho com ou sem collarinhos e punhos. Gravatas modernas, etc. etc. Roupas feitas finas e grossas. Uma bem montada officina de alfaiate.

Bilhetes das loterias da provincia, encarregando-se de remetter encommendas pelo correio com toda a brevidade

Rua do Commercio n. 42 a
Bernardino Monteiro de Abreu

DEZEMBRO

Lua cheia,	a 2, ás 4 h., 7' 1" da tarde
Quarto minguante,	a 9, ás 8 h., 37' 49" da manhã
Lua nova	a 17, ás 10 h., 31' 49" da manhã
Quarto crescente,	a 25, ás 10 h., 28' 31" da manhã


- 1 Segunda, s. Hiodoro, s. Ananias
- 2 ☉ Terça, s. Bibiana, s. Cromacio b.
- 3 Quarta, s. Francisco Xavier, s. Sophonias
- 4 Quinta, s. Pedro Chrisologo, s. Amon
- 5 Sexta, s. Sabba, abb., s. Crispina
- 6 Sabbado, s. Nicoláu, s. Dativa
- 7 DOMINGO, 2.º do *Advento*, s. Ambrosio b.
- 8 + Segunda, CONCEIÇÃO DE NOSSA SENHORA
- 9 € Terça, s. Leocadia, s. Gorgonia
- 10 Quarta, s. Melchiades, s. Gamello
- 11 Quinta, s. Damasio papa, s. Fusciano
- 12 Sexta s. Synesio, s. Hermogenes
- 13 Sabbado, s. Luzia, s. Othilia v.
- 14 DOMINGO, 3.º do *Advento*, s. Matroniano
- 15 Segunda, s. Maximo, s. Christina serva
- 16 Terça, s. Valentim, s. Albina
- 17 ☿ Quarta, (*Temporas*) s. Lazaro
- 18 Quinta, N. S. do O', s. Basiliano
- 19 Sexta, (*Temporas*) s. Gregorio b., s. Fausta
- 20 Sabbado, (*Temporas*) s. Petolomêo, s. Zenão
- 21 DOMINGO, 4.º do *Advento*, s. Thomé aposto lo
- 22 Segunda, s. Flaviano, a b. Maria Mancin i
- 23 Terça, s. Servulo, s. Victoria
- 24 Quarta, s. Gregorio presbitero, s. Irmirã
- 25 ☽ + Quinta, NASCIMENTO DE JESUS CHRISTO
- 26 Sexta, s. Estevam, proto-martyr
- 27 Sabbado, s. João apost., s. Niceras
- 28 DOMINGO, os ss. Innocentes, s. Domna
- 29 Segunda, s. Thomaz de Cantuaria, s. David
- 30 Terça, s. Sabino, s. Anysia m.
- 31 Quarta, s. Silvestre, s. Donata

THE EQUITABLE


*Sociedade dos Estados-Unidos de se-
guros sobre vida*
(The Equitable Life Assurance Society
of the United States)
N. 120 BROADWAY, NEW-YORK

Representante na provincia de S.
Paulo—**Henri Raffard.**

Banqueiro :—NEW-LONDON E BRA-
ZILIAN BANK, LIMITED



The San Pau'o Central Sugar Factory of Brasil Limited



32 e 33 LEADENHALL BUILDINGS E. C. LONDON
(*Engenho Central de Assucar no municipio
de S. João de Capivary, S. Paulo*)

Representante e director gerente no
Brasil

HENRI RAFFARD

Rio de Janeiro

S. Paulo



BANQUEIROS

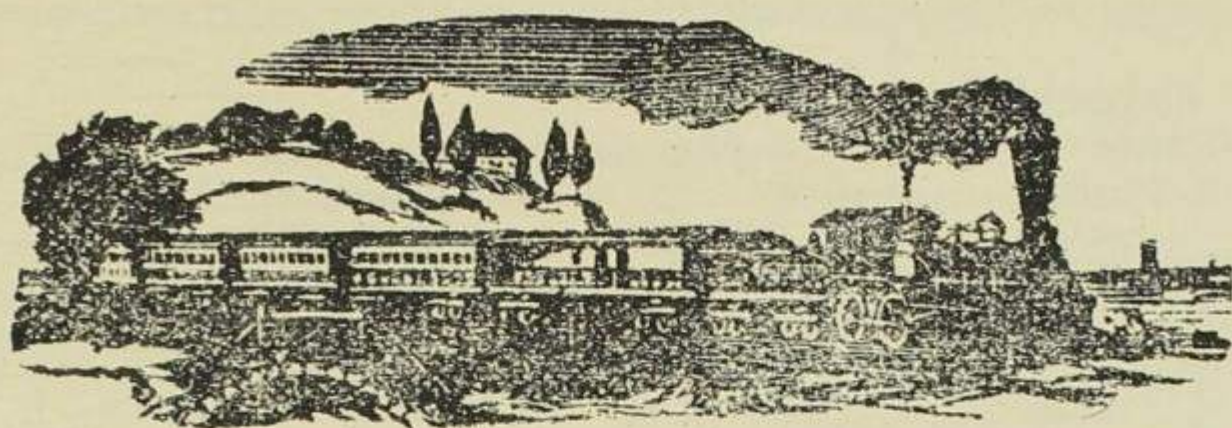
NEW-LONDON & BRASILIAN BANK, LIMITED

RIO DE JANEIRO

S. PAULO

SANTOS





PREÇO DAS PASSAGENS

DAS DIVERSAS

LINHAS FERREAS DA PROVINCIA

COMPANHIA INGLEZA DE SANTOS A	1. ^a CLASSE	2. ^a CLASSE	IDA E VOLTA
Cubatão	1\$550	560	2\$220
Raiz da Serra	2\$440	1\$220	3\$660
Alto da Serra	3\$660	1\$5 0	5\$540
Rio-Grande.	4\$880	2\$220	7\$320
S. Bernardo	6\$870	3\$100	10\$310
Braz ou á Luz	8\$540	3\$660	12\$760
Agua-Branca	9\$320	3\$990	13\$770
Perús	10\$980	4\$550	16\$120
Belém	12\$540	5\$320	18\$310
Jundiahy	14\$440	6\$100	21\$160
—			
Da Luz ao Braz	560	230	840
» » » Campo-Limpo	5\$540	2\$040	8\$240
De Belém a Campo-Limpo.	1\$020	410	1\$830
De Jundiahy a Campo-Limpo.	1\$220	410	2\$040
—			
De S. Paulo á Côrte e vice-ver- sa, inclusive a passagem no pacote a vapor de Santos ao Rio de Janeiro	25\$600	14\$360	45\$950

DIAS UTEIS

EXPRESSO		m		
De Santos.	.	6.0	partida de Campinas.	11.53
» S. Paulo	.	9.0	» » Jundiahy.	1.15
» Jundiahy.	.	10.42	» » S. Paulo	3.0
A Campinas	.	11.52	chegada a Santos.	5.45

MIXTOS		m		t
De S. Paulo	.	partida 7.35	de Santos	partida 2.20
A Santos.	.	chegada 10.55	a S. Paulo.	chegada 5.45

		t		
De S. Paulo	.	partida 1.10	de Campinas	partida 1.45
» Jundiahy.	.	» 4.15	» Jundiahy.	» 4.15
A Campinas.	.	chegada 6.15	a S. Paulo.	chegada 6.45

DOMINGOS E DIAS SANTOS

EXPRESSO		m		t
De S. Paulo	.	partida 10.0	a Santos	chegada 12.45
» Santos	.	» 10.45	a S. Paulo.	» 1.30

MIXTOS				
De S. Paulo	.	partida 9.0	de Campinas	11.53
» Jundiahy	.	» 10.42	» Jundiahy	1.15
A Campinas	.	chegada 11.52	a S. Paulo	5.45

COMPANHIA PAULISTA			
	1. ^a	2. ^a	IDA E
	CLASSE	CLASSE	VOLTA
DE JUNDIAHY A			
Louveira.	1\$540	700	2\$300
Rocinha	2\$200	1\$000	3\$300
Vallinhos	2\$960	1\$360	4\$440
Campinas	4\$280	2\$960	6\$420
—			
DE CAMPINAS A			
Boa-Vista	860	400	1\$300
Rebouças	2\$500	1\$160	3\$740
Santa Barbara	3\$640	1\$660	5\$440
Tatú.	4\$760	2\$200	7\$160

DE CAMPINAS A	1. ^a	2. ^a	IDA E
	CLASSE	CLASSE	VOETA
Limeira	5\$560	2\$620	8\$360
Cordeiro	6\$540	3\$080	9\$820
Rio-Claro	8\$080	3\$800	12\$100
Araras	8\$160	3\$840	12\$220
Guabirobas	8\$480	4\$120	12\$720
Leme.	10\$020	4\$860	15\$020
Pirassununga	11\$940	5\$780	17\$900
Porto-Ferreira	12\$860	6\$440	19\$200
Descalvado	17\$410	8\$760	26\$120

O trem de passageiros parte de Jundiahy ás 10.42 da manhã e chega a Campinas ás 11 52; parte de Campinas ás 11 53 da manhã e chega á Jundiahy á 1.3 da tarde.

Parte de Campinas ás 12.10 da tarde e chega ao Rio-Claro ás 2.37; parte do Rio-Claro ás 9.5 da manhã e chega a Campinas ás 11.40.

Do Cordeiro parte ás 2.5 da tarde e chega ao Descalvado ás 4.45; parte do Descalvado ás 7 horas da manhã e chega a Cordeiro ás 9.43.

Trens mixtos diarios

Partem de Jundiahy ás 9.5 da manhã e ás 4.15 da tarde e chegam a Campinas ás 11.6 da manhã e 6.15 da tarde. Partem de Campinas ás 6.35 da manhã e 1.15 da tarde, chegando a Jundiahy ás 8.30 da manhã e 3.45 da tarde.

Trens mixtos nas terças, quintas e sabbados

Partem de Campinas ás 6.15 da manhã e chegam ao Rio-Claro ás 11.35. Do Rio-Claro partem ás 12.50 e chegam a Campinas ás 6.35 da tarde.

COMPANHIA RIO-CLARO	1. ^a	2. ^a	IDA E
DO RIO-CLARO A	CLASSE	CLASSE	VOLTA
Morro-Grande	1\$440	660	2\$160
Curumbatahy	2\$580	1\$180	3\$880
Cuscuzeiro	3\$920	1\$780	5\$880
Oliveiras	4\$200	1\$920	6\$300
Feijão	5\$200	2\$440	7\$800
Colonia	5\$920	2\$780	8\$880
S. Carlos do Pinhal	7\$000	3\$240	10\$500

O trem de passageiros parte do Rio-Claro ás 2.52 e chega a S. Carlos ás 6.5 da tarde. De S. Carlos parte ás 5.50 da manhã e chega ao Rio-Claro ás 8.53.

COMPANHIA MOGYANA	1. ^a	2. ^a	IDA E
DE CAMPINAS A	CLASSE	CLASSE	VOLTA
Anhumas	1\$020	520	1\$540
Tanquinho	2\$040	1\$020	3\$060
Jaguary	3\$260	1\$640	4\$900
Pedreira	4\$080	2\$040	6\$120
Coqueiros	4\$900	2\$460	7\$360
Amparo	5\$500	2\$760	8\$260
Resaca	4\$700	2\$360	7\$060
Mogy-mirim	6\$320	3\$160	9\$480
Mogy-guassú	6\$940	3\$460	10\$400
Matto-Secco	9\$380	4\$700	14\$080
Caldas	10\$600	5\$300	15\$900
Casa-Branca	13\$240	6\$620	19\$860

O trem de passageiros parte da Estação de Campinas ás 12.45 da tarde e chega a Casa-Branca ás 6.5. O mixto

parte ás 6.30 de Campinas e chega a Casa-Branca ás 3.20 da tarde. De Casa-Branca para Campinas sahe o trem de passageiros ás 6 horas da manhã e chega ás 11.20 e o mixto ás 8.40 da manhã chegando ás 5.30 da tarde.

COMPANHIA MOGYANA <i>Linha do Ribeirão-Preto</i>	1. ^a CLASSE	2. ^a CLASSE	IDA E VOLTA
DE CASA-BRANCA A			
Penha	8\$560	4\$280	12\$840
Lage	15\$080	7\$540	22\$620
Corrego-Fundo	17\$480	8\$740	26\$220
S. Simão	20\$000	10\$000	30\$000

O trem de passageiros sahe de Casa-Branca ás 5.40 da tarde e chega a S. Simão ás 9 da noute; parte de S. Simão ás 3 horas da manhã chegando a Casa-Branca ás 6.20. O trem mixto sahe de Casa Branca ás 2.30 da tarde, chega a S. Simão ás 6.30. Parte de S. Simão ás 5.30 da manhã e chega a Casa-Branca ás 9.25.

Nas quintas-feiras o trem mixto não corre.

COMPANHIA YTUANA	1. ^a CLASSE	2. ^a CLASSE	IDA E VOLTA
DE YTU A			
Salto	680	340	1\$000
Itaicy	2\$240	1\$120	3\$360
Quilombo	3\$360	1\$800	5\$040
Itupeva	4\$260	2\$240	6\$390
Jundiahy	6\$500	3\$360	9\$750

DE YTU' A	1. ^a	2. ^a	IDA E VOLTA
	CLASSE	CLASSE	
Indaiatuba	2\$800	1\$460	4\$260
Monte-mór	4\$820	2\$470	7\$280
Capivary	6\$500	3\$360	9\$750
Mombuca	7\$960	4\$150	11\$990
Rio das Pedras	9\$300	4\$930	14\$000
Piracicaba	10\$760	5\$600	16\$130

O trem de passageiros parte de Ytú ás 10.30 da manhã e chega a Piracicaba ás 6.30 da tarde. O trem que parte de Piracicaba ás 8.10 da manhã chega a Ytú á 1.15 da tarde, isto nas segundas, terças, quartas, sextas e sabbados.

Nas quintas e domingos o trem de passageiros parte de Ytú ás 8 horas da manhã e chega ás 10.30 em Jundiáhy, voltando d'ahi á 1.5 da tarde e chegando a Ytú ás 3.45.

De Piracicaba parte ás 5.80 e chega a Itaicý ás 8.45 da manhã, voltando d'ahi ás 3 horas e chegando a Piracicaba ás 6.15 da tarde.

COMPANHIA SOROCABANA			
DE S. PAULO A	1. ^a	2. ^a	IDA E VOLTA
	CLASSE	CLASSE	
Baruery.	2\$300	1\$200	3\$500
S. João	4\$000	2\$000	6\$000
S. Roque	5\$100	2\$600	7\$700
Piragibú	6\$700	3\$400	10\$100
Sorocaba	7\$800	3\$900	11\$700
Villeta	9\$000	4\$500	13\$500
Ypanema	9\$300	4\$700	14\$000
Bacaetava	10\$200	5\$100	15\$300
Boituva	11\$400	5\$700	17\$100
Tieté	13\$000	6\$500	19\$500

O trem de passageiros parte de S. Paulo ás 8 horas da manhã e chega a Sorocaba ao meio dia, voltando de Sorocaba a 1.15 da tarde e chegando a S. Paulo ás 5.15.

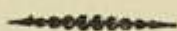
O trem mixto sahe de Sorocaba á 1.30 e chega ao Tieté ás 5 horas da tarde. Parte do Tieté ás 9 horas da manhã e chega a Sorocaba ás 12.30 da tarde.

ESTRADA DO NORTE		1. ^a	2. ^a	IDA E
DE S. PAULO A		CLASSE	CLASSE	VOLTA
Penha		900	500	1\$600
Lageado		2\$500	1\$300	3\$700
Mogy das Cruzes		4\$900	2\$500	7\$400
Guararema.		6\$800	3\$500	10\$200
Jacarehy		8\$600	4\$400	12\$800
S. José		9\$800	4\$900	14\$500
Caçapava		11\$700	5\$900	17\$100
Taubaté		13\$400	6\$800	19\$500
Pindamonhangaba		14\$500	7\$400	21\$200
Rozeira		15\$000	7\$800	22\$100
Apparecida		15\$600	8\$000	22\$900
Guaratinguetá		16\$200	8\$400	23\$800
Lorena		16\$700	8\$600	24\$600
Cachoeira		17\$800	9\$200	26\$200
Estrada Pedro II	Queluz	19\$700	10\$300	
	Boa-Vista	20\$300	10\$600	
	Rezende	21\$600	11\$300	
	Barra-mansa.	23\$400	12\$200	
	Barra do Pirahy	25\$700	13\$400	
	Côrte.	30\$300	15\$900	45\$700

O trem expresso parte da Estação do Norte ás 6 horas da manhã e chega á Côrte ás 7.12 da tarde. O mixto parte ás 9 horas da Estação do Norte e chega á Cachoeira ás 6.30 da tarde.

Da Côrte parte o expresso ás 5 horas da manhã e chega á Estação do Norte ás 6 horas da tarde. O mixto parte da Cachoeira ás 5.30 da manhã e chega ao Norte ás 2.5 da tarde.

Ainda ha um trem mixto entre Taubaté e Cachoeira, o qual parte de Taubaté ás 7 horas da manhã e chega á Cachoeira ás 10.35 da manhã, voltando d'ahi á 1.35 da tarde e chegando a Taubaté ás 5.10.



Observações geraes

Os bilhetes de primeira classe dão direito a 50 kilogrammas de bagagem gratis.

Os de segunda 30 kilogrammas.

Na Estrada de Ferro do Norte, porém, os bilhetes não dão direito a bagagem.

Aos bilhetes de ida e volta são concedidos os seguintes prazos :

Entre Norte e Côrte 30 dias.

Entre estações intermediarias do Norte á Côrte 8 dias.

De Norte á Cachoeira 8 dias.

Entre Norte e intermediarias á Cachoeira 3 dias.

Nas linhas Ingleza, Paulista, Mogyana, Ytuana e Sorocabana os bilhetes de ida e volta valem por 8 dias mas não dão direito a bagagem.

As crianças até 3 annos têm passagem gratis, de 3 a menos de 12 pagam meia passagem.



PARTE LITTERARIA

O SALTO DE GUAYNUMBY

Da face occidental da cordilheira da Vargem-grande, não longe um do outro, nascem dous limpidos regatos, tenues e debeis como duas criancinhas recém-nascidas, cujos primeiros vagidos inconscientes prenunciam o sofrimento e as dôres que travam a existencia—mais ou menos longa—e que marcha fatalmente para a escuridão do tumulto, ensombreado pela ramagem dos cedros e cyprestes.

Os dous irmãos gêmeos, no seu percurso em direcção ao meio dia, aqui e alli, vão recebendo outras lymphas; e, perdendo a serenidade primitiva, tomam o nome, um de Ibipitanga, e outro de Carembehy.

Os dous peregrinos, arrulando queixumes e saudades através das mattas virgens, ora se—afastam, ora se—aproximam fatalmente como duas almas que se—buscam por mysteriosa attracção para confundirem a sua dualidade em uma só existencia.

Após o perlustrar de duas leguas, o Ibipitanga, esbattendo as aguas espumantes e marulhosas nas cachoeiras do Itatinga e de Mitanga-etê, percorre á direita de S. Roque.

O Carembehy (em cujas aguas lustraes o venerando Anchieta baptisava os invictos Guayanazes) serpenteando em leito de fulvo esmeril, por entre margens alcatifadas de agriões de eterna verdura e sombreadas pelas mimosas plumas de ciciantes chorões, desce pela esquerda de S. Roque, e, recurvando-se para a direita, atravessa a povoação, penetra nos grammados do Sr. Commendador Rosa, e,

ahi, defrontando com o Ibipitanga, abraçam-se, confundem-se como duas almas em um só corpo, e lá vão seguindo a mesma róta, caminhando sempre —dia e noite— como o judeu legendario.

Da fóz do Carembehy em deante, os dous viajores tomam o doce nome de Guaynumby, o qual no seu percurso, vae recebendo como tributarios o Marmelleiro, o Varanguéra, o Ibaté, o Guaxinduba, o Guaçú e o Cuyabá, avolumando a sua corrente á proporção que se —engrandece com as homenagens dos seus feudatarios.

A tres mil metros de S. Roque, depois de alimentar a machina de despolar café, do Sr. Capitão Arruda e a de descarocar algodão, do Sr. Honorato da Silveira, o Guaynumby incorpora-se em uma grande bacia de pedra, e, d'alli, concentradas e centuplicadas as suas forças, irrompe solemne e magestoso por estreita garganta, e esbatendo em oito degrãos de pedra, se deslaça em palhetas de prata, de tons azulados, com franjas de ouro, conforme a refração dos raios solares.

Depois, espumante, rugindo, ennovellando-se como enorme serpente, precipita-se da altura de dez metros, com ensurdecente fragôr, levantando ondas de scintillações fascinantes e magneticas.

Quando os ultimos raios do astro do dia projectam dourados reverberos sobre os crystallinos aljofares do Guaynumby, como é bella e sublime a perspectiva d'este soberbo panorama, quasi perdido na solidão do ermo!

N'essa hora de melancholia e de saudade, a alma do espectador, presa de indefinivel deslumbramento, transportado a mundos desconhecidos, ajoelha-se para adorar o divino Architecto, que, em sua mente poetica, delineou esta maravilha da natureza, apenas conhecida por alguns brasileiros!

S. Roque, 1883.

BARÃO DE PIRATININGA.

O RETRATO

Incline o rosto um pouco... assim... ainda ;
arqueie o braço, a mão sobre a cintura ;
deixe fugir-lhe um riso á bocca pura,
e a covinha animar da face linda !

Erga a ponta do pé... que graça infinda ! ?
Quero nos olhos vêr-lhe a formosura,
feitiço azul de orvalho que fulgura,
froco de luz suave que não finda !...

Ha pouca luz... eu vejo-a... está sentada...
Passou-lhe a sombra de um cuidado agora
na ruguinha da fronte jambeada !

Enfadou-se ?... meu Deus, eil-a que chora !
Pois cahiu-me o pincel ; que mão ousada
pintar de noute o levantar da aurora !

JOSÉ BONIFACIO.

TROVA POPULAR

Atirei um limão n'agua
De redondo foi ao fundo ;
Triste da moça solteira
Que cáe na bocca do mundo.

BANCO DE CREDITO REAL DE S. PAULO

8 — LARGO DE PALACIO — 8

S. PAULO

Capital 5,000:000\$000

Garantia de juros de 7 o/o concedida
pela Provincia de S. Paulo

—«:»—

Empresta sobre hypotheca de
propriedades ruraes em toda a provincia e
urbanas nas cidades de S. Paulo,
Santos e Campinas

—
Recebe dinheiro em conta corrente
—

Empresta dinheiro em conta corrente
sobre caução de apolices da divida publica
geral ou de suas lettras hypothecarias.

—
*Recebe depositos de ouro,
prata e pedras preciosas, mediante
commissão convencional.*
—

Emitte lettras hypothecarias do valor
nominal de 100\$000 cada uma e juros de
6 % ao anno, pagos semestralmente.

As lettras hypothecarias são garantidas
pelos immoveis hypothecados ao Banco,
pelo capital e pelo fundo de reserva.

DIRECCÃO

Dr. Francisco Antonio Dutra Rodrigues,
presidente.

Dr. Antonio Pinto do Rego Freitas, dire-
ctor.

Visconde de S. Joaquim, dito.

José Duarte Rodrigues, gerente.

ANTONIO CARLOS DO CARMO

LISBOA.

Sei que, como eu, pensas que não são só os homens que têm occupado altas posições politicas, ou os que apresentam brasões e pergaminhos de nobreza, ou ainda os que deslumbram a populaça com o brilho do seu ouro, que merecem pomposas biographias.

Sei que entendes, como eu, que o homem do povo, o cidadão honesto, intelligente, trabalhador e patriota tambem merece que, depcis de morto, d'elle se falle, rememorando as suas bellas qualidades.

E' por isso, meu caro Lisboa, que eu peço-te uma pagina do teu apreciavel Almanach, que prima por tratar quasi exclusivamente, dos homens e das cousas do nosso S. Paulo, para, como uma saudosa lembrança de amigo, pôr em relevo o character digno d'aquelle cujo nome é a epigraphie d'este artigo.

Antonio Carlos do Carmo nasceu na cidade da Franca do Imperador, n'esta provincia, de paes pobres e obscuros, que não lhe puderam dar uma cuidada educação ; apenas aprendeu a lêr e a escrever.

Passando por aquella cidade uma companhia equestre e gymnastica, Carlos do Carmo, criança, enthusiasinou-se, como era natural, por aquelles trabalhos de agilidade e ao mesmo tempo perigosos, e que pareciam a elle maravilhosos e sobrenaturaes ; ou talvez os applausos que via prodigalisar aos artistas, vibraram a corda patriótica d'aquella alma de artista, que desejava tornar-se notavel,

porque a fama que adquirisse recahiria sobre a terra que lhe deu o ser.

O facto é que Carlos do Carmo entrou para aquella companhia, e d'ahi em diante seguiu a vida errante e cheia de mil encommodos e perigos a que estão sujeitos os artistas d'aquelle genero. O que elle soffreu nos primeiros annos da vida que abraçou, é facil de julgar, sabendo-se que os directores d'essas companhias não primam pela delicadeza e só tratam de tirar o maior proveito possivel das pobres crianças que lhes cahem nas mãos.

Felizmente Antonio Carlos do Carmo tinha todas as disposições para a gymnastica e equitação, além da boa vontade e ardente desejo de ser alguma cousa perante a sociedade; e por isso aproveitou as duras e ás vezes barbaras lições de seus mestres, tornou-se em pouco tempo um artista distinctissimo, sempre muito applaudido e considerado.

Achando-se no Rio de Janeiro quando trabalhou a companhia do Grande Oceano, companhia notabilissima pelo pessoal que a compunha, o nosso patricio alli exhibiu-se, e tão admirados foram os seus trabalhos, que os directores d'aquelle companhia contrataram-n'o e levaram-o para os Estados-Unidos, onde, durante um anno, percorreu as principaes cidades da grande Republica Americana, indo em seguida á França, onde trabalhou, em Paris, no Circo Napoleão, recebendo em toda a parte entusiasticos applausos.

Voltando ao Brasil, onde o chamavam as saúdades de sua boa mãe, a quem nunca deixava de visitar quando vinha a S. Paulo, Carlos do Carmo apresentou-se-nos outro homem; o seu talento natural desenvolveu-se, a sua intelligencia esclareceu-se, e o curto espaço de pouco mais de um anno fez do artista ignorante e mal educado um cavalheiro apresentavel, fallando francez e inglez soffrivelmente, sobretudo esta ultima lingua.

Na terra natal Carlos do Carmo organisou uma companhia quasi em sua totalidade composta de brasileiros e continuou na sua vida nomade, trabalhando n'esta e em outras provincias.

Em 1869 achando-se em Santos, soube que n'aquella cidade, na igreja do convento do Carmo estavam sepultados os restos mortaes do Conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva, sem que ao menos houvesse sobre a sepultura uma pedra com alguma inscripção que attestasse aos vindouros que alli repousavam os restos mortaes do Patriarcha da Independencia. O patriotismo de Carlos do Carmo revoltou-se contra tanto esquecimento e ingratição, e immediatamente mandou preparar uma lapide com inscripção, e a 7 de Setembro d'aquelle anno fez a collocação d'ella, que ainda hoje póde ser vista no centro do altar-mór da igreja do convento, logo que se transpõe o arco cruzeiro ; eis a inscripção :

AQUI JAZ
O PATRIARCHA DA INDEPENDENCIA
DO BRASIL
GRANDE DESINTERESSADO
PATRIOTA, DISTINCTO CIDADÃO
JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA
TRIBUTO Á VIRTUDE
HONRA E MERITO
PELO ARTISTA A. C. DO CARMO
SANTOS, 7 DE SETEMBRO
DE 1869, 47 ANNOS

A respeito d'este piedoso e patriotico acto lê-se no *Correio Paulistano* de 10 d'aquelle mez e anno :

« TUMULO DE JOSÉ BONIFACIO.—A 7 do corrente foi
« posta uma pedra marmore sobre o tumulo do notavel
« paulista José Bonifacio de Andrada e Silva, cujas cinzas

« acham-se em uma das sepulturas da capella-mór da egreja do Carmo em Santos.

« Este acto piedoso foi feito pelo artista Antonio Carlos do Carmo, filho d'esta provincia e director da companhia equestre que trabalha actualmente em Santos.

« E' digno de louvor o modesto patriotismo d'aquelle artista.

« Deu-se o acto sem a minima solemnidade, estando presentes daas ou tres pessoas simplesmente, apesar da consideração que em *palavras* tributa-se entre nós áquelle grande vulto da historia patria. »



O ardente desejo de Antonio Carlos do Carmo era visitar a Europa, não como artista, mas como *touriste*; queria admirar as obras d'arte do velho-mundo, visitando as suas principaes cidades e mais que tudo desejava instruir o seu espirito com a pratica dos homens e das cousas da culta Europa.

Tendo feito algumas economias conseguiu Carlos do Carmo o seu intento. Percorreu a França, a Belgica, a Inglaterra, a Allermanha e a Italia, tendo por companheiro de viagem o illustrado brasileiro Monsenhor Pinto de Campos, que muito se lhe affiçoou, por conhecer o seu caracter nobre e intelligencia cultivada.

Na Italia teve Carlos do Carmo a ventura de ser um dos poucos brasileiros que assistiu á primeira representação do *Guarany*, essa obra prima do nosso primeiro genio musical Carlos Gomes. Com que patriotico enthusiasmo fallava-me elle do esplendido successo d'aquelle noute memoravel ? !

« — Eramos apenas quatro brasileiros que assistiamos á exhibição da opera do Gomes, dizia elle; a minha emoção era immensa, mas quando os applausos romperam de todos os lados da grande sala do *Scala*, quando succediam uns

aos outros, os chamados á scena, o meu enthusiasmo tocou ao delirio ; o meu desejo era que alli, n'aquelle theatro, estivessem a provincia de S. Paulo, o Brasil inteiro, para presenciarem os triumphos do nosso patricio, que eram os triumphos da nossa nacionalidade !... »

×

Si com a viagem aos Estados-Unidos Carlos do Carmo muito aproveitou para esclarecer a sua intelligencia, com a viagem á Europa tornou-se elle um cavalheiro completo. Contava, e com muito criterio e espirito, diversos episodios da viagem ; expandia-se nas descripções do bello e maravilhoso que havia visto. Trouxe differentes objectos curiosos como lembrança de viajante, mas de viajante que observou com bom senso o que encontrou digno de observação, emfim a sua conversação era aprazivel.

×

Tendo estado por algum tempo em nossa provincia, Carlos do Carmo seguiu para o norte do Imperio, á testa de uma companhia, afim de ganhar a vida, na carreira arriscada que havia abraçado. Foi a sua ultima estada na terra natal. Em uma cidade central de uma das provincias do norte acabou a existencia aquelle que, si tivesse seguido outra carreira, quem sabe si não teria figurado em altos cargos e não teria sido respeitado e cortejado como tantos de character e sentimentos muito menos nobres ?...

IR.

TROVA POPULAR

Tire o chapéo da cabeça,
me faça uma despedida :
adeus, coração de prata,
perdição de minha vida.

COLLEGIO MORETZ-SOHN

SÃO PAULO

RUA DO SENADOR FLORENCIO

CHACARA

ANTIGO PALACIO EPISCOPAL

—«:»—

Abriu-se este collegio no dia 15 de Junho de 1878.

O Director conta com um corpo de Professores reconhecidamente habéis e provados n'esta Capital, e assim pôde garantir o ensino consciencioso de todas as materias necessarias como preparatorios para as Academias do Imperio.

CONDIÇÕES DE ADMISSAO

Admittem-se : internos, meio-pensionistas e externos.

Os pagamentos serão feitos por semestres adeantados.

Os internos além da pensão pagarão uma joia de 30\$000 que lhes dará direito aos objectos de dormitorio.

A pensão será :

POR INTERNO

Sendo um . . .	300\$000	Sendo trez . . .	855\$000
Sendo dous . . .	580\$000	Sendo quatro. . .	1:120\$000

Excedendo de quatro, será o pagamento na razão de 275\$000 cada um

POR MEIO-PENSIONISTA

Sendo um . . .	240\$000	Sendo trez. . .	670\$000
Sendo dous . . .	460\$000	Sendo quatro. . .	900\$000

Excedendo de quatro, será o pagamento na razão de 210\$000 cada um

POR EXTERNO

Cada um 96\$000

Pela lavagem de roupa, no estabelecimento, cada alumno pagará juntamente com a pensão, mais 8\$000 mensaes.

N. B.—O semestre, uma vez principiado, considera-se vencido, para não ser restituído o pagamento no caso da retirada do alumno.

O DIRECTOR,

Francisco Xavier Moretz-Sohn.

A' BARROSO (*)

Ousado marinheiro, si o infinito
Mal, nos seios, contém o excelso feito,
Como de um rio no canal estreito,
Guardar teu nome, como no granito ?

Chamem-te—Oceano—, e n'elle escripto
O nome, que o povo tem no peito,
De orgulho o mar rompêra o proprio leito,
Crendo-o para tal gloria circunscripto !

Quando as ballas rasgando o escuro espaço
Davam ás aguas por baptismo honroso
O sangue de Mariz n'um estilhaço,

Quem ergueu-se adeante victorioso ?
Quem aos nossos mostrava erguido o braço ?
Foi--Barroso—; chamavam-te—Barroso !

1870.

JOÃO QUIRINO.

(*) Este bello soneto é um dos poucos escriptos em Verso que deixou o meu infeliz irmão, aquelle fulgurante talento que era o finado Dr. João Quirino do Nascimento. O grande sentimento poetico do soneto está principalmente na felicissima idéa que elle exprime. Meu irmão pôz de lado o titulo de *Barão do Amazonas*, para admirar simplesmente o heroe do Riachuelo, com o seu nome proprio.

« Como de um rio etc.

«chamavam-te—Barroso— ! »

F. QUIRINO DOS SANTOS.

O DINHEIRO EM 1808

CÓPIA TEXTUAL DO CREDITO ABAIXO, CUJO ORIGINAL TEMOS
EM NOSSO PODER

Devo que pagarei ao Sr. Capitão Manoel Rodrigues Jordão & C.^a a quantia de *tres mil* réis, procedidos dos avançados dizimos de minha casa, cuja quantia de 3,000 rs. pagarei em tres pagamentos iguaes, fins de cada mez de Junho de seu trianio e não pagando no dito tempo lhe pagarei os juros da lei. A quantia acima pagarei aos ditos senhores ou seus administradores tudo como divida da real fazenda e para cuja satisfação obrigo minha pessoa e bens presentes e futuros e por ser verdade pedi a Estevam Cardozo de Negreiros este por mim fizesse e eu me assigno com o meu signal costumado que é uma cruz.—Itú 29 de Outubro de 1808.

Cruz + de *Felippe Antonio*.

Como testemunha que este fiz e assigno.—*Estevam Cardozo Negreiros*.

—
Recebi os 3,000 a 11 d'Agosto de 1811.

Negreiros.

TROVA POPULAR

O amor de que eu gosava
entre o tempo se acabou :
uma ingrata deshumana
alma e vida me tirou.

AS MÃES

Começa no berço a educação moral, e é por isso que me entristeço ao contemplar certos quadros, que têm por fundo a escravidão, em que os olhos não podem repousar sem dôr.

Pensae, e vereis que o que eu digo é verdadeiro, palpita, vive entre nós; si o vosso coração é bom, sentistes-lhe toda a tristeza; si o vosso espirito é lucido, sondastes-lhe toda a profundidade e só encontrastes miseria e lodo.

E dizer que se reflectem muitas vezes na lama os raios das estrellas!

Só a mãe que cria o filho é verdadeiramente mãe. Tudo o que ha de mais doce, de mais terno, de mais santo em nossos corações é o que d'ella herdamos, são as suas virtudes. E' sublime egoismo o da mãe que a ninguem confia o filho! Dar um filho a uma ama é repartir a maternidade.

Gemem por estas terras umas tristezas tamanhas!... Talvez porque é rara a mãe que amamenta o filho, dando-lhe na doçura de seu leite a meiguice de seus sentimentos e todos os desvelos de seu amor.

Quem não tem visto duas mães, de condições diversas e de diversas raças, unidas por uns bracinhos redondos e brancos, que se estendem d'uma para a outra?

E quem não vê então que a criança sorri com mais ternura para a que lhe dá o alimento, que a aquece, que a anima sempre, do que para aquella que a vê a intervallos, mais ou menos longos, e que não tem para ella a mesma assiduidade carinhosa?

Ninguem.

Sabeis no entanto como principia muitas vezes no seu officio a ama, a que ha de inocular na criança muitos de seus sentimentos ?

Eu conto.

Um dia, como todos, estava ella a trabalhar no eito, ouvindo o estalar do chicote e imaginando o chorar do filho, que ficára a uma grande distancia no rancho, choro que lhe entrava no coração, sem achar ecco por aquelles serros, de envolta com o gorgear dos passaros, que esses, os bons filhos de Deus, fazem a todos, sem exclusão, ouvir os mesmos cantos.

Subitamente deu-lhe o feitor voz de alta. Tinham-n'a ido buscar para ama de uma nova criança de sua senhora.

Foi, passou pelo rancho, ergueu o filho d'entre as baetas immundas e partiu. Aquelles caminhos cheios de flôres, os longos cipós folhudos, que das enormes cupolas das arvores desciam em intrincadas e phantasticas curvas até o chão, o céu azul, puro, profundo, o vôo d'uma ou d'outra ave cortando serena o espaço, os valles despidos de sombras e as montanhas a recortarem ao longe o horisonte, nunca lhe haviam commovido o coração, embrutecido pelo trabalho servil e pela ignorancia ; deante d'aquelle altar não se ajoelhára nunca a sua alma, comtudo n'esse dia, n'esse momento, ao contemplal-o, chorou... é que sentia nos braços o corpo do filho, e no entanto parecia-lhe vel-o a sumir-se no espaço, qual sombra a cortar a limpidez do céu !

Chegada ao seu destino penetra n'um quarto cheio de alegria e de conforto. Aproxima-se do leito onde a senhora está e d'ella recebe o mimoso fardo, que lhe é entregue sem que lhe perguntem si tem as mãos feridas pela palmatoria, as costas cortadas pelo açoite, os braços noidos pela enxada ! Dizem-lhe só : aqui tens meu filho, e ella recebe-o machinalmente.

Lá fóra o crioulinho, cansado de chorar, geme ; sangram-lhe o coração aquelles gemidos, mas entrega o seio

cheio de leite, que é sangue, á boquinha sôfrega do menino branco !

A senhora dorme n'uma suave e doce quietação. Sobre a delicada face da criança cahe uma lagrima, gotta incolor, que só quem a verteu sabe a immensa dôr que n'ella se reflecte.

O filho da escrava continúa a gemer ; vacilla a luz da lamparina... a pobre mãe quizera deixar a criança que lhe rouba o innocente filho, no emtanto conchega-a ainda mais a si e apaga a lagrima que sobre ella chorára, dando-lhe um beijo !

JULIA LOPES.

Campinas, 14 de Julho de 1883, 94.º anniversario da tomada da Bastilha.

COMO OS INDIGENAS COZINHAVAM

Depois de introduzir em panellas de barro a comida que queriam cozinhar, cobriam a bocca da vasilha com varas e folhas seccas, e, pondo-lhe por cima uma camada de terra, largavam-lhe o fogo e conseguiam assim o resultado que se obtem pelos actuaes processos.

THEATRO S. JOSÉ

Foi lançada a primeira pedra para a construcção d'este theatro no dia 9 de Abril de 1858 e a sua inauguração realisou-se a 7 de Setembro de 1861.

**DROGARIA CENTRAL
HOMŒOPATHICA**

DO DR.

LEOPOLDO RAMOS

UNICO DEPOSITO EM S. PAULO
DE TODOS OS PRODUCTOS CHIMICOS
E PHARMACEUTICOS

DE

JAMES EPPS & C.^o

DE LONDRES

—
28 B — *Largo do Rosario* — 28 B

—()—

Consultas todos os dias das 10 ás 12 ho-
ras da manhã.

Completo sortimento de carteiras de
tinturas e globulos, medicamentos avul-
sos, medicamentos indigenas, livros para
o uso da homœopathia ; chá, café, chocola-
te homœopathicos, cerotos, opodeldocs,
etc., pelo preço das pharmacias da Côte.

CONHECER PARA PREVER, E PREVER PARA PROVER

A explicação dos phenomenos que rodeavam o homem e aquelles de que elle proprio era o theatro, foi desde o principio uma necessidade da humanidade; não era uma méra phantasia, mas correspondia á satisfação de um impulso natural, e era indispensavel para a direcção dos actos. Com effeito, para o governo de cada um é essencial que os actos se achem ligados entre si, ou pela subordinação a uma causa commum, ou pela reciproca filiação e dependencia ás leis que as regem.

Na infancia da humanidade, a primeira hypothese não podia ser formulada, exigindo um alto gráu de abstracção de que os cerebros eram então incapazes.

A explicação dos phenomenos por meio de leis exige uma emancipação intellectual muito consideravel e de que os nossos primeiros predecessores eram incapazes, faltando-lhes para isso até a sufficiente observação.

Só restava pois o fetichismo, que dá a cada individuo animado ou inanimado uma vontade egual á nossa e uma actividade quiçá superior: é a hypothese a mais simples, a qual o homem a principio recorreu tanto mais, espontaneamente quanto o typo, o ponto que lhe servia de partida e de termo de comparação era a sua propria individualidade que, melhor que tudo ou mais, conhecia ou suppunha conhecer. Assim, foi á sombra da concepção fetichista do universo que começaram-se a fazer as primeiras observações e a reunirem-se os primeiros elementos de conhecimentos humanos.

Devemos, pois, rejeitar *in limine* a theoria que nos apresenta o homem primitivo como um monotheista.

Não pretendemos acompanhar as sociedades através da marcha progressiva de desenvolvimento até á conquista de uma synthese definitiva ; a lei que preside a essa evolução é já bastante conhecida para que tenhamos necessidade de expol-a. Queremos apenas insistir e tornar bem notavel a necessidade imprescindível de adoptar-se uma theoria para a interpretação dos factos.

Si a observação se limitasse a notar, por assim dizer, destacadamente os phenomenos, sem ligal-os de qualquer fórma, toda a previsão seria impossivel e o destino pratico da sciencia resumido no aphorismo : «Conhecer para prever, e prever para prover» seria completamente illudido e falseado.

Uma sociedade qualquer, seja qual fôr seu estado de desenvolvimento, não póde, pois, dispensar uma theoria para a explicação do homem e do mundo. Quando essa theoria abrange o complexo dos elementos sociaes, estabelece-se naturalmente a harmonia, e a mudança de interpretação só vem com a elevação mental ; quando, porém, e é o caso da nossa sociedade actual, os elementos podem-se considerar heterogeneos, quando temos homens (e o que mais é, na parte directora) de todas as idéas, e a grande maioria em uma transição penosa, e sem base alguma de regimen mental, a anarchia é a consequencia necessaria.

Em um tal estado, os unicos que vêm com clareza são os que têm attingido o mais alto gráo de cultura mental, e são tambem os que podem fazer justiça a todos e a todas as theorias, collocando-se em estado relativo. Para aquelles que não se acham em taes condições, todas as interpretações que não estão acordes com o seu modo de entender são invariavelmente condemnadas.

Assim é que se accusam e castigam individuos inferiormente collocados na escala mental por não se lhes poderem comprehender os actos.

Os rigores catholicos, acremente reprovados pelos methaphysicos ; os actos de polytheismo e puro fetichismo

das classes inferiores, condemnados pela maioria da nossa sociedade, são bons exemplos para demonstrar o que fica dito.

E', pois, necessario que se esteja altamente collocado na escala mental; que se esteja plenamente emancipado, para que se possa avaliar com precisão todas as opiniões. E' preciso que se comprehenda que tudo é relativo, e que só collocando-se sob este aspecto se póde ajuizar com precisão.

S. José dos Campos, 15 de Agosto de 1880.

F. RIBEIRO DE MENDONÇA.

ASSOMBRACÕES ANTIGAS

« Constando ao Presidente d'esta Provincia por informação do Marechal Francisco das Chagas Santos, e depois do Presidente da Provincia de Matto-Grosso que moraram por aluguel nas casas n.º 89, sitas na rua de S. Bento, que sempre á alta noute se ouvem estrondos subterraneos, como provenientes de pancadas certas e pausadas em pilão; sendo isto um facto e tornando-se suspeito achar-se na mesma casa o sobrado da cosinha estabelecido sobre quatro paredes tapadas por todos os lados, quando seria interessante que por alguns d'elles houvessem portas ou janellas, para accommodações inferiores, sendo este o logar da casa, d'onde se sentem resultar os sobreditos estrondos; ha por bem ordenar ao Sr. Dr. Juiz de Fóra d'esta cidade, que proceda aos exames e deligencias necessarias, afim de averiguar a causa de semelhante effeito, mandando fazer as escavações precisas, e repôr depois tudo no seu antigo estado, para não se causar prejuizo ao proprietario; e do resultado dará conta.—S. Paulo, 6 de Junho de 1825.—*Lucas Antonio Monteiro de Barros.* »

O CHLOROFORMIO E A ALMA

Innumeras vezes tenho empregado o chloroformio em meus doentes. De cada uma d'ellas, antes de levantar o instrumento cirurgico, páro a reflectir sobre um grande phenomeno que alli se passa.

Sim, eu tenho deante de mim um importantissimo facto ; uma cousa que mereceria toda a attenção dos que consideram o homem uma dualidade.

Alli, sobre a mesa operatoria, mudo, immovel, insensivel, inanime, está o que ?

Não é o homem, por certo ; nem é tambem o cadazer.

Aquillo está vivo ; mas não tem evidentemente alma. Seu estomago digere, seus pulmões respiram, seu coração bate. Mas não tem movimento, nem sentimento, nem entendimento, nem vontade.

Qual foi, entretanto, o phenomeno physio-pathologico que alli se passou ?

Aniquilou-se porventura o organo—*instrumento*—da alma ? Está o cerebro destruido, lesado ?

Não. Si podesseis impunemente alli, como se verifica na analyse necroscopica, abrir a caixa ossea, vel-o-heis em toda a integridade de sua estructura e de sua posição natural. Cellulas, tubos, cylinder-axis, capilares, tudo alli está : seios, cavidades, circumvoluções, nada sahiu de suas posições normaes. O cerebro está intacto : apenas não funciona Eis tudo.

O que se suspendeu, portanto, alli foi só o mechanismo : o que fez a acção do anesthesico foi abolir apenas a funcção.

Mas essa abolição o que é em summa ?

A cessação do sentimento, do movimento, do entendimento, da vontade.

Logo, todas estas cousas não eram mais do que a função d'aquelle orgão.

Eu reflecto..... E como o trabalho urge, applico rigoroso o ferro sobre as carnes.

E então, quando o gume da faca ou do bistourí silva sobre os musculos, quando range a serra sobre os ossos, e o sangue espadana d'aquelle cadaver vivo, vivo pelos tecidos, morto pelo moral,—eu quizéra ter deante de mim um sabio metaphysico para responder-me—o que é a alma.

DR. D. GUEDES CABRAL.

(Do *Cerebro e alma.*)

Larangeiras—Sergipe.

○ CURUPIRA

Era, segundo lendas paulistas, um monstro que se dizia existir no cume da serra do Cubatão. Devorava quem, por alli passando a primeira vez, não conduzisse desde certa distancia uma pedra pesada para deposital-a no ponto que o monstro destinára a ser receptaculo d'esse tributo tradicional.

Tão respeitado era o curupira ou, antes, tão grande era o numero de papalvos que em 1810 foi preciso desentulhar o ponto do deposito das pedras, que chegou a obstruir a estrada.

B.

O CÉU E A RAZÃO

O idealismo é frívolo, fábrica chimeras, phantasia seres impossiveis, produz nonnadas, entidades imaginarias. O idealista, assim como o pintor, requer uma tela para lançar os productos do seu cerebro. O espaço além, superterrestre é o seu ponto suspirado, é a tela procurada. Immensa ! Ha a terra, ha o seu involucro a—athmosphera, esta depois de circumvolver o globo, distende-se, amplia-se, continúa, vòe e perde-se ; ignoramos o seu termino. E', ahi, n'esse incommensuravel estendal onde mil paineis subtis, innumeras creações inconcebiveis balouçam destemidamente ao sopro da phantasia. E', ahi, onde uma penetração assaz presumida, suppõe divisar entes aereos, formados de nuvens, raros, invisiveis, intangiveis, taes como : Ordem, Infinito, Espirito, Força, Providencia e mais equipollentes entes hoffmanicos.

Outra concepção mais arrojada é com impavidez sustentada por antiquado grupo sonhador. Ella rasga a athmosphera, perfura o espaço, avança, corre, deixa atraz de si o astro o mais remoto, e além e muito além do conhecido pelo telescopio o mais completo, no indefinido, no incognoscivel, levanta palacio fabuloso, brilhante, esplendido, deslumbrante, povoado por myriades de espiritualissimos seres, immorredouros, eternos, perfeitissimos, sob o mando da Summa Perfeição, Causa de Tudo. Eis o céu. E' a vida além-tumulo. Bella allegoria ! Porém, formidavel hypothese !

Ha a concepção real, veridica, producto dos espiritos prudentes e reflectidos. Ella não desfigura a natureza, não

é fallaz, toca, vê, observa, calcúla, raciocina, pesa, confronta, analysa e depois de longo e meditado estudo conclue, affirma, pronuncia-se e julga. O seu código de leis scientificas é inatacavel, logico e positivo. O céu, é, no dizer conciso d'essa escola, o ambiente da terra, o espaço indefinido acima de nossas cabeças, o firmamento onde correm as nuvens, rolam os astros, fuzilam os relampagos, percorre a luz, estacionam os aguaceiros, pendem os vapores, reinam os ventos, partem as trombas e as tempestades, é emfim esta immensa e vasta abobada azulada onde os astrónomos afundam as vistas penetrantes dos seus monstros telescopios.

J. FELICIO DOS SANTOS.

O augmento proporcional havido nas rendas geraes da provincia de S. Paulo, foi nos quinquenios de

1855 a 60	de 28 %
1860 a 65	de 60 %
1865 a 70	de 79 %
1870 a 75	de 61 %
1875 a 80	de 40 %

Em trinta annos, em quanto S. Paulo alcançava o augmento de 268 % sobre suas rendas, alcançavam :

Bahia	90 %
Maranhão	92 %
Pernambuco	99 1/3 %
Rio Grande do Sul	130 %
Minas	135 %
Pará	166 %

INVESTIGAÇÕES DA HISTORIA PATRIA

Em 1826, sustentava o Brasil a guerra do Rio da Prata, que deu em resultado a independencia da Provincia Cisplatida, hoje Republica Oriental.

O almirante argentino Brown, ao serviço do Uruguay, cruzava os mares do Brasil, com carta de corso.

No dia 8 de Novembro d'aquelle anno, aportou na ilha de S. Sebastião, no logor denominado—Poço—a escuna *Sarandy*, e a corveta *Chacabaco*, ás ordens d'aquelle corsario, trazendo aprisionado um navio mercantil nacional.

No dia seguinte, a *Sarandy* se fez ao mar, e tres ou quatro dias depois voltou escoltando outra presa, que entregou á *Chacabaco*, e se fez de vella ; com estas evoluções, em poucos dias reuniu tres navios apresados em suas piratagens, contando-se entre as presas uma escuna, e um brigue.

No dia 21 de Novembro, soprava rijo o vento Nordeste ; Brown fez desmastrear a escuna apresada, passou para ella a tripolação das outras presas, e as largou sem governo á discrição das ondas.

Ao mesmo tempo se fez de vella em demanda da barra de S. Sebastião, levando de reboque as duas presas ; ás 3 horas da tarde assomou na Ponta das Canas (entrada da barra), e fazendo incendiar as duas presas, as largou por diante, navegando elle em suas aguas encoberto pelas sombras.

De S. Sebastião se avistavam sómente nuvens de fumo, que se desprendiam do mar ; não se distinguíam vellas porque Brown navegava com os pannos, mais ou menos

amainados, costeando a ilha para onde deitavam as columnas de fumo, que encobriam os seus navios.

Não sabia Brown, que existia uma bateria perto da entrada da barra, denominada—Forte da Ponta-Azêda, que avistando o corsario, se denunciou embargando-lhe o passo em renhido combate, mas elle forçou a passagem, pela razão seguinte :

Commandava o Forte, o bravo capitão de Milicias, João Corrêa Alves Marzagão.

A bateria tinha duas peças desmontadas, e quatro sobre carretas damnificadas pelo tempo, que logo aos primeiros tiros sahiram dos seus logares, e mais tarde desmontaram-se ; foi então que Brown pôde passar ávante. Mas aquelle denodado commandante suppriu com uma engenhosa industria a falta das carretas : reunindo os seus soldados a um reforço que lhe chegou de momento, fez levantar a artilharia sobre espeques, sustentados a pulsos, e assim fez fogo, ao começo pouco certo.

Quando o corsario foi avistado pela bateria de Villa-Bella, recebeu d'esta uma balla tão certa, que o fez retroceder immediatamente ; para isso era o vento pouco favoravel, e a artilharia da Ponta-Azêda, jogava então com mais vantagem.

O corsario mettido assim entre dous fogos, fez prôa do continente, e fugindo acossado pelas duas baterias da ilha, bem depressa o saudou pela frente a bateria da Sapituba (situada ao Norte do bairro de S. Francisco, e a da Ponta da Cruz, ao Sul do mesmo bairro) ; este obstaculo, e o vento desfavoravel, obrigaram o corsario a fazer prôa para a enseada de Caraguatatuha ; mas sem poder sahir do alcance da bateria do Forte Azêdo que então fazia um fogo vigoroso e nutrido, com seis bocças.

A corveta *Chacabaco*, deu logo nos baixios do continente e encalhou, e a *Sarandy*, navio de pouco calado e summamente velleiro, quiz dar-lhe reboque, e na manobra encalhou tambem, debaixo do fogo que não cessava.

Quiz a Providencia que fossem poupadas tantas vidas.

Ao mesmo tempo que os navios corsarios encalharam, desabou um temporal de Sul, com tanta cerração que encobriu o inimigo ; chegou a noute, e ao nascer do dia 22 não haviam mais inimigos a vista.

Brown, favorecido pelo temporal, pela cerração e pela crescente da maré, safou os navios durante a noute, e fugiu pela barra de Leste, por onde entrára.

Cumpre aqui registrar mais um acto de patriotismo, incitado pela vingança :

A tripolação dos navios apresados que Brown deixou á discrição das aguas do mar, foi acostar na ilha de S. Sebastião, no lugar denominado Pacohyba, a Leste da bateria do Azêdo, cerca de meia legua ; logo que aquelles homens puzeram pé em terra, correram para aquelle Forte, e se puzeram ás ordens do seu distincto commandante ; foi este o reforço que ajudou a sustentar sobre espeques os canhões que jogaram contra o corsario.

E' esta a fiel descripção que no anno de 1875 nos fizeram o alferes Antonio Henriques Vaz de Ornellas, e o ex-miliciano Joaquim José Teixeira Guimarães ; o primeiro serviu n'aquelle combate no Forte do Azêdo ás ordens do capitão João Corrêa Alves Marzagão ; o segundo, serviu então no Forte que existia na praia da villa, hoje cidade de S. Sebastião.

Ambos ainda existem ; o primeiro conta actualmente 90 annos, o segundo 81 annos, e estão no goso perfeito de suas faculdades mentaes.

Existem ainda muitas pessoas, em S. Sebastião, que attestam a veracidade d'estes factos, sendo por isso de notar que não constem elles da historia patria.

BENEDICTO OLIVEIRA.

Rio-Claro, 21, Outubro, 1880.

SONETO

(INEDITO)

Como fere os corações as plantas fere.

BOCAGE.

Após do inverno triste, procelloso
Sorri-se a primavera com belleza,
A face abrilhantando á natureza,
Desdobra a rosa ao zephiro amoroso.

Olha, moça gentil, como formoso
Dos amores o bando se embelleza
Nos entes derramar a chamma accesa,
Nas flôres infiltrar pollen mimoso.

Repara como o lyrio germinando
Um lindo successor já nos confere,
Que outro tambem dará de si brotando !

Quem n'isto desconhece que se ingere
A influencia de amor que, variando,
« Como fere os corações as plantas fere ? »

MACHADO DE OLIVEIRA.

COLLEGIO LUSO-BRASILEIRO

EM ARARAQUARA

SOB A DIRECÇÃO DE

LIBERATO DA SILVA

(RUA SETE DE SETEMBRO)

—«:-:»—

Este Collegio recebe alumnos internos, semi-internos e externos, preparando-os para qualquer das Faculdades do Imperio,— artes, commercio, industria, agricultura, etc., etc.

Matertas de ensino

1.º—INSTRUCÇÃO PRIMARIA (1.º gráu)—leitura (impreso, manuscripto—prosa e verso); escripta; contabilidade—quatro operações sobre inteiros; doutrina christã; moral e civilidade.

2.º—INSTRUCÇÃO PRIMARIA (2.º gráu)—leitura; calligraphia; arithmetica; systema metrico-decimal; geographia nacional; historia patria; grammatica portugueza; analyse grammatical e logica; desenho linear.

3.º—LINGUAS—portuguez; francez; inglez; latim; allemão; italiano; hespanhol; etc.

4.º—SCIENCIAS—Arithmetica; algebra; geometria plana, etc. (mathematicas elementares); philosophia racional e moral e principios de direito natural; geographia superior; cosmographia; chronologia; historia sagrada e profana—universal e patria; rhetorica; poetica e litteratura classica; escripturação mercantil por partidas dobradas; geographia commercial e operações commerciaes e financeiras com explicações sobre lettras de cambio, da terra e mais papeis de credito, etc., etc.

5.º—AULAS DE PRENDAS—desenho de ornato; de figura; de paysagem; pintura a aquarella; musica (solfejo, canto, piano, etc.); dança; gymnastica; esgrima; natação; equitação.

Professores

Dr. M. ^{el} Aug. ^o de Alvarenga	Domingos de G. C. e Araujo
Joaquim Dias Soares	João Pires da Silva
Liberato da Silva	

Pagamentos (por trimestres adiantados):

Internos	90\$000	Externos	25\$000
Semi-internos	70\$000	» 1. ^{as} lettras	15\$000

O OURO DOS PINHEIROS

A ultima metade do seculo XVI constitue a época mais notavel da historia do Brasil depois da sua descoberta. Os que tem estudado a fundo esta historia, ou que simplesmente leram Southey, são os unicos que conhecem a coragem de que é preciso revestir-se para affrontar sua longa monotonia. Os portuguezes não se acharam em face de meias civilisações capazes de resistencia, taes como as do Perú e do Mexico ; os ricos despojos que affluiram repentinamente em Hespanha, e que quasi a fizeram senhora da Europa, não lhe couberam em partilha. Foi-lhes preciso ganhar palmo a palmo o solo brasileiro, e pedir riqueza á agricultura antes do que ás minas que a natureza collocou longe do littoral. E' o que explica a aridez de seus annaes na America : pequenos e interminaveis combates contra tribus barbaras cujos nomes são o que ainda resta ; algumas explorações aventurosas que só os desertos que foram o seu theatro conhecem os detalhes ; um pequeno numero de grandes e generosas acções ; depois, dominando tudo isso, o espectaculo perpetuo da oppressão, de tudo o que o forte póde fazer contra o fraco, tal é, em poucas palavras, o esboço historico dos primeiros annos do Brasil.

Deve-se, portanto, fazer esta justiça aos portuguezes que a sua conducta na America não foi nem mais violenta nem mais cruel em geral do que a dos francezes, dos inglezes, e das outras nações europeas, afóra os hespanhóes. Elles não foram sempre os aggressores nas suas guerras com os indigenas, e não queriam mais que civilisal-os. Os Martim Affonso de Souza, Mendes de Sá, Albuquerque,

Coutinho, são homens cujos nomes chegaram com honra até nós. Achar-se-ha mesmo difficilmente entre os primeiros colonos portuguezes, alguns d'esses homens sanguinarios e devastadores para collocar em parallelo com os que a Hespanha vomitava n'essa época com uma tão deploravel fecundidade, sobre a desgraçada America.

Para os fins do XVI seculo, as primeiras difficuldades da colonisação estavam vencidas. As tribus do littoral resistiam ainda em um grande numero de pontos, mas as mais temiveis d'entre ellas, taes como os Tapuyas, os Goytacazes, os Tupinambás estavam em parte exterminadas, ou tinham-se retirado para o interior. Já começava, na maior parte d'estas nações embrutecidas, essa emigração gigantesca que, das margens do Atlantico, conduziu-as até ás do Amazonas, onde os seus restos se tem conservado até nossos dias. As de costumes mais brandos tinham-se reunido nas povoações á voz dos missionarios, ou supportavam com paciencia o jugo dos portuguezes; estes, em uma palavra começavam a respirar. Entretanto a civilisação, como uma planta estrangeira transportada para um solo rebelde, custava a enraizar-se. Uma estreita raia do littoral offerecia só traços incontestaveis.

O que esta raia perdia em largura, ganhava em extensão. Durante seiscentas leguas, um navio que seguisse a costa avistando terra, notaria aqui e alli clareiras nas florestas, apparecendo como manchas sobre sua sombria verdura, columnas de fumo elevando-se do seio de plantações novas, engenhos de assucar em actividade, algumas embarcações transportando de um ponto para outro os productos europeus; depois, separadas por enormes distancias, povoados, de apparencia ainda modesta, mas já bastante florecentes. Ao norte Itamaracá, Olinda, Pernambuco, Bahia, então capital de toda a colonia; mais abaixo, Porto Seguro, o Rio de Janeiro que começava a desenvolver-se nas margens de sua magnifica bahia; emfim, nos ultimos limites o territorio já colonizado, Santos e S. Vicente em face

uma da outra sem contar outros pontos menos importantes em que se desenvolvia a actividade européa.

Do interior, os colonos não conheciam ainda quasi nada. Alguns missionarios, um pequeno numero de aventureiros intrepidos, tinham é verdade penetrado a grandes distancias no interior; porém a maior parte tinham perecido massacrados pelos selvagens, ou succumbido de fadiga; a algumas leguas da costa não havia segurança alguma para o viajante. Sabia-se unicamente que por mais longe que se avançasse para oeste, nada mudava de aspecto no deserto, florestas succediam-se á florestas, montanhas a montanhas, e uma vez atirado n'estas solidões sem limites, o homem estava, como o navio no alto mar, perdido para seus semelhantes unicamente sob as vistas de Deus.

Nos primeiros annos do XVII seculo, o movimento colonial continuou a progredir; novas tribus indigenas desapareceram ou foram postas em estado de não encommo-dar; um grande numero de estabelecimentos se formaram; as povoações fundadas no seculo precedente mudaram suas casas de taipa e cobertas de palha por edificios regulares; egrejas sobretudo, que a propria Italia não teria despresado, erigiram-se nas cidades mais importantes, na Bahía, entre outras, que mais tarde devia possuir uma magnifica cathedral, que por muito tempo não teve rival na America. O conhecimento do interior augmentou-se na mesma proporção. Aventureiros famintos de ouro dispersaram-se em todas as direcções, e o successo coroou mais de uma vez suas pesquisas, que o governo animava com todo seu poder.

Entre todos se assignalaram os habitantes da provincia de S. Paulo, então S. Vicente. Recentemente ainda segundo Charlevoix e outros escriptores que copiaram dos missionarios jesuitas do Paraguay, os paulistas eram representados como tendo sido em sua origem uma porção de desertores de todas as nações, de criminosos fugidos do castigo devido a seus crimes, salteadores em uma palavra. Foi

preciso que, para os fins do ultimo seculo, um frade brasileiro, Frei Gaspar da Madre de Deus, zeloso pela honra de sua patria, viesse lavar seus compatriotas das accusações produzidas contra seus antepassados (*): entretanto, Frei Gaspar não conseguiu completamente sinão rehabilitar os primeiros fundadores de S. Paulo, que, de facto, não teve a origem impura que lhe attribuiam.

Em 1555, dous missionarios de uma vida admiravel, os padres Nobrega e Anchieta, partiram de Santos para reconhecer o interior do paiz. Depois de terem vencido uma escabrosa cadêa de montanhas cujos caminhos ainda hoje são apenas praticaveis, viram estender-se deante d'elles uma vasta planicie entrecortada de collinas e de ondulações de terreno, de savanas e de florestas.

A Oeste, os flancos escarpados e sombrios da Serra da Mantiqueira serviam de moldura ao quadro. Dando graças a Deus do que viam, os dous missionarios resolveram estabelecer alli o centro de seus trabalhos, e como homens de acção que eram, metteram logo mãos á obra. No cimo de uma eminencia em facil declive, situada no meio da planicie, e a cujos pés corria o Piratininga, levantaram com suas proprias mãos, e com o auxilio de um pequeno numero de indios convertidos, algumas cabanas de galhos e de terra.

Outros treze missionarios enviados da Bahia, vieram logo juntar-se a estes, e a nova povoação tomou o nome de Piratininga, do rio que corria a seus pés, nome que foi mudado pelo de S. Paulo, que conserva até hoje.

Vasconcellos, que escreveu a vida de Anchieta, nos deixou um quadro interessante do genero de vida d'estes primeiros missionarios. Um estofa grosseiro de algodão compunha o seu vestuario, suas sandalias eram feitas das asperas fibras de uma especie de cardo selvagem ; uma rêde

(*) *Memorias para a Historia da Capitania de São Vicente.* 1 vol. in-4.º Lisboa. 1797.

de palha, suspensa no forro de suas cabanas, defendia a entrada; folhas de bananeira, estendidas no chão, serviam ao mesmo tempo de mesa e de toalha; sua alimentação frugal dependia dos indios, que lhes traziam os productos de sua pesca e de sua caça, e que muitas vezes os deixavam sem o estritamente necessario. Entretanto, debaixo d'estas miseraveis cabanas, o luxo da civilisação tinha se introduzido ao mesmo tempo que a religião. Anchieta, que tinha feito bons estudos em Coimbra, ensinava o latim aos meninos de alguns crioulos da visinhança, e mesmo aos dos indios. Não tendo livros, passava as noutes a escrever suas lições, fazendo tantas cópias de cada uma quantos eram os seus discipulos. Elle proprio aprendia a lingua indigena, e soube-a assás para compôr cantos que se tornaram logo populares. A elle deve-se uma das melhores grammaticas d'esta lingua das que têm sido publicadas, sem fallar de um poema latino de cinco mil versos que compoz durante uma estada de muitos mezes no meio dos indios, e que elle gravou em sua memoria até que, de volta a S. Paulo, pudesse lançal-o no papel.

A planicie de Piratininga não era, entretanto, inteiramente deserta, quando os missionarios foram alli estabelecer-se. Havia poucos annos, que alguns colonos se tinham fixado ahi, ou antes, levavam uma vida intermediaria entre a do indio e a do homem civilisado, descurando da cultura, salvo a da mandioca, absolutamente indispensavel para suas necessidades, supprindo o resto pela caça, incessantemente procurando minas, e batendo-se com as tribus indigenas que reduziam á escravidão, não obstante ter a maior parte d'entre elles escolhido mulher entre ellas. E' quasi certo, apezar da autoridade de Frei Gaspar, que estes primeiros colonos eram uma mistura de homens de todas as nações, que uma vida desregrada havia conduzido naturalmente a abraçar esta existencia selvagem.

A nascente povoação attrahiu para o logar um grande numero de outros colonos que, pela maior parte, imitaram

os que acabámos de fallar. Parece mesmo, por um ataque que os paulistas do campo fizeram contra os da povoação, em 1590, que existia uma violenta inimisade entre estas duas classes da população, da qual eram os missionarios a causa indirecta.

Em S. Paulo, de facto, como no resto da America, os missionarios interpunham-se continuamente entre os indios e seus oppressores. Unicos occupados sériamente da civilisação dos primeiros, era-lhes preciso sem descanso suspender a mão dos segundos, que em alguns instantes, destruiam, por um acto de violencia, o fructo de longos annos de trabalho. Estas luctas não eram sem perigo para esses religiosos que as mais das vezes corriam risco de sua vida apesar do respeito que inspirava então seu habito. O ataque de que fallámos era principalmente dirigido contra elles, e um chefe indio assignalou-se defendendo-os.

Como quer que seja, em menos de meio seculo, formou-se na provincia de S. Paulo uma população misturada de portuguezes, que tinham conservado a pureza de seu sangue, de indios e de mestiços procedentes de allianças das duas raças. Estes ultimos quasi tão numerosos como os outros, receberam o nome de *Mamalucos* ou *Mamelucos*, que os historiadores da America applicam algumas vezes sem distincção a todos os paulistas d'aquella época.

Os costumes d'esta raça de ferro, sua coragem indomavel, o seu odio por toda especie de jugo, suas gigantes-cas correrias no interior do paiz, fizeram de sua historia um episodio á parte na do Brasil. Os paulistas, durante seculo e meio, foram em terra o que, no mesmo intervallo, os flibusteiros foram nas costas do Oceano e da America hespanhola: conseguir escravos, procurar minas, taes eram pouco mais ou menos suas unicas occupações. Quando descobriram o pequeno numero das que existiam em sua visinhança, e reduzido a nada as tribus indias que lhe estavam proximas, estenderam suas excursões mais longe. Para os annos de 1620, começaram a invadir as celebres

reducções indigenas, que havia perto de quarenta annos os jesuitas tinham fundado nas fronteiras do Paraguay, e durante meio seculo não se passou nem um anno sem que fizessem aparições, durante as quaes saqueavam as ricas egrejas dos missionarios, e conduziam captivos todos os indios que podiam aprisionar, sem distincção de idade nem de sexo.

Foi uma das razões que obrigaram os jesuitas a armar os seus neophitos, e que fizeram com que pintassem os paulistas sob tão negras côres. Mais tarde estes ultimos avançaram até as fronteiras do Alto Perú, e trataram da mesma maneira as nascentes missões do Grande Chaco e de Santa Cruz de la Sierra. Emfim, ao Norte, alguns d'elles chegaram, em suas aventurosas excursões, ás margens do rio Amazonas. Isto é pouco mais ou menos como si, a Europa estivesse coberta de florestas, sem caminhos traçados, e um habitante da França abrisse um caminho até o centro da Siberia.

Uma semelhança ha mais entre os paulistas e os filibusteiros, e é a maneira pela qual organisavam as suas expedições, e a mistura de superstição, de desprezo da vida, e de ferocidade que formava o fundo do seu character. Do mesmo modo que os *irmãos da costa*, era ordinariamente algum velho sertanista, bronzeado no corpo e na alma, e iniciado em todos os segredos do deserto, que concebia o plano da expedição, ou então algum moço estreante na carreira, desejoso de assignalar-se. Não faltavam voluntarios para alistar-se em suas fileiras. As condições da partilha do lucro futuro estabelecidas, e todos os preparativos terminados, uma outra formalidade restava para ser cumprida, a de justar suas contas com o céu e alcançar sua protecção para a empresa. Uma missa, á qual assistiam com recolhimento de espirito todos os interessados, completava ordinariamente o negocio. Os mais devotos iam depois purificar sua alma de velhos peccados aos pés de um padre que, as mais das vezes, recebia ao mesmo tempo a promessa de

consagrar ao altar uma parte do producto da expedição.

Si o frade era severo, antes de dar a absolvição, indagava cuidadosamente do objecto da empresa, não absolvía sinão quando tratava-se simplesmente de descobrir minas; mas a maior parte passavam prudentemente esta questão em silencio, recommendando sómente, em termos geraes, de tratar com mansidão os indios que encontrassem no caminho, afim de attrahil-os ao gremio da egreja. O penitente não tinha ordinariamente n'esse momento nenhuma objecção a fazer; uma vez em caminho, só Deus sabe como elle cumpria suas promessas!

Finalmente, ou por terra, ou por agua, a expedição seguia viagem. Os parentes, os amigos, acompanhavam-n'a a alguma distancia, fazendo votos para seu bom exito: todos sabiam a pouca probabilidade que tinham de tornarem a ver-se. Então começava em toda sua energia a luta do homem com a natureza terrivel do deserto. Era preciso muitas vezes, com o machado na mão, abrir caminho no mais espesso da matta, abarracar-se durante semanas inteiras em terrenos alagados e pestilentos, affrontar rios transbordados, cachoeiras, a flecha do indio occulto de emboscada, os raios de um sol vertical durante o verão, chuvas torrencias da estação opposta, a fome, as doenças; arrostar tudo o que a imaginação póde representar em perigos de toda especie. Onde a terra era vermelha e offerecia certos indicios conhecidos por elle, o chefe da expedição mandava cavar o solo: si um pouco de ouro se offerecia a seus olhos, as fadigas passadas eram esquecidas, e os trabalhos de exploração começavam logo; no caso contrario, iam para adiante. Mezes, annos inteiros se passavam assim; emfim via-se chegar a S. Paulo alguns desgraçados cadavericos, desconhecidos aos proprios olhos de seus parentes, resto da expedição já quasi de todo esquecida. Si ellas traziam ouro, brilhantes promessas a fazer, pouco importava a distancia, uma febre geral apoderava-se de toda a provincia; familias inteiras, comprehendidas as

mulheres e crianças se punham a caminho para o novo Eldorado. Os que escapavam dos perigos do trajecto estabeleciam-se nos logares, e uma nova colonia fundava-se. Algumas vezes, quando as expedições compunham-se d'um limitado numero de individuos, nunca mais se ouvia fallar d'elles. Entretanto nem todos tinham perecido ; mas separados de sua patria por distancias immensas, os aventureiros dispersavam-se por todos os lados, e cada um estabelecia-se onde lhe vinha a phantasia. E' assim que nas provincias mais remotas do Brasil, encontra-se frequentemente familias que, longe de esquecer a sua origem, lembram ainda com uma especie de orgulho que o sangue dos Paulistas corre em suas veias.

De volta a seus lares, o Paulista ahi ostentava um genio altivo, uma independencia selvagem, hostile a todos os laços sociaes. Era raro que não tivesse alguma conta a justar com seus visinhos, ou a proposito de escravos subtraídos, ou por alguma outra offensa recebida, e sabia-se que era perigoso para os que eram objecto de seu odio encontral-o a sós em algum lugar retirado. Um longo punhal, em uma de suas botas, ou debaixo do couro de sua sella, teria inevitavelmente visto a luz, e não brilharia em vão na sombra. Si a occasião favoravel não se apresentava, apesar de sua irritabilidade natural, sabia esperal-a por muito tempo. Muitas vezes aconteceu que depois de muitos annos de espera mutua, dous inimigos d'esta especie encontravam-se inopinadamente no matto longe de toda habitação. Um d'elles devia então renunciar á vida ; o vencedor, depois do combate, raramente esquecia-se de depôr o vencido em sua ultima morada ; ajoelhava-se sobre a sepultura, recitava algumas orações, e depois de ter plantado n'ella uma cruz formada de dous pedaços de pau, afastava-se d'alli sem mais pensar n'isso. O deserto guardava fielmente o segredo e tudo estava acabado.

Dos individuos, estes odios implacaveis passavam ás familias que esposavam fielmente a causa de cada um dos

seus, qualquer que fosse o gráu de parentesco. Quasi sem interrupção, a povoação estava cheia de motins e de dissensões ; o que a *vendetta* produz ainda hoje na Corsega, via-se então em S. Paulo, com a differença entretanto que ella tomava dos costumes rudes d'aquelle seculo uma energia de que a nossa época é apenas susceptivel.

Apressamo-nos a acrescentar que este esboço incompleto dos Paulistas d'outr'ora não convém de modo algum aos de hoje. Estes não herdaram de seus antepassados sinão uma nobre altivez, uma bravura tanto mais notavel, que esta qualidade não é a virtude dominante dos Brasileiros, e certa actividade temeraria que é empregada em louvaveis commettimentos. São Paulo, por mais de um motivo, assimilha-se a uma cidade da Andaluzia pela languida serenidade de seu clima, seu amor pela dança, e a franca jovialidade de que anima as reuniões de seus habitantes. Não é raro ouvir-se, como em Cadix, os sons da guitarra, a uma hora adiantada da noute, debaixo de alguma janella de rotula que entre-abre uma mão temerosa. As mulheres que recebem estas homenagens são celebres em todo o Brasil pela vivacidade de suas graças—prova-o o triplice proverbio que diz referindo-se a Pernambuco : *ellas e não elles* : a Bahia : *elles e não ellas* ; emfim a S. Paulo : *ellas e sempre ellas*.

Os primeiros paulistas sabiam mais manejar uma espada, ou o martello do mineiro do que a penna, e não deixaram nem uma relação de suas façanhas, como o fizeram alguns dos flibusteiros, Raveneau de Lussan entre outros. Por falta, sem duvida, de documentos precisos, os historiadores do Brasil não tem fallado sinão em termos geraes das expedições d'este povo ; póde-se julgar sómente pela porção de minas das quaes se lhe attribue a descoberta, quanto foram ellas numerosas. O resto se acha na historia das Missões, que os Paulistas invadiam frequentemente, como dissemos ha pouco. Em vão procurar-se-hia n'essas narrações alguns vestigios de itinerarios de uma precisão

satisfactoria, e ainda menos de aventuras pessoas. Não se póde sinão adivinhar, pela natureza e audacia d'esses commettimentos, os episodios romanescos de que ellas deviam superabundar.

Devo pois considerar-me feliz de ter travado, durante minha estada no Brasil, conhecimento com um veneravel religioso do convento de S. Bento do Rio de Janeiro, homem instruido, curioso sobretudo de velhas narrativas concernentes aos primeiros annos de sua patria. D'entre as provas de benevolencia que d'elle recebi, colloco em primeiro logar a livre disposição d'uma bibliotheca muito vasta, que elle havia formado durante um largo espaço de tempo com suas modestas economias. A parte mais preciosa era incontestavelmente um grande numero de manuscritos, quasi todos escriptos por missionarios. Bem poucos, em verdade, mereceriam as honras da publicidade; eram monotonas e interminaveis narrativas de conversões de selvagens, de milagres e outros factos semelhantes, por sua natureza só capazes de interessar ao convento a que pertenciam seus autores. Emfim, achei um verdadeiro thesouro, um pequeno caderno de cerca de cem paginas, escripto em latim, uma especie de chronica da provincia de S. Paulo. A ausencia de data a principio embarçou-me; porém reconheci logo que esta chronica não podia ser sinão do primeiro quarto do XVII seculo.

Uma passagem fazia allusão á primeira expedição dos Hollandezes ao Brasil, que teve logar em 1624; além d'isso varias vezes tratava do padre Anehieta, fallecido, como sabe-se, em 1596, e que o autor parecia haver conhecido. Julgo não me enganar fixando a data d'este curioso manuscrito para o anno de 1630.

Por uma rara excepção não se occupava de milagres, e muito dos costumes privados dos Paulistas, assim como de algumas de suas expedições. Em varios logares, o bom religioso que compoz essa historia, depois de ter contado alguma atrocidade, pedia ao Céu que se não apressasse a

castigar, essa raça perversa, e esperasse que ella se arrependesse. Um facto, entre outros, interessou-me porque deu-me a explicação de alguns dictos populares que muitas vezes tinha ouvido sem que pudesse saber a sua origem. Ouve-se frequentemente dizer em S. Paulo, e mesmo na provincia do Rio de Janeiro, de um que enriqueceu subitamente, e sem meios ostensivos, que *achou o ouro dos Pinheiros*, de outro que tenta uma empresa difficil, que *procura o ouro dos Pinheiros*, e assim outros. Eis como refere o acontecimento tragico que deu nascimento a estes proverbios. As notas que tomei rapidamente, permittem-me reproduzil-o, pouco mais ou menos, nos proprios termos do manuscripto.

Em época alguma desde sua colonisação, a provincia de S. Paulo esteve tão cheia de desordens como na de que se trata. Duas familias, as mais poderosas do paiz, os Ramalhos e os Pinheiros, punham tudo em perturbação por suas discordias e desavenças particulares. Não se ouvia fallar sinão em ataques contra as pessoas e as propriedades, e ninguem era tão imprudente que se aventurasse a ir em algum lugar, mesmo de dia, sem estar armado até aos dentes, e rodeado de escravos munidos igualmente de meios de defeza. Uma singular conformidade de posição reinava entre estas duas familias. Ambas remontavam aos primeiros tempos da colonia. O chefe da primeira era o filho de João Ramalho que achava-se estabelecido nos campos de Piratininga antes da chegada dos missionarios, e que desde 1553 fôra nomeado *alcaide-mór* da povoação de Santo André. O dos Pinheiros se jactava, por seu lado, que seu pae tinha levantado a primeira casa de S. Paulo depois dos missionarios. Ambos tinham tido com indias uma posteridade numerosa, haviam passado os annos de vigor em excursões no interior; ambos, finalmente, tinham adquirido riquezas eguaes em ouro, diamantes e escravos.

A causa que havia feito nascer o odio dos dous velhos devêra ter sido muito grave e muito antiga, porque até en-

tão tinham-se mostrado inflexiveis a todas as tentativas feitas para os reconciliar. « A arvore do esquecimento não póde mais brotar onde o sangue correu. » Este proverbio, tirado dos indios, era sua unica resposta a todas as proposições de paz.

Era preciso que a conta dos mortos fosse igual entre elles segundo a lei da *vendetta*, e parece que os Ramalhos deviam, a este respeito, um saldo muito consideravel a seus adversarios. Nos primeiros annos de uma colonia, é raro que os laços de sangue não se estendam a todos os seus habitantes. Os de S. Paulo achavam-se pois, alguns mais, outros menos, alliados a uma ou a outra das duas familias, de modo que a povoação, dividida em dous campos inimigos, assimilhava-se menos, no dizer do manuscrito, a uma reunião de christãos que a uma horda de Tapuyas.

A autoridade civil havia feito esforços inuteis para reprimir estes furores e estas discordias intestinas. Em um momento de energia, o governador tendo querido mandar enforcar um dos Pinheiros, preso em flagrante delicto de homicidio, os parentes do culpado reuniram-se armados, arrancaram-n'o ao supplicio, e durante dous dias o governador viu-se sitiado em seu palacio, onde teria perecido de fome si não tosse uma velha escrava que achou meio de fazer chegar-lhe ás mãos alguns fructos. O bispo, de seu lado, quiz lançar a excommunhão contra os fautores da revolta; mas não estava muito seguro do effeito das armas da egreja contra a dos impios, ainda que qualquer d'entre elles é certo que responderia com uma boa punhalada áquelle que o tratasse de heretico.

O mal tornou-se a tal ponto intoleravel que foi necessario por todos os meios achar um remedio. O Governador não viu nada melhor do que aproveitar o ardor dos dous partidos para as aventuras, e propor-lhes uma dupla expedição no interior, esperando que ao menos alguns dos mais turbulentos não voltassem a S. Paulo.

O trabalho de negociar com os chefes das duas familias foi confiado a um religioso universalmente respeitado por suas virtudes, o padre Raphael Macedo, antigo companheiro de Anchieta nos seus derradeiros trabalhos no meio dos indios. A chronica não dizia entretanto que elle tivesse, como este ultimo, o dom da profecia, nem o de entender a linguagem das aves, ainda menos a faculdade de conservar-se durante tres quartos de hora no fundo d'agua lendo tranquillamente o seu breviario (*); mas ella exaltava o seu zêlo infatigavel na conversão dos indigenas. Aprisionado uma vez por estes com dous de seus companheiros, o padre Macedo viu-os amarrados em arvores depois mortos a frechada pelos selvagens. Elle deveu sua salvação a um capricho de sua parte, e ficou livre depois de alguns mezes de captiveiro, durante os quaes operou transformações miraculosas nos costumes d'aquelles barbaros.

A negociação foi longa e esteve por mais de uma vez a ponto de ter máu resultado. Depois de numerosas conferencias, a eloquencia do padre Macedo conseguiu persuadir os dous velhos que temiam alguma perfidia secreta da parte do governador. Cada um d'elles jurou solememente, por si e pelos seas, suspender toda e qualquer hostilidade para com seus adversarios até á partida e na volta das duas expedições. Estas treguas assim estabelecidas, tirou-se á sorte o caminho que seguiria cada uma d'ellas. Afim de evitar todo o conflicto no deserto, uma devia dirigir-se para Oeste, a outra para o norte, sem se desviar d'esta dupla direcção até que chegassem a uma distancia que foi marcada. A primeira se obrigava além d'isso, sob pena de escommunhão, a respeitar os indios das Missões que podesse encontrar. Esta coube em quinhão aos Ramalhos.

S. Paulo respirou quando o padre Macedo annunciou que tudo estava terminado. Durante um mez que duraram os preparativos da partida, não se ouviu de facto fallar

(*) Vide *Vida de José de Anchieta*, Salamanca 1610.

nem de sangue derramado nem de ataques contra as propriedades. Os Ramalhos reuniram setenta e cinco homens, e os Pinheiros cerca de oitenta; estes ultimos estavam sob as ordens de um sobrinho do velho Pinheiro. E' o unico de que a chronica conservou o nome; chamava-se José Manoel Cabral.

Com intervallo de poucos dias, os dous partidos deixaram S. Paulo. Os Ramalhos transportaram-se para as margens do Tieté, que corre a poucas leguas de S. Paulo, e embarcaram-se em um logar então deshabitado, o mesmo provavelmente onde existe hoje a pequena povoação de Porto Feliz, destinada por sua posição a tomar um dia alguma importancia. O Tieté devia conduzil-os em pouco tempo ao Paraná ao qual dirige suas aguas. Ahi começavam os desertos desconhecidos nos quaes deviam penetrar. Os Pinheiros de seu lado, se poseram em marcha por terra, dirigindo-se para o vasto territorio que forma hoje a provincia de Minas.

O socego de que gosava S. Paulo depois da partida das duas expedições foi uma prova irrecusavel da sagacidade do governador. Os mezes succederam-se e nem uma noticia do interior veio para tranquillisar os que ficaram; era cousa que sempre succedia em casos similhantes, e ninguem inquietou-se por esse motivo. Um anno, depois quinze, depois de oito mezes passaram-se. Isto era grave: haviam elles perecido sem que um só tivesse sobrevivido para trazer a noticia? O ouro, sobretudo e ouro que elles deviam infallivelmente ter achado tinha se perdido para sempre? Rumores vagos começaram a circular em toda a parte e a apoderar-se dos espiritos.

Ora, sabia-se que, longe, bem para o interior, despojos tendo pertencido a homens brancos, tinham sido vistos nas mãos de alguma horda de indios; ora, um frade tinha tido um sonho horrivel, que applicava-se evidentemente ás duas expedições; emfim um milagre aconteceu publicamente, que encheu de terror os mais intrepidos. Alguns

negros entoando á noute canticos deante de uma imagem de Nossa Senhora, collocada em um nicho na esquina de uma rua, viram a Santa mudar muitas vezes de côr e acabar por derramar muitas lagrimas. Toda a cidade correu para vêr este prodigio, que durou durante uma hora inteira.

A' medida que estes rumores tomavam vulto, o odio dos dous partidos se despertava mais ardente do que nunca; suas armas, que elles descuidavam-se muitas vezes de trazer comsigo desde a partida dos seus, não as deixaram mais. N'este tempo um Pinheiro feriu em plena rua um Ramalho com uma punhalada depois de uma disputa!

Desde esse momento, as duas familias pareceram mais obstinadas em sua mutua destruição.

Tres annos se tinham passado, e toda esperanza de tornar a vêr os ausentes estava perdida, quando ao terminar um d'esses admiraveis dias que não ha sinão nos tropicos, no momento em que o sol desapparecia por traz da cortina de palmeiras que corôa o cimo da Serra da Mantiqueira, uma canôa india aportou na margem meridional do Tieté, no lugar mesmo em que os Ramalhos tinham se embarcado havia tanto tempo. No fundo da canôa jázia estendido um homem aparentemente acabrunhado pela doença, que por sua pelle côr de cobre e pela nudez quasi completa podia ser tomado por um indio, si suas feições, alguns trapos que cobriam seu corpo, e sua longa barba, não indicassem claramente sua origem em parte européa. No momento em que a canôa tocou a terra, o abalo pareceu tiral-o do seu entorpecimento; levantou com difficuldade a cabeça e dirigiu algumas palavras em sua lingua aos indios que o conduziam. Com a resposta d'estes, suas forças pareceram reaparecer subitamente; lançou-se fóra da canôa, cahiu de joelhos em terra, beijou-a lavado em lagrimas, e desmaiou.

Quando tornou a si, os indios pozeram-n'ô em uma rêde que tinham estendido entre duas arvores, e dispersa-

ram-se de um lado e de outro, em busca de alguma caça e peixe para a refeição da noite. O pequeno bando parecia dever passar a noite n'este lugar deserto.

No dia immediato ao d'este acontecimento tão insignificante em apparencia uma estranha agitação reinava em S. Paulo. Uma numerosa multidão se tinha reunido na principal praça da povoação; as duas familias inimigas se achavam em presença, como si um combate decisivo estivesse para ter lugar entre ellas. Apesar da confusão que parecia existir á primeira vista entre os grupos, os partidarios de um não se misturavam aos de outro; todos os olhares convergiam para o centro da praça onde os Pinheiros rodeavam um homem macillento, descarnado, tendo difficuldade em se conservar em pé.

Este homem era José Manoel Cabral, desembarcado na vespera nas margens do Tieté. O aspecto do solo natal e a impaciencia de tornar a vêr os seus tinham actuado tão fortemente sobre elle, que depois de algumas horas de descanso sentiu-se com força de se pôr a caminho. Conduzido em uma rêde pelos indios que o tinham trazido até alli, atravessou durante a noite as nove leguas que o separavam de S. Paulo. A noticia da sua chegada tinha se espalhado logo com a rapidez do raio, e antes de ter podido ganhar a habitação de seu tio, Manoel viu-se cercado de uma multidão, metade amiga, metade inimiga, ávida de ouvir a narração de suas aventuras. Só seus parentes tinham evidentemente esse direito, porém os Ramalhos pareciam decididos a contestar-lh'o, e a exigir uma explicação publica sobre o que se havia passado no deserto.

O velho Pinheiro, rodeado dos seus, tinha entretanto conseguido apoderar-se momentaneamente do seu sobrinho. Não era uso, entre estes homens rudes, perder tempo em longos cumprimentos; e, entrando logo em materia, o velho dirigiu umas atraz das outras estas tres perguntas a Manoel:—Onde estão teus companheiros? Achastes ouro? Qu'é d'elle?

— Todos morreram, respondeu Manoel; depois de dezoito mezes de peregrinação, incertos dos logares em que erravamos reduzidos a metade pelas doenças e pelos combates com os indios, descobrimos minas taes como o Brasil ainda não conhece; voltavamos carregados de riquezas, quando encontrámo-nos com os Ramalhos, perdidos como nós, com a metade da gente com que partiram, e furiosos de não terem achado cousa alguma; atacaram-nos; a batalha não findou-se sinão com o ultimo d'elles. Restando eu e seis dos nossos, escondi nossas riquezas em um logar que reconheceria entre mil. Os meus seis companheiros morreram logo depois de suas fadigas e de suas feridas, e eu estou moribundo; em nome do céu tire-me d'aqui.

O velho voltou-se então para a multidão, e dirigindo-se aos Ramalhos:

— Desde quando, lhes disse elle, os Pinheiros não pódem conversar sobre seus negocios sem que estranhos venham ouvir e procurar conhecer seus segredos? Arreda, pois, e que nem um Ramalho ouse oppôr-se á nossa passagem.

Estas palavras foram o signal de um grande tumulto. Os Ramalhos acolheram com apupos a ameaça indirecta do velho, e longe de dar-lhe passagem apertaram-n'o ainda mais e aos seus. Não era necessario tanto para que chegassem a vias de facto. Cem espadas sahiram logo das bainhas, e brilharam á luz do sol. Aquelles que se haviam esquecido das armas correram a toda pressa a buscal-as, porque um paulista d'aquella época se teria envergonhado de assistir como testemunha ociosa a espadeiradas taes como as que se preparavam. N'um momento a contenda tornou-se geral. Com o ruido o padre Macedo, que se achava em uma casa proxima, á cabeceira de um moribundo, advinhou o que se passava, e tomando um grande crucifixo que se achava pendurado em uma parede, correu para a rua. Intrepido n'esse momento, como tinha sido sob as

flechas dos indios, corria para se precipitar no meio da batalha na esperanza de impôr-se com a autoridade de seu habito a esses insensatos. Mas o odio havia produzido seus effeitos mais depressa do que podia correr o caridoso padre. Quando elle chegou á praça, Manoel acabava de cahir de um tiro de clavina á queima roupa no peito. O tio, que, apesar de sua avançada idade, tinha já atirado rudes estocadas aos Ramalhos, recebeu-o nos braços, e conduziu-o para fóra do combate.

A ferida era mortal. O frade vendo um homem tão perto de expirar, correu para elle como o mais necessitado; mas o velho repelliu-o com violencia.

— Um instante, padre! bradou elle, este homem possúe um segredo que vale o reino dos céus para aquelle que o obtiver; que elle m'ó confie, e eu t'ó entrego.

— As cousas do céu antes das da terra!—respondeu o frade; por teu Deus, que eu trago em minhas mãos, não ousarás carregar tua consciencia com a condemnação eterna de teu sobrinho.

— Apressae-vos então, replicou Pinheiro: dou-te cinco minutos; vou rogar tambem por sua alma.

O padre inclinou-se para o moribundo, amparando-lhe a cabeça em uma das mãos, e com a outra approximava-lhe o crucifixo á bocca para que o beijasse. Proferia as palavras de consolação e exhortação para bem morrer, de uso em casos semelhantes. Manoel esforçava-se evidentemente para respondel-as; tinha, sem duvida, commettido, no decurso de uma vida errante, mais de uma acção da qual quereria descarregar sua consciencia; mas o estertor da morte entrecortava suas palavras e as tornava inintelligiveis.

O velho Pinheiro, com o olhar ora sobre elle, ora sobre os combatentes, rolava entre os dedos as contas de um immenso rosario pendurado á cintura e murmurava orações entremeadas de imprecações de impaciencia.

Não se tinha interrompido si não uma vez n'esta piedosa occupação para derrubar com uma espadeirada um

dos Ramalhos que se havia aproximado muito. Batia com o pé a cada instante. Emfim, vendo que seu sobrinho não tinha mais do que a respiração, não se pôde conter por mais tempo, e ainda que os cinco minutos não tivessem passado ainda, elle segurando o padre pelo habito, arrancou-o do seu sagrado ministerio.

— Manoel !... meu filho ! dizia ao moribundo, mais de metade no outro mundo ; esse ouro !... Faze um ultimo esforço, meu filho !... Esse ouro onde o deixaste ? Elle respondeu, creio eu ? Não dizes nas margens do Paraná ? Maldição sobre mim ! Elle expira !... Sem ti, frade do inferno ! eu saberia o seu segredo ! Foram aquelles cães que o mataram ; a mim, Pinheiros ! A fogo e sangue os Ramalhos !

Atirou-se como furioso no mais forte da peleja, onde para logo cahiu ferido por um golpe de espada no coração.

A morte de um homem tão consideravel produziu nos combatentes um effeito que toda a eloquencia do padre Macedo não poderia obter. Cessou no mesmo instante essa sanguinolenta lucta, que d'ora em diante não tinha mais razão de ser ; Manoel levava consigo o seu segredo. Cerca de uma duzia de cadaveres estavam estendidos na calçada sem fallar nos feridos. Privados do chefe, os Pinheiros não puderam desde então contrabalançar a influencia sempre crescente de seus adversarios : abandonaram insensivelmente S. Paulo, e muito tempo depois, quando foi fundada a trinta leguas d'ahi a pequena povoação de Taubaté, a maior parte dos seus descendentes procurou ahi um asylo. Estes levaram para alli o odio dos paulistas que lhes havia legado seus paes, e transmittiram-n'o fielmente á posteridade. Elle subsiste ainda hoje ; sómente o tempo que tudo consomme, mudou-o em uma simples antipathia, cuja causa as duas povoações teriam difficuldade em precisar.

Quanto ao ouro dos Pinheiros, jaz no lugar em que foi abandonado, e os genios do deserto tem-n'o guardado tão

bem, que nunca homem algum se gloriou de tel-o descoberto. E como si elle tivesse de ser fatal até ao fim aos paulistas, custou-lhes depois mais sangue do que o que foi derramado na refrega de que acabamos de fallar. Durante quasi um quarto de seculo, este novo tosão de ouro tornou-se o objecto das ardentes pesquisas de uma multidão de aventureiros. Dizer quantos juncaram com seus ossos as florestas virgens do Brasil, e quão poucos tornaram a vêr as margens de Piratininga, seria inutil depois do que precede. S. Paulo acabaria por ficar despovoado n'esta vã perseguição, si os magistrados não tivessem usado de todo o seu poder para dar-lhe um fim ; e mesmo os seus esforços teriam sido inuteis sem a superstição que os auxiliou. Não vendo voltar quasi nem um dos que se internavam no deserto em busca do thesouro, o povo acabou insensivelmente por acreditar que estava encantado. Ainda hoje vos dirá que certos passaros que, nas florestas, perseguem o viajante com seus gritos, são as almas dos que pereceram n'estas tentativas, e que previnem assim os viandantes para não imital-os.

TH. LACORDAIRE.

(Trad. por J. R. A. M. F.)

TROVA POPULAR

Chiquinha, meu bem Chiquinha,
cravo de Nosso Senhor,
si Chiquinha fosse padre
seria meu confessor.

MUITA ATENÇÃO!

Ao Commercio e aos Srs. Chefes de Familia

As explosões, incendios, mortes e outros desastres provenientes de um descuido, ou mesmo de algum golpe de ar com o kerosene commum, só se pôde evitar usando-se nos estabelecimentos commerciaes e casas particulares o mais acreditado kerosene inexplorivo desinfectado e colorido, privilegiado e premiado, denominado—*Sálva vidas e propriedade*, de Coral & Cardoso.

As vendas d'este kerosene são garantidas por não haver possibilidade alguma de quem o usar ser victima de qualquer sinistro.

Deposito geral na Côrte, travessa de Santa Rita n.º 16—Coral & Cardoso.

Em S. Paulo (Capital), Lebre, Irmão & Sampaio—e Peixoto, Estella & C.^a, (casa dos Quatro Cantos).

Em Santos, Ferreira de Souza & Peixoto.

Em Campinas, Souza Teixeira & C.^a

O RABULA

Não tem pelos *formados* *sympathia* ;
Usa cartola em dias de audiencia,
Trajando fato preto, por decencia,
Faz guerra sempre ao sello e á orthographia.

Traz *nariões de cêra* em quantidade
Nas mais altas questões fazendo vasa,
E sendo escravagista em sua casa,
Canta *idyllios* na rua, á liberdade :

Uma questão pendente sempre a braços ;
Bate palmas nas boas decisões,
Que apertam-n'ó ao cliente em *doces laços* :

Eis o homem das taes ordenações,
E si dou d'elle aqui ligeiros traços...

(*Chapa*)

Salvo tambem honrosas excepções.

Paraiso, 18 de Junho de 1883.

A. DANIEL DO PRADO.

—

A prebidade, disse Blanchard, conduz vagarosamente
ao templo da fortuna.

—

CASA DE CAMBIO

— «:» —

COMPRA-SE E VENDE-SE
OURO E PRATA EM MOEDA

APOLICES DA DIVIDA PUBLICA
ACÇÕES DE BANCOS E COMPANHIAS
LETRAS HYPOTHECARIAS E MAIS
TITULOS

FAZ-SE DESCONTOS

—
AGENCIA DE LOTERIAS

— «()» —

C. TEIXEIRA DE CARVALHO

Rua da Imperatriz n. 52 A

CORREIO, CAIXA 29

S. PAULO

MEDALHA RARA

Os estudos de paleontologia nacional, ainda não merecem as honras, siquer de regulares. Pouco ou quasi nada ha feito n'esse interessante ramo de conhecimentos scientificos. Apesar de possuirmos, por chefe da **nação**, um membro do Instituto de França, estamos mais atrazados que as Republicas Platinas, onde d'Ameghino e outros, fornecem á sciencia descobertas importantes e procedem a investigações notaveis.

O mesmo se póde dizer ácerca da archeologia brasileira, nem ao menos esboçada ainda. Tudo isto vem para servir de desculpa, ao entrar em seara alheia, para que não tenho competencia, noticiando e descrevendo uma interessante medalha, do tempo da catechese dos indigenas pelos jesuitas logo depois da descoberta do Brasil. E' sabido, que logo com Thomé de Souza, primeiro governador do Brasil, vieram tambem quatro padres da Companhia, por ordem do proprio Ignacio de Loyola ; partiram elles de Belem a 1.º de Fevereiro de 1549. D'ahi em deante com mais ou menos regularidade seguiram-se outros missionarios, que espalharam-se pelo interior do novo paiz, a conquistar almas para Christo e ouro para o papa.

Não vem ao caso historiar todos os serviços e abusos que fizeram. Entre as regiões do novo Estado, a capitania de S. Vicente chamou logo a attenção dos jesuitas, e ahí estabeleceram «a casa de S. Paulo de Piratininga, que, conta o padre Domingos de Araujo, foi principio de conversão, assim tambem o foi dos collegios do Brasil.» As diversas tribus que povoavam a actual provincia de S. Pau-

lo, foram visitadas pelos missionarios, e seus chefes receberam em geral o jugo dos jesuitas. Muitas das antigas igrejas que hoje ainda existem em algumas cidades nossas, foram fundadas por elles.

Ao norte estavam os *Guayanazes*, occupando o terreno conhecido por *Icaparé*, onde estão hoje Lorena, Guaratinguetá, Pindamonhangaba e Taubaté; os vestigios d'esses povos e de sua submissão ao christianismo existem até hoje.

Em escavações feitas para a construcção da estrada de ferro do Norte, si me não falha a memoria, encontrou-se em diversos pontos do leito da linha, *igaçabas* e outros artefactos de nossos indigenas, como aconteceu proximo da estação da Aparecida. A cidade de Guaratinguetá ainda hoje tem profundamente impressa na physionomia de grande parte de seus filhos, os traços caracteristicos da raça tupy que primeiro viveu e dominou n'estas paragens.

Em 1880, mandou o Sr. Dr. Raphael Brotero fazer umas escavações em sua chacara situada a margem esquerda do Parahyba, e junto da fóz do ribeirão Guaratinguetá, encontrou entre outros objectos uma grande *igaçaba* de quasi um metro de altura, apresentando na parte superior uma circumferencia de cinco decimetros de diametro. Isto denotava a existencia de um cemiterio indigena alli, e de facto encontrou-se ossos humanos, mas em tal estado de decomposição que reduziam-se a pó ao menor contacto; guardo porém alguns dentes ahi apanhados, e graciosamente dados por esse cavalheiro.

Pena é que não fossem ahi continuadas escavações com o interesse scientifico. E' porém notavel a descoberta de uma medalha, feita no mesmo local e cuja noticia será objecto d'este escripto.

Na Exposição de Historia do Brasil, aberta a 2 de Dezembro de 1881 pela Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro figurou essa medalha. Assim lê-se a pag. 1374 do Vol. II do respectivo Catalogo :

« 16502—SIGNAT. LOYOLA..... A' esquerda o santo voltado á direita de joelhos. No alto da medalha e á direita o symbolo do Espirito Santo. Rs. O mesmo (?) santo, reclinado, com os braços cruzados sobre o peito, e como moribundo. $39 \times 31^{\text{mm}}$. Æ (Dourado). »

E' muito incompleta esta descripção ; e póde-se attribuir a pouca attenção que mereceu esta medalha ao grande material reunido n'essa Exposição e ao trabalho ingente que desenvolveram os benemeritos organisadores do Catalogo, que não tiveram tempo para bem observar aquelle objecto.

Até hoje, que o saibamos, é a unica medalha encontrada no Brasil em um cemiterio indigena. Nem um dos chronistas antigos ou autores modernos referem outro achado semelhante ; esse facto portanto torna-a muito interessante.

Tratemos de dar uma descripção mais minuciosa da dita medalha.

Achamos as seguintes dimensões : 32 millimetros de largura, 40 millimetros de comprimento e 1 millimetro de espessura.

Apresenta em uma das faces, S. Ignacio de Loyola, voltado para a direita de joelhos, tendo a mão esquerda sobre o coração, e o braço direito em meia extensão com a mão voltada, como que para receber o Espirito Santo, que se acha representado no alto da medalha, á direita. Vê-se tambem os algarismos 31, que provavelmente são os ultimos da éra em que foi cunhada esta medalha. No reverso está a figura de um santo reclinado, tendo ambas as mãos sobre o peito. No alto da medalha lê-se claramente : FRAN..... ; o que me leva a crêr que a figura ahi representada é de S. Francisco Xavier, o apostolo das Indias, e não a de Ignacio de Loyola, perfeitamente representada de outro lado. Tem algum fundamento esta opinião, quando imaginarmos ser talvez esta medalha igual a outras que o Instituto de Jesus levava para espalhar por seus catechu-

menos, e servir para trocar com outros productos, como moeda de commercio. Nem tenho competencia na especialidade para elucidar a questão, nem encontrei autor que me esclarecesse a respeito.

Ahi fica a hypothese para que decidam os doutos.

A medalha está muito estragada pela acção do tempo e dos reagentes naturaes que a envolviam. Creio que é de ouro, e não simplesmente dourada, porque submettendo-a á reacção dos acidos azotico e chloridrico, não foi atacada, o que se daria, se fosse de latão, ou de outro corpo que não o ouro ou a platina.

Antes de terminar esta noticia vem a proposito transcrever o que informa Thomaz da Costa Corrêa em uma Memoria dirigida ao Conde de Linhares e que trata das relações dos indigenas com os padres jesuitas, o que tem sua relação talvez com este assumpto.

« Os jesuitas, seus directores espirituaes, diz elle, e temporaes, não só os continham com systemas em que envolviam a religião, como cuidavam do seu augmento, fomentando por todos os modos a agricultura, commercio e a povoação dos campos. Tratavam com equal cuidado o augmento da população, operando os casamentos, construindo casas não ordinarias para sua habitação, tendo hospitaes bem servidos, e, finalmente ao mesmo tempo que com o seu systema nunca tinham ociosos os indios, estes viam os fructos dos seus trabalhos applicados a si mesmos, e á decencia dos templos; artigo que ainda hoje mais prezam. Tiveram aquelles padres a arte de persuadir os indios que elles eram santos, e com effeito, apesar de serem homens como os curas actuaes, a sua conducta publica era bem differente do que observamos hoje n'estes. E' certo que elles, abusando da nimia credulidade dos indios, os persuadiam de muitas superstições, das quaes ainda hoje restam monumentos. Tiravam, v. g., ouro, e conduzindo-o em procissão para a egreja, faziam orações e bençams; e de noute tirando o ouro dos saccos, o substi-

tuiam com veronicas de latão, e persuadiam aos indios que, por effeito das orações e bençãos, Deus tinha feito o milagre de converter aquelle metal em veronicas para objecto de sua veneração. »

A' vista d'isto é permittido perguntar, si a medalha que achou-se é d'esta especie, ou pertence ao numero dos objectos que traziam da Europa para captar a benevolencia, e fazerem permutas com os simples indigenas, tudo *ad majorem Dei gloriam*.

Sirvam estas despretenciosas linhas para ponto de partida, ou incentivo a ulteriores e doutas investigações dos competentes, que darei louvores á minha fortuna e d'essa gloria ficarei satisfeito.

Concluo agradecendo publicamente ao illustre dr. Raphael Brotero, o valioso mimo com que obsequiou-me, e que será collocado no Museu de S. Paulo, si algum dia se achar essa interessante instituição no pé de merecer do publico attenção e puder ser-lhe util.

Possam a proverbial energia e illustração de meus comprovincianos, comprehenderem a necessidade de possuirmos um bom Museu, e descobertas valiosas para nossa historia patria e paleontologia nacional, surgirão com brilhantismo.

São estes os votos que consigno aqui, ao despedir-me do leitor.

Conceição, 13 de Agosto de 1883.

DR. MIRANDA AZEVEDO.

PROVERBIO

Quando dá Deus a farinha
O diabo furta o sacco.

D. DO PRADO.

QUE NOUTE !

A lua com um olho moribundo,
Envolta em grande nuvem funeraria,
Parece uma viuva proletaria,
Sonambula que vaga em céu profundo.

Uiva o cão de uma chacara no fundo
De fórma tão tristonha e mortuaria,
Como a voz da coruja solitaria,
Ou medonho phantasma d'outro mundo !

Notei depois á luz do lampeão
Um desgraçado filho da miseria
Roncando, embriagado, pelo chão.

N'esse fóco de luz tão deleteria,
Vi a filha tambem.... pediu-me pão,
Que noute n'este sec'lo da materia !...

J. A. DE BARROS JUNIOR.

Rio—Novembro, 1879.

PROVERBIO

— Será isto sina minha ?
Disse outro dia o Gregorio,
Só apparecem banquetes
Quando estou de vomitorio !

ORIGENS DA FRANCA DO IMPERADOR

I

A Franca tem a idade do seculo.

Foi originariamente fazenda de um tal Simões, que deu meio quarto de legua em quadro para n'esse terreno fundar-se uma Igreja com a invocação de Nossa Senhora da Conceição. Até então era o logar conhecido pelo nome de—Sertão do capim-mimoso.

Em 1804 apenas contava meia duzia de casas cobertas de capim.

Foram os Mineiros que, nos primeiros annos d'este seculo, começaram a construir habitações e a fixar residencia aqui : buscavam uns mais puros ares e melhor fortuna do que no torrão natal ; fugiam outros da acção da justiça ou da perseguição dos credores, em demanda das bandas do Oeste. Encontrando terras ferteis, apropriadas á cultura e á criação do gado vaccum e cavallar, tomaram posse das bellas e vastas campinas francanas, tão aprasiveis a todo viandante.

Consta que esses primeiros habitantes d'esta zona attrahente quizeram ao principio fundar a povoação no logar chamado Cóvas, onde fizeram uma capellinha. Mas, considerando a penuria de agua potavel, a transferiram para onde se acha, a trez quartos de legua de distancia.

Sita na estrada que então seguía para o Oeste de Minas-Geraes, Goyaz e Matto-Grosso, e servida por excellentes terras, devia attrahir logo a si grande numero de Mineiros, devotados á industria agricola e pastoril, e alguns mascatés e negociantes. Como, de facto, succedeu.

Luiz d'Alincourt, em suas Memorias de Viagens, affirma que o nome de *Franca* provém de ter sidõ este logar aberto a gente de toda casta e nacionalidade, que para elle emigrára.

E' mais aceitavel a versão de Saint-Hilaire, que diz que—os primeiros habitantes foram pôr-se sob a protecção de Antonio José da Franca e Horta (*), com cujo nome, por homenagem e gratidão, chrismaram a nascente povoação.

Manoel Euphrasio de Azevedo Marques aceita esta opinião, dando como origem á Franca «a immigração de aventureiros Mineiros, nos fins do seculo XVIII, os quaes, estendendo-se das minas de Santo Antonio do Rio Verde, hoje cidade da Campanha, vieram assentar morada.»

Saint-Hilaire, que por aqui passou em fins de 1819, assim exprime a agradavel impressão que ao seu espirito atilado de observador causou o aspecto da região :

« A aldêa (*village*) da Franca, onde fiz alto, está amavelmente collocada no meio de vastos pastos, em uma região descoberta, semeada de bosques e cortada de valles pouco profundos. Occupa o centro de um cume largo e arredondado, banhado, de cada lado, por um ribeirão. » E acrescenta :

« Na época de minha viagem não se contavam alli mais de umas cincoenta casas, mas estava já indicado o logar de muitas outras, e era facil vêr que a Franca não havia tardar em adquirir grande importancia. » (**)

Antes, porém, a Franca já era freguezia, desde 1804, divisando de um lado com o magestoso Rio-Grande ; com a freguezia, ou antes, *rancho* de Batataes, por outro.

(*) Antonio José da Franca e Horta foi o 15.º capitão-general d'esta provincia ; tomou posse a 10 de Dezembro de 1802 e serviu até 31 de Outubro de 1811.

(**) *Voyage dans les provinces de Saint-Paul e Sainte-Catharine*, t. I, c. 2, p. 158, edicç. 1851.

Foi elevada a Villa em 1824 por decreto imperial, sob o nome de—Villa Franca do Imperador. (*)

II

Não ha duvidar que os começos da povoação não foram pacificos. Em todo nucleo de fundadores e de colonos encontram-se elementos disparatados e desordeiros. « O heróe... o fundador... deve ser primeiro um homem sem patria e sem lei, um *outlaw*, um banido, » disse Michelet. (**) E si hoje as margens pittorescas e sombrias do Rio-Grande ainda abrigam homens sobre cuja cabeça pende flammejante o gladio da lei, então os criminosos, certos da impunidade, affluam com mais desempenho. Houve rixas ; o sangue correu por mais de uma vez, e por estas planicies sertanejas e encantadoras, echoaram clamores bellicos.

O governador Oeynhausen (***) tomou medidas preventivas contra os crimes que aqui se perpetravam incessantemente e tornavam a Franca o *theatro* assás frequente de

(*) Saint-Hilaire e Manoel Euphrasio. Os autores do *Diccionario do Brasil* indicam (I, p. 375) a data posterior de 1836. Pedro Müller, que residia n'esta provincia, e estava, conseguintemente, no caso de affirmar com pleno conhecimento de causa, admite tambem a data de 1824. (*Ensaio*, 43).

(**) Michelet, *Histoire Romaine*, t. I, liv. 1.^o, c. 1.^o, p. 89.

(***) João Carlos Augusto de Oeynhausen Grevembourg, depois Marquez de Aracaty, tomou posse a 25 de Abril de 1819 e serviu até 23 de Junho de 1821. Foi o 18.^o e ultimo capitão-general, succedendo-lhe o Governo Provisorio, do qual foi elle proprio o Presidente.

conflictos graves, circumdando-a de uma fama nada lisongeira, cuja impressão recrudesceu com as revoltas de Anselmo Ferreira de Barcellos, em 1838—39.

Vinte annos após a reacção de Oeynhausen, depois da elevação aos fóros de Villa, bastava um tiro de bacamarte desfeixado no ar por Anselmo para despertar a sua gente : era este o signal convencionado, e immediatamente acudiam os caboclos do Rio-Grande, armados de garruchas, clavinotes e espingardas, facas e facões ; era um exercito prestes a marchar ao aceno de seu chete, e a bater, Catilina improvisado, ás portas da Franca, inaugurando o reinado do terror.

Em uma longa e curiosa informação prestada ao Presidente, Exm. Dr. José Venancio Lisbôa, pela Camara Municipal, em sessão extraordinaria de 20 de Dezembro de 1838, innocentando a Anselmo, achei as seguintes phrases caracteristicas :

« Povoado este sertão de gentes agricolas... só forasteiros profugos, que aqui paravam algum tempo, é que produziam alguma inquietação e alcunhavam a Franca de revoltosa.

« Para desgraça e atrazo do paiz, que muito ia florescendo, entra na cabeça de alguns inexpertos o elevar este logar á categoria de Villa (para o que nem ainda n'estes quarenta annos será capaz) porque, tendo muita gente boa lhe faltam os predicados de civilisação e instrucção para entrar em cargos de empregos publicos. Créa-se a Villa, attrahem-se tratantes de subtis ardis, affectando conhecimentos de chicanas judiciaes, embrulham os povos, intrigam-os, absorvem seus cabedaes, desgostam-os, e muitos se ausentam ; e vae a população mingando, o commercio definhando, e o terreno cahindo em pobreza... »

Um historiador já citado, amigo d'este paiz, insiste sobre este ponto e emite considerações suggeridas por um estado de cousas por elle presenceado em parte : « Para ser justo, devo dizer, comtudo, que achei nos habitantes da

Franca mais polidez do que nos colonos mais antigos da beira das estradas de Goyaz a S. Paulo. »

O autor falla de pristinas éras, quando a Franca balbuciava o alphabeto da civilisação, e este canto da provincia, privado de vias de communicação, divisa extrema paulista, era tido como um deserto.

III

O sal importado por Santos, e de que se suppriam as duas provincias de Goyaz e Matto-Grosso e parte da de Minas Geraes, era comprado na Franca, que tornou-se o emporio do sal para aquellas provincias, onde o sal extrahido directamente da agua (sal marinho), obteve por toda a parte o nome de sal da Franca, em differença do sal extrahido da superficie da terra.

Continuou o sal a ser o principal genero de commercio da Franca, até á abertura do rio Paraguay á navegação e commercio das provincias brasileiras; depois muito diminuiu, porque desde então em deante toda a provincia de Matto-Grosso e mór parte da de Goyaz começaram a ser suppridas pelo rio, com grande economia para ellas.

Raros eram os operarios e os negociantes. A agricultura como que absorvia todos os braços e as actividades. Só nos domingos é que havia ajuntamento de povo. Os misteres do culto divino entretinham as relações sociaes. Durante a semana, cultivavam a terra, fabricavam tecidos de algodão e de lã e applicavam-se a criar gado, porcos e carneiros. Em 1838 este districto era notavel pela qualidade superior de seu gado, e exportava-o em grande escala para os mercados consumidores, inclusive S. Paulo e Rio de Janeiro. A isto attribuiam os estranhos o facto de estes habitantes quasi não precisarem de escravos. A estatistica do elemento servi! foi sempre diminuta n'este municipio, o é na comarca em geral.

Notavam outra vantagem, consignada em varios escriptores d'aquelle periodo.

Montando sempre a cavallo, por assim o exigir a criação do gado, em campos onde circula um ar livre e puro, conservavam uma saude ferrea, e parece, diz Saint-Hilaire, que em parte nenhuma da provincia se apresentam tantos exemplos de longevidade como no districto da Franca do Imperador.

De facto, em 1838, contava-se, segundo Pedro Muller, sobre 10.664 habitantes, 34 homens livres e 22 escravos, de noventa a cem annos.

Hoje ainda ha macrobios eguaes. O clima excepcional que recommenda esta terra exerce uma influencia benefica sobre o nosso organismo. A Franca está ácima do nivel do mar 1.010 metros : é o ponto mais alto da provincia.

—O *garimpo* das pedras preciosas data de mais tarde. Em 1855 começaram alguns aventureiros a explorar os terrenos adjacentes aos ribeirões Santa Barbara, Sapucahy-mirim e Canôas, á procura de diamantes. D'ahi se formaram as povoações de Canôas e Patrocínio do Sapucahy, hoje freguezias canonicamente providas.

Coincidiu a *febre do garimpo* com a descoberta da Bagagem, cujo minerío ficou celebre pela *Estrella do Sul*, um dos diamantes maiores de que haja noticia, achado por uma pobre escrava, e que deu logar a uma série de peripeccias, ainda não apagadas da memoria dos sertanejos.

Das Canôas, Sapucahy, Sapucahy-mirim e Carmo do Cerrado, d'este termo, extrahem-se diamantes, cujas lavras produzem actualmente, por anno, cem oitavas, que, a preço baixo, valem 30:000\$000.

O processo empregado é dos mais primitivos ; é o mesmo exposto por Sebastião da Rocha Pitta. Não obstante, têm-se extrahido muitas pedras preciosas, e mais se extrahiriam por certo, si houvesse methodo scientifico nas pesquisas do solo e nas lavagens dos rios auriferos e diamantinos.

Os diamantes da Franca, escreveu com razão uma gazeta contemporanea, são preferiveis a quaesquer outros pela pureza da agua.

« Em todos os corregos affluentes do Sapucahy, tiram-se muitas pedras de primeira agua, algumas de tamanho tal que são vendidas em bruto por dous e tres contos de réis. Apparecem mesmo alguns verdadeiros rubis. »

Ha mezes, correu terem descoberto uma lavra riquissima em terrenos particulares, de propriedade da Exma. viuva de João Alexandre Dias. Affluiram os garimpeiros; mas, no melhor da festa, a justiça pôz embargos aos trabalhos, expulsando os garimpeiros.

Não sei o que ha de real quanto ás lavras descobertas ultimamente. E', porém, um prodromo de desordens e demoralisação para certa classe do povo. *Auri sacra fames!*

Falle por nós a sepultura que, na estrada d'esta cidade á villa de Santa Rita do Paraiso, nas proximidades do arraial de S. Sebastião da Ponte-Nova, está a rememorar o assassinato tragico do inditoso Vaz de Mello.

IV

De 1818 a 1823, esta parochia comprehendia cerca de 3.000 habitantes em idade de se confessarem. Em 1838, contavam-se, em todo o termo, 10.664 de toda idade, dos quaes 9.149 livres e 1.515 escravos. Em 1851, só a villa contava 5.000 almas.

Pela lei provincial n.º 7 de 14 de Março de 1839, os termos da Franca e Mogy-mirim formaram uma nova comarca, a setima da provincia, sendo designada a Franca para séde de residencia do juiz de direito, a quem foi marcado o ordenado de 1:400\$000.

Obteve a villa uma cadeira (hoje extincta) de latim e francez, pela lei n.º 3 de 5 de Março de 1849.

Foi elevada á cathegoria de cidade pela lei provincial n.º 21 de 24 de Abril de 1856, conjuntamente com as villas

de Bragança, Constituição e Lorena, sob a presidencia do bacharel formado Antonio Roberto de Almeida.

A freguezia do Senhor Bom Jesus da Canna-Verde de Batataes fôra elevada a villa e cabeça de termo por lei de 4 de Março de 1839, época em que, por causa da *Anselmada*, as desordens da Franca fizeram para ahi emigrar muitos moradores, o que não obstou á absolvição do famigerado caudilho, cuja historia contarei minuciosamente. (*)

Só em 1875 foi elevada á categoria de cidade, pela lei n. 20 de 8 de Abril.—E' cabeça de comarca.

O primeiro officio de tabellião foi creado por acto de um ouvidor e confirmado pelo governo provisorio, por portaria de 31 de Outubro de 1821 ; autorizado pelo governo provincial por portaria de 14 de Outubro de 1824.

O segundo officio data de 1872, lei provincial n. 26 de 27 de Março.

A escrivania de orphams foi creada por acto de um ouvidor, e confirmada pelo governo provisorio, por portaria de 31 de Outubro de 1821, autorisada pelo governo provincial a 14 de Outubro de 1824.

A escrivania do Jury e execuções criminaes, creada por lei de 23 de Dezembro de 1821.

Os officios de partidor, contador e distribuidor são muito mais recentes.

(*) Este escripto é um capitulo, o segundo, de uma monographia, ainda manuscripto, do Sr. Dr. Estevam Leão Bourroul, sobre o *Municipio da Franca*, cuja publicação cede, de summo grado, para este *Almanach Paulista*.

O Revd. Padre Joaquim Martins Rodrigues serviu de Vigario da Franca em primeiro logar. Foi collado desde o dia 15 de Outubro de 1805 até 31 de Dezembro de 1829; assim mais, desde o dia 15 de Setembro de 1844 até 31 de Dezembro do mesmo anno; e desde o dia 19 de Março de 1849 até 31 de Dezembro do mesmo anno.

Foi o primeiro e unico Parocho collado d'esta Egreja, que é uma das mais importantes do Bispado. D'ella tratarei em um capitulo especial, como merece.

A Franca pertenceu antigamente á comarca de Ytú, depois á de Mogy-mirim, depois á de Casa-Branca; ultima e actualmente constitue uma comarca com o termo de Santa Rita do Paraiso, tendo-se-lhe desmembrado Bata-taes, que, com o Cajurú, ficou constituindo outra comarca.

Desde 1842 até 1848 serviu como Juiz de Direito o Dr. José Bernardes de Loyola, n'esta comarca.

O Dr. Manoel Bento Guedes de Carvalho foi o primeiro Juiz Municipal do Termo.

De 1842 a 1853 occupou a cadeira da Promotoria publica o Dr. Martim Gonçalves Gomide.

N'estas paginas apenas trato de origens.

Sinto falta quasi absoluta de documentos originaes.

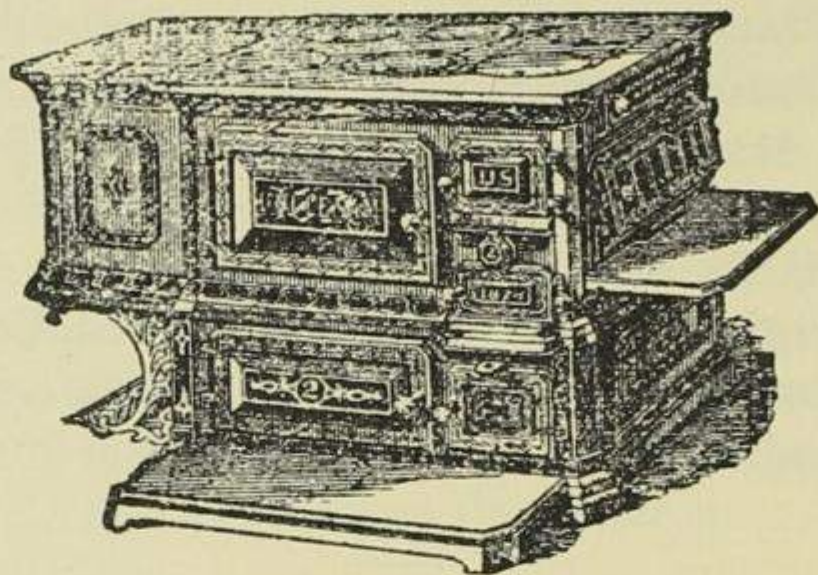
Os autores são ommissos.

As lacunas abundam. Não existem fontes. Nem o livro do Tombo da Matriz! Este sumiu-se, consumiu-se, ha mais de vinte annos.

Máu grado meu, pela força das cousas, sou deficiente. Valha-me a intenção!

Franca do Imperador.—Junho de 1883.

ESTEVAM LEÃO BOURROUL.



FOGÕES

DA MAIS

ACREDITADA FABRICA

DOS

ESTADOS-UNIDOS

DENOMINADOS

UNCLE-SAM

ADAPTADOS ESPECIALMENTE ÀS NECESSIDADES
DO PAIZ E AO CONSUMMO DE LENHA

Já se acham em uso em centenaes de casas de familia no paiz, e, pelo seu excellent trabalho, seu admiravel asseio e sua grande economia, tem dado provas de serem os mais perfeitos fogões que se póde obter.

DEPOSITO

GEORGE HARVEY & SILVA

3 B RUA DA IMPERATRIZ 3 B

A UM ROMANTICO

Tu és um poeta lyrico,
feito de espuma e luar,
sabendo apenas amar. . .
tu és um poeta lyrico.
Mas cuidado, o meio empirico
não mais te póde aturar :
tu és um poeta lyrico,
feito de espuma e luar.

Quebra teu verso, poeta,
atira as pet'las ao vento,
a lyra fez testamento. . .
quebrá teu verso, poeta.
Já morreram na sargeta
os Romeus do sentimento :
quebra teus versos, poeta,
atira as pet'las ao vento.

O sec'lo não quer cantigas,
nem trovadores sombrios !
manda á policia os vadios :
o sec'lo não quer cantigas.
D'aquellas *modas* antigas
mal permite os assobios.
O sec'lo não quer cantigas,
nem trovadores sombrios.

Não vês escadas cahidas
como tranças reluzentes
nos balcões alvos, dormentes. . .
não vês escadas cahidas ;

na pia das Margaridas
não se tocam mãos trementes ;
não vês escadas cahidas,
como tranças reluzentes.

Hoje não sommam-se estrellas,
nem multiplicam-se as flôres...
O orvalho se fez—suores,
hoje não sommam-se estrellas ;
já não se cotam parcellas
dos zeros feitos de amores :
hoje não sommam-se estrellas,
nem multiplicam-se as flôres.

As alavancas do Comte
já deslocaram a base :
—Deus, familia, mundo !—quasi
as alavancas do Comte
torceram sobre o horisonte
a lua, phase por phase :
as alavancas do Comte
já deslocaram a base.

Aprumou-se no infinito
a escada da consciencia ;
frio, o punhal da sciencia
aprumou-se no infinito !
e em seu throno de granito
degolou a providencia...
Aprumou-se no infinito
a escada da consciencia...

Expulso Deus, fica o verme !
tirada—a cruz deixa cova ;
mas o homem se renova...
Expulso Deus, fica o verme.

Se infiltra sob a epiderme
do mundo uma arteria nova :
expulso Deus, fica o verme !
tirada, a cruz deixa cova !

Não ha mais crianças núas
erguendo as mãos maguadas
para as esmolas choradas...
Não ha mais crianças núas.
Derreteram-se as gazuas
da porta das engeitadas...
Não ha mais crianças núas
erguendo as mãos maguadas...

Depois que arrancou-se o Christo
das brancas mãos descahidas
das virgens adormecidas...
depois que arrancou-se o Christo,
não mais se encolhe Mephisto
na porta das Margaridas,
depois que arrancou-se o Christo
das brancas mãos descahidas.

Hoje o burguez dorme farto,
alegre, o ventre encurvado ;
não tem o somno cortado,
hoje o burguez dorme farto.
Não lh'entra mais pelo quarto
o velho susto embuçado ;
hoje o burguez dorme farto,
alegre, o ventre encurvado.

.

S. Paulo—1881.

DR. BRAZILIO MACHADO.

A decorative border of various flowers and leaves surrounds the text. The flowers include sunflowers, daisies, and roses, with some buds and leaves interspersed.

CASA DE COMMISSÕES

S. PAULO

RUA DA ESTAÇÃO
N.º 12 A

GRANDE DEPOSITO

DE

MATERIAES PARA OBRAS

Telhas nacionaes e francezas,
cal, ripas de palmito,
pranchões, taboas e forro
de pinho suecco
e americano

*Encanamentos nacionaes e
estrangeiros*

CIMENTO PORTLAND, MARCA ESTRELLA

GRANDE

DEPOSITO DE SAL

CARROS DE PRAÇA

Data de 21 de Agosto de 1865 a introduccão de carros de aluguer, estacionados em logar publico. Foi o Sr. Donato Severino, italiano, o que primeiro os estabeleceu. Eis o annuncio que esse senhor fez publicar no *Correio Paulistano* de 22 de Agosto do mesmo anno.

« PROGRESSO

O abaixo assignado participa ao publico, e particularmente a seus freguezes que, do dia 21 d'este mez em deante, tem carros e tilburys para aluguer, estacionados em o largo da Sé, onde pódem ser procurados para qualquer serviço. Em quanto não houver um regulamento da policia, ou postura a respeito, e nem fôr approvada uma tabella especial, previne o mesmo abaixo assignado que vigorarão os preços seguintes :

Carros—dentro das pontes, e pela primeira hora, preenchida ou não—3\$000.

D'ahi por deante, cada hora excedente—2\$000.

Fóra das pontes

Preço convencionado com os cocheiros.

Tilburys—por hora—1\$000.

Qualquer que seja o tempo, quer para os carros quer tilburys, que exceda a hora anterior vencida, obriga a todo pagamento devido pela hora que tiver começado, embora não a preencha.

DONATO SEVERINO. »

A VILLA QUEIMADA

Contam que em tempos remotos existíra uma povoação a quasi duas leguas de distancia da actual cidade de Queluz, que se havia convertido em verdadeiro covil de malfeitores, pois ahi se domiciliava grande numero de criminosos, refugio d'esses exploradores das minas de ouro que, faltando-lhes este recurso, se haviam tornado os industriosos do roubo e do assassinato. Entregavam-se elles a toda a casta de torpezas, apanagio de uma vida licenciosa, entretendo-se ao jogo e vivendo a maior parte d'elles em mancebia, e affrontando com a maior impunidade as leis, o decoro e a religião.

O sacerdote a quem estava confiada a guarda de tão indisciplinado rebanho aconselhava-os, firmado nos preceitos que recommenda a moral e o evangelho, a que abandonassem tão torpe e nefando viver, sem o que elle os não poderia absolver de seus crimes nem ministrar-lhes a communhão, que algumas vezes tinham exigido ameaçando-o de morte. Estás exhortações porém, longe de os encaminhar na senda da virtude, mais os exacerbavam em sua crueldade, a ponto que um dia, amarrando o pobre Vigario a um poste, o açoutáram como phariseos no meio de uma praça publica.

Não sei até que ponto possa ser verdadeira esta legenda; porém o que affirmo, é que o bispo de S. Paulo mandou recolher as santas imagens a Lorena, e as casas e o templo foram reduzidos a cinzas para que não ficasse memoria de tão execravel povoação.

E ainda hoje se vê n'este sitio um madeiro tosco, pedestal da cruz que ainda ha poucos annos se levantava solitaria no meio d'estas ruinas.

1860.

E. A. ZALUAR.

« DO MONSTRO MARINHO QUE SE MATOU NA
CAPITANIA DES. VICENTE NO ANNO DE 1564 »

Meu caro Lisboa

E' bem possivel que a maior parte dos leitores do seu interessante Almanach (cousa que apeteço-lhe em larguissima escala), e que até V. proprio, não obstante o cultivado espirito que folgo de reconhecer-lhe, não saibam quem foi Pero de Magalhães de Gandavo, visto como bem poucos são aquelles que gostam, hoje em dia, das antigualhas referentes ás cousas patrias. Si, de maravilha, assim é, permitta que lh'o diga nas duas palavras que ahi vão, que, de resto, e segundo penso, é tudo quanto a seu respeito se sabe :

Pero de Magalhães de Gandavo, no dizer de Barbosa Machado, o douto autor da *Bibliotheca Lusitana*, que ainda assim pouco se espraizou á sua conta,—nascera em Braga pelo correr do decimo sexto seculo, viéra ao Brasil, demorando-se aqui alguns annos, e voltára á patria, abrindo escola publica entre Douro e Minho, onde casára, e, finalmente, conclue Barbosa Machado,—era insigne humanista e excellente latino.

Da vida do homem é isto apenas o que se sabe, e da sua prosapia só ficou para a Historia a certeza de que era filho de um flamengo de Gand, de onde lhe proviéra o nome de Gandavo, e... nada mais.

Ora, este Pero de Magalhães de Gandavo tem, ou deve ter, para nós paulistas, um merecimento que não é sóme-

nos, por isso que foi o primeiro homem que pôz em lettra redonda a mais antiga noticia que se conhece sobre a capitania de S. Vicente, que, como sabe o meu illustre amigo, abrangia, no dizer de Frei Gaspar da Madre de Deus, o mais sabio e sisudo historiador destas paragens, « os governos geraes de Minas-Geraes, Goiazes, Matto-Grosso, S. Paulo e Rio de Janeiro, e tambem os subalternos de Santa Catharina e Rio Grande de S. Pedro. »

Assim é que diz elle, o Gandavo e não o Frei Gaspar, no prologo com que abre a sua HISTORIA DA PROVINCIA DE SANTA CRUZ, QUE VULGARMENTE CHAMAMOS BRAZIL :

« A causa principal que me obrigou a lançar mão da presente historia e sahir com ella á luz, foi por não haver até agora pessoa que a imprendesse, havendo já setenta e tantos annos que esta provincia é descoberta. »

E o caso é que o apparecimento d'este curioso, posto que breve e deficiente escripto, em uma época em que a instrucção não andava, como hoje, a troco de barato, foi de tamanha nota, e vulto, que chegou a merecer do immortal autor dos *Luçiadadas* uns tercetos que começam assim :

- « Depois que Magalhães teve tecida
- « A breve historia que illustrasse
- « A terra Santa Cruz pouco sabida, etc.

Ora, é n'este opusculo de Gandavo que vem a curiosa narração *do monstro marinho que se matou na capitania de S. Vicente no anno de 1564.*

Ao que parece, e a julgar pela descripção, o animal que tanto impressionou os habitantes da vetusta villa de Martim Affonso, ao ponto de merecer que com elle tão detalhadamente se occupasse Pero de Magalhães, não foi sinão uma phoca, mamifero carnivoro da tribu dos amphibios, e que, como é sabido, vem ás praias não só para respirar mais a gosto, como tambem para dormir e até para amamentar.

Como o monstro de que se trata tinha, no dizer de Gandavo, quinze palmos de comprimento, é provavel que fosse um individuo do ramo *monachus*, phoca-monge, de dorso negro e barriga branca, que são as que attingem aquella dimensão.

Assim como n'aquelles primitivos **tempos** as balêas, cachalotes e outros cetaceos eram **frequentes** nas costas brasileiras, então completamente **ermas**, silenciosas e não sulcadas por navios e vapores, assim **tambem**, e pela mesma razão, as phocas, tartarugas e outros **amphibios** deviam egualmente n'ellas abundar.

Como quer que seja, e para não **me alongar** mais, ahi vae a narração de Gandavo, que além **do mais**, é adubada com aquelle saboroso e picante **estyllo quinhentista** que o meu illustre amigo e eu tanto apreciamos.

Agosto de 1883.

R. M.

« DO MONSTRO MARINHO QUE SE MATOU NA
CAPITANIA DE S. VICENTE NO ANNO DE 1564

« Foi couza tam nova e tam desuzada aos olhos humanos a semelhança daquelle fero e espantoso monstro marinho que nesta provincia se matou no anno de 1564, que ainda que per muitas partes do mundo se tenha já noticia delle, nam deixarei todavia de a dar aqui outra vez de novo, relatando por extenso tudo o que acerca disto passou: porque na verdade a mayor parte dos retratos, ou quasi todos em que querem mostrar a semelhança do seu horrendo aspecto, andam errados, e alem disso, contase o successo de sua morte por differentes maneiras, sendo a verdade uma só, a qual é a seguinte:

« Na Capitania de Sam Vicente, sendo ja alta noite a horas em que todos começavam se entregar ao sono acer-

tou de sair fora de casa uma India escrava do capitão : a qual lançando os olhos a huma varzea que está pegada com o mar, e com a povoação da mesma Capitania, vio andar nella este monstro movendose de huma parte para outra com passos e meneos desusados, e dando alguns urros de quando em quando tam feos, que como pasmada e quasi fora de si se veo ao filho do mesmo capitão, cujo nome era Baltezar Ferreira, e lhe deu conta do que vira parecendolhe que hera alguma visão diabolica ; mas como elle fosse nam menos sezudo que esforçado, e esta gente da terra seja digna de pouco credito, nam lho deo logo merito ás suas palavras e deixandose estar na cama, a tornou outra vez a mandar fora disendolhe que se afirmasse bem no que era. E obedecendo a India a seu mandado, foy : e tornou mais espantada ; afirmandolhe e repetindolhe uma vez e outra que andava ali huma couza tam fea, que nam podia ser senam o demonio. Entaô se levantou elle muy depresa e lançou mão a uma espada que tinha junto de si com a qual botou somente em camisa pela porta fora, tendo para si (quanto muito) que seria algum tigre ou outro animal da terra conhecido, com a vista do qual se desenganasse do que a India lhe queria persuadir, e pondo os olhos naquella parte que ella lhe assinalou vio confuzamente o vulto do monstro ao longo da praya, sem poder devisar o que era, por causa da noite lho impedir, e o monstro tambem ser coisa nam vista e fora do parecer de todos os outros animaes. E chegandose um pouco mais a elle, pera que melhor se pudesse ajudar da vista, foi sentido do mesmo moustro : o qual em levantando a cabeça tanto que o vio começou a caminhar pera o mar donde viera.

Nisto conheceu o mancebo que era aquillo coisa do mar e antes que nelle se mettesse, acodio com muita pressa a tomarlhe a dianteira, e vendo o monstro que elle lhe embargava o caminho, levantouse direito pera cima como um homem ficando sobre as barbatanas do rabo, e estando assi a par com elle deolhe uma estocada pela bar-

riga, e dandolha nã mesmo instante se desviou pera uma parte com tanta velocidade, que nam pôde o monstro levalo debaixo de si ; porem nam pouco afrontado, porque o grande torno de sangue que sahio da ferida que lhe deo no rosto com tanta força que quasi ficou sem nenhuma vista : e tanto que o monstro se lançou em terra deixa o caminho que levava e assi ferido hurrando com a boca aberta sem nenhum medo, remeteo a elle, e indo pera o tragar a unhas e a dentes deolhe na cabeça uma cotilada muy grande, com a qual ficou ja mui debil e deixando sua vã porfia tornou entam a caminhar outra vez para o mar. Neste tempo acodiram alguns escravos aos gritos da India que estava em vella : e chegando a elle o tomaram todo ja quasi morto e dali o levaram dentro á povoaçam onde esteve o dia seguinte á vista de toda a gente da terra. E com este mancebo se aver mostrado neste caso tam animoso como se mostrou, e ser tido na terra por muito esforçado sahio todavia desta batalha tam sem alento e com a vizam deste medonho animal ficou tam perturbado e suspenso, que perguntandolhe o pay, que era o que lhe havia sucedido nam lhe pôde responder, e assi como assombrado sem fallar cousa alguma per um grande espaço. O retrato deste monstro he este que no fim do presente capitulo se mostra, tirado pelo natural. Era quinze palmos de comprimento e semeado de cabelos pelo corpo, e no focinho tinha umas sedas muy grandes como bigodes. Os Indios da terra lhe chamam em sua lingua Hipupiara, que quer dizer demonio d'agoa. Alguns como estes se viram ja nestas partes, mas acham-se raramente. E assi tambem deve de haver outros muitos monstros de diversos pareceres, que no abismo desse largo e espantoso mar se escondem, de nam menos estranheza e admiraçam : e tudo se pode crer por difficil que pareça ; por que os segredos da natureza nam foram revelados todos ao homem, pera que com razam possa negar, e ter por impossivel as cousas que nam vio nem de que nunca teve noticia. »

INFLUENCIA PERNICIOSA DO ESCRAVO

Em um notavel artigo, publicado na *Provincia de São Paulo*, de 11 de Agosto de 1883, sob a epigraphe *O Abolicionismo*, escripto pelo importante e illustrado fazendeiro d'esta provincia, Sr. Dr. Rafael Aguiar Paes de Barros, avançam-se algumas judiciosas proposições, relativas á influencia que o escravo exerce sobre grande parte da sociedade brasileira.

Exprimindo ellas uma verdade incontestavel, convém registral-as n'este livro como mais um solemne protesto lavrado contra a ignominiosa escravidão :

Eis o topico a que nos referimos :

« Em geral o fazendeiro é muito rispido no trato para com seus empregados. Rispidez esta que vem do habito de só dirigir escravos. Habitudo a ter sempre deante de si um homem machina, o fazendeiro quer na fazenda levar tudo aos gritos e com rispidez.

Aos que estranharem minha franqueza, apenas responderei que sou fazendeiro e que tenho estado em diferentes fazendas da provincia ; por isso fallo com conhecimento de causa.

Os modos asperos que se notam mesmo em nossas melhores sociedades, vêm do contacto com escravos. A cada passo vê-se um homem de boa sociedade responder a um amigo de modo aspero e mesmo grosseiro. Qual será o motivo ? Será defeito de educação ? Não ; é o habito de fallar ao escravo sempre com imperio, que nos dá um modo imperioso e aspero. Quem aqui reside não nota, por ser geral

o defeito, para os que vêm da Europa é que torna-se elle sensível.

A cada passo um trabalhador ou um colono deixa uma fazenda, apezar do bom lucro que ahi auferia, pela asperidade com que era tratado pelo fazendeiro. Esta asperidade o fazendeiro ha de ir perdendo, á proporção que fôrem se passando os annos do periodo da servidão. »

PROVERBIOS

Eram dous os aggressores ;
Mas dou a Deus mil louvores,
Porque levava seis tiros
Por mim mesmo carregados :
Não reflecti, nem pasmei,
Quando á pressa disparei...
— O revolver ?

— Não :

Por uma bemdita estrada,
Que me salvou da emboscada.

×

Valente é aquelle que corre.

D. DO PRADO.

TROVA POPULAR

O sol já se vae sumindo
para mais penas me dar :
eu não posso te vêr triste,
quanto mais te vêr chorar !

VASELINE



POMADA

DOS FABRICANTES

CHEREBRUGH, MANUFACTURE & C.

Essencia de Petroleo

pura e altamente concentrada; refinada
sem distillação e sem agentes chimicos

A MAIS HYGIENICA

e perfeita para uso dos cabellos.

Promove seu crescimento abundante e
sem caspa.

Tambem é utilissima contra os defeitos
da cutis e um emoliente sem igual.

Em pacotes de côr azul!

A' venda na drogaria de

João Candido Martins & C.^a

38 RUA DE S. BENTO 38

BREVE NOTICIA SOBRE O MUNICIPIO DO TIETÉ E SUA PAROCHIA

Tieté (Cidade do)—Povoação situada em uma eminencia um pouco elevada, a ONO da capital, á margem esquerda do rio que lhe dá o nome e do ribeirão, antigamente do Crusçá e hoje da Serra, no bairro do Pirapora, nome de uma cachoeira de forte correnteza, semeada de ilhotas de pedras, a 4 kilometros e 950 metros da povoação.

Quando arraial teve o nome de Crusçá em consequencia de uma cruz, aberta como por obra de arte em um escarpado rochedo á margem do rio pelo lado esquerdo, a 3 e meio kilometros de distancia.

Como freguezia e villa vigorou com o nome de Pirapora, sendo mudado para o que persiste desde que foi elevada a cidade.

Diversas sesmarias, concedidas por cartas regias no fim do seculo passado, constituem o municipio na sua quasi totalidade, havendo poucas fazendas de lavoura em terras de posse, propriamente dita.

Em principios do seculo presente os primeiros povoadores do bairro do—Mandyssununga—, João de Oliveira, Vicente Leme do Amaral, alferes José Antonio Paes e mais alguns pequenos lavradóres do bairro dos Pilões, formaram um arraial na parte que hoje comprehende desde a igreja matriz até o rio, e em o anno de 1811 impetraram a creação de parochia, a qual teve logar no mesmo anno por alvará regio datado de 3 de Agosto. Até então celebravam-se os officios divinos em uma casa para esse fim provisoriamente construida na rua do Porto-Geral, fóra do alinhamento

mento, até a conclusão das obras da actual matriz em 1818, começadas em 1816.

Do livro do Tombo da parochia consta o alvará regio para a sua criação, cujo conteúdo textual é o seguinte :

« Eu, o Principe Regente de Portugal e do Mestrado, Cavallaria e Ordem de Nosso Senhor Jesus Christo. Faço saber que, representando o Reverendo Bispo de S. Paulo, do meu Conselho, a necessidade que havia de erigir-se uma nova Freguezia com a invocação da Santissima Trindade, no bairro do Pirapora d'aquelle Bispado, desmembrando este territorio da Freguezia de Porto-Feliz; instruindo aquella representação com um requerimento que para este fim lhe fizeram os moradores do mesmo bairro, em que lhe expunham que, vivendo separados da Igreja Matriz por espaço de cinco legoas pelo caudaloso rio Tieté, o que os privava dos soccorros espirituaes, que não podiam obter muitas vezes que lhes eram necessarios, e, vista a resposta do Parocho respectivo e a dos Procuradores, Geral das Ordens e da minha Real Corôa e Fazenda, que tudo subio á minha Real presença em consulta do Tribunal da Meza da Consciencia e Ordens: hei por bem conceder aos moradores sobreditos do bairro do Pirapora a criação de uma nova Freguezia no mesmo bairro com a invocação da Santissima Trindade, desmembrando-a da Freguezia de Porto-Feliz. Pelo que mando ao Reverendo Bispo de São Paulo, do meu Conselho, que assigne os limites que lhe parecerem mais justos e proprios á nova Freguezia que porá a concurso na forma do Alvará das Faculdades. Este se cumprirá, etc., etc. »

N'este mesmo anno de 1811 foi nomeado vigario da freguezia o Padre Manoel Paulino Ayres, que desvelou-se em prover a egreja de moveis e alfaias, sendo os seus esforços secundados pelos do alferes José Antonio Paes, João de Oliveira, Vicente Leme do Amaral e sua mulher Dona Joana de Arruda, e mais tarde por outros, entre os quaes maisse distinguiram o alferes Francisco Antonio de Souza

Joaquim Homem Ribeiro, D. Maria Magdalena e o capitão Joaquim da Silveira Goulart, então negociante no Rio de Janeiro.

O zelo e cuidado com que desempenhou as obrigações de seu sagrado ministerio o vigario Padre Manoel Paulino Ayres, foram louvados pelo visitador d'esta e outras freguezias do bispado, o Dr. Antonio Joaquim de Abreu Pereira, por occasião de sua visita a esta freguezia em 21 de Setembro de 1814.

O patrimonio da freguezia consta de terras doadas por Pedro Vaz de Almeida e alferes José Antonio Paes em uma extensão de mais de dez mil braças quadradas.

Os primeiros que impetraram a concessão de sesmarias, que constituem as terras do municipio, foram o alferes José Antonio Paes e D. Maria Luiza de França, e mais tarde o coronel Luiz Antonio de Souza Barros, Miguel João de Castro, tenente João Manoel Gil Ferreira, Francisco Martins Bonilha, Antonio Corrêa de Moraes, Antonio da Silva Leite e o coronel Francisco Corrêa de Moraes; e os primeiros povoadores que affluiram ao municipio, attrahidos pela fertilidade dos terrenos, foram—no bairro do Mandyssununga—João de Oliveira, Vicente Leme do Amaral e alferes José Antonio Paes; no do Pirapora, Mathias Teixeira da Silva; no da Praia-grande, capitão Joaquim Corrêa Leite Moraes e Joaquim José de Mello; no do Garcia, José Joaquim Corrêa da Rocha; no do Sapopemba, Joaquim Mariano de Almeida; no do Jaguaquara, Antonio Corrêa de Moraes; no do Capivary-mirim, Joaquim Rodrigues Leite, Joaquim Pires de Almeida, Salvador Corrêa de Moraes e tenente Raphael de Moura Campos; no das Pederneiras, o capitão Antonio José Leite da Silva, Joaquim da Silva Leite, Joaquim Alves Rodrigues, Antonio Peixoto de Azevedo, D. Maria Rodrigues Leite e José Cardoso Pimentel; no da Forquilha, Pedro Vaz de Almeida, tenente João Manoel Gil Ferreira; no do Rio de Sorocaba, tenente Domingos de Almeida Campos, Manoel Martins

Bonilha, Miguel João de Castro, capitão Francisco de Paula Leite e Arruda, Joaquim Vaz de Almeida, alferes Francisco Antonio de Souza, José Custodio de Almeida Lima, e Joaquim Bento Raymundo de Almeida Lima, e no do Ribeirão da Onça, José Corrêa de Toledo, Joaquim Pereira de Almeida e tenente Joaquim de Almeida Leite Moraes.

Fundaram-se então muitos engenhos para o fabrico de assucar e aguardente, cujo numero em 1845 attingiu a 42, não obstante ter sobrevindo em 1839 uma epidemia de sezões e outras febres de máu character, que ceifaram centenas de vidas, e, ainda que temporariamente, embaraçaram a corrente dos que buscavam terras mais ferteis e em maior extensão para n'ellas se estabelecerem, de preferencia nas margens do Tieté e Sorocaba, onde com mais frequencia e intensidade reinaram taes febres.

Esta epidemia e que até ha pouco tempo tem-se reproduzido em um ou outro anno, com menos intensidade, porém, foi denominada e até hoje é lembrada pelo nome de —peste grande.—Um facto deu-se então no bairro da Agua Branca, digno de notar-se e de profunda lastima: moravam em uma pequena casa Salvador dos Santos e sua mulher, que tinha uma criança de cerca de um anno, que ainda amamentava-se; sendo atacados da molestia, succumbiram ambos em uma noute e em uma só cama, sendo n'outro dia achados por um visinho n'este estado, restando apenas a creança viva, que ainda estava sugando o leite de sua mãe morta!

E' egualmente digno de nota o nome de um velho fluminense, que residia já ha muitos annos n'este municipio, e que prestou serviços consideraveis, praticando actos os mais justificativos de caridade. Era elle o Sr. Joaquim Pimenta Ferreira de Laet, homem de uma notavel intelligencia, de muito tino medico e de espirito muito perspicaz. Dando-se sempre ao exercicio da medicina, era de uma reputação inabalavel; restituiu a vida a centenaes de pessoas, mas afinal teve de pagar o seu tributo: veio a falle-

er da molestia reinante a 31 de Maio de 1839, deixando no Rio de Janeiro um casal de filhos, descendendo de um d'elles o talentoso Dr. Carlos Maximiano Pimenta de Laet, distincto professor do Collegio de Pedro II e da Escola Normal e escriptor do folhetim chronica—Microcosmo—do *Jornal do Commercio*.

O municipio é regado pelos rios—Tieté, Sorocaba e Capivary. O primeiro, no municipio, corre em diversos rumos ; descreve immensas sinuosidades ; tem em seu leito ilhas mais ou menos grandes e no percurso de quinze a vinte leguas dez cachoeiras na ordem, que se segue : Pirapora-pequeno, Pirapora-grande, Bijuhy, Pilões, Garcia, Mathias Peres, Itapêma, Itapêma-mirim, Pederneiras e Itahy. D'estas, a mais notavel é a do Pirapora-grande, onde é forçoso ás embarcações ou canôas, que por ella passam, ter dobrado numero de remeiros e serem puchadas a cirga.

Pela margem direita recebe o rio de Capivary, os ribeirões do Piracambucú, do Mancio, da Praia-grande, do Capivary-mirim, das Pederneiras, da Pedra-grande, do Ponce e da Giboia, que traça os limites com Piracicaba— ; pela esquerda o Rio de Sorocaba e os ribeirões do Mandysununga, da Serra, outr'ora Crusçá, da Onça, do Taquaranchim, do Pará e do Laranjal.

O Rio de Sorocaba entra no municipio vindo do lado do Sul e percorre uma extensão de mais ou menos dez leguas até a sua embocadura no Tieté. O que ha de mais notavel em seu curso, no municipio, são dous saltos : um na fazenda do Tenente Coronel Joaquim Pires Corrêa e outro mais abaixo em terras do mesmo, denominado Juru-mirim, cujas alturas e cuja abundancia de agua, demandando pequenos serviços de arte para o encanamento, prestam-se ao estabelecimento de machinas, como de tecidos, etc., etc.

O rio de Capivary, baixo e encachoeirado, mas sem maior altura, percorre, no municipio, uma extensão de mais ou menos oito leguas, e só póde ser navegado em occasião de cheia por pequenas canôas.

No bairro das Pederneiras, em uma bacia formada em frente á cachoeira do mesmo nome, por uma exploração feita pelo celebre engenheiro, o Dr. Rath, já fallecido, se diz existir, á margem direita do Tieté, jazidas de carvão mineral, visto que extrahiui amostras que o indicava. Não levaram a effeito esta exploração por ter fallecido o Dr. Rath e por absolutamente faltarem os meios ao socio Antonio Joaquim Alves Costa.

A Cidade, além da Igreja Matriz, possúe outra de S. Benedicto, fundada pela respectiva irmandade e pelos esforços do Sr. Prudente Floriano da Costa e Padre Francisco da Costa Araujo e Mello.

Freguezia, foi elevada a villa por lei Provincial de 8 de Março de 1842, e a Cidade por outra de 19 de Julho de 1867. As suas ruas são, em geral, mal alinhadas e mal calçadas ; as casas, pela sua maior parte, terreas, possuindo, entretanto, um edificio, que com alguns concertos que demanda, tornar-se-ha muito importante, que é o que serve de cadêa e casa da Camara.

Dista da Capital 178 kilometros e dos municipios com os quaes divide, a saber : de Tatuhy 39 e meio kilometros, de Porto-Feliz 29 e meio, de Capivary 29 e meio, de Piracicaba 46 e meio e de Botucatú 92.

A população do municipio eleva-se a mais de 11.000 almas, sendo cerca de 2.000 escravos; eleitores 115 e fógos 167.

A divisa do municipio com os seus limitrophes consta das Leis Provinciaes de 22 de Abril de 1863, de 14 de Março de 1865, de 15 de Junho de 1869 e de 16 de Abril de 1869.

A exportação para 1884, comprehendendo café, assucar e outros generos, é calculada em mais de mil contos de réis e a importação, inclusive machinas de lavoura, em mais de seiscentos. Ha um numero de lavradores, que attinge a 73 para a lavoura de café, possuindo, entre cafeeiros formados e por formar, aproximadamente, tres milhões de pés, cuja safra de 1884 a 1885 calcula-se

que attingirá a 150.000 arrobas e 23 lavradores de canna de assucar, cuja safra, termo medio, 50.000 arrobas, e 2.500 cargueiros de aguardente.

O balanço da receita e despesa da Camara Municipal no exercicio que findou, de 1882—1883, demonstrou ser o arrecadado rs. 13:720\$500, despendido rs. 13:592\$600 e saldo para conta nova rs. 128\$200.

A industria rural do municipio consiste em canna, café, arroz, milho, fumo, etc. A começar de 1871, fizeram-se diversos ensaios e tentativas para a aclimatação de uvas para o fabrico de vinho, e este genero de agricultura progride, porque, termo medio, já se fabricam cem pipas.

As terras rôxas no municipio são de duas qualidades: a de pedra de ferro, que contém arêa preta ou esmerim e a de pederneiras, que, ao que parece, na provincia só existe n'este municipio, Capivary e Piracicaba.

Ao Sul da Cidade está, em seus sub'urbios, assentada a estação terminal da linha ferrea Sorocabana, uma das mais elegantes pela fórma, no interior da Provincia, sinão a mais e com todos os commodos necessarios.

O trem regular parte todos os dias ás 9 horas da manhã para São Paulo, e de volta chega ás 5 horas da tarde.

Tieté, 10 de Agosto de 1883.

FRANCISCO CORRÊA DE ALMEIDA MORAES.

PROVERBIOS

Nunca o Fonseca deixou
De ser grande comilão,
Lá chegou, porém, um dia
Que morreu de indigestão.

×

Quem porfia mata caça.

A. DO PRADO.

TRADE MARK
VALVOLINE

MARCA REGISTRADA
AZEITE PARA MACHINAS

O melhor e mais economico lubrificante conhecido. Os azeites de sêbo, graxa, etc., etc., corrompem e destroem o metal, devido aos acidos estearico, margarico e oleoso, que os oleos d'esta classe contém.

As informações dos chimicos, depois de uma prolongada analyse, manifestam que a **Valvoline** não contém acidos nem absorve o oxigenio, e por conseguinte não póde oxidâr nem corroer a cavilha mais fina, pelo contrario a conserva em perfeito estado como si estivessem endurecidas.

**COPIA DO PARECER DA COMMISSÃO DO
CENTENARIO DOS ESTADOS-UNIDOS**

O azeite **Valvoline** para cylindros se recomenda pela sua pureza e alta temperatura a que resiste ao fogo e pelas suas excellentes propriedades como lubrificante.

JUIZES :

C. A. Joy, Collegio de Columbia, New-York.

J. A. Gent, Universidade de Pensylvania.

Rodolpho von Wagner, Allemanha.

Professor C. J. Chandler, New-York, examinador chimico.

Usado exclusivamente na esquadra ingleza, pela estrada de ferro D. Pedro II, typographia do *Jornal do Commercio*, corpo dos bombeiros da Côrte e empresa da Luz Electrica de Campos.

Agente em S. Paulo

F. UPTON & COMPANHIA

29 RUA DA IMPERATRIZ 29

POESIAS DO DR. JOAQUIM XAVIER DA SILVEIRA

Sr. José Maria Lisboa. Quando V. honrou-me com o seu pedido para que eu concorresse com alguma cousa de meu, afim de auxiliar o reaparecimento do seu *Almanach Litterario* no anno de 1884, occorreu-me o satisfazel-o por um meio, que além de servir-o no que V. de mim sollicita, corresponde inteiramente aos intuitos d'essa publicação, de character accentuadamente paulista.

E' o que faço, enviando-lhe inclusamente tres poesias ineditas de meu pae, que eu fui o proprio a escolher nos seus manuscriptos.

Creio, d'este modo, contribuir com o que de melhor tenho na minha boa vontade para a sua utilissima publicação.

Sem mais, queira V. acceitar os protestos de estima e de alta consideração do seu etc.

J. XAVIER DA SILVEIRA JUNIOR.

S. Paulo, em 17 de Julho de 1883.

PORQUE AMO A NOITE

*Sabes o que é amor sem ter em troca
Um olhar de mulher banhado em fogo ?
E' no leito—a vigilia, e n'alma o inferno
E' blasphemia do peito em desafogo ?*

* * *

Vivo entre prantos, delirante sempre
Sem ter uma alma que me vote amor !
P'ra não zombarem do infeliz que sofre
Espero a noite—que me escuta a dor.

Meu Deus, que vida ! quando os risos d'alma
Deviam todos afagar-me o rosto
Cercam-me as sombras e minh'alma é triste
Como o horisonte quando o sol é posto.

Este era o tempo—que da primavera
P'ra mim deviam rebentar as flôres,
E, no entanto sinto o sol do estio
Crestar-me as crenças, abraçar-me em dores !

E como eu soffro, porque choro embalde,
Pobre, sozinho, sem consolo achar,
Lamento o dia e esperando a noite
Maldigo a sorte que me faz chorar !

E quando durmo—na minha alma passa
Formosa Vesper—(que gentil visão !)
Creio um momento na ventura em sonhos
Desperto ai louco ! topo a solidão !

Oh que martyrio ! que destino o meu
Que até sonhando desgraçado sou !
Que triste fado ! nunca a luz das crenças
Dentro em minh'alma um raio seu cõou !

SO'

Sonhei-te ha muito ! eras visão aerea
Forma impalpavel, mas que a alma via,
Na luz da lua, no cantar das aves,
Na aurora em flôr quando a manhã sorria !

Longas, bem longas minhas horas todas
Perdi nas luctas de um scismar eterno !
Na voz enferma de minh'alma em febre
Liam-se estragos d'um gelado inverno !

Caladas horas se escoavam tristes
No tempo inglorio que a soffrer passei ;
E tu fugiste vaporosa sombra
E eu, insano, adormeci... sonhei !

Creança ainda, tacteando em trevas,
Ouvi um poeta modular meu nome ;
Um marco ergueu-se na minh'alma crente
Que a mão do tempo nunca mais consome !

Cresci—commigo o isolamento gélido.
Feri as cordas : era muda a lyra !
De meu passado se levantam vagas
A que minh'alma com fervor se atira !

E' que o passado se destez nos prantos,
E a luz da aurora nunca mais eu vi !
Não ha mais dia, para mim o tempo
E' noite eterna e eu adormeci !

A CABANA NA PRAIA

(The cottage by the sea.)

Bem me recordo agora do passado,
Dias da mocidade sonhadora

Das imagens e scenas que em minh'alma
Passam calmas e doces como a aurora ;
Lembranças desses dias sem tristezas
Quando meu coração sempre a sonhar
Predizia sorrindo a aurora nova,
A' sombra da cabana junto ao mar !

Em torno á porta rustica a roseira
Inda parece balançar as rosas,
E a poucos passos a argentada praia
Recamar-se de conchas tão formosas,
Que eu, da minha mãe, ouvindo as fallas
Ajuntava na areia a branquejar !
Ai saudades dos dias que passaram
A' sombra da cabana junto ao mar !

Não morreram nos annos que fugiram
Nem nas scenas melhores que eu gozei
As lembranças da casa maternal,
Que eu hei de sempre amar, que sempre amei !
E quando os longos dias da existencia
Se fecharem e a vida terminar
Quero encostar a fronte em peito amigo
A' sombra da cabana junto ao mar !

(Trad. livre.)

TROVA POPULAR

Eu não sou casa cahida,
e nem muro derribado ;
si eu já não sou do seu gosto,
nem mecê—do meu agrado.

O INCOGNOSCIVEL

A verdadeira importancia da philosophia moderna está na determinação dos limites effectivos, que separam o cognoscivel do incognoscivel. Tanto os systemas theologicos, como os metaphysicos, confundiam o dominio real do cognoscivel estendendo-o muito para lá dos seus limites naturaes, que são os da razão esclarecida pela observação e experiencia.

O homem sobre a terra é um producto material de uma certa ordem de phenomenos, producto inconsciente á nascença e que váe gradualmente adquirindo consciencia do proprio ser pela accumulção successiva das impressões recebidas pelos orgams sensoriaes; na razão nada ha de innato, tudo é filho das relações encontradas entre os phenomenos observados. E' pela comparação que vem o conhecimento; todos os conhecimentos são relativos; o absoluto é incomprehensivel á razão humana. A intelligencia é o producto da relatividade de um grande numero de phenomenos observados e experimentados. Isto prova-se facilmente: ninguem póde fazer uma idéa de espaço, de tempo ou de numero sem a comparar mentalmente a outra idéa da mesma ordem, mas já familiar e bem conhecida; é por isso que os selvagens contam pelos dedos e mãos não podendo elevar-se a grandes numeros, e medem egualmente pelas partes do corpo; com as crianças succede o mesmo, e entre os povos civilizados ainda se encontram vestigios nos nomes das medidas, etc., por exemplo: *pé, polegada, palmo, covado, braça, mão de papel* (5 cadernos), etc.

A' proporção que a intelligencia humana se desenvolveu o homem foi procurando a explicação dos phenomenos

que o rodeavam. Ao principio contentou-se em suppôr tudo que o rodeava dotado de vontade egual á sua ; mais tarde quiz explicar a origem das cousas e fundou os systemas theologicos, em que o mundo e o homem foram formados por um deus, architecto supremo. A razão humana illudia-se julgando ter achado uma explicação completa do universo ; por detraz do deus creador estava o incognoscivel, inexplicavel, incomprehensivel. A existencia de um deus eterno, de um ser sem principio nem fim é superior á intelligencia humana, é inconcebivel. Os antigos, as religiões polytheistas davam antecessores aos seus deuses, mas o incognoscivel subsistia sempre. Os systemas metaphysicos, que se substituiram aos theologicos, cujas conclusões contestavam, idealisaram novas causas primarias e finaes, mas o incognoscivel ficou sempre intacto além d'essas causas. Os atheus, os materialistas, attribuindo tudo á natureza ou á materia, nunca puderam explicar essa natureza cu materia; o *por que* e o *para que* dos phenomenos ficava sempre illudido e nunca elucidado até ao derradeiro principio.

A philosophia positiva, reconhecendo a importancia da razão humana, confessou-o francamente e procurou determinar os verdadeiros limites do cognoscivel. Não procurou illudir a questão como os systemas philosophicos que o precederam. O absoluto é inconcebivel para a intelligencia humana, que apenas conhece o relativo. Os phenomenos naturaes, que pódem ser estudados pela observação, experiencia, comparação ou filiação, são o dominio natural do cognoscivel, isto é, o como se realisam todas as modificações da força e da materia que pódem ser estudadas pelos nossos sentidos. Fóra d'isso tudo quanto envolva o *por que* ou *para que* dos phenomenos é inconcebivel, e foi justamente considerado como incognoscivel, e superior á razão humana.

Lisbóa, 1880.

TEIXEIRA BASTOS.

DR. LUIZ PEREIRA BARRETTO

O nosso singelo e temerario intuito—singelo na estreiteza de nosso merito e temerario no risco de offender por demais a recatada modestia da pessoa de que nos vamos occupar—leva como unico ponto de vista esboçar-lhe um lado apenas, uma qualidade quiçá a mais eminente, aquella que mais directamente entende com o proposito do laborioso e intelligente edictor d'este *Almanach*. (*)

Temos para nós que—deixando em julgado a emerita pretensão de assignalar-lhe qualidades que sómente á sua grande sisudez se deve, por assim dizer, o esquecimento—melhor nos conduzirmos, para com o publico em geral, se preferindo-lhe um outro dote, o de subido facultativo, o tentassemos apreciar n'esse terreno.

Alguem mais competente, um dia, arcará com essa tarefa, bastando-nos, por agora, o mais licito intento de reivindicar-lhe os fóros do mais ousado e efficaz propagador da *Philosophia Positiva* entre nós.

Por conseguinte não é uma biographia que aqui trazemos a lume. Não o permite tambem o minguado espaço de um modesto almanach.

*
* *

O Sr. Dr. Luiz Pereira Barretto é nascido na provincia do Rio de Janeiro, mas incontestavelmente é paulista de coração.

(*) Este escripto, como alguns outros que vão publicados n'este livro, destinava-se a um *Almanach Positivista*, que o sr. Abilio Marques pretendeu publicar.

A cidade de Resende que alli se levanta tão sympathica e tão valdosa de seu vastissimo horisonte, ora enlevada na immensidade do espaço, ora mirando-se scismadora na profunda e preguiçosa correnteza do rio Parahyba, que n'aquellas paragens parece denunciar a timidez do estrangeiro que lança o pé em terra estranha, tem direito de ensoberbecer-se em lhe haver dado nascimento.

Seu pae era o commendador Fabiano Pereira Barretto, um dos mais honrados e probos lavradores do municipio. Não ha por lá quem d'elle se não recorde com magoa.

Sua mãe é uma Senhora cheia de raras virtudes domesticas, prototypo da mãe de familia, que vive ainda para honra de sua numerosa prole.

Para narrar as excellentes qualidades de que ella se adorna, a nossa tosca penna, mas não eivada das bunalidades do estylo, declina de si esse empenho para deixar fallar seu digno filho, reproduzindo aquelles primorosos versos de Dante :

« Non é l'affezion mia tanto profonda,
Che basti á render voi grazia per grazia. »

« Fostes vós que me ensinastes a votar um incessante
« culto aos santos attributos do coração. Fostes vós que
« me fizestes comprehender o quanto a vida da intelligen-
« cia é vã e arida sem os affectos da ternura. Fostes vós
« que me revelastes em toda a sua grandeza a superiorida-
« de moral e a preeminencia effectiva da candura femini-
« na. Permitti pois que eu vos dedique este primeiro fruto
« do meu trabalho como um pequeno penhor do grande
« amor que vos consagro. Aceitai-o minha terna Mãe, e
« abençoai-me, para que siga sempre caminho da virtude
« e do dever. »

Estas phrases em que realçam os melhores sentimentos, e que o sr. dr. Barreto lhe consagrou na these que def-

fendeu em 1865, é o mais que se poderia dizer do sentimento de ambos.

•
* *

Aquella perspectiva do rio paulista, profunda e melancolica ; aquelle horisonte livre e arrebatador da formosa cidade ; aquelles severos costumes de familia deviam necessariamente incutir na alma juvenil de Luiz Pereira Barretto os saudaveis accentos de um caracter perfeito.

Assim succedeu.

D'aquella doce e despreocupada phase da vida, em que as faculdades desenvolvem a maior energia em photographar a natureza do mundo interno e externo é que depende esse admiravel equilibrio mental que caracteriza os genios, e que n'elle admiram todos os que o conhecem de perto.

Cêdo se revelou o seu talento e o amor pelos estudos.

Rezende saciou-lhe a primeira sêde. Quando a difficiencia de meios intellectuaes começou a pairar no seu espirito e que já lhe parecia tocar os limites o horisonte da terra natal, deixa elle de ser a criança tranquilla e concentrada. Começa uma nova natureza pela necessidade de pôr em jogo a faculdade de abstracção, e novas e mais opulentas ambições se lhe destacam.

∴

Em 1854, aos 14 annos de idade, parte para S. Paulo onde permaneceu até 1855.

Por este tempo, ampliando os vôos do pensamento pôde já abranger o sol da patria.

Em S. Paulo, n'esse centro intellectual, começou a ouvir fallar, com favor, dos focos scientificos da culta Europa : era nada mais nem menos do que affiar-lhe o appetite. Dia por dia sentindo a necessidade, cada vez maior, de atirar-se fóra d'este circulo ; por tal modo, desde cedo,

acostumado a venerar a sabedoria, imagine-se a que ponto não chegaria o fervoroso desejo de caminhar... caminhar!...

Mas ao mesmo tempo imaginemos a lucta sympathica e nobre que se devera empenhar no seu espirito e coração, tendo de um lado as caricias, a ternura de um pae e uma mãe, o amôr da casa paterna, os brincos da infancia e o futuro risonho que a sua imaginação ardente desenhava por entre mil arômas inebriantes!...

Que muito era que a sua organização se inclinasse pelo melhor dos alvitres?... Que muito era que aqui o espirito triumphando do coração se fôsse preparar para mais tarde, justo, leal e generoso vir dar a mais formal reparação?...

*
* *

Em Agosto de 1855 o impavido moço via com amarga saudade ficar o que de mais caro considera o homem bem formado, e dirigiu-se a Bruxellas, aquelle paiz admiravel, que antes de todos soube dotar suas universidades com os mais generosos preceitos de liberdade.

Deu entrada n'um lyceu onde completou preparatorios. Com tal avidéz se votou aos estudos e a devassar os segredos da sciencia; tal era a impaciencia do seu genio, que desde logo mestres e condiscipulos notaram maravilhosos, não só sua facilima comprehensão, a sobriedade de sua conducta, mas ao mesmo tempo a satisfação intima que elle proprio manifestava em cada novo triumpho que obtinha, sem um vislumbre de vaidade.

Em seguida matriculou-se no curso de medicina.

Em cada acto era uma distincção! No mundo universitario tambem não demorou em tornar-se celebre. Fallavam d'elle os lentes com o mais justo favor; os collegas de todos os paizes saudavam-n'o e veneravam-n'o com a mais doce effusão, e a colonia brasileira orgulhava-se de o contar entre si.

Caminhava heroicamente !...

Chegado á pathologia interna, operou-se no alumno o quer que fosse de extraordinario. Tornou-se indeciso o seu animo, o espirito parecia confuso e tempestuoso ! Não lhe irradiava mais no semblante a calma, o bem estar de consciencia, a certeza de que cumpria seu dever em harmonia com o da sciencia !

E não obstante os lentes continuavam, como d'antes, a admirar a nitida penetração do seu alumno.

O que será ? o que não será ?!

.
.
.

Em quanto estas interrogações se faziam, mais um heroismo, mais um successo novo tinha logar !

Pereira Barretto, genio já immensamente investigador, indagador do *porque e como* dos phenomenos, convencera-se de que a physiologia da Universidade não lhe explicava cabalmente certos pontos. Certos phenomenos normaes e pathologicos da vida não podiam ser comprovados pelos compendios. Ora, admittido o axioma de que *não ha função sem organ*, muito naturalmente o moço philosopho já antevia a nova *theoria cerebral*, e insurgia-se evidentemente contra estudos de um resultado negativo.

.*.*

Decidiu-se a deixar o curso em quanto a luz da verdade lhe não viesse illuminar a consciencia do dever. Mas sempre incançavel, sempre investigador, sempre audaz e laborioso, matricula-se no curso de sciencias naturaes.

— E' extraordinario !

A estas exclamações, dizia, que tinha mais gosto para estes estudos, além de que, havia allí mais de positivo.

De successo em successo chegou, em 1863, a doutorar-se, obtendo a grande distincção que lhe dava direito a uma cadeira de professor *agrégé* na Universidade.

N'este tempo decorrido convivia com dous distinctos compatriotas—o Dr. Coqueiro, do Maranhão, formado em mathematicas e o Dr. Mendonça, de Itaborahy, em engenharia, os quaes sendo testemunhas de suas façanhas, acham-se ligados a um episodio interessante sobre *Philosophia Positiva*, episodio digno de ser narrado, mas que nos abstemos de o fazer pelas razões em começo apresentadas.

Foi no tempo d'esta convivencia e durante o curso de sciencias naturaes que elle teve conhecimento de uma nova philosophia, que tinha seu centro em Paris.

Vem a proposito declarar, que a Belgica ainda então ignorava que alguém se atrevesse a disputar a gloria de Tiberghien, professor da Universidade, e que logo depois, por estes moços, fôra apanhado, para servir-me da phrase vulgar, com a bocca na botija.

Mas, como iamoz dizendo, ter conhecimento de uma philosophia nova e devoral-a, ter conhecimento de um centro de propaganda e atar relações com elle, foi obra de um momento ! Dissipadas as duvidas que naturalmente decorrem de uma theoria nascente e tão synthetisada como o era a doutrina de A. Comte, estava feita a luz ; estava, para assim dizer, resolvido o problema que obrigára Pereira Barretto a pôr de lado a medicina.

..

Proseguindo o curso de medicina, ou por outra, reatada a successão triumphante do doutor em sciencias naturaes, em Outubro de 1864, era elle nobilitado com mais este gráu.

« Para cantar-vos mente ás musas dada. »

Si a patria lhe deve a gloria de tanto a honrar n'um paiz estrangeiro, e de tanto collaborar para que vinguem idéas de progresso, tambem a Belgica lhe deve o ter mais cêdo conhecimento da nova religião—estrella polar d'esta Humanidade, levada por esconso caminho.

Em Dezembro d'aquelle mesmo anno, a instancias da familia, regressava á terra natal. Era chegada a occasião de mitigar os pezares de tão longa ausencia e de pagar aos autores de sua existencia o mais sagrado dos compromissos.

*
* *

Havia ainda louros para enfeixar, não era licito dormir á sua sombra. O mundo tem direito sobre estes semeadores das idéas, muito embora raras vezes se incline deante d'elles quando passam com o coração cheio de crenças e amor.

No dia 18 de Julho de 1865 apresentou-se a defender these perante a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

N'essa these incisiva que primeiro rompeu com o systema dos paralogismos, dos velhos preconceitos, alargando o circulo vicioso do metaphisicismo que alli dominava, sustentou de modo inexcedivel a *Classificação Positiva das dezoito funcções internas do cerebro*. Mais um triumpho! triumpho, porque esse opulento trabalho só de per si bastaria para ennobrecer a qualquer; triumpho, porque, para elevá-lo bem alto, teve, apezar seu, de levar á parede alguns dos lentes da Faculdade.

Estava lançada a primeira semente da Philosophia Positiva n'esta terra onde não póde haver plantas exóticas, n'esta terra que conta climas para todas as plantas uteis.

*
* *

O Dr. Luiz Pereira Barretto é magro, de estatura elevada, de cabeça alta, olhos vivos e prescrutadores.

E' marido affectuoso, delicado, brando e incançavel.

Pae sizudo, flexivel, carinhoso e estremecido.

E' cidadão integro, compadecido e esmoher; é patriota distincto, philantropo, cidadão de todos os paizes, tendo por divisa: *Familia, Patria, Humanidade*.

E' amigo devotado, franco, leal, cortez e mimoso.

No mundo das lettras quem ha por ahi que o não conheça, que d'e. e não tenha ouvido fallar?

E' autor de varios trabalhos de longo tolego, destacando-se d'entre elles *As Trez Philosophias*, obra em que se revelou com todo o brilho de assignalado erudito, profundo philosopho e escriptor ameno. D'este magnifico trabalho de propaganda e educação scientifica, conhecemos o primeiro e segundo volume, o primeiro versando sobre theologia e o segundo sobre metaphysica. O terceiro, que ainda não sahiu á luz, tratará do Positivismo.

Na arêna da imprensa elle milita de longa data, sempre no terreno dos principios; ora mimoso e insinuante, ora viril, persuasivo e forte polemista. Ninguem como elle tem o dom de agarrar o adversario pelas extremidades e conduzil-o ao terreno da lealdade pessoal e scientifica.

Os seus variados artigos na *Provincia de São Paulo*, e sobretudo as discussões mais recentes, são d'isto uma prova.

Dos seus esforços, do seu genio laborioso em luta constante com o nosso ambiente molle e esmagador, sempre para lograr sua missão de regenerador; de sacerdote da religião de progresso, eis ahi essa pleiade de moços da provincia, os rebentões de suas plantas queridas, essa mocidade ardente e generosa de quem a patria tudo deve esperar, a cultivar, a reverdecer e revigorar a—*Philosophia Positiva*.

Jacarehy, 8 de Guttemberg—92.

AZEVEDO SAMPAIO.

LOCUÇÕES PAULISTAS

Tché!—voz de admiração e do proprio despreço. Similar á phrase—não é tanto assim.

Tinhênhê—á tôa, debalde. *Tenhênhê no masque* é mais expressivo.

Hêhá!—(gutural)—voz de admiração. O mesmo que—«como é isso!»

Uhé!—Voz de admiração. Exprime-se com uma aspiração rouca.

Ui!—O mesmo que—«arre, passa-fóra!»

Chué—Mal vestido, desenxabido.

Bocó—Bolsa de couro que os tropeiros trazem atada á cinta, e ém que conduzem os aprestos de pitar. Tamb:m—tôlo, idiota.

Cacherenguengue—Faca velha.

Cirurgião da banca—Antiq.—Empregado no exame do peixe que ia á banca para vender-se.

Indagorinha—Não ha um instante.

Socca-defuntos—Homem pallido, desfigurado.

Gandaia—Vida ociosa, libertina.

Quiréra—A parte mais miuda do milho ou arroz soccado.

Piché—Diz-se da comida queimada.

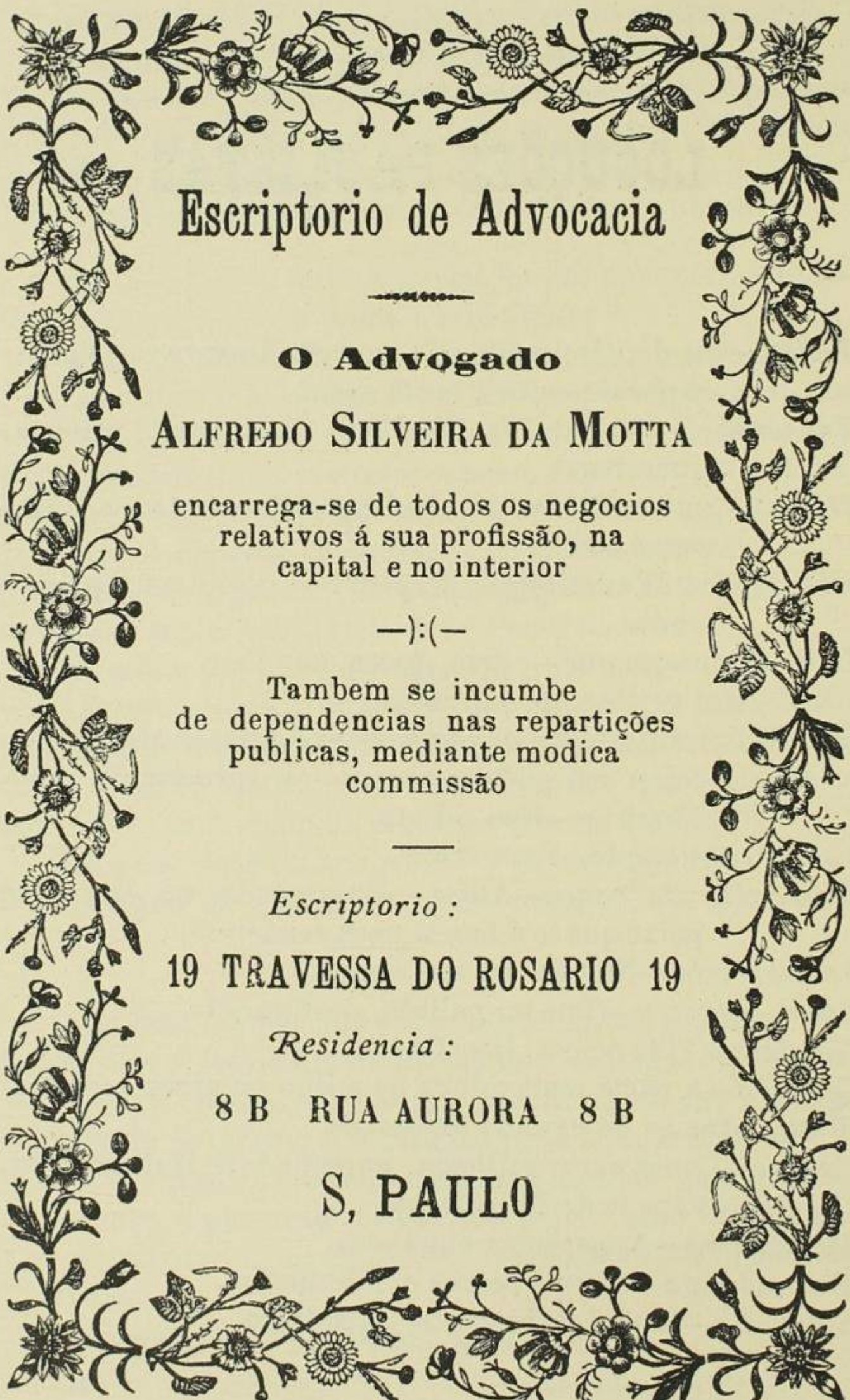
Coróca—Cousa encarquilhada, engelhada.—Mulher velha.

Catatáu—Espada de folha larga.

Mamparra—Apparencia enganosa.

Burundanga—Cousas postas em desordem.

Sirigaita—Rapariga inquieta, delambida.

A decorative floral border surrounds the text, featuring various flowers and leaves. At the top, a horizontal branch with several flowers spans the width. On the left and right sides, vertical branches with flowers run down. At the bottom, another horizontal branch with flowers spans the width.

Escritorio de Advocacia

—•••••—
O Advogado

ALFREDO SILVEIRA DA MOTTA

encarrega-se de todos os negocios
relativos á sua profissão, na
capital e no interior

—):(—

Tambem se incumbe
de dependencias nas repartições
publicas, mediante modica
commissão

—
Escritorio :

19 TRAVESSA DO ROSARIO 19

Residencia :

8 B RUA AURORA 8 B

S, PAULO

VISÃO MATERNA

Da lua os frouxos raios se espelhavam
Na lisa face da lagôa dormente ;
E eu fitando o céu, fitando o lago,
Pensava em minha mãe da terra ausente !

Estrellas que sorris do céu sereno
Scintillas d'ouro na lagôa dormente,
Direi : Qual é de vós a mãe saudosa,
A minha santa mãe da terra ausente ?

Uma de vós—mais bella do que as outras,
Que maís rebrilha na lagôa dormente,
Que parece mais triste... Oh ! será ella
A minha santa mãe da terra ausente ? !

Oh ! céus ! que meiga voz que se deslisa
Como um soluço na lagôa dormente ? !
Será de um anjo a voz que á terra desce,
A voz de minha mãe da terra ausente ? !

« Filho ! não chores—que em futuro breve,
Tu dormirás como a lagôa dormente,
E vindo aos braços meus—em outra esphera—
Serás com tua mãe da terra auseute ! »

Callou-se a debil voz—dolente e meiga
Como um suspiro na lagôa dormente,
E n'um raio da lua ao céu se alára
A minha santa mãe da terra ausente !

Da lua os frouxos raios se espelhavam
Na lisa face da lagôa dormente ;
E eu fitando o céu--fitando o lago,
Chorava minha mãe da terra ausente !

S. Roque, 1882.

BARÃO DE PIRATININGA.

PROVERBIOS

O pae era sapateiro ;
Deu elle os primeiros passos
No *banquinho* de tripeça ;
Tendo a vida em solavancos,
Morreu velho, com chimèras
De ser director de *bancos*.

+

*O que dá o berço
A sepultura tira.*

D. DO PRADO.

A mulher bonita, disse Fontenelle, é o paraíso dos olhos, o inferno da alma e o purgatório da bolsa.

NO PARAGUAY

TABELLA DOS PREÇOS DOS GENEROS MANDADA PUBLICAR PELO GENERAL EM CHEFE

O Illm. Sr. Tenente-Coronel Commandante manda transcrever para conhecimento do corpo as disposições seguintes : Apontamentos do Comman'do em Chefe de hoje (23) Art. 5.º Que Sua Alteza attendendo á exorbitancia no preço dos generos pelos quaes se estão vendendo no commercio, manda que seja posta em vigor a seguinte tabella, devendo o Sr. Coronel Inspector da Policia observar restrictamente.

Arroz, libra 1\$000. Assucar refinado, 1\$100. Assucar crystallisado, 1\$000 ; grosso, 900. Banha de porco, 2\$000. Toucinho, 2\$300. Café, 2\$000. Chá Hysson, 3\$700. Chá preto, 3\$500. Matte, 1\$000. Manteiga, 3\$700. Farinha, 800. Goyabada, (lata) 2\$400. Marmellada, 2\$000. Graxa, libra, 1\$000. Vellas esterlins, libra, 1\$500. Sabão, libra, 800. Fumo, libra, 2\$500. Bolachas, 1\$000. Bolacha em latas, 4\$500. Sal refinado, pote, 2\$000. Cebolas, 1\$300. Vinho do **Porto**, garrafa, 4\$800. Bordeaux, 1\$500. Calão, 1\$000. Cognac fino, 4\$500. Cognac regular, 2\$400. Genebra, 2\$000. Vinagre, 1\$100. Cerveja, 2\$000. Pão de seis onças, 500. Sardinha, lata, 800.

*(Extrahido do caderno do detalhe do serviço da
1.ª Companhia do 35.º Corpo de Voluntarios da Patria.)*



FERRO-AGATE

**Premiado com as grandes
medalhas de ouro, nas Exposições
de Philadelphia, 1876,
e Paris, 1878**

Depois de analysado criticamente pelos primeiros
chimicos dos Estados-Unidos e da Europa, o FERRO-
AGATE foi declarado ser

**ABSOLUTAMENTE PURO E INSOLUVEL
INALTERAVEL PELA ACCAO DOS ACIDOS
INDESTRUCTIVEL PELO EFFEITO DO FOGO
E APRESENTAR VANTAGENS DE ASSEIO,
HYGIENE, COMMODIDADE E ECONOMIA**
como nenhum outro material até hoje conhecido :
qualidades estas que, depois do exame feito pelos
seus medicos auxiliares, tem sido em tudo confirma-
do pela Exma. Junta de Hygiene Publica, segundo
seu parecer já publicado.

— A' venda nos principaes estabelecimentos de
ferragens n'esta cidade.

UM TESTAMENTO (*)

(1703)

Saibão coantos este publico instrumento uirem como no anno do nasimento de nosso S.^{or} Jezus christo de mil e sete sentos e trez annos aos sete de nouembro eu João machado fagundes estando em meu perfeito juizo e entendimento que nosso S.^{or} me deu doente de cama temendo me da morte e dezejando pôr minha alma no Caminho da Saluasão por não saber o q' D^s nosso S.^{or} de mim quer fazer e coando Será seruido de me Levar p^a si, fasso este testamento na forma seguinte—

Pr^a mente emcomendo a minha alma a santissima trindade que a criou e Rogo ao p^o eterno pela morte e paixão de seu vnigenito filho a queira Receber como Recebeu a sua estando pera morrer na aruore da uera crus e a meu S.^{or} jesuschristo peso por suas di-uinas chagas q' já q' nesta uida me fes mersè de dar seu presioso Sangue e merecimentos de seus trabalhos me fasa tão bem m^e na uida que esperamos dar o premio deses q' hé agloria e pesso e Rogo a glorioza virgem Maria nosa Sr^a madre de Deus e a to dos os Santos da Corte selestial particularmente ao meu anjo da goarda e ao Santo do meu nome, Saõ joão, e a nossa Sr.^a da Conseisão e a nosa Sr.^a da ajuda e a nosa Sr.^a dapenha e a nosa Sr.^a do pilar a q^m tenho deuosão queirão por mim interseder e Rogar a meu S.^{or} jusu Christo agora

(*) Ao Illm. Sr. capitão Carlos Boucault, tabellião em Mogy das Cruzes, devo a cópia d'este e outros testamentos que, a meu pedido, fez transcrever dos livros do respectivo cartorio.

e coando minha alma deste Corpo sair p^r q' como uerda-
doiro christão protesto de uiuer e morrer em a Santa fé
Catolica e crer o que tem, e Crê a Santa madre igreja de
Roma e nesta fé espero saluar minha alma não por meus
merecimentos mas pelos das Santissimas paixão do uni-
genito filho de D.^s

Rogo e pesso a tomé moreira uélho e a minha mulher
maria Salomé por seruisso de nosa Sr.^a e por me fasere me
m.^e queirão ser meus testamenteiros—meu Corpo Será Se-
pultado na igreja de nosa Sr.^a do Carmo na coal tenho mi-
nha Sepultura como terceiro professo e serei a mortalhado
com o abito, pesso ao m^{to} R^{mo} p^e vigario a companhe meu
corpo com as Cruzes de todás as irmandades, com a ban-
deira das almas, e tumba de que se pagará a esmola costu-
mada.

Por minha alma deixo vinte misas, ao anjo da goarda
duas, a São João duas, a nosa Sr.^a da ajuda duas, a nossa
Sr.^a do pilar duas, a Conseqeção denosa Sr.^a duas, a nosa Sr.^a
do Carmo duas as oitras pela minha alma. Declaro que sou
natural da Uila de São paulo filho de Agostinho machado
fagundes e de janerosa Lisboa, legitimo filho.

Declaro que sou cazado nesta Villa de mogy com maria
Salomé de que temos uma menina, e a mãe pejada os coais
são meus erdeiros.

Declaro que em todo o mcnte dos bens tem parte neles
os orfaos de meu antesesor an^{to} portes da Cunha. Declaro
q' comprei um Sitio que constara das escrituras, e os mo-
ves da Casa deixo na disposição de m.^a mulher q' ela de-
clarará.

Declaro q' temos uma escrava p^r nome Sesilia com hú
f.^o macho pequeno. Possuimos de nosso servisso sete almas
do cabello corredio.

Declaro q' um negro deses mandei as minas em com-
panhia de an^{to} machado meu irmão o coal levou uma es-
pingarda hú baRil de agoardente da terra q' de tudo to-
marão meus testamenteiros conta.

Declaro que tenho uma espingarda de quatro palmos da minha mão com coatro aneis de prata singelos e hú tressado de meu uso com punho de prata.

Declaro q' Santos martins aqui m^{or} me hé a dever de Resto dè coarenta mil reis que Recebeo de jalomé varela vinte e dois mil e coatro ~~sentos~~ r^s ou o q' na uerdade se achar.

Declaro q' tenho hú adereso espada e adaga de meu uzo com o mais de seu mister q' tudo entregará m^a mulher.

Declaro q' devo a Domingo Freíre hú conhecimento e q' constar.

Declaro q' devo a meu sogro tomé moreira uélho oitenta mil reis em dr.^o q' me emprestou p^a comprar o Sitio de q' lhe não passei escritura.

Declaro que devo ao d^{to} meu sogro hú Credito o q' nelle constar q' é feito de m^a Letra e signal.

Declaro q' devo ao Capitam-mor João de godois moreira hú conhecim^{to} em ouro o q' nelle se achar.

Declaro q' deuo a martinho da fonseca 36/8^{as} e 1/2 de ouro em pó emprestado e mais 34,440 em dr^o de que não há conhecim^{to} q' constará p^r um escrito q' tenho em meu poder do d^{to} martinho da fonseca.

Declaro que devo a alvaro an Rique 4:440 r^s e mais devo ao Capp^m joaõ de Castro 4:200 r^s.

Declaro que devo a d^{os} da Cunha Carasa trez oitavas de oiro em pó.

Declaro que devo a meu Cunhado tomé moreira trez 8.^{as} de ouro em pó q' me emprestou.

Declaro que tomei a obrigação de pagar Sem mil r^s a juros q' deuia joão de lima, a geraldó Frz do Sitio do coal não há claresa da minha parte mais que aseitar o traspasse q' o d^{to} joão de lima fêz em m^a mão e q' querendo m^a m^{er} e erdeiros reclamar a dita compra o poderão fazer.

Declaro q' nomeio e instituo por meu erdeiro universal de tudo o q' depois de pagar minhas dividas e compridos

Legados Restar m^a fazenda a m^a filha janehora e a outra cria que vier a lume.

Pera cumprir meus legados aqui declarados e dar ex perjensza ao mais que neste meu testamento ordeno torno a pedir a tome moreira uelho e a m^a m^{er} jalomé por Servizio de D^s nosso S.^{or} e por me fazerem merce qujraõ aseitar serè meus testamenteiros Como no principio deste testamento peso os coaés e a cada hú em Solido dou todo poder que em direito posso e for nesesario pera de meus bens tomarem e uenderem o que nesesario For par emterramento e comprimento de meus Legados e paga de m.^{as} dividas.

E por coanto esta hé a minha ultima uontade do modo que tenho dito Rogo ao escriuão asine por mim por não poder assinar nesta Villa de mogy aos 7 de nouembro de 1703 annos. E eu manael de lima o escrevi por seu mandado.

m^{el} De lima

asino Rogo do testador per não poder
asinar joão machado fagundes.

Crus + de jeronymo de oliur^a

Tome Mor^a

João de godois mor^a

—
1707

O D.^{or} André Baruel Sendico das esmolos dos S.^{tes} Lugares de jerusalem ; Juiz dos residuos e cazam.^{tos} vigr.^o da vara eclesiastica e vezitador das Villas de Serra asima que o illustrissimo e reverendissimo G^l. D. Franc.^o de S. Jeronimo, Bispo do rio de Janeiro do Conselho de Sua Magestade q' D.^s gd.^o &^a Aos que esta Nossa quitação geral viren indo primeiro por nós assignada e sellada com o sello de que uzamos. Saude e paz para sempre em Jesus Christo nosso Salvador que de todos é verdadeiro remedio e satisfação. Fazemos saber que perante nós appareceu es-

tando em vezita geral nesta villa de Mogy o Cap.^m Thomé Moreira velho dizendo que elle dava conta para sua descarga do Testamento de João machado fagundes já defunto de quem ficou por testamentr.^o a coal lhe foi tomada e elle a deu com toda a satisfação apresentando-nos todas as quitaçois e clarezas pertencentes aos Legados pios do d.^{to} testam.^{to} o que visto julgamos e Sentensiamos os ditos legados pios por compridos e satisfeitos e havemos ao d.^{to} Testamenteiro por desobrigado em absoluto e mandamos a todas as justiças asim eclesiasticas como Se culares com pena de excomunhão major pro facto encorrenda, lhe não pesão nem obrigue a dar mais conta do d.^{to} testam.^{to} em juizo nem fóra d'elle que por esta quitação geral o damos e havemos por desobrigado como asima fica dito dada em vezita geral nesta Villa de Mogi Sob Nosso Sinal e Sello de que uzamos aos desasete dias do mez de Maio de mil e sete centos e sete annos. E eu P.^e Bento Soisa Barros escrivão da Vir.^{ta} Subscrevi.

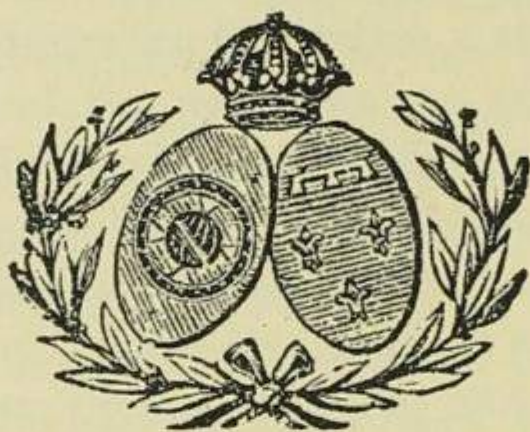
O D.^{or} André Baruel
valhe Sem Sello ex causa
Barretto.

Quitação geral a favor do Cap.^m
Thomé Mor.^a Velho como testam.^{to}
do defunto João Machado.

FROVA POPULAR

O fogo nasce da pedra,
a pedra nasce do chão ;
firmeza nasce dos olhos,
o amor—do coração.

RELOJOARIA E BIJOUTERIA



FORNECEDORES DE SUAS ALTEZAS IMPERIAES

CONDE E CONDESSA D'EU

OFFICINA DE RELOJCEIRO

JACOB SILBERBERG & A. MÜHLRAD

Recebem em direitura por todos os paquetes joias das mais modernas. Tem sempre um grande sortimento de joias de ouro, brilhantes, pedras finas, relógios e correntes.

Tudo se vende afiançado e por preços muito em conta, fazem os concertos de relojoaria e bijouteria com perfeição e brevidade e encarregam-se de qualquer encomenda.

S. Paulo

Rio de Janeiro

42 Rua da Imperatriz 42 : Praça da Constituição, 46

CASAS EM PARIS E GENÈVE

NA MANHÃ D'ESSE DIA

Na manhã d'esse dia, o sol da patria,
Vinha aquecer-me o leito em que eu dormia,
E meus filhos, com beijos me acordavam,
Na manhã d'esse dia.

De um lado minha mãe me abençoava,
A esposa de outro lado me sorria,
O coração pulsava-me arrojado
Na manhã d'esse dia.

Hoje, isolado, em terra estranha,
Nebulosa e fria,
Não me vem aquecer o sol da patria,
Na manhã d'esse dia.

Santa mãe ! Cara esposa ! Ternos filhos !
Não ouvis os gemidos de agonia ?
São echos de saudades de minh'alma
Na manhã d'esse dia.

Rio da Prata.

F. OCTAVIANO.

PROVERBIOS

O Brito, e mais um *sovina*,
—Commissão de caridade,
Não pode arranjar vintem
Correndo toda a cidade.

Com vinagre não se apanham moscas.

D. DO PRADO.

RIO DA PRATA

Em uma representação que fez o Cabildo (municipalidade) e mais justiças da cidade de S. Miguel de Tucuman ao governador de Buenos-Ayres, datada a 6 de Abril de 1752, cuja cópia se acha registrada na Secretaria do Governo de S. Paulo, livro de officios para o Ministerio que serviu de 1769 a 1771, lê-se o seguinte trecho : « Antes que os castelhanos conquistassem a povoação do Rio da Prata um portuguez chamado Aleixo Garcia, com outros dous companheiros da mesma nação, partindo da provincia do Brasil, atravessando por immensidade de paizes povoados de indios bravos e infieis, chegou ás ribeiras do rio Paraguay, povoadas n'aquelle tempo por multidão de indios *Guayanazes*, e, fazendo amizade com elles, persuadiu a muitos que o seguissem, e, capitaneando um novo exercito d'elles, rompeu por entre muitas nações barbaras até chegar á provincia do Perú e terras sujeitas aos reis Incas, com cujos vassallos pelejou e adquiriu d'elles muitos despojos de pratas, roupas e varias cousas ; porém, reconhecendo não ser sufficiente a gente que levava, para proseguir e manter a guerra, deu volta ao rio Paraguay com os indios que haviam ficado, com animo de trazer maior numero de portuguezes ao Brasil, e com elles mais numeroso exercito de indios *Guayanazes* e voltar a empresa : com esta tenção deixou seus companheiros portuguezes entre os indios e se foi ao Brasil, e d'ahi outra vez ao rio Paraguay, com outros portuguezes que se lhe haviam ajuntado, para repetir a viagem ás terras dos Incas, em busca de prata e riquezas. Não teve effeito este intento porque em sua ausencia os indios haviam morto os dous companheiros de Aleixo Garcia, e, temendo que este quizesse vingar a morte dos companheiros, o esperavam em attitude de guerra. Pouco tempo depois chegaram os castelhanos áquellas paragens, e, achando entre os indios algumas peças de prata, das que haviam trazido do Perú, e persuadidos de que aquella prata era tirada das minas do paiz, puzeram ao rio o nome de *Rio da Prata*.

(Extr. dos *Apontam. Histor. da Prov. de S. Paulo*, de M. E. de Azevedo Marques.)

TREMEMBÉ

E' o nome de um pittoresco bairro de Taubaté, distante cerca de 7 kilometros d'essa cidade, com a qual se comunica por uma boa estrada de rodagem.

Sobre espaçosa esplanada e dominando as dilatadas campinas das margens do Parahyba erguem-se os dous campanarios da elegante capella do Senhor Bom Jesus do Tremembé, cuja imagem é objecto da devoção popular ha mais de dous seculos.

Já foi freguezia. E' hoje filial da matriz de Taubaté.

Qual a historia d'esse pio monumento dos tempos idos, em que o fervor da crença religiosa agitava a alma popular ?

Não me foi possível, como pretendi, ir eu mesmo desfiar essa historia no pó dos cartorios. Só tarde recebi o convite, a que estou alinhavadamente acudindo, de ministrar ao *Almanach Litterario de São Paulo* alguma noticia sobre as muitas antigualhas d'esta velha cidade de Taubaté, que, fundada desde 1636, foi por muito tempo o centro de reunião e o ponto de partida dos *bandeirantes* e povoadores da parte central do Brasil.

Jurando na fé do paciente autor da *Nobiliarchia* direi que a fundação da capella do Tremembé data de 1669. E' devida ao paulista Balthazar da Costa Veiga e sua mulher D. Maria de Mendonça, neta do famoso Amador Bueno da Ribeira.

O compromisso da irmandade, que ainda hoje a rege, foi approvedo em 24 de Outubro de 1736 pelo bispo do Rio de Janeiro, D. Frei Antonio de Guadalupe, e obteve em 1807 a confirmação do poder civil.

O templo, decentemente ornado e de solida construção, soffreu recentes reparos e conta 21 metros de frente sobre 58 de fundo.

Penetrando-se no sanctuario, deante d'essa imagem chagada do Christo, que por dous seculos recebeu os cultos e ouviu as preces balbuciadas por quatro gerações de crentes, o espirito é invencivelmente tomado de recolhimento. Sopesa-se a mesquinhez da creatura humana, sente-se que ella passa sobre a terra com a rapidez e o vazio das nuvens de incenso, que já se balouçaram n'aquelle ambiente e perfumaram as naves ora desertas.

Respira-se uma aura impregnada das crenças e das supplicas que se exhalaram alli.

Do alto dos campanarios é muito outra a emoção que se experimenta. Larguissimo horisonte e bello panorama se desdobram aos olhos do observador, que alli vae espairecer o espirito ou conversar com a solidão.

Ha jorros de luz na planicie accidentada caprichosamente, e aqui e alli mosqueada de sombras, que as nuvens sobre ella projectam. Por entre reverberos scintillantes e atravez de um véu de poeira azulada, destaca-se a magestosa placidez do Parahyba, que se collêa como serpente de prata sobre ondulações de verdura. Na extrema do horisonte —emmoldurando o quadro— desfila a linha sinuosa descripta pelos pincares das serras, cujo verde escuro, levemente dourado pelos raios do sol, contrasta com a suavidade de tons das campinas adjacentes.

O pequeno nucleo de povoação da capella, encostado á margem direita do Parahyba, contém cerca de 250 habitações. Ha tambem um pequeno theatro.

Recentemente o padre João Baptista Franco e o professor Luiz Moreira Damaseo acabam de fundar alli um collegio de instrucção primaria e secundaria para meninos.

Pela amenidade de seu clima e principalmente pela excellencia de suas aguas, o Tremembé serve de ponto

de recreio e de estação de saúde aos moradores de Taubaté.

A maior parte dos predios só temporariamente são occupados, servindo de casas de campo á gente mais abastada das visinhas cidades de Taubaté e Pindamonhangaba.

A população da capella, quasi exclusivamente composta de pescadores, abandona muitas vezes seus lares para se entregar ao exercicio de sua profissão e abastecer de excellente peixe as duas já referidas cidades visinhas.

Assim, o silencio do templo proximo parece ordinariamente transmittir-se ás vivendas que o rodeam, e imprime ao lugar um cunho de poetica e aprazivel melancholia.

Mas durante a animadissima e popular festa religiosa, que se celebra annualmente a 6 de Agosto, a pequena povoação do Tremembé regorgita de gente e troca seu habitual silencio pelo borbório festivo de seis a oito mil pessoas, as quaes para alli affluem das circumvisinhanças e se installam desde o começo da quinzena que precede a festividade.

Durante essa quadra alarga-se por meio de barracas volantes o perimetro da povoação, que não poderia conter a mó immensa de romeiros e visitantes, quotidianamente despejada alli por innumeradas e bem ajazadas carruagens e cavalgadas.

E' curioso contemplar n'esses dias o interminavel e variado formigueiro humano que fervilha, se cruza e se abalrôa na praça principal, nas ruas e viellas da localidade, magicamente transformada em ruidosa cidade.

Os vestidos roçagantes e o mais apurado gosto da sociedade elegante se confundem com as modestas vestes domingueiras dos pescadores e camponios. Trajes e chapéus *impossiveis*, representantes de priscas éras, são arrancados á voracidade das traças e dos cupins para se exhibirem n'essa occasião ao lado dos trajes modernos.

A dama casquilha acotovela-se com a faceira caipirinha, vestida de côres vivas e variegadas. Mas, valha a ver

dade, esta ultima leva a primazia pelo fulgor dos olhos negros e travêssos e pelo desalinho de sua belleza agreste.

As solemnidades religiosas são celebradas com a maior pompa, ao som de estrondosas baterias de bombas e ao estrugir da foguetaria. D'esta parte da festa pendem os creditos do festeiro.

Com as ceremonias do culto concorrem espectaculos publicos, jogos e outros divertimentos profanos, á feição de todos os paladares. E n'esse passageiro e vertiginoso movimento muitos dissipam a mãos largas as economias custosamente accumuladas durante o anno.

Cousa admiravel e que attesta a brandura dos nossos costumes, durante a quinzena festiva, no meio de tão grande agglomeração popular, não surdem rixas, não se conta jamais a menor perturbação da ordem !

Viria talvez a proposito trazer para aqui a singela lenda que a tradição popular prende ao fabrico da venerada imagem do Senhor Bom Jesus do Tremembé.

Mas a escassez de tempo obriga-me a deslizar da poesia da lenda para terreno mais positivo.

O sub-sólo do Tremembé consta de ricas jazidas de schisto betuminoso, abundantissimo de gaz, kerosene, parafina e oleos de lubrificação ; elementos esses de riqueza que a Companhia de Gaz e Oleos Mineraes de Taubaté trata de aproveitar e explorar.

Para o transporte do schisto até á cidade de Taubaté e afim de ligal-a ao seu pittoresco bairro, está em vias de organização uma Companhia que se propõe a estabelecer entre os dous pontos uma linha de bonds a vapor.

Na reunião para esse fim celebrada na sachristia da capella do Tremembé, a 6 de Agosto ultimo, ficaram subscriptos quasi dous terços do capital necessario para esse melhoramento. Tudo induz a crêr que elle será uma realidade por occasião da futura festa do Senhor Bom Jesus do Tremembé.

Em breve, portanto, os silvos do carro do progresso irão despertar os échos adormecidos d'aquellas paragens e despil-as talvez do seu poetico manto de antiguidade e de singeleza. Porém, sufficiente compensação ; nos sulcos abertos pela locomotiva talvez germine a semente do progresso e se opere o desenvolvimento da pequena lavóura, a que maravilhosamente se prestam as margens uberrimas do Parahyba.

Taubaté, 17 de Agosto de 1883.

AURELIANO DE SOUZA E OLIVEIRA COUTINHO.

PROVERBIOS

— Será isto sina minha ?
Disse outro dia o Gregorio,
Só apparecem banquetes
Quando estou de vomitorio !

×

*Quando dá Deus a farinha
O diabo furta o sacco.*

D. DO PRADO.

TROVA POPULAR

Coração entristecido,
Porque tanto te magôas ?
Si estás cercado de pennas,
O que fazes que não vôas ?

EMILIO RANGEL PESTANA

Encarrega-se de comprar e vender
ações de Companhias, apolices,
lettras hypothecarias, casas, ter-
renos e outros negocios, mediante
a commissão que se convencionar

ESCRITORIO
N. 21, S. PAULO

TRAVESSA DO ROSARIO

INFLUENCIA DAS RELIGIÕES ANTIGAS SOBRE O CHRISTIANISMO

A idéa de um *mediador*, que se sacrifica pela humanidade, é de origem medo-persa, como o provou Bunsen ; a idéa da *encarnação* da divindade pertence propriamente ao systema theologico indiano do culto de Agni e dos *avatars*. Estes dous systemas actuaram em diversas épocas na constituição religiosa do christianismo ; os dogmas e symbolos da *Natividade*, como observou Burnouf, prevaleceram até ao quarto seculo, e coincidem com a *disciplina arcani*, em que as ceremonias eram occultas, e as explicações doutrinarias se faziam por symbolos allegoricos, e por gráus de iniciação. E' por isso que esta corrente indiana do christianismo é a que se acha mais claramente nos symbolos christãos das Catacumbas, e a que ainda persiste sem sentido na parte ritualistica da Igreja, e tambem a ultima que foi descoberta pela erudição historica. Os padres da Igreja primitiva, orientados pelas doutrinas espiritualistas medo-persas propagadas ao Occidente pela Escola de Alexandria, conheciam a corrente tradicional indiana, contra a qual foram reagindo, condemnando-a como heresias. Santo Hyppolito no fim do seculo II declara que muitas heresias da igreja nascente eram reproducção dos systemas brahmanicos da India (*) ; Eusebio, na *Historia Ecclesiastica*, antes do seculo IV, diz que os christãos eram denominados *gentes barbaræ ac preregrinæ*, nome que se lhes não daria em Roma si a religião proviesse do Egypto ou da Judéa, que estavam encorporados no Imperio romano ; e este caracter *estrangeiro* explica-se pela carta de S.

(*) Burnouf, *Science des Religions*, pag 256.

Jeronymo a Marcella, que diz que era na Palestina o centro para onde convergiam os povos da Armenia, da Persia e da *India*. (*) O fim da *disciplina arcani* coincide com um maior desenvolvimento metaphysico do christianismo, tornando-se exclusivamente *moral*; os mythos da *Natividade* foram substituidos pela representação iconographica da *Paixão*, e a corrente medo-persa accentuou-se terrivelmente pelo dualismo religioso d'onde resultou a introduccção do Diabo. A Egreja combateu os mythos do polytheismo indo-européu como obra do Diabo, e considerou diabos todos os deuses helleno-italicos. Não obstante as perseguições que veiu a exercer pela intolerancia canonica, a Europa conservou seus mythos áricos primitivos, em uma vastidão e intensidade tal, que ainda hoje se póde recompôr o systema completo do culto do fogo, que é a essencia dos ritos automaticos da Egreja.

Lisboa, 1880.

THEOPHILO BRAGA.

RUA DIREITA

A actual rua Direita (em S. Paulo) chamou-se no seculo XVI e XVII—rua de Santo Antonio, depois 'rua da Misericordia; do seculo XVIII em deante ficou com o nome actual. Assim consta dos processos de avaliações nos inventarios d'aquella época, no dizer do major Manoel Eufrazio.

TROVA POPULAR

O cypreste verde, triste,
Cópia de minha figura,
Verde co'a minha esperança,
Triste co'a minha tristura.

(*) Ibidem, pag. 205.

O SONHO DE PLATÃO

A THOMAZ COCHRANE

Quando, as azas abrindo, a aguia da Verdade
Abrigar á sua sombra a grande aspiração,
E Deus se desfizer ao facho da Razão
— Nevoa que se desfaz si a banha a claridade ;

Quando, sobre o zenith, o grande sol da sciencia
Sobre o mundo espalhar o dia esplendoroso,
Com os raios burilando um poema luminoso
— O codigo ideal das leis da Consciencia ;

O diluvio da lei ha de inundar-nos, ha de !
Sem que boie sobre elle a legendaria Arca,
Sem que reste um Noé—um tenebroso espectro !

O Bem será então o unico monarcha,
E ha de ter, por signaes da sua magestade,
— A Escola como throno e o Livro como sceptro !

S. Paulo—1883.

VICENTE DE CARVALHO.

O direito á instrucção é o primeiro de todos os direitos ; o direito ao trabalho o segundo.

E. DE GIRARDIN.

LETIGIO INTERESSANTE

Deu-se em tempo, na cidade de Ytú, um letigio entre partes, originado por uma data de terra, devoluta, sita onde hoje é o Pateo do Patrocínio, e cedida pela Camara de então a uma d'ellas com a clausula expressa de, se durante o espaço de seis mezes a não fechasse, ficar sem effeito a doação. Como, porém, não o fizesse, a outra parte a pediu á referida Camara, que tambem a cedeo, e estando este a levantar os muros, foi a obra embargada.

Um rabula advogado do primeiro possuidor, sabendo que no dia seguinte tinha de fazer-se uma vestoria por parte da Camara, aconselhou-o a que, para mostrar seu direito de posse, plantasse n'essa noite, (que foi chuvosa e de relampagos,) arvoredos por esse campo inculto. Este facto deu motivo a que o Capitão-mór Vicente da Costa Taques Goes e Aranha produzisse a poesia seguinte :

Hontem de tardesinha vi um campo,
Vestido de capim, nenhum arbusto ;
Hoje de manhã com assombro e susto
Troncos e fructos vi no mesmo campo.
Milagrosa foi a lua e pyrilampos,
Que tal milagre fez em uma noite ;
Mas não se livrará de algum açoitte
O autor de tão rara pantomima,
Que quiz cegar dos olhos a menina
Do prespicaz juiz de dia e noite.

A escola era outr'ora uma prisão, tratemos hoje de a converter em jardim.

J. FERRY.

ANECDOTA HISTORICA

A 14 de Julho de 1789 (tomada da Bastilha) achava-se a côrte em Versailles. Rodeavam o rei grande numero de fidalgos, que lhe occultavam absolutamente o estado de agitação do povo. O duque de Liancourt, temendo um resultado funesto para Luiz XVI, informou-o de tudo o que se passára em Paris até áquelle dia.

— E' então uma revolta?—perguntou Luiz XVI.

— Não, senhor—respondeu o duque—é uma revolução!

MINERAÇÃO DE OURO

O aviso regio de 22 de Julho de 1766 recommendou ao governador da capitania de S. Paulo que, procurando por todos os meios indirectos que os paulistas abandonassem a mineração do ouro, promovesse por outro lado o cultivo da terra e o desenvolvimento do commercio, como meio de acabar com a pobreza em que se achava a capitania.

Em 1827 a renda total da Provincia de S. Paulo elevou-se a 295:719\$771, tendo a Alfandega de Santos rendido 11:000\$456.

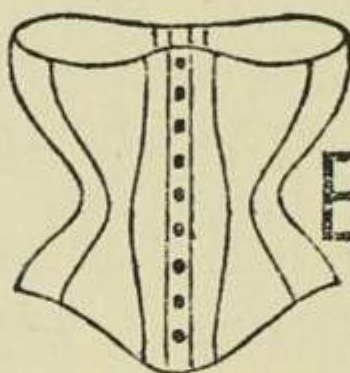
A liberdade individual só se adquire depois da de consciencia.

Droz.

CASA FUNDADA EM 1848

FABRICA DE COLLETES PARA SENHORAS

MME



ESCOFFON

CINTAS PARA ANTES
E DEPOIS DO PARTO.

TRAVESSA DO ROSARIO N. 21 A

Esta casa, conhecida ha mais de 32 annos n'este imperio, não só por sua fabrica-ção especial de colletes para senhoras e meninas, como tambem pelas afamadas cinturas para antes e depois do parto, tem sempre um grande sortimento de colletes feitos a todos os gostos.

Tambem se faz sobre medidas conforme o gosto dos freguezes.

Travessa do Rosario n. 21 A
S. PAULO

PORTO-FELIZ E AS «MONÇÕES» PARA CUYABÁ

I

A cidade de Porto-Feliz acha-se situada á margem esquerda do rio Tieté, a 127 kilometros de S. Paulo, a 20 e poucos das cidades de Ytú, Capivary e Tieté, a cerca de 30 de Sorocaba, e a 18 da estação do Boituva da estrada de ferro Sorocabana.

O seu clima é ameno, e o solo fertil. O seu municipio foi um dos mais importantes da provincia ; a primeira lei provincial que concedeu privilegio para a construcção de uma estrada de ferro indicava-o como um dos pontos a procurar. (*)

Primitivamente a povoação era conhecida por *Arv-raytaguaba*. Bandos de aves vinham sempre pousar n'uma grande parede de pedra que se eleva á margem do rio, junto ao logar onde presentemente está a cidade ; como procuravam os insectos, que se aninhavam nas cavidades, ou o salitre, que ainda hoje se vê ao lado dos tenues fios d'agua que de espaço a espaço deslisam pela superficie do alteroso paredão, os indigenas acreditavam que ellas comiam a propria pedra ; d'ahi o nome dado á localidade,

(*) A lei provincial n.º 51, artigo 32, de 18 de Março de 1836 concedia á Aguiar Viuva e Filhos, Platt & Reid privilegio para a construcção de uma estrada de ferro ou outra de mais moderna invenção, que partisse de Santos para Jundiahy, Campinas, Constituição, Ytú ou Porto-Feliz, ou para todas essas povoações.

no qual em sua linguagem pittoresca exprimiam esse facto. (*)

A principio simples aldeamento de uma tribu Guayanaez, ia-se incrementando á proporção que o elemento europeu se substituia ao do paiz ; tal, porém, era o desenvolvimento da freguezia de Nossa Senhora Mãe dos Homens de Araraytaguaba em 1797, que o Governador Antonio Manoel e Castro Mendonça elevou-a a villa com a denominação de Porto-Feliz. O que, porém, mais contribuia para a sua importancia e desenvolvimento era ser o porto mais proximo da Capital, e d'onde podiam partir as expedições fluviaes para Matto-Grosso.

De bem remotos annos datavam ellas.

Desde o começo da fundação da Capitania de S. Vicente os seus habitantes se tornaram notaveis pela energia, pelo espirito emprehendedor, pela coragem e tenacidade com que se expunham a todos os perigos, superando-os as mais das vezes.

Ahi estão para attestal-o as animações de Affonso VI ao sertanista Fernão Dias Paes, (**) o convite feito da Bahia a João Amaro, que acceitou-o para repellir os Guerens; as proezas de Bartholomeu Bueno, chamado pelos indios o *Anhanguera*, (***) as instancias do Governador General

(*) *Ita*, quer dizer pedra ; *guaba*, comer. Segundo Mart. a traducção é : Pedra em que a arara come.

(**) Vide *Lições de Historia Patria*, por Americo Brasiliense.

(***) *Anhanguéra*, quer dizer diabo velho. Os indigenas temiam este ousado sertanista, cujos actos de coragem e tyrannia ficaram memoraveis. Só uma vez, diz um escriptor, Bartholomeu Bueno trouxe presos tantos indios, quantos bastavam para povoar uma villa. Elle atterrava aos miseros, promettendo-lhes fazer seccar os rios, como elle fazia ao alcool pondo-o em combustão deante dos pobres indigenas admirados !

Rodrigo de Menezes para que o filho d'este fosse duas vezes, seguindo o roteiro do pae, descobrir as minas que elle noticiára; as explorações das Minas-Geraes, as de Goyaz e Matto-Grosso, e finalmente o concurso prestado por elles para afastar os estrangeiros que invadiam o territorio brasileiro.

Levados a principio pela idéa de rechaçar os indigenas, que impediam os estabelecimentos coloniaes, e depois pelo pensamento de captural-os, os paulistas se embrenhavam pelas invias florestas, arrostando toda a sorte de privações e de perigos. Ora viajavam pelos encachoeirados rios, ora se entranhavam pelos sertões « sem outra bagagem mais que a polvora e a bala, sem outro rumo mais que o do acaso, descobrindo todas as minas de ouro e pedraria que tanto tem enriquecido os seus posteros, ficando elles e seus descendentes pobres. » (*) Entre outras as de Matto-Grosso lhes devem a descoberta.

Segundo os chronistas, Manoel Corrêa, de Sorocaba, foi o primeiro que deu d'ellas noticia; internando-se pelos sertões dos Araes voltára trazendo indigenas, em 1670, e dez oitavas de ouro, de que mandou fazer um resplendor para Nossa Senhora da Penha de Sorocaba.

Antonio Pires Campos, que fôra precedido por seu pae, tambem deparou com ouro, do qual mandou fazer uma Corôa para Nossa Senhora do Hospicio do Carmo da cidade de Ytú, onde elle habitava.

Foi sómente em 1718 que as minas começaram a ser exploradas por Paschoal Moreira Cabral, Domingos do Prado, Pires de Campos, e outros aos quaes vieram se reunir mais alguns, taes como A. Almeida Lara e Capitão-mór Braz Mendes Paes, de Sorocaba.

Esses sertanistas pela maior parte de Piratininga, de Ytú ou de Sorocaba tomavam para as suas explorações o caminho mais natural e economico, os rios; reuniam as

(*) Lacerda.

canôas e batelões ; contratavam camaradas, e encetavam suas penosas viagens.

Navegavam pelo Tieté até o Paraná ; desciam por este, e penetravam nos seus afluentes, pelos quaes seguiam, ora abandonando as canôas nos arriscados passos, para fazerem novas além, ora passando-as pelas cachoeiras, sirgas, sangradouros ou por terra mesmo.

Assim foram até ás minas de Cuyabá, onde chegaram a organizar um governo pccvisorio.

A concorrência de exploradores augmentou-se consideravelmente ; a Capitania povoou-se ; então, não só a busca do ouro como o fornecimento dos productos naturaes ou industriaes, de que ella carecia, chamou tambem para lá os commerciantes das outrás Capitánias. Á's caravanas em que partiam dava-se o nome de *monções* ; (*) estas ou eram apparelhadas pelos particulares, ou pelo Estado ; as primeiras levavam todos os generos de que podiam precisar os novos habitantes dos sertões: o ferro, o trigo, louças, escravos e sobre tudo o sal ; este genero faltava tanto em Matto-Grosso que disse-me um viajante, muitos guardavam-no dissolvido, em vidros, outros chegavam a queimar os barris que o conduziam para aproveitar as cinzas.

Em Camapuam, refere um observador, a comida era feita quasi sem sal ; quando subia alguma monção os habitantes d'esse ponto trocavam o mantimento por esse genero. Um prato raso de sal custava 1\$800 réis ! Nas monções do Estado tambem chamadas *reiuas* o governo enviava tudo quanto era preciso, no seu entender, para desenvolvimento da nova Capitania : iam armas, polvora, soldados, etc. : por ellas vinham o ouro e diamantes pertencentes á metropole. Quasi sempre, logo depois da Paschoa

(*) Aguardavam a oportunidade, a monção favoravel ; para navegar ; d'ahi nome de *monções* dada ás caravanas.

sahiam ellas de Porto-Feliz. Ainda existem algumas testemunhas das scenas que então se davam.

Determinada a época da partida da monção reiuna, o Capitão-mór (*) ordenava o recrutamento dos tripolantes; organizado o quadro, tinham estes autorisação para tirar das lojas o que precisassem, até uma certa quantia. Junto ao porto chamado geral havia um vasto rancho, no qual eram guardadas as canôas e batelões, sendo estes de grande capacidade; alguns comportavam 500 arrobas de carga. Chegado o dia affluia ao porto enorme multidão de povo. Os camaradas se dividiam em pilotos, sub-pilotos proeiros,

(*) Os capitães-móres foram de duas ordens distintas, e representaram duas épocas na historia das Capitánias. A primeira é a dos capitães-móres loco-tenentes dos donatarios, verdadeiros delegados d'estes e por elles providos e munidos de procurações com os respectivos poderes.

....Eram providos por tres annos e sua jurisdicção estendia-se a todas as possessões da Capitania, concorrendo com o senado das Camaras e de harmonia com ellas accudiam com providencias em todos os casos graves, *levantando bandeiras para conquistas dos indios, etc.*

A segunda época começou quando cessou a primeira (1708).

Meros instrumentos do absolutismo, a sua jurisdicção limitava-se á povoação em que residiam; superintendiam exclusivamente os negocios policiaes, militares, recrutamento, etc.

(Apontamentos Histor. de Manoel Eufre.)

Conserva-se em Porto-Feliz tradicionalmente a idéa do temor e respeito que esta autoridade infundia.

O parocho não celebrava missa sem que elle houvesse chegado á Egreja: os homens do povo descubriam-se ao passar em frente da sua porta: alguns eram obrigados a tirar os sapatos para entrarem nas suas salas!

remadores ou cargueiros ; d'estes muitos não inspiravam confiança, pelo que eram conduzidos acorrentados para as canôas. O Capitão-mór e todas as pessoas gradas da freguezia alli se achavam ; o Sacerdote tambem comparecia. Os remadores levantavam em cada canôa os remos em fórma de cruz, o Padre revestido das sagradas insignias procedia á bençãam da monção. Tiros, salvas, estrugiam os ares. Os navegantes entoavam uma canção tristemente monotona, e as canôas se afastavam, deixando muitos corações de mãe a estalar de cuidados, muitos olhos razos de lagrimas, muitos labios a murmurarem orações á Virgem Mãe dos Homens pelo feliz e prompto regresso dos viajantes.

As monções particulares não apresentavam um cortejo tão contristador, que sobretudo a obrigatoriedade imprimia ás reiunas.

Inspirados pelo amor do desconhecido, ou pelos lucros auferidos por outros, os exploradores manifestavam uma confiança e entusiasmo que se communicavam a todos.

A's vezes eram as monções promovidas por moços que, tendo trazido do Rio Grande do Sul grandes tropas, vendiam-n'as em Sorocaba e com o seu producto compravam os generos para revendel-os em Cuyabá.

Em outras occasiões seguiam familias inteiras, cujos chefes, animados por successos anteriores, não se arreceavam em associar a seu destino as corajosas companheiras de sua vida ; a animação de que então se revestiam, era necessariamente partilhada pelos espectadores, que chegavam mesmo a esquecer que muitos d'aquelles temerarios talvez não mais revissem a terra em que nasceram, ficando sepultados sob as cachoeiras dos rios, ou victimados pelas febres, que n'aquellas paragens disputavam aos selvagens o direito de disimar os aventureiros que as invadiam.

A ultima monção particular de que ha lembrança em Porto-Feliz, foi a de Firmino Ferreira, a qual deixou a mais desagradavel impressão, por causa das circumstan-

cias de que se revestiu. Tendo perdido a mãe nas vésperas da partida, Firmino arvorou o lucto nas suas embarcações; lugubre foi a partida, luctuosa a viagem, em que nem lhe foi dado alcançar o seu objectivo, perdida quasi toda a tripulação e cargas, volveu ao ponto de partida, onde veio a fallecer.

A's febres e á insubordinação dos camaradas deveu o máu exito de sua empreza derradeira.

II

Quão diversas das experimentadas no dia da partida deveriam ser as emoções do momento da volta!

Sendo pouco habitadas as margens do Tieté, raras noticias chegavam dos pontos que elle banha; avaliado entretanto o tempo em que deveriam as monções regressar todos aguardavam anciosos um indicio da sua approximação. Bandos de aves subindo dos lados do rio eram os mensageiros da boa nova. Começavam os aprestos para a recepção!

Quantas alegrias, quantos temores, quanta anciedade precederiam o almejado instante! Virão todos? Morreria alguém? Meu marido? Meu irmão? Meu amigo? Eram as perguntas que a si proprio certamente faziam os que tinham n'aquellas canôas uma parte da familia, ou algum amigo. Assim como nos dias da partida muitos seguiam por terra para nos pousos conversarem com a tripulação antes de afastar-se muito do ponto do embarque, assim tambem alguns caminhavam pela margem do rio, para terem o prazer de vêr antes dos outros as pessoas pelas quaes se interessavam.

Os tiros, as salvas, ouvidos de espaço a espaço e cada vez mais proximos annunciavam a imminente chegada da monção. Corria enorme multidão ao porto. Entre os arbus-tos que bordam a margem esquerda do Tieté se divisavam centenares de pessoas, que com os olhos fitos nas move-

diças agoas, esperavam surgirem na ultima sinuosidade do rio as canôas embandeiradas, que traziam os felizes viajores. Depois, á alegria natural aos que revêm os entes queridos, e á dôr dos que adquiriam a certeza de já mais os reverem, seguiam-se as perguntas ácerca dos incidentes da viagem, a admiração pelos feitos de uns, a lamentação pela falta de outros, e pelos perigos corridos por todos.

Em seguida vinha o apreço ás novidades trazidas: uns mostravam os couros de enormes onças, mortas, ora a passarem os banhados, ora ao aggrederem no pouso. (*) Tambem traziam animaes diversos; carnes de anta, de capivara: aves raras: o urubutinga, o joó, as anhumas com a sua eminencia córnea na cabeça.

A's vezes vinham indios, cujos adornos, habitos e destreza maravilhavam a todos. Os chefes ostentavam as pedras preciosas que obtiveram, os camaradas as oitavas de ouro, preço pelo qual se haviam contratado.

Uns contavam as proesas que fizeram para se livrarem dos ataques do feroz Payaguá, cujos feitos em *Pouso Alegre*, onde mataram de uma assentada 400 portuguezes, ficaram em perpetua memoria; outros descreviam o astuto *Guayucurú*, o indio cavalleiro, que levava comsigo a cavallo o cão e a arma, ~~que~~ abandonando a montaria entrava na canôa para n'uma volta do rio sorprendendo a monção accommettendo-a com flechas e lanças, tendo estas pontas de ferro, que naturalmente compravam aos hespanhoes em Assumpção; estes indigenas levavam a sua habilidade a ponto de atirarem agua com os remos nos feichos das espingardas dos exploradores que se defendiam.

(*) Contam alguns viajantes que a onça accommettia-os nos pousos: uma vez veio tirar um macaco que haviam morto, e deixaram á noute ao serêno.

Quando nas monções iam negros, os brancos faziam um cerco, e collocavam os pretos no centro: só assim os livravam do ataque da onça.

Narravam os costumes do Carijó, e sobre tudo do Guató, (*) mais manso e amigo da prole, embora sempre energico em manter a sua autonomia, e vingar as affrontas recebidas das outras tribus.

Fallavam no perigo que corriam ao demorarem-se em terra quando os companheiros estavam embarcados ; na apparição subita dos indigenas ao som da busina e do seu desaparecimento instantaneo por entre as florestas ; das luctas que ás vezes travavam, vendo-se obrigados a occultarem-se atraz de um dos bordos da canôa, e dentro d'agua para evitarem as suas flechas. Contavam a abundancia de caça, dos peixes e das cobras, tendo elles de matar muitas vezes algumas d'estas, que avançavam para as canôas ; o tamanho das sucurys que se confundiam com troncos de

(*) Certo dia perguntou um viajante a um Guató porque não plantava, para ter abundancia de mantimento. Respondeu o indigena : — Guató não precisa trabalhar, matto tem caça, rio tem peixe ; Guató sabe caçar e pescar, não precisa plantar !

Referiu-me o honrado paulista, o Sr. João da Cruz Leite, o seguinte facto : o pae do Sr. Cruz levára comsigo, em uma das viagens, a familia toda : tinha elle então um filho que sua esposa trazia ao cólo. Encontrando-se um dia com um grupo de Guatós, que já o conheciam de anteriores viagens, a senhora apreciou extraordinariamente a vivacidade de um indiosinho, que vinha ao hombro da mãe : a esta dirigiu-se ella, por intermedio de uma interprete, pedindo que lhe dêsse a criança, por cujo futuro ella respondia ; quanto mais insistia ella, mais a india se recusava a dar o filho. De repente, como cançada de tanta insistencia, volveu para a Senhora, e disse-lhe em seu dialecto : « Pois bem, eu dou meu filho, mas então você ha de me dar o seu. »

Foi o instincto materno respondendo a uma mãe de modo a não admittir contestação.

grossas arvores. Na fartura de peixe, mormente em certos rios, de modo que bastava ás vezes pôr uma luz á noute no centro da canôa, para saltarem dentro d'esta dourados, piracanjubas, piabuçus ; na porção de piranhas encontradas no Paraguay e alguns affluentes ; nos perigos que corre quem se banha n'esses rios, onde tão temiveis peixes devoram em instantes qualquer animal que se lhes atira, chegando a ponto de se comerem reciprocamente, si se larga um pouco de sangue n'agua.

Emfim, durante semanas e semanas só se ouviam as narrações mais ou menos pittorescas dos episodios da jornada, de envolta muitas vezes com o sobrenatural ; com o encanto da Mãe-d'agua, e outras ballelas com que a imaginação de uns alimentavam a crendice de outros.

Esses contos despertavam nos ouvintes ardentes desejos de fazerem eguaes excursões ; d'ahi a repetição das monções, e com ellas o augmento da riqueza de Porto-Feliz. O magnifico templo, (*) que constituia o orgulho de seus filhos, lá está demonstrando a fortuna e liberalidade dos homens d'aquelle tempo.

A communicação com Matto-Grosso pelo Tieté foi abandonada ; a que se fazia com a colonia do Itapura tem seu ponto de partida em Piracicaba ; com essas mudanças

(*) A Egreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens, de Porto-Feliz, é uma das melhores da Provincia.

Chuvas torrencias em 1882 estragaram as torres e frontespicio, que se acham demolidos, bem como toda a fachada anterior.

Tratam de reconstruil-a.

Em um livro das esmolas para as obras da Egreja, aberto em Ytú a 16 de Abril de 1749 por Antonio S. Gusmão, vem mencionadas muitas vezes as parcellas de ouro recebidas dos que vinham de Cuyabá. Tambem alli se mencionam os barris de sal dados á Egreja, e enviados para serem vendidos n'aquella cidade.

cessou a importancia de Porto-Feliz por esse lado ; um dia, quando mais adiantados nos convenceremos de que a via fluvial é a mais natural e economica de todas, irão os vapores talvez áquellas paragens, onde é possível encontrar escriptos nas pedras que margeiam os rios, ou nos annosos troncos de arvores que o ensombram, os monogrammas de alguns dos nossos antepassados protestando silenciosos contra o abandono em que deixaram a magestosa estrada que unia as duas provincias brasileiras !

III

De Porto-Feliz a Cuyabá ha cerca de 550 leguas a percorrer por dez rios e duas a caminhar por terra entre o *Sanguesuga* e o ribeirão do Camapuam. Ha cerca de cento e treze cachoeiras a transpôr, o que faziam ora diminuindo as cargas das canoas, e impellindo-as pela corredeira, por onde, diz um viajante, passavam como uma flecha, ora arrastando-as pelos canaes mais razos ou circgando-as ; ora finalmente conduzindo-as por terra até além da quéda, o que constituia a «varação» : para este fim collocavam de espaço em espaço no caminho, troncos roliços por cima dos quaes eram ellas transportadas. (*)

Além do piloto é remadores iam tambem os proeiros, cujo encargo era com varejão ou remo impedirem que a

(*) N'esta parte sigo, além das informações verbaes que pude colher, o importante Diario do Dr. Francisco J. Lacerda e Almeida, e a Viagem do Consul Langsdorff, escripta pelo segundo desenhista da Commissão o Sr. Hercules Florence e impressa na Revista do Instituto Historico, depois de traduzidas pelo illustrado Sr. Taunay.

Sinto sincero prazer em poder render á memoria do distincto sr. Hercules Florence—a minha homenagem : o seu escripto é sobremodo interessante, e muito digno do seu talento.

canôa batesse nas pedras. (*) Arriscadissima era a posição pois si o varejão quebrava ou resvalava, quando elles o firmavam contra algum penedo, ao passarem as cachoeiras, a sua quédia era certa, e com ella as mais das vezes a sua morte.

Quando as monções desciam os rios o piloto dirigia a canôa com o remo á guisa de leme ; o proeiro vigiava para que não batesse nos parceis ; os remadores fendiam as aguas compassadamente e assim venciam grandes distancias.

Nas subidas os remos eram substituidos pelos *varejões*, compridas varas de que os camaradas, collocados á prôa—immergiam uma extremidade até tocar o fundo do rio : firmando-se na extremidade superior caminhavam até á pôpa ; a canôa obedecendo o impulso avançava em sentido contrario.

(*) Eis como o Sr. H. Florence descreve uma monção reuna com que encontrou-se.

... fui passeiar até abaixo da cachoeira (Avanhandava) onde parte da tripolação tinha já arranjado o grosso da bagagem e preparado o pouso. Quando lá cheguei, fiquei surpreendido de encontrar um homem muito barbado, com um grande chapéu preto á cabeça, espada á cinta, um sacco de pelle em bandoleira, espingarda e botas altas de couro de cervo. A principio cuidei que fosse algum morador d'aquelles mattos, mas cahi em mim quando vi os companheiros que trazia, remadores e quatro canôas. Era o capitão Sabino que vinha de Cuyubá e dirigia-se para Porto-Feliz. Com elle ia um Tenente-Coronel, um Padre e um Tenente, além de trinta e dous pedestres da Companhia de quinhentas praças que o governo mantém em Cuyabá para o serviço fluvial. Em Porto-Feliz devia elle tomar artilharia, polvora, ferro, sal e outros objectos destinados á fazenda publica na capital de Matto-Grosso.

Nas cheias, ou nos rios por demais correntosos era necessario subirem pela margem prendendo ganchos nas arvores d'estas e assim vencendo a corrente.

A difficuldade em navegar o Tieté acima de Porto-Feliz fez com que fosse este logar o ponto de partida das monções. As cento e cincoenta leguas navegadas n'este rio consumiam de um mez a cinco conforme era ida ou volta ; desde que partiam, começavam a encontrar as cachoeiras que d'ahi até a sua foz montam a cincoenta e cinco.

As mais conhecidas são as do *Juro-mirim*, *Itanhaem*, *Avarémanduava*, *Acanguéra*, *Itagassava-mirim* e *assú*, *Bujuy*, *Pilões*, *Pirapora*, *Itapema*, *Pederneiras*, *Itapuan*, *Uamicanga*, *Tambatiririca*, *Cambaiuvoca*, *Avanhandava-mirim* e *assú*, *Escaramuça*, *Aracanguá*, *Voi-cuntuba* e *Itapura*.

Estes nomes, cuja traducção se acha publicada n'um d'estes Almanachs de annos anteriores, foram tirados já de certas condições physicas, já de alguns accidentes n'ellas dados.

Não poucos viajantes taes como Manoel Peres, Garcia e outros, victimas de algumas, legaram-lhes os nomes por que ficaram conhecidas.

Por todas d'este rio as canôas passavam ora com meia carga, ora descarregadas inteiramente, excepto nas de Avanhandava e Itapura, onde havia varação.

A primeira d'estas é a mais imponente ; eis como a descreve um intelligente observador : « A differença de nivel entre a superficie superior e a inferior é mais ou menos de sessenta pés ; as aguas, porém, correm em um plano muito inclinado, quer antes, quer depois de precipitarem-se. O salto é de uma belleza magestosa. Corta o rio seguindo uma obliqua de modo que em baixo á margem vê-se-o bem de frente. A sua largura é de cerca de trezentas braças ; a altura de quarenta pés, o que com a inclinação antes e depois da quéda faz os sessenta. As aguas se precipitam á direita entre a margem umbrosa, uma ilhasinha co-

berta de arvores, e uns grandes penedos ; formam-se, pois, duas gargantas por onde se atiram as massas liquidas em tal agitação e revolvimento de espumas que densas nuvens se erguem como neblinas cerradas. As que cahem pelo lado do grande massiço de rocha não são tão revoltas ; milhares de cascatinhas, divididas por pontas de rochedos, constituem um amphitheatro de pedras riscadas por fios d'agua, alvos como a neve. O grande massiço não se prende á margem esquerda ; de permeio fica uma ilha e no intervallo, lançam-se espumantes e furiosas espadanas de agua, que se desfazem em vapores. Vista do ponto inferior parece que o matto da margem esquerda se afasta sensivelmente, achegando-se por uma illusãc optica, da margem direita, até perder-se n'um horisonte de espumas.

« Depois do salto as aguas continuam a correr com furia, empoladas sempre.

« E' ainda n'essa corredeira que são lançadas as canôas já arrastadas por terra ; tal é a violencia com que são ellas arrebatadas que os tripolantes ficam com os cabellos eriçados pela resistencia do ar, e fazem muitos esforços para manobrar de modo a evitar as pontas dos fraguados. O rio em seguida estreita-se ; de duzentas a trezentas braças que tinha mostra-se com quinze a vinte ; pouco depois váe se alargando e por consequencia diminuindo a correnteza. » (*)

Antes do Itapura ha ainda a cachoeira da *Escaramuça*, assim chamada pelos zig-zags que obrigava as canôas a fazerem. Ha tambem a de *Itupanema*, na qual á direita existe o salto e á esquerda um canal raso, por onde as canôas eram empurradas pelos remadores que para isso desciam á agua.

A do Itapura é quasi da mesma altura que a do Avahandava ; é porém mais estreita.

(*) H. Florence.

Logo depois da quéda o rio se aquieta e só então é que reapparece correntoso, tomando grande velocidade.

Para passar esta cachoeira, a ultima do Tieté, havia varação de cerca de sessenta braças; proseguindo na navegação chegavam á confluencia d'este no Paraná.

Ao attingirem a este ponto, quer na ida, quer na volta, os remadores davam vivas e salvas, satisfeitos, na ida por haverem passado o primeiro e bem perigoso marco; no regresso por estarem no ultimo.

As margens do Tieté ora se apresentavam entre paredes, ora entre pequenas ribanceiras, sempre, porém, vestidas de mattas frondosas; algumas arvores estendiam sua densa ramagem quasi paralellamente ao plano das aguas ensombrando-as em grande extensão.

Na foz apresenta elle, segundo alguns, a largura de setenta braças.

Penetrando no amplo Paraná mudava-se a perspectiva; alargavam-se os horisontes; e a idéa de que não havia mais obstaculos a transpôr n'este rio, visto como a notavel cachoeira *Umbúpongá* estava acima, enchia de animação e de prazer os navegantes.

Desciam 29 leguas até á foz do rio Pardo, á margem direita. Este é formado pela confluencia dos rios *Sanguessa* e *Vermelho*; aquelle era assim chamado pela abundancia que tinha d'estes annélides; a denominação do segundo provinha da côr que tomavam suas aguas, mormente nas estações chuvosas, de modo a turvarem a limpidez do primeiro, com o qual fórma o Pardo. A foz d'este rio é de 64 braças. A sua correnteza enorme, é tal, que as monções gastavam ás vezes sessenta e mais dias em subil-o, quando o desciam em uma semana. N'elle caminhavam 75 leguas.

Conta um viajante que ás vezes trabalhavam um dia inteiro para caminharem pouco mais de duas leguas. Alli tinham de vencer trinta e trez cachoeiras, passando por canaes, sirgas e varadouros. As mais conhecidas quédas

são as do *Cajurú*, *Quebra-Prôa*, que traz no nome os seus feitos, *Embirussú*, *Tijuco*, *Anhanduy*, *Curáo*, *Trez Irmãos* (*) e outras.

A' proporção que subiam o rio a vegetação das margens modificava-se. As arvores frondosas eram substituídas pelos arbustos; começavam a apparecer os descampados. Innumeras palmeiras se avistavam, ora esparsas, ora em grupos: os outeiros floridos se succediam; de instante a instante variavam os panoramas. Em quanto as canôas a custo venciam a corrente, alguns caçadores subiam por terra, aproveitando a abundancia de veados e perdizes com que alli deparavam; tambem encontravam fructos silvestres como o cajú, a mangaba, as jaboticabas. Passando a foz do rio Vermelho, as monções seguiam o Sanguesuga até o porto d'esse nome; d'ahi eram as canôas carregadas em carros de bois, cerca de duas leguas, até o ribeirão de Camapuam, atravessando um morro, o que não era por certo obstaculo para os ousados sertanistas. N'esse logar se achava a celebre fazenda de Camapuam, estação das antigas monções.

Diz um illustrado chronista que primeiramente estas chegavam sómente até o salto de Cajurú, onde as canôas eram deixadas e as cargas transportadas até o ribeirão de Camapuam; ahi os viajantes que vinham de Cuyabá davam-lhe as suas canôas e iam occupar as que elles haviam deixado abaixo da cachoeira.

Foram os irmãos Leme (João e Lourenço) celebres por suas façanhas e tragico fim, os primeiros que fizeram variação em 1720 através da fazenda de Camapuam, sendo de

(*) *Trez Irmãos*: dizem que na bacia superior d'esta cachoeira ha um *poço* ou *sorvedouro* onde nos tempos das primitivas explorações, perdeu-se uma canôa com oitenta arrobas de ouro em barra; nenhum mergulhador conseguiu tiral-o, por causa do torvelinho das aguas. Esta noticia é repetida na *Viagem* do Consul Langdorf.

então em deante o seu exemplo imitado. (*) Esta fazenda fornecia os carros e bois para o transporte ; n'ella as monções se muniam de mantimentos que as mais das vezes trocavam por sal, genero alli raro.

Contou-me um viajante que ás vezes não encontravam mantimento sufficiente para o resto da viagem ; plantavam, colhiam, para depois continuarem a excursão.

Diversas vezes esse estabelecimento foi atacado pelos indigenas, que foram rechaçados e perseguidos pelos proprietarios ou administradores.

Além de escravos pretos havia indios em serviço na fazenda.

Depois da demora indispensavel seguiam as monções pelo ribeirão Camapuam, em que as canôas eram arrastadas quasi sempre, tão razo é elle, por espaço de dezeseite leguas ; sahiam no *Coxim*.

Este rio é estreito e tem um fundo de pedras muito inclinado ; corre entre altas margens ; em alguns pontos é apertado entre montes altos ; logares ha que parecem fendidos propositalmente para darem passagem ás aguas que se elevam a cincoenta palmos nas enchentes, sobre o nivel normal. Este rio é um dos mais accidentados em toda a viagem ; tem vinte e quatro cachoeiras, entre as quaes as de Anhumas, Vanucanga, André Alves, Jaury, Choradeira, Jequitaya.

Eis como um viajante narra o modo de passar algumas em que não havia varação :

« Toda a carga sahe das canôas, nas quaes se mettem cinco ou seis homens dos mais entendidos. Sóbem então um pouco o rio e virando de repente enfiam o canal. Eis que o fragil batel se inclina, vôa, que não corre ; n'um redemoinho de espuma, mergulha a prôa ou a impina temeroso. Mas ahi vigia o guia; de pé, com um varejão na mão, á pôpa, o ajudante e os pilotos estão áleria, e no meio tra-

(*) Lacerda e Almeida.

balham os proeiros. Todos manobram com precisão, energia e habilidade. Curvados, para maior firmeza das pernas, manejam o remo e a zinga desviando a todo o instante os choques de encontro aos penhascos, onde as canôas far-se-hiam em mil pedaços. »

A navegação d'este rio é de quarenta leguas ; sua foz de vinte braças.

Delle passavam para o *Taquary*, no qual, as monções percorriam noventa leguas ; em toda essa extensão só ha uma cachoeira, a da Barra, de que faz parte a Beliago, cuja passagem era saudada pelos navegantes, por ser a ultima desde Porto-Feliz a Cuyabá.

E' á margem d'este rio que está o Pouso-Alegre, onde se reuniam as canôas armadas vindas de Cuyabá, com as dos commerciantes paulistas ; assim podiam resistir aos ataques dos indigenas. Foi, porém, n'um d'esses encontros que pereceu o Ouvidor Geral da Comarca de Paranaguá, Dr. Alves Lanhas, em 1730 ; com oitenta canôas. Os Payaguás atacaram os portuguezes, dos quaes pereceram 400 ; perderam-se sessenta arrobas de ouro. (*)

Do aspecto que apresentava o *Taquary*, eis o que diz Saint-Hilaire :

« O *Taquary* fecunda deleitosas planicies matizadas de bosques silvestres, e como descreve curvas pouco extensas, porém pouco repetidas, o viajante encantado acredita vêr uma série de lagôas. Nos pantanaes, o rio, dividido e subdividido, fórma grande quantidade de ilhas, cobertas de agua durante o tempo chuvoso. Aqui tudo é novo para o viajante ; quer venha da Europa, quer tenha já viajado no Brasil não reconhecerá os objectos que o rodeam. Palmeiras de fórmulas singulares, entremeadas de arbustos odoríferos, bordam o rio ; passaros mui curiosos vôam em bando de todos os lados. A' medida que a canôa se adianta levanta bandos de gaiotas e patos selvagens de immensos

(*) Dr. Lacerda.

bicos ; cegonhas gigantescas parecem querer disputar aos *caimans* o imperio dos pantanos, emquanto cardumes de peixes saltitam no meio das aguas vivas. Em toda a parte o movimento, a superabundancia de vida, mas a vida do deserto, a vida dos primeiros dias ; o homem não appareceu ainda. Apenas de vez em quando a ligeira canôa *guay-curú* resvala entre os arrozaes selvagens que a natureza semeou n'estes logares, para nutrir os passaros aquaticos que abundam n'estas paragens. O aspecto novo e grandioso dos pantanaes annuncia a visinhança de um dos grandes rios da America, o Paraguay, que mesmo no tempo de secca tem na confluencia do Taquary quasi uma legua de largura ; e que quando os pantanaes estão innundados, formam um immenso lago de mais de cem leguas quadradas. Estas lagôas artificiaes como se estendem além da foz do rio Cuyabá, permitem que se navegue até esse rio sem passar pelo Paraguay e S. Lourenço. Nas estações seccas, porém, as monções desciam do Taquary para o Paraguay, por este subiam cerca de 40 leguas até a foz do S. Lourenço, penetravam n'este subindo 25 leguas até o rio Cuyabá pelo qual entravam navegando as sessenta e quatro que levam á cidade do mesmo nome, ponto terminal da jornada. »

Os rios Paraguay, S. Lourenço e Cuyabá são muito abundantes de peixes ; alguns viajantes referem que a tiro e flechas ainda os mais inexperientes os matavam. A onça vinha á margem do rio, açoutava as aguas com a cauda ; tanto bastava para que surgissem peixes que ella apanhava com muita celeridade. Havia nos campos e mattas, muitas caças : a anta, a cutia, a capivara ; muitas aves o *joó*, o *mutum*, o *araquein*, a *anhuma*. Apezar, porém, de todas essas distracções, quantos perigos corriam os itinerantes ?

E' por isso que ao regressarem a Araritaguba podiam orgulhosos mostrar o fructo do seu trabalho conquistado ás cachoeiras do rio e á flecha do indigena.

Não era também menor o risco produzido pelas emanações palustres, que não raro matavam ou inutilisavam para sempre os viajantes. A' proporção que outros caminhos se tornaram mais frequentados as monções foram se diminuindo, e Porto-Feliz perdendo consideravelmente. Entretanto o animo de seus filhos não se intibiu; o movimento progressivo que se fez em toda a provincia repercutiu no velho Porto-Feliz. Seus filhos sempre amigos da instrucção, faziam que as escolas se enchessem de modo que poucos Porto-felicenses adultos se encontrarão que não saibam lêr. As idéas democraticas, cuja expansão se fez a 3 de Dezembro de 1871, encontraram n'aquellas regiões espiritos bastante desinteressados para abraçarem-nas desprezando as vantagens e honras que os partidos monarchicos garantem aos que os seguem.

De lá tem sahido muitos moços para cursarem as academias do paiz e do estrangeiro.

Já teve um filho nos Conselhos da Corôa (o Conselheiro Campos Mello). Foi um outro Porto-felicense, o intelligente cidadão José Rodrigues Leite Zuza, quem elevou-a a cidade em 1858. O que, porém, attesta mascula energia d'aquelle povo é ter levantado o primeiro Engenho Central, na provincia sem ter recebido um real de garantia de juros do Governo.

Assim, pois, além de Cadeia, Matriz, boa casa para escolas, possui o magestoso edificio do Engenho Central á margem do rio, onde tem fabricado mais de 30.000 arrobas de assucar por anno esperando augmentar em muito a producção d'esse genero.

Um rebocador a vapôr leva ao estabelecimento toda a canna fornecida pelos lavradores ribeirinhos; na primeira occasião em que o ouvi sibillar, singrando sobre o Tieté, não me foi possivel conter um brado de entusiasmo! Reportando-me então mentalmente ás gerações de outr'ora imaginei quanto sentiriam pulsar os corações ao verem aquellas aguas cortadas não pelos pesados remos que lhes

subtrahiram mudando o porto, mas pelas pás movidas pelo elemento civilizador do seculo XIX, pelo vapor !

E bem disse ainda uma vez a força compensadora do progresso !

DR. CEZARIO N. DE A. MOTTA M. JUNIOR.

OS DOUS ESPELHOS

(CAMPO-AMOR)


Para o crystal de um espelho,
Aos quarenta annos olhei,
E vendo-me feio e velho,
De furia o vidro quebrei.

Da alma na transparencia
Eu quiz contemplar-me então,
E tal me vi na consciencia
Que esmaguei o coração.

Ai ! que em perdendo um mortal
Mocidade, fé e amor,
Si olha no espelho váe mal,
Si vê-se n'alma—peior !

Julho, 14, 1881.

F. QUIRINO DOS SANTOS.



AO GLOBO

3 RUA DA IMPERATRIZ 3

E LARGO DO MERCADINHO

CASA DO ANTIGO

CAFÉ AMERICANO

Esta casa recommenda-se pelo seu systema de negocio e vantagens que offerece. Os preços de suas mercadorias são os mesmos a varejo para qualquer porção que os das *Casas de atacado d'esta Capital.*

Tem completo sortimento em

FAZENDAS, MODAS, ARMARINHO,
PERFUMARIAS, etc., etc.

S. PAULO

AZEVEDO & C.^a

A VIRGEM DA MISERIA

Na Escola de Medicina da Côrte, fez-se um estudo anatomico no cadaver de uma moça de 18 annos, que se verificou ser donzella. Um estudante de medicina, bacharel A. Figueira, escreveu de improviso o seguinte soneto :

NO AMPHITHEATRO

Dizem que o crime, o vicio, as impurezas crúas
costumam perecer no catre do hospital ;
—mentira ! aqui estás ; nas fórmas brancas, núas,
mostrando á mocidade um corpo virginal.

E quantas d'essas mil donzellas, que nas ruas
ostentam do seu luxo o timbre oriental,
valem menos que tu, do que as virtudes tuas,
que affrontaram a fome, a enfermidade e o mal !

E emquanto que ellas vão, do solio da riqueza,
matando aspirações, calcando com vileza
o esplendido porvir de nobre consciencia ;

núa, deitada aqui, a filha da miseria,
si não goza da tumba a placidez funerea,
serve ao menos de força ao braço da sciencia.

O METHODO JOÃO DE DEUS E A PHILOSOPHIA POSITIVA

Não ha hoje contestação séria para a lei dos tres estados, formulada e demonstrada por Augusto Comte. Os que mesmo não querem ser positivistas *in nomine*, o vão sendo *in re* guiando-se e instruindo-se na proveitosissima triilha d'esta lei.

Eu por mim confesso que ella me serve de quilate em todas as operações do meu espirito, quando elle procura reconhecer a verdade, e confesso mais que nem uma vez ainda ella me conduziu a erro.

Si é infelizmente certo que a sociologia ainda não obteve a sua organização scientifica debaixo do ponto de vista didactico e deductivo, não é menos certo que estão definitivamente lançadas as suas bases abstractas; e a lei dos tres estados, é uma das mais perfectas e completas. Tanto como a lei da gravidade de Newton, como a dos pesos atomicos da Chimica, e tantas outras que já tem em cima as construcções scientificas correspondentes.

×

O processo da leitura, na sua evolução historica, passou pelos tres estados da lei. Foi theologico na soletração, tornou-se metaphysico na syllabação, e é finalmente positivo ou scientifico na palavración. Esta ultima phase foi inaugurada pela cartilha maternal.

Na soletração, as lettras, tomadas em separado, eram as entidades sobrenaturaes, que tinham o miraculoso po-

der de construir palavras sem que o espirito podesse descortinar a relação entre a causa e o effeito, entre o elemento e o composto. De facto ninguem póde descobrir como *bê* e *a* produz—*ba*, *pê*, *agá*, *o*, *esse* produz *fós* etc.

Na syllabação, as syllabas constituíam os elementos subjectivos que, isoladamente se podiam sujeitar a uma mecanica de memoria infinitamente grande e difficil, para depois, collectivamente considerados, e combinados de todos os modos, constituírem palavras. Ha de metaphysico n'este processo este modo de conceber de **syllabas** como entidades abstractas, inteiramente separadas **das** palavras, formando-se previamente no espirito a idéa **da** synthese que dá em resultado o vocabulo. A idéa desce **do espirito** para as coisas, como succede exactamente na **concepção** metaphysica.

Na palavração, os elementos de toda a organização thechnica do processo da leitura são as proprias palavras, como sendo e constituindo a realidade, e é pelo methodo geral da analyse recahindo sobre as palavras que o espirito determina por um lado os ultimos residuos da palavra quando ella se decompõe, as lettras com os seus exactos valores, por outro as leis legitimas e simples que devem presidir á organização da palavra. Assim a idéa sobe das cousas para o espirito, como succede na concepção positivista.

Rio de Janeiro, 31 de Agosto de 1880.

DR. ANTONIO ZEFERINO CANDIDO.

Sejamos homens, isto é, livres ; aprendamos a desprezar os prejuizos do nascimento e das riquezas.

CHATEAUBRIAND.

POEMETO LATINO

ESCRIPTO PELO CAPITÃO-MÓR DE YTU' VICENTE DA COSTA
TAQUES GÓES ARANHA, COPIADO DE UM
MANUSCRIPTO ALLI ENCONTRADO

In Laudem Revmi. P: M: Fr: Iosephi Pereira Carmelit:
Ordinem Ytuensem piè ac benigne regentis.

EPIGRAMMA

Filius accrescens (1) Joseph describitur at (3) Ju
Ordinis hic nostri nosceris esse Pater.
Nosceris esse Pater, Liberis inspirat (4) amorem
dum modus et pictas dumque benigne regis.
Felices Liberi tanquam cum ex Arbore Vita
Fructus percipiunt (2) Celse Pereira tuos.

TROVA POPULAR

Si tiveres de mandar-me
Alguma cousa de mimo ;
Manda-me saudades tuas,
Qu'é a cousa que mais estimo.

-
- (1) *Joseph id est filius accrescens ex sacris Literis.*
(2) *Pereira est arbor dulces fructus reddens.*
(3) Ignoro o sentido d'esta abreviatura.
(4) Não haverá aqui lapso de algum copista ?

O transcriptor.

COUSAS DA CORTE

E' de força a mulher ! Sahe o marido
Váe logo p'ra janella namorar ;
Entre tantos amantes a notar
Temos um *felizardo* mais querido...

E' um bólas, pelintra e atrevido,
Passa no *bond*, pisca-lhe um olhar,
—Um signal para o ir logo esperar
Quando o marido á noute houver sahido.

E gaba-se depois o tal tratante,
Contando essas miserias sem córar,
As palavras até da propria amante !

O marido, coitado ! um pobre alvar
Vive entregue ao trabalho a todo o instante ;
Mas... um dia a mulher ha de chorar !

Côrte, 1880.

J. A. DE BARROS JUNIOR.

PADRES VAZIOS

Foram prohibidos de residirem no Brasil sem ordem régia e mandados recolher para o Reino os que vagassem pelas capitancias de S. Paulo e Minas sem emprego, por haver a experiencia mostrado que eram nocivos á tranquillidade publica.

LINHAS SUPERIORES

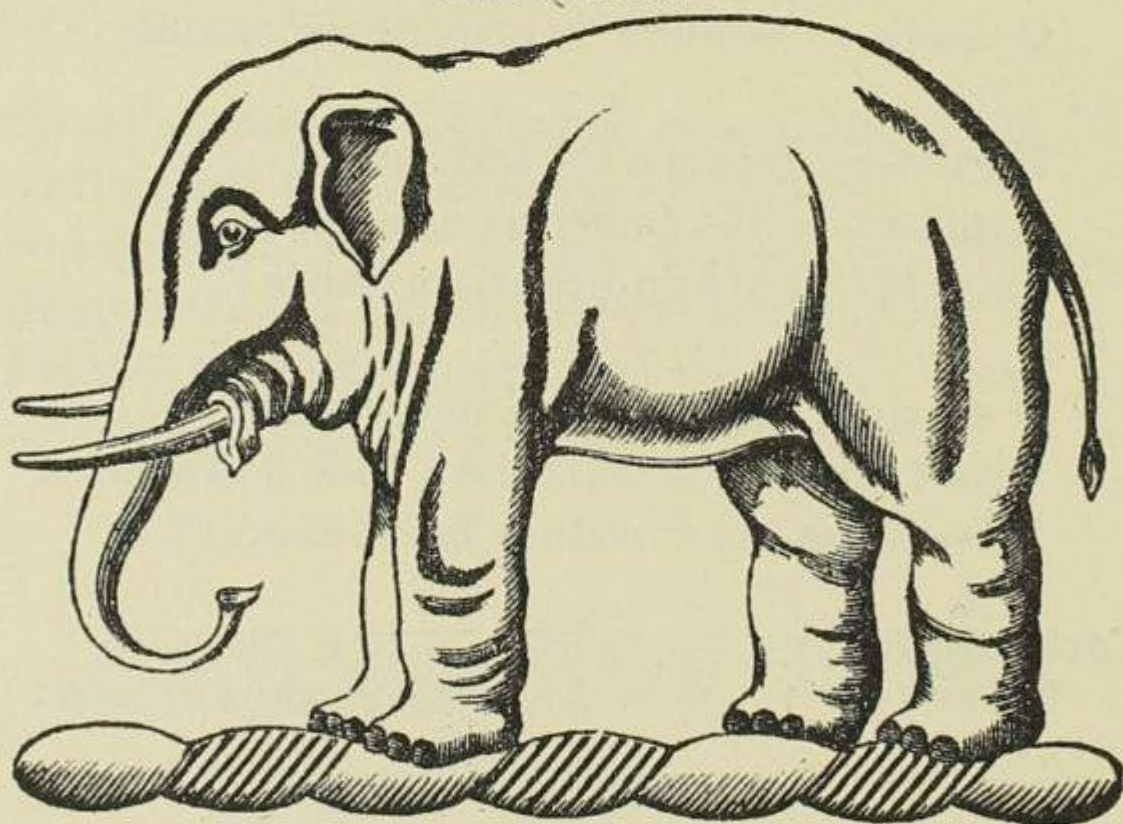
DE

COSTURA

E

CROCHET

MARCA



Dos afamados Fabricantes

JOHN CLARK JUNIOR & COMPY

Encontra-se em todas as casas principaes

MOVIMENTO LITTERARIO E SCIENTIFICO EM S. PAULO, ATÉ 1842

Desde 1828, época da fundação da *Academia de Sciencias sociaes e juridicas*, até o anno de 1842 pequenissimo foi o movimento litterario e scientifico que houve em S. Paulo.

Os professores da *Academia*, apesar de serem obrigados a organizar compendios, nenhum livro haviam publicado, excepção feita do dr. José Maria de Avellar Brotéro que já tinha escripto as seguintes obras :

Principios de Direito Natural, 1 vol. de 455 pag. 1829, impresso na Typ. Nacional por ordem e á custa do governo. Edição esgotada.

Questões sobre Prezas Maritimas, opusculo de 219 pag., S. Paulo, 1836. Teve 2.^a edição em 1863.

Principios de Direito Publico—Analyse de alguns paragraphos de Watel, Opusculo de 80 pag. 1837.

O professor de Historia, Julio Franck havia tambem publicado uma *Historia Universal*, em 2 vols., traduzida do allemão.

Da *memoria*, offerecida em 5 de Novembro de 1841, ao conde Lomonosoff, ministro da Russia junto á côrte do Brasil, consta o seguinte a respeito do precario estado das lettras em S. Paulo :

« Em S. Paulo não existe sociedade alguma litteraria. Em 1830 o dr. José Maria de Avellar Brotéro pretendeu organizar uma, para o que fez em sua casa uma reunião. Na segunda reunião, que teve logar na aula do 1.^o anno juridico, sendo presidente d'ella o dr. Carlos Carneiro de Campos, morreu o projecto.

« O fallecido professor substituto, Francisco Bernardino Ribeiro tentou de novo organizar uma sociedade ; porém não teve melhor sorte.

« O ex-director Exmo. Sr. Barão de Monte Alegre quiz reunir todos os professores em sua casa, ao menos uma vez no mez, mas parece que não pôde conseguir o seu louvavel desejo.

« Os professores em S. Paulo não têm livros nem meios de os ter. Sabendo que á sua aula só hão de ir os seus alumnos, contam brilhar com o estudo de uma vez feito no primeiro anno do despacho. Adquirem cabellos brancos junto com as folhas dos seus apontamentos.

« A palestra litteraria, algumas vezes mais util que o proprio estudo, é um contrabandô em S. Paulo.

« Ha professores de muito merecimento, e que, collocados em outra posição, de certo adquiririam nome na republica das lettras. »

S. Paulo.

A. MARQUES.

RECEITA PARA MATAR PULGAS

Pega-se n'uma pitada de rapé e põe-se sobre o marmore do fogão, da commoda, do aparador, ou de qualquer outro movel. A pulga vem, váe vêr o que aquillo é ; mette o nariz e cheira.

Como o rapé é forte, a pulga espirra,—*pshi!*

Dá, porém, com o craneo no marmore e morre !

BANDO

PUBLICADO EM PORTO-FELIZ A 15 DE NOVEMBRO DE 1819

João Carlos Augusto Grevembourg, etc. Faço saber aos que este meu Bando virem, que sendo desde toda a antiguidade nos Paizes onde a segurança dos cidadões foi mais respeitada, prohibido o uso de Armas offencivas, principalmentes nas Cidades e Povoaçõens, e por isso severamentes castigados os Agressores pelas nossas Leis, como são a Ordenaçãõ do Reino L.º 5 tt. 80, e varias Leis extravagantes entre outras as de 29 de Mayo de 1719 e de 25 de Junho de 1749 e o Alvará de 24 de Janeiro de 1756 e querendo eu obviar por todos os meynos possiveis n'esta Capitania, que Sua Magestade se dignou confiar ao meo cuidado os muitos delitos que ouzadamente e com atrocidade se commetem, não só pellas Estradas, mas dentro das Povoaçõens e atte quaze á vista das proprias auctoridades

Hey por bem em observancia das Supraticadas Leis, prohibir que nem huma peçoã poça andar Armado dentro das Povoaçõens, e geralmente em todo o lugar e tempo não sendo as Armas permittidas, e conhecidam.º precisas para segurança do individuo que a trás, debaxo das penas impostas pelas Citadas Leis; Principalmente a de Sem assoutes repetidos por des dias aternados, que impoem o d.º Alvará de 24 de Janeiro de 1756 aos mulatos e negros captivos que usarem de facas de pontas e mais Armas prohibidas e a observancia destas Leis muito Recomendo não Só as Justiças Territoriaes, mas taõ ben a todos os Commandantes dos Lugares villas e Povoaçõens d'esta Capitania: Da mesma fórma convido a segurança publica, e sendo

comforme a leis da Policia de 25 de Junho de 1760 e outras e haver um pleno conhecimento de todos os moradores desta Capitania, assim dos que nella ja existem como dos que entrarem de novo, ou Sahirem, seus modos de vida, e occupaçoens : alem da obrigaçãõ que tem os mesmos Juises Territoriaes de fiscalisarem o Sobredito ; positivamente determino, que todos os Commandantes terãõ obrigaçãõ de conhecer das peçoas estranhas, que por seus Destritos transitaõ, e ainda mais particularmente dos que denovo se vierem nellas se estabelecer, Que todo o Comandante terá obrigaçãõ de dar anualmente tres contas no tempo regular em que costumaõ finalisarce as plantaçoens, que seraõ 1.º Das plantaçoens que novamentes se estabelecerãõ no seo Destrito declarando donde vierãõ o lugar em que se Estabelecerãõ e se o fiserãõ com contentimento ; 2º Das peçoas que se mudaraõ de seu Destrito e para onde 3.º Das Pessoas que naõ fiserãõ plantaçaõ algua e por que. Por isso toda a Peçoa que de novo se Estabelecer em algum Destrito Deve declarar na presença do Cap.º Mor e Juiz ordidario da villa onde se quiser estabelecer, o lugar em que o pertende fazer para que ditas autoridades examinem se elle he devoluto e desembaraçado ; e Se execute omãis que a dito respeito em beneficio do Sosego e do direito Sagrado Da propriedade, tenho determinãdo na minha circular de 9 do corrente. E querendo que esta ordem tenha a mayor publicidade, determino que seja publicada nesta Cidade a toque de Caixa e remetido por Copia para o m.º fim a todos os Cap.ºs Mores das villas desta Capitania—Dado n'esta Cidade de S. Paulo aos 31 de Outubro de 1819 etc., etc.

Cultivar a felicidade dos filhos é ensinal-os com a força vivificante do exemplo : pois não ha erro que possa ser util, nem verdade que possa prejudicar.

ELVIRA VALENZUELLA.

SOBRE UMA CRIANÇA MORTA

Foram-te sepultar ao longe cemiterio,
Deixaram-te na cova o corpo delicado,
E a funda escuridão enorme do Mysterio
Para sempre engoliu-te, oh loiro ser rosado !

Agora, na humidade asperrima do sólo,
Terás para abrigar-te o derradeiro somno
Em vez do olhar materno e do materno collo
A tristeza glacial de um lugubre abandono.

E lá—ir-te-hão roçar a alvissima epiderme
E roendo-te a carne, apodrecer-te os ossos,
O contacto nojento e putrido do verme
E as negras podridões dos charcos e dos poços.

E em quanto, adormecida á sombra regelada
Dos cyprestes, tua carne apodrentar-se, as feras
Hão de sorver a luz aos seios da alvorada
E hão de o arôma aspirar ás roseas primaveras !

E em quanto na funérea escuridão dormires
A terra ha de sorrir como sorri agora ;
Hão de enfaixar o céu as côres do arco-iris,
E o sol ha de fulgir nas purpuras da aurora !...

E tu... Não has de mais colher pelos caminhos
A rubra flôr aberta á madrugada, e á ave !
Não mais imitarão a musica dos ninhos
—As meigas vibrações de tua voz suave !

Tu—serás amanhã o lôdo de um monturo,
Uma caveira a rir um riso de idiota,
E surgirás no limo, e has de ser verme impuro,
E has de vir na herva ruim que á sepultura brota...

Embora ! Has de ter sempre a alvura de alabastro
Para a vista espiritual de uma illusão materna :
Ao olhar de tua mãe tu serás sempre um astro
Esculpido no azul de uma saudade eterna !

S. Paulo, 1883.

VICENTE DE CARVALHO.

Os residuos do café moido, que até agora eram desprezados depois de feito o café, têm uma valiosa applicação. Lançados sobre a terra depois de bem seccos, são um excellente insecticida. A terra fica completamente limpa dos insectos. Quando estes atacam directamente uma planta ou arvore, basta pulverisar a terra em volta do pé ou tronco, com uma camada d'aquelles residuos, sempre bem seccos.

Tambem serve como desinfectante energico e saudavel. Depois de egualmente bem seccos lançam-se nos defumadores em vez de alfazema. Purificam o ar e deixam na casa um aroma agradavel. Principiam já a utilizar-se nos quartos das pessoas doentes e hospitaes.

A PESTE NEGRA

(LENDA ORIENTAL)

Um cavalleiro que seguia viagem de Beyrouth para Damasco, encontrou na estrada, junto de uma palmeira, uma velha prostrada que parecia chorar, dizendo :

— Quem me levará a Damasco ?

O cavalleiro propôz á velha o leval-a na garupa do cavallo até á cidade, e ella acceitou.

No caminho perguntou-lhe elle :

— Quem es tu ?

— Sou a peste negra.

A um movimento de horror do cavalleiro, ella accrescentou :

— Leva-me contigo, porque mesmo sem ti eu iria á cidade. Mas como tens bom coração vou conceder-te um favor.

— Não mates então ninguém em Damasco.

— Isso é impossivel ; só o que posso conceder-te é que marques o numero de pessoas que hão de ser victimas.

— Pois bem ! sessenta.

— Seja.

— Mas—interrogou o cavalleiro—como te punirei eu si faltares á tua promessa ?

— Encontrar-me-has na tarde do terceiro dia, após a minha chegada, junto da grande mesquita.

O viajante, chegado a Damasco, foi tratar dos seus negocios.

No dia seguinte morreram quinze pessoas da peste ; no immediato trinta, e no terceiro, finalmente, falleceram sessenta.

Indignado, o viajante correu á mesquita.

A velha lá estava.

— E' assim—disse-lhe elle—que mantens a tua palavra ?

— Sustentei-a até hoje ; matei quinze pessoas no primeiro dia, vinte no segundo e vinte e cinco no terceiro. As outras morreram de medo.

TROVA POPULAR

Ingrata, desconhecida,
Vê o que tu me fizeste !
Vê o bem qu'eu te queria,
E o pago que me déste !

CONTRA MALEITAS

Eis uma receita, muito em voga em alguns pontos da provincia :

O doente `dirá a uma arvore de gamelleira, furando-a com uma verruma nova :

« Deus vos save, mãã gamelleira ! aqui venho vos visitar, com sezões e maleitas ; aqui venho deixar um signal de meu corpo, e vos deixo para nunca mais me dar. »

« Tres vezes.

« Entupirá por fim, com cabello do proprio doente, o furo da verruma. »

DR. AUGUSTO CESAR DE MIRANDA AZEVEDO

Não empreendemos escrever uma biographia, tentamos um simples esboço de traços physionomicos.

Ha entidades de projecções desmedidamente precoces, bem o sabemos, que antecipam toda a elevação de uma grande estatura moral, mas não é licito limitar os direitos do futuro entrando pelos julgamentos que exclusivamente lhe pertencem.

Thiers, por occupar um vasto logar no scenario enorme da França, antes do immenso desastre da guerra de 1870, não deixou, por isso, de revelar-se de uma estatura muito maior em presença do colossal infortunio de sua patria !

Dir-se-hia que aguardava esse abysmo para medir por elle tudo quanto a energia do coração e o genio do patriotismo podiam dar de si no meio da maior catastrophe porque já passou um povo !

Si Thiers tivesse morrido antes d'essa quadra extraordinamente tragica, legaria, sem duvida, um grande nome á posteridade, mas não podia fulgurar na historia como um astro da maior grandeza.

A narração, pois, de uma existencia em começo, entraria indiscretamente em regiões que lhe são vedadas, si ouzasse medir por inteiro a estatura moral de uma individualidade que desponta.

Assim, as linhas que modestamente escrevemos sobre Augusto Cesar de Miranda Azevedo, são menos do que um juizo, que aliás, já o temos intimo, da inquebrantavel energia de seu grande character e da bella compleição de seu

robusto talento, porque são um simples enunciado de uma existencia cuja palavra entregamos ao futuro.

Conhecemos Miranda Azevedo, ou antes, principiámos a conhecê-lo nos ultimos mezes do anno de 1869.

O partido liberal fôra apeado do poder, por um golpe perfido da politica imperial, após essa memoravel sessão da Camara de 1869, em que José Bonifacio, em um dos mais eloquentes reptos de sua fulgurante palavra, chamára de hospedes importunos os conservadores que vinham dissolver-a.

Essa Camara, notavel pelos talentos que tinha em seu seio, e pelo espirito de altivez e dignidade de que dera exuberantes provas, mesmo nas discordias que, por vezes, dilaceraram as suas massas parlamentares, esgotára a sua popularidade na guerra pertinaz e céga que sustentámos contra a Republica do Paraguay.

O patriotismo, que é a fonte perenne das dedicações extremas, póde ser, e é, não raro, o instrumento das paixões, dos planos impensados e até das ciladas dos governos iniquos.

Os erros accumulados por nossa inhabil e intrusa diplomacia nas Republicas sul-americanas, a impertinente intervenção e os assomos de indiscreta preponderancia na vida intima d'aquelles povos, creára para nós uma posição antipathica entre elles, que mais avultava pela disparidade entre instituições irreconciliaveis, gerando suspeitas de ambição e predominio por parte do Brasil.

Os povos raras vezes descriminam e desprendem os sentimentos nacionaes, dos actos em contrario revelados pelos governos que os dirigem.

Assim é que, ainda hoje, se não dissipou de todo no animo dos povos platinos esse espirito de prevenção contra os brasileiros, que aliás não nutrem sentimentos hostis contra os seus visinhos.

E' certo, porém, que achando-se o partido liberal á frente do poder, entrou, como um herdeiro forçado d'esses

erros, nas sendas da guerra, e teve de adiar o seu programma de reformas perante o temeroso problema a que fôra arrastado e do qual, uma vez empenhado o paiz, era força sahir pela victoria ou pela humilhação.

Como sóe acontecer em situações semelhantes, a guerra foi a preocupação predominante, o empenho unico, o objectivo exclusivo de toda a actividade e de toda a energia nacional.

Depois de porfiada lucta, porém, as armas brasileiras, levadas de victoria em victoria, prostraram o inimigo e a campanha das cordilheiras foi o ultimo e já frouxo clarão do desespero de um povo aniquilado !

O partido que havia esgotado a sua popularidade n'esse duello cruento, hia recuperal-a encerrando o periodo de duras provanças, recolhendo esses louros, social e politicamente duvidosos talvez, mas emfim, esses louros que exprimiam, em todo o caso, a coragem e heroismo do soldado brasileiro.

Forte pelo successo, alentado de novas energias, era chegado para elle o momento de entrar nos labores da paz, retomando a execução de seus compromissos reformadores para com o paiz.

A elevada estatura dos homens publicos, que então figuravam nas alturas do poder, a confiança ainda não quebrantada por parte da opinião, a fé ardente nos principios de que se achava possuida a mocidade brilhante que, em geral, occupava as cadeiras do ramo temporario do parlamento, tudo assegurava o ingresso immediato no largo programma de reformas de que fizera o seu empenho e que não havia adiar.

Foi n'essas condições que a corôa, no plano de descartar-se de exigencias antevistas, tomou por pretexto o exercicio de suas faculdades, como representante do poder moderador, despediu um gabinete parlamentarmente seguro e chamou ao poder uma situação adversa, dissolvendo as Camaras !

As theorias constitucionaes só podem ser conhecidas á luz dos factos.

Si no dominio dos principios e em presença do direito publico moderno, a monarchia representativa era apenas, como é, um governo de transição, mesmo no seu ideal, desde esse momento se tornou patente para todos que o paiz vivia sob a irrecusavel direcção de um poder absoluto.

Os espiritos adiantados comprehenderam que baldavam esforços perseverando na sustentação de um systema que burlava, a seu talante, as generosas aspirações do sentimento democratico.

Volvendo ao passado, fazendo o processo d'esse poder no jogo das instituições, examinando, á luz calma de uma critica imparcial e justa, o depoimento dos homens publicos dos proprios partidos monarchicos sobre a intervenção predominante, decisiva e absoluta da coròna nos factos do governo, chegaram esses homens á conclusão de que seria perpetuar uma farça indecorosa continuar a dizer ao povo que a liberdade e o progresso da nação eram compatíveis ou realisaveis com a monarchia.

E' bem conhecido o movimento ultra-democratico, ou antes francamente republicano que então se operou no paiz.

Foi n'essa quadra, no meio d'essa agitação generosa, que vimos emergir no seio das multidões, nos comicios populares, ou nos pequenos e mais conchegados conclaves do partido ainda embryonario, a cabeça loura d'essa criança, que é hoje o dr. Miranda Azevedo, illuminada, não sabemos porque antecipada aureola de impaciente patriotismo, acompanhando, com a tenaz avidéz de um predestinado, a palavra dos oradores dos clubs, applaudindo as resoluções energicas e dissentindo de propria conta e sob a responsabilidade de sua consciencia, quasi infantil, das opiniões transigentes ou vacillantes.

Assim, quando o partido republicano resolveu tomar posição descriminada e decidida na politica do paiz, elle foi um dos signatarios do manifesto, a cuja sombra se acha com os republicanos sinceros, aguardando firme e resolutto a victoria definitiva dos principios que no mesmo se inscrevem.

Miranda Azevedo, que rapidamente vencêra os seus estudos preparatorios, tinha n'essa época, 18 annos.

Não ha que presentir em indoles semelhantes. Ellas se mostram inteiras, são entidades de relevo, destacam-se, dizem tudo de si, transparecem em todas as situações da vida como as creações da luz.

Mais tarde, estreitas as nossas relações, onde aliás não nos aguardavam surpresas, vimol-o desdobrando as suas possantes faculdades, sempre n'esse nivel elevado de idéas e sentimentos.

Tendo já assignalado o seu talento jornalístico na *Revista Medica*, por elle fundada, e escripto, de par com outros companheiros, o *Radical Academico*, onde, entre outros assumptos, discutiu, com ircontestavel superioridade, as theses da abolição do elemento servil e da liberdade do ensino, collaborou com Henrique Limpo de Abreu e Rangel Pestana, na *Opinião Liberal e Correio Nacional*.

Limpo de Abreu, alma apaixonada pela verdade e pelo bem, inaniu-se e succumbiu ao mortifero influxo de uma tristeza invencivel, a que se poderia chamar a melancolia da virtude, e Rangel Pestana, bate-se com brilho, á frente da *Provincia de São Paulo*, um dos melhores interpretes ou guias da democracia paulista.

Estes illustres democratas foram os seus inspiradores no segundo periodo de sua vida jornalística.

Nos coube, depois, a gloria de seguir os passos de Miranda Azevedo nas officinas da segunda *Republica*, fundada por Pedro Tavares, um dos talentos mais promissores

da actual geração, e ahi vimol-o aprimorar o seu estylo de escriptor facil, correcto e de uma energia delicada.

Miranda Azevedo, possui dotes que caracterizam os batalhadores da palavra, mas tem sido esquivo ás seducções da tribuna.

A sua physionomia, viva e intelligente, illumina-se, quando elle falla, de uns tons de insinuante doçura que seduz os seus ouvintes.

Pertence á classe dos oradores que têm a irradiação tranquilla e communicativa do pensamento.

Nunca terá os vôos mal seguros e as ardentías fugaces e fulgidas dos oradores inflammados, mas não está sujeito como esses arrojados Icaros da imaginação, ás fulminações frias e inexoraveis das assembléas raciocinantes.

Dotado de uma erudicção complexa, mas, sobretudo, nutrido de estudos positivos, enriquece o debate em que entra, de idéas novas e aspectos imprevistos.

Foi elle quem primeiro, entre nós, estudou e fez conhecido o systema de Darwin, aliás contrariando a opinião da sciencia official, que depois o seguiu.

Hoje, arrebatado pelos labores da vida, não lhe é possível entregar as energias de seu grande talento a longas meditações, mas quando o possa fazer, a sciencia, as letras e a politica, contam n'elle um investigador intrepido que ha desdobrar ante si novos e dilatados horisontes.

Os logares que são o berço de uma grande idéa, ou o theatro de um grande acontecimento, deixam de ser territorios, tornam-se datas, entram nos dominios da chronologia e fazem parte da historia.

Acaso, ou não, ha quasi sempre uma mysteriosa relação entre esses assignalamentos do destino, e as existencias a que servem, por assim dizer, de moldura.

Natural de Sorocaba, o ponto topographico o mais inflammado da provincia de S. Paulo, pois que foi, talvez, onde primeiro germinou o movimento de 1842, Miranda Azevedo devêra ser de um temperamento ardente. Elle, porém,

trouxe apenas a energia alevantada de sua terra natal, e a visão seductora da patria livre.

O seu caracter temperou-se nas indoles oppostas que lhe formaram a trama da vida.

Tirou de seu honrado pae, o Dr. Antonio Augusto Cesar de Azevedo, cujo nome foi um padrão de integridade na magistratura brasileira, a inquebrantavel rigidez da consciencia e mesclou esse elemento na meiguice resignada e angelica de sua virtuosa mãe, D. Anna Eufrozina de Miranda Azevedo.

Eis, em rapido esboço, os traços mais salientes da physionomia do joven republicano, a quem o destino reserva um logar proeminente nas lutas e nas victorias da liberdade, quando as correntes democraticas, que percorrem a face d'este continente, houverem varrido do solo da patria a planta infesada e exotica da monarchia, que lhe augurenta o futuro.

Para isso conta elle a tempera granitica de seu caracter formado através de todos os sacrificios, e as energias potentes de seu robusto talento.

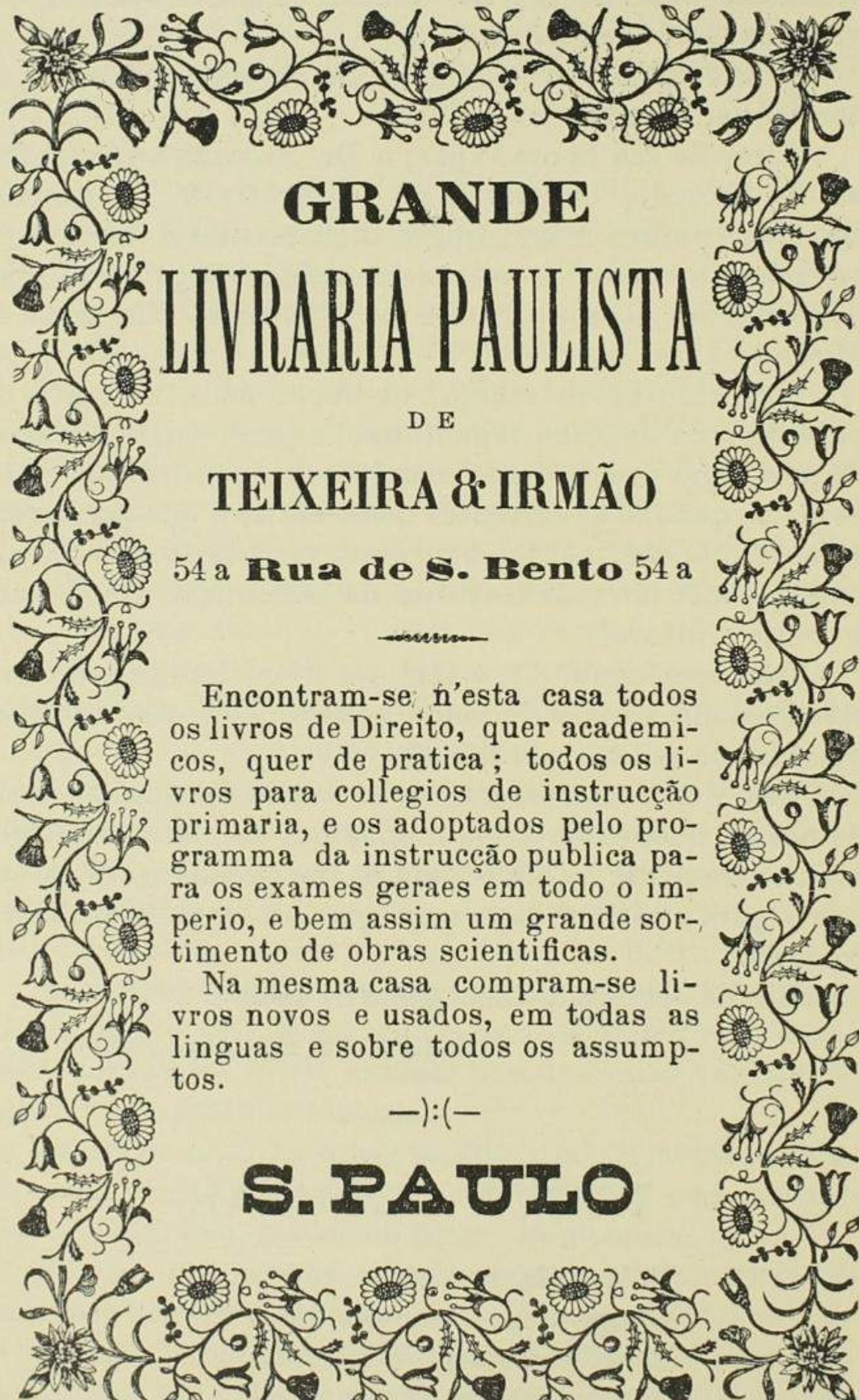
Nós, que já comparecemos ao occaso da vida, no meio de nossos desalentos pelos infortunios da patria, volvemos instinctivamente os olhos para os homens d'essa tempera, como para a ultima esperanza que se emprasa perante a historia.

Rio de Janeiro, 14 de Agosto de 1882.

ARISTIDES DA SILVEIRA LOBO.

TROVA POPULAR

Róla, róla, coração,
Chega ao pé d'aquella flôr,
Pergunta, assim, brineando,
Si ella quer ser meu amor?



GRANDE
LIVRARIA PAULISTA
D E
TEIXEIRA & IRMÃO

54 a **Rua de S. Bento** 54 a

Encontram-se n'esta casa todos os livros de Direito, quer academicos, quer de pratica; todos os livros para collegios de instrucção primaria, e os adoptados pelo programma da instrucção publica para os exames geraes em todo o imperio, e bem assim um grande sortimento de obras scientificas.

Na mesma casa compram-se livros novos e usados, em todas as linguas e sobre todos os assumptos.

—):(—

S. PAULO

AO GENERAL OZORIO

(NO PARAGUAY)

Quartel General em Capivary, 23 de Novembro de 1869.
— Sua Alteza o Senhor Principe Marechal do exercito ao Exmo. Sr. Tenente General Visconde de Herval, commandante do 1.º Corpo do exercito, tem concedido n'esta data a licença que em 10 do corrente mez, requereu para tratar de sua saúde profundamente alterada pelas fadigas da Campanha. Ao lamentar com o exercito a separação d'este General, não só o mais illustre como o mais benemerito dos lidadores d'esta guerra, ao louvar os importantes serviços que n'esta ultima phase da actual lucta prestou á causa da Patria desde o dia 7 de Junho até a presente data, Sua Alteza não póde deixar de fazer sobressahir quão digno se torna da gratidão nacional o sacrificio que fez vindo ainda não curado de um glorioso ferimento, a este campo, que já tinha illustrado com seus altos feitos e prestado inapreciavel auxilio de sua experiencia e talento, novamente exposta á metralha inimiga, sua importante vida com a inexcedivel abnegação e resistindo até quando suas forças lhe permittiram, com perseverança sem equal, na tarefa que nos está imposta.

Commando em Chefe, 23 de Novembro de 1869.

*(Extrahido do caderno do detalhe do serviço da
1.ª Companhia do 35.º Corpo de Voluntarios da Patria.)*

UM CONSELHO UTIL

Systema usado pelas engommadeiras parisienses para dar brilho aos engommados e toda a apparencia nova aos tecidos, incluindo as rendas :

Deitam-se em um jarro 60 grammas de gomma arábica, bem branca e limpa, e por cima um litro de agua a ferver ; tapa-se em seguida e deixa-se repousar durante vinte e quatro horas ; cõa-se então por uma cambraia fina e guarda-se em uma garrafa.

Quando se quer usar basta dissolver uma pequena porção d'este liquido na gomma, preparada como se usa vulgarmente, para obter as vantagens acima declaradas, seja qual fôr a qualidade do tecido, com tanto que seja de linho ou algodão. Nas chitas e cretonnes é egual a sua influencia ; apresenta-as completamente novas. O tulle e a mais fina cambraia pódem egualmente supportar este mesmo processo.

A porção empregada deve ser de uma colher de sobremesa, ingleza, para cada litro de gomma.

TROVA POPULAR

Si querem saber, eu conto
A vida de um desgraçado :
E' querer bem sem ser querido,
Responder sem ser chamado.

ALVARO DE OLIVEIRA
SÃO PAULO

ENCAVERNACAO

PAUTACAO


PATILLO EBBERLIEIN

FABRICA
DE LIVROS EM BRANCO

65 — RUA DE S. BENTO — 65

TYPOGRAPHIA

PAPELARIA



AO LIVRO DE OURO

PAULO EBERLEIN

GRANDE SORTIMENTO
DE PAPEL E ENVELOPPES

ARMARINHO

Objectos de escriptorio

GRANDE SORTIMENTO DE CANETAS, LAPIS,
PENNAS, OBREIAS etc. etc.

TINTA DE ESCREVER E COPIAR

OBJECTOS
DE PHANTASIA PARA PRESENTES
PREÇOS BARATISSIMOS.

65 - RUA DE S. BENTO - 65

S. PAULO.

A DEMORA

AO VENERANDO AMIGO E DISTINCTO POETA
EXM. BARÃO DE PIRATININGA

Sob um manto estrellado, amplo, infinito,
Resplendente de luz, d'encantos mil,
Em sublime nudez vagueia a lua
Pela infinda amplidão d'um céu d'anil.

Hora propicia d'emoções suaves,
Cheia de gosos, cheia de fulgores,
Em que as chammas d'illusões douradas
Erram ardentes despertando amores.

De uma casa elegante em cuja frente
Brilham em cheio os raios do luar ;
Vê-se ao lado um jardim, e além do muro
O fundo verde-negro d'um pomar.

Em quanto *ella* de casa sahe occulta
Pela porta que dá para o jardim ;
Elle á sombra d'uma arvore á espera *d'ella*,
Palpitante de amor se queixa assim :

Oh ! meu Deus, até agora
Espero e *ella* não vem !
Salvo si a causa da mora
Foi a visita d'alguem.

Soffro palpites, agrores
Que me fazem delirar ;
A chamma dos meus amores
Só *ella* póde acalmar.

Esperar quasi uma hora,
Precioso tempo perdido !...
Oh ! não ! parece que... agora
Ouço o roçar de um vestido.

Si não fôr uma illusão
O que eu acabo de ouvir ;
De prazer meu coração
Como não se ha d'expandir !

Como ha de bater contente
Por *ella*, meu doce bem !...
— « Ora, não seja descrente,
Responde uma voz além. »

E ao frouxo clarão da lua,
Que meigamente fluctúa,
D'entre o arvoredos florido ;
Ella apparece irradiante,
Toda risonha—arquejante,
Ao pé do seu bem-querido.

Ambos—á sombra serena
D'uma ramagem amena,
Entretecida de flôres ;
Abandonam-se a indolencia,
Respirando a mesma essencia
Dos seus dourados amores.

Debaixo dos seus cabellos,
Aromatisados e bellos,
Tão pretos, quanto ondeados.
Ella aquece o seu amante
Na tepidez palpitante
Dos seus seios perfumados.

Assim, felizes, ditosos,
N'um paraíso de gosos
Passam o tempo entretidos ..
Ao frouxo clarão da lua
Que meigamente fluctúa
D'entre os arbustos floridos.

Março de 1883.

JOSE' DE ARAUJO NOVAES.

TROYA POPULAR

Todo o captivo procura
Ter a sua liberdade,
Eu procurei captiveiro
De minha livre vontade.



LOJA DA CHINA

Este estabelecimento vende por preços sem competencia e faz especialidade dos artigos seguintes: Chá da India e nacional, cêra em velas, rapé, sementes, plantas, lanternas de papel, sagú, tapioca, araruta, maizena, cevadinha, gomma oswego, chocolate, etc., etc.

Possúe uma fabrica de velas de cêra perfeitamente montada e uma chacara de plantas constantes de um catalogo que distribue gratis.

Tem deposito das principaes qualidades de rapé e chocolate.

41 RUA DE S. BENTO 41

A QUESTÃO RELIGIOSA

O principio religioso é incontestavelmente o maior obstaculo que a humanidade tem constantemente encontrado para deixar de realisar a sua perfectibilidade. No dia em que qualquer povo abdica o livre exame e crê n'um ente *infinito, omnipotente e justo*, producto de pura imaginação, inventado por mera conveniencia de um grupo, n'esse dia, esse povo marca o inicio da sua ruina.

Attentemos nas grandiosas civilisções da Asia, na d'esses 250 milhões de almas que a Inglaterra domina, não fallando já da China, a que extraordinario phenomeno sociologico podiamos nós hoje attribuir a profunda decadencia em que estes povos cahiram, sinão ás seitas religiosas, que obsecam a intelligencia, mutilam a razão e fomentam os odios irreconciliaveis de individuo com individuo, de grupo com grupo ?

Apezar do grande espirito de concordia que a revolução e a sciencia tem difundido na Europa, qual é hoje a racionalidade d'esta parte do velho mundo, que se não sente abalada pela lucta religiosa, travada com desassombrosa audacia pelos sacerdotes de todos os cultos contra o pensamento livre ?

E' bem notoria a batalha que cruamente se fere na actualidade em a grandiosa republica franceza, entre a genuina e legitima representaçãc nacional e o clericalismo. Como nós, ha annos, o governo da Republica teve de expulsar os jesuitas e está já confirmado que esta medida extraordinariamente violenta foi inefficaz, defficientissima.

Na Belgica um governo liberal convicto viu-se obrigado a romper de vez com a Curia.

Bismark, na Allemanha, perante as exigencias insaciaveis dos catholicos ameaça o Vaticano com as leis de Maio, se por acaso o clero ultramontano não abranda a sua attitude hostile para com os poderes constituídos.

E' ainda na Hespanha o clero catholico o mais forte esteio da ephemera e agonisante restauração affonsina.

A *liberal* Inglaterra vê-se ameaçada por uma desmembração e uma guerra civil provocada unicamente pelo fanatismo catholico que subleva a Irlanda, aproveitando-se de uma gravissima crise agricola e alliando catholicos e protestantes contra a liberdade do pensamento na camara dos communs.

Sente-se a Austria asphyxiada por uma força mais robusta que o imperio com as suas baionetas e o seu militarismo, pelo catholicismo de que é solidario, dirigido hoje pelos jesuitas.

Vemol-o ainda na heroica e liberal Suissa travar uma lucta de morte contra a liberdade de cultos.

A' sua educação fradesca deve Portugal a actual e profunda decadencia da mesma fórma que a Turquia deve a sua ao Islamismo.

Qual é pois o sentimento preponderante que abala a sociedade nos nossos dias ?

De um lado está a tradição, o habito, as conveniencias prendendo as gerações novas ás que passaram, isto é, estão os mortos governando os vivos. Do outro surge o espirito moderno de observação e analyse de todos os phenomenos da vida, constituindo a sciencia, poder immenso, o unico irreductivel. E' a razão que tudo submete á analyse e se não decide senão pelos factos positivos contra o dogma que se impõe e a fé que não admite raciocinios.

N'este atrophiamiento da razão todas as religiões são egoalmente culpadas, todas acorrentam a liberdade do raciocinio. Para o jesuita, suprema perfeição do catholicis-

mo, o homem não é mais do que uma lima na mão do operario, o islamismo tem o *crê ou morre* que não vale mais nem menos do que o axioma do jesuitismo.

Na liberal Inglaterra os protestantes eram os que ha poucos mezes se mostravam mais intolerantes para com o livre pensador Braudelaug, não lhe permittindo mesmo assumir o seu logar de representantes do povo e no cantão de Genebra vemos ainda os catholicos, unidos aos calvinistas, oppondo-se á abolição de um culto official, naturalmente porque temem que apeiado um culto religioso os demais sofram egoalmente com isso. N'este caso lembranos aquelle corrente conceito popular dos crentes que a sociedade precisa de um pastor que a dirija. Emquanto os homens declinarem n'um o poder de os dirigir, não pas-sam de rebanhos, serão tudo, menos cidadãos dignos, senhores de si.

Eis aqui por que em toda a Europa os livres pensadores se não regosijam com simples decretos de abolição das ordens religiosas e expulsão dos jesuitas. Em nome da liberdade, o que nós queremos, é evitar que o povo seja obrigado a pagar para as despezas de um culto official, que detesta. O Estado não tendo corpo e sendo uma entidade collectiva não póde ter um sentimento religioso ; deve admittil-os todos e deixar-lhes o encargo de proseguirem. No momentq actual somos todos coagidos a occorrer ás despezas luxuosas de um culto politheista que não professamos e por isso é que todos os convictos liberaes pedem a supressão do orçamento dos cultos, ficando ao arbitrio de cada cidadão seguir e subvencionar espontaneamente o que a sua consciencia lhe indique. A internacional regra apode-rou-se do dinheiro do povo, apossou-se de uma parte importante do orçamento de cada paiz, é senhor dos registros de obito, de casamento e nascimento, impõe-se aos poderes civis, com o dinheiro do Estado conspira contra o estado, obedecendo unicamente ao *Syllabus*. Esta lucta presentemente aggrava-se e tem de decidir-se porque a scien-

cia reivindica para o homem todos os direitos naturaes e contra a sciencia não ha poder algum nos nossos dias. O que importa, porém, é derramar a instrucção a jorros, tornar a escola attrahente, agradavel, o refugio consolador dos pequeninos, em vez de logar de solidão e terror como até hoje tem sido.

Lisboa, 7—9—80.

CARRILHO VIDEIRA.

TROVA POPULAR

Com pena peguei na penna
Para com penna escrever,
Com penna escrevi penas,
Com penas hei de morrer.

ARROLAMENTO PREDIAL

Na capital de S. Paulo foram arrolados e sujeitos ao imposto predial no exercicio findo 6.082 predios, com o valor locativo de 2,425:108\$000, produzindo o imposto a somma de 79:281\$690.

Em Campinas o numero dos predios lançados foi de 2.840, com o valor locativo de 1,238:784\$000, produzindo o imposto 37:219\$940.

S. Paulo tem hoje 1.106 kilom. e 443 metr. de linhas de estrada de ferro em trafego.

RECORDAÇÃO

(V. HUGO)

Uma tarde, ella disse-me sorrindo :
« Amigo, porque fitas incessante
No ocaso o dia, em sombras se esvaindo,
Ou o astro de ouro a erguer-se no levante ?
Que procuras além, com os olhos longos,
Immersos na amplidão profunda e calma ?
Ah ! desprega-os da abobada longinqua !
 Entranha-os em minha alma !

« No vasto céu, que vês, com os olhos vagos,
Cheios de sonhos, na amplidão perdidos ?
Que aprenderás, que valha meus affagos ?
Meus sorrisos ? meus beijos insoffridos ?
Oh ! do meu coração os véus levanta !
Mergulha, affoga a vista no meu seio,
Sonda, contempla o abysmo de minha alma,
 Como é de estrellas cheio !

« Que sões ! Amor, dedicação, ternura,
A radiar da vida na aspereza !
Nem sobre os montes candida fulgura
Mais bella Venus brandamente acesa.

O vasto azul dos céus é menos amplo,
Menos profunda a abobada sombria,
E esse espaço, que vês, menos celeste,
Que o céu, que em mim radia.

« E' grato ver a luz, que um astro espalha ;
A aurora, que serena apavonou-se ;
Doce a flôr que de lagrimas se orvalha ;
Mas o encanto de amar inda é mais doce.
E' o raio que vae de uma alma a outra
A verdadeira luz, a melhor chamma :
Tem mais prodigios o intimo universo
Nos seios, de quem ama.

« Mais vale o amor em florescia gruta,
Que ignotos sóes na aboboda brilhante ;
E Deus, que o coração do homem perscruta,
Poz-lhe ao perto a mulher, e o céu distante :
E aquelle que no espaço o olhar embebe,
E áquelle que no azul a idéa anninha,
Disse : Vivei ! amae ! O amor é tudo ;
O resto—a sombra minha.

« Amemos, pois ! Desprende os olhos vagos
Dos frios astros, que no espaço moram :
Mais belleza, mais luz, e mais affagos
Te ameigarão em olhos que te adoram.
Amar é ver, palpar a immensidade,
Sentir de Deus o espirito invisivel,
Comprender o infinito : á melhor alma
Pertence a mais sensivel.

« Vem ! não ouves, de arroubo transportado,
Branda harmonia, fremitos de flores ?
E' o universo, em lyra transformado,
Que canta nossos languidos amores.
Vem ! amemos ! Corramos sobre a relva,
Repassada de tepidos perfumes ;
Da immensa vastidão volve os teus olhos :
Abrazam-me os ciumes ! »

×

Assim ella dizia-me, ao de leve
Posta na mão de alvura crystallina
O lindo rosto de rosada neve,
Na posição de um anjo que se inclina.
Tinha a voz grave, austera, e aquelle gesto,
Que pelo encanto enleva-me e extasia ;
Bella e tranquillã, e de me ver ufana,
Assim ella dizia.

Suffocava-me o extase ; batiam
Os nossos corações ; da tarde as rosas
As lucidas corollas entreabriam...
— Que fizestes, oh arvores frondosas.
Das nossas phrases ? Penhas, que fizestes ?
Destino escuro é este que nos guia !
Como um dia vulgar, pudeste, oh tempo,
Sumir aquelle dia !

Thesouro em sombra avara amontoado,
— Terna saudade !—do sonhar de outrora
Turvo horisonte !—raio do passado !
Fagueira luz fugaz de extincta aurora !

Como do limiar de um tēplo, a alma,
Onde mal ousa penetrar, de fóra,
Em mar de scismas naufragada e louca,
Contempla-vos, e chora !

Riscae da mente a idéa da ventura,
Quando ao templo feliz succede o amargo ;
Esgotada a esperança, a taça escura
Lançae ao mar do olvido, quedo e largo ;
O olvido ! o esquecimento !—a onda surda
Que tudo sorve na soidão tranquilla !
Oceano sombrio, onde a alegria
Se atufa e se anniquilla !

TH. DIAS.

A superstição transforma o homem em besta ; o fanatismo em fera ; o despotismo em azemola.

A actividade é mãe da prosperidade.

Calla-te, ou dize cousa mais importante que o silencio.

Para o lavrador prosperar é preciso saber dirigir o arado.

A imprensa começou a nova obra do descobrimento da razão dos povos ; o vapor completal-a-ha.

J. MARIA LOPEZ.

A verdadeira *devoção* é o asylo mais honesto para as mulheres galantes ; mas poucas d'estas conseguem dispensar o amor dos homens pelo amor de Deus.

DESMAHIS.

UMA FAMILIA MODELO

Tenho meu pae que é doutor.
Disse a Vicente o Ventura ;
Meu irmão mais velho é cura
E eu sou enterrador.

Si alguém na terra adocece
Vae meu pae na occasião ;
Depois vae o meu irmão,
Que o cadaver me offerece.

Quem poupar queira o dinheiro
E enfermo se chegue a vêr,
O melhor que ha de fazer
E' chamar-me a mim primeiro.

Quanto mais esclarecidos mais livres serão os homens.

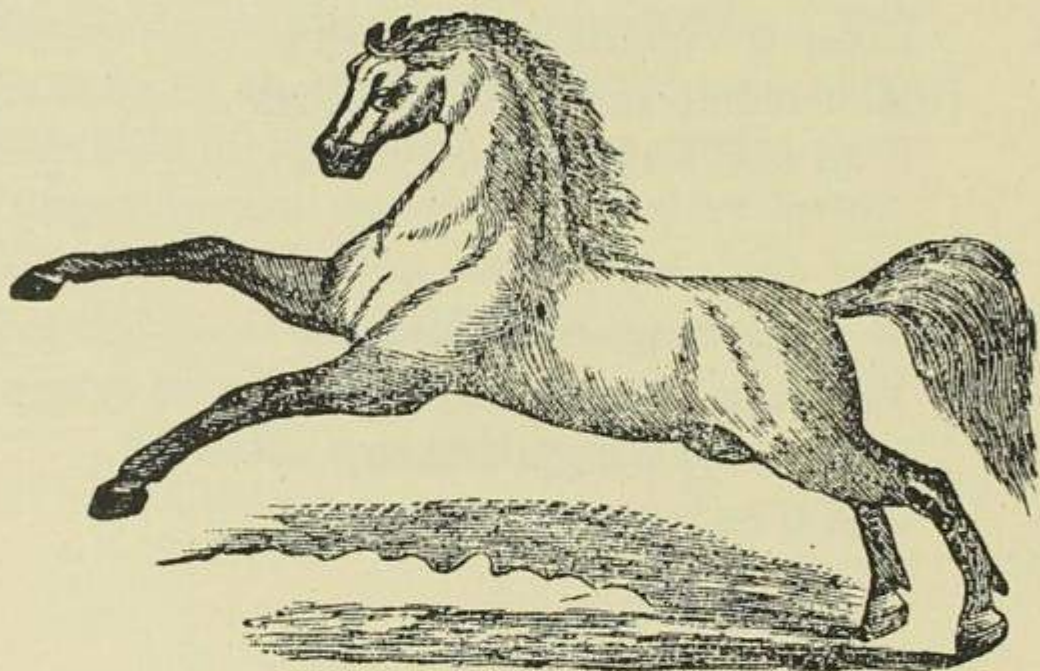
VOLTAIRE.

TROVA POPULAR

O jequitibá é rei das arvores.
O ouro é rei dos metaes ;
Eu sou o rei das tristezas,
Das penas que vós me daes.

FELICIO VIEIRA MENDES

SELLEIRO FABRICANTE



Com deposito de sellins inglezes, francezes e nacionaes

*Mallas, mantas, freios, estribos, canastras, chicotes,
pellegos, esporas e muitos artigos que pela
infinitude e especialidade é impossivel descrever*

Fabrica e deposito de cigarros, charutos
e fumo de toda a qualidade

66--Rua da Imperatriz--66

S. PAULO

CONVENTOS DE RELIGIOSOS EM S. PAULO

ORDEM DE S. BENTO

Ao convento da cidade de S. Paulo deu-lhe principio Fr. Mauro Teixeira, em 1599.

A provincia da Bahia rectificou a fundação, em 1610, dando-lhe a Camara a capella e cerca que hoje tem.

O convento da villa de Santos, fundado tambem pela provincia da Bahia, foi estabelecido no anno de 1650.

O hospicio de Parahyba teve principio em 1643 com a dotação que lhe fez de uma capellinha o capitão André Fernandes.

O hospicio de Jundiahy foi fundado por Estacio Ferreira em terras doadas pela Camara no anno de 1667.

O hospicio de Sorocaba foi fundado pelo doador Balthasar Fernandes no anno de 1674.

ORDEM DO CARMO

O convento da cidade de S. Paulo foi fundado por Fr. Antonio de S. Paulo no anno de 1394.

O convento da villa de Santos foi fundado em 24 de Abril de 1589 por Fr. Pedro Vianna, delegado do commissario geral, com regio beneplacito do Sr. rei Felippe II, na capella de Nossa Senhora da Graça, e transferido para o logar em que hoje está, em dezembro de 1599.

O convento de Mogy das Cruzes foi fundado pelo provincial Fr. João da Cruz, a instancias da Camara e vigario d'aquella villa no anno de 1629.

O convento da villa de Ytú foi fundado pelo padre commissario Fr. João Baptista, por ordem do Sr. rei D. João V, a requerimento das Câmaras de Sorocaba e Ytú, no anno de 1720.

ORDEM DE S. FRANCISCO

O convento da cidade de S. Paulo foi fundado pelo custodio Fr. Manoel de Santa Maria no anno de 1640 por alvará regio de 29 de Novembro de 1624.

O convento da villa de Santos foi fundado por ordem regia no anno de 1639, apresentada pela religião ao governador e capitão-general de Estado o Conde da Torre.

O convento da villa de Ytú não tem outras memorias de sua fundação, que a cópia de uma carta regia, que se acha registrada nos livros d'aquella Camara, pela qual consta, existia já no anno de 1701.

O convento da villa de Taubaté foi fundado a requerimento da Camara nobreza e povo, obtidas as licenças necessarias, em 25 de Abril de 1674.

O convento da villa de S. Sebastião foi fundado pelo commissario Fr. Maceió de S. Francisco em 11 de Maio de 1664.

O convento da Conceição de Itanhaen foi fundado por concessão da Camara existente a 30 de Janeiro de 1654.

Foram extrahidas fielmente por mim das relações que os mesmos regulares enviaram, por ordem do Governo, a esta Secretaria, onde existem, e a ellas me reporto.

S. Paulo, 21 de Abril de 1798.

O secretario do governo,

LUIZ ANTONIO NEVES DE CARVALHO.

Frei Antonio de Sant'Anna Galvão, natural de Guara-tinguetá, e fundador do convento da Luz, em S. Paulo, morreu a 23 de Dezembro de 1822 e se acha enterrado na igreja do mesmo convento. Este só foi acabado em 1844.

MOSTEIRO DE S. BENTO

DA FUNDAÇÃO D'ESTE MOSTEIRO EM S. PAULO

Dilatada pelas tres partes do orbe catholico, a familia benedictina, no decurso de mil duzentos e vinte e dous annos, que nasceu, viveu e fundou nosso padre S. Bento, chegou tambem por industria da congregação de Portugal, ha mais de duzentos annos, á quarta parte do mundo descoberta e conquistada no tempo e reinado do nosso monarcha, de feliz memoria, o Sr. D. Manoel.

2 Teve seu principio esta primeira fundação no mosteiro da capital, cidade e Estado de todo o Brasil na cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, no anno de 1560, no mais nobre e magnifico mosteiro, cabeça de toda a provincia, do qual emanaram fundadores para as demais cidades d'esta America Portugueza, sahindo uns para a cidade de Pernambuco, outros para a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, e para esta de S. Paulo, hoje intitulada pelo Sr. D. João V, de gloriosa memoria, a cidade da Assumpção, então, n'aquelle tempo, villa de S. Paulo, muito Rvd. padre Fr. Mauro Teixeira, natural da villa de S. Vicente, e monge de exemplar vida e louvaveis costumes.

3 Posto sem especial licença regia, a fundação d'este nosso mosteiro de Nossa Senhora da Assumpção, hoje assim intitolado pelo nosso Rvm. padre-geral Fr. José de Santa Maria; como aquelles monges, primeiros fundado-

res qu á cidade da Bahia chegaram, não podiam vir e passar a este novo mundo, sem especialissima ordem d'aquelle pio monarcha, para tal, principe de todos os patriarchas, nosso padre S. Bento, a fé catholica a todo este e aquelle orbe, n'aquelle tempo mais gentilissimo que fieis ás leis do verdadeiro Deus: com aquella universal licença chegou o Rvm. padre Fr. Mauro Teixeira a esta villa de São Paulo no anno de 1598, e deu principio á fundação d'este mosteiro.

DA FUNDAÇÃO E SITUAÇÃO D'ESTE MOSTEIRO N'ESTE LOGAR

4 No tempo em que esta cidade era villa de S. Paulo muito no seu principio, tambem logrou a felicidade, que não foi pequena, de a ella vir e chegar o Rvd. padre Frei Mauro Teixeira, monge muito religioso e abstinente, de louvavel vida e singulares costumes: deu cópia de sua vida aos senhores senadores e á nobre Camara d'aquelle tempo, expondo-lhes o intento que o movia a subir a serra do Cubatão, e a vontade e disposição de seu prelado, que era o D. abbade do mosteiro da Bahia, que juntamente era provincial n'esse tempo.

E' muito para se crêr a alegria que conceberiam os senadores por se vêrem, e a sua villa, possuidores de um tão religioso padre e de uma ordem tão especializada entre as mais: com applauso o receberam e lhe consignaram ao depois de elle expôr o seu intento e conseguir o fim que o havia movido, a paragem no fim do alto em que está situada hoje toda a cidade.

5 Logo o Rvd. padre Fr. Mauro, com esta licença e consignação do logar, deu principio a lançar os primeiros fundamentos na parte mais aprazivel de toda a cidade, por ficar como fóra d'ella, porque, correndo-lhe por baixo do mosteiro, de uma parte, que é a do nascente, o rio Tamanduatahy, que por esta parte a cerca; formando uma formo-

sa enseada, a feicha de tal sorte com o rio Anhangabahú que pela parte do poente corre deixando em cima, no pavimento da terra, só logar para quem vem para o mosteiro, e possa entrar, de maneira que parece estar este fóra da mesma cidade: n'este logar, e no fim d'esta ultima parte do alto de toda a cidade formou uma capellinha com a invocação de S. Bento, o padre fundador Fr. Mauro.

6 N'esta capellinha e n'este logar por alguns annos, como os verdadeiros monges da Thebaida, viveu o padre Fr. Mauro Teixeira, fazendo todas as obrigações. que o seu estado pedia, e uma vida penitente, affastado de toda a humana conversação, e abstinente, para por este meio servir melhor a Deus, como assim o contam algumas pessoas de idade provecta, que assim já o haviam ouvido de seus antepassados, e consta isto de um caderno velho manuscrito que ainda se conserva no archivo do mosteiro,

10 Passados bastantes annos, ao depois da retirada do padre Fr. Mauro Teixeira, que até ao presente si não soube o motivo que para isso houve, no anno de 1510, chegou por governador d'esta capitania o Sr. Francisco de Souza, a quem muitos nomeam e dão o tiêulo de Marquez das Minas, quinto avô do Illm. e Exm. Sr. D. Luiz Antonio de Souza Botelho e Mourão, hoje governador e capitão-general d'esta nobre cidade de S. Paulo, e na companhia d'aquelle tão nobre e distincto fidalgo, conduzidos por elle, tambem vieram tres monges, o muito Rvd. padre Frei Matheus da Assumpção, primeiro prior que teve este mosteiro, o padre prégador Fr. Antonio da Assumpção, e o padre prégador Fr. Bento da Purificação.

DEIXAÇÃO D'ESTA EGREJA E MOSTEIRO E NOVA FATURA
DE MOSTEIRO N'ESTE LOGAR

16 Por todo este tempo, desde a fundação do padre Fr. Mauro, se conservou esta igreja e mosteiro no primeiro logar, onde teve o seu principio, com quatro cellas, junto e contiguo á igreja velha, permanecendo desde então esta obra até o anno de 1650: no qual tempo, como visse o capitão Fernão Dias Paes, homem muito distincto e abastado de bens, nosso amigo e bemfeitor, a pequenez do mosteiro e aperto em que estavam os monges, e pouco commodo que tinham, como homem de bem, pediu elle mesmo aos religiosos, que, para que mais commodamente pudessem louvar a Deus, queria elle fazer uma nova igreja ao pé d'aquella primeira, fundada pelo padre Frei Mauro, toda a sua custa; e como era natural d'esta cidade, queria que fosse com a obrigação de ser elle o protector d'ella, e ter na capella-mór uma sepultura para si, e duas mais para seus descendentes se enterrarem, em quanto existir o mosteiro.

17 O que tudo attendido e acceito pelos padres, estando juntamente presente o Rvm. padre provincial, que então era o Dr. Frei Gregorio de Magalhães, e o padre presidente do mosteiro, que assim já se nomeava o prelado d'elle e se regia, o padre prégador Fr. Feliciano de S. Thiego com o padre prior Fr. Jeronymo do Rosario e mais monges, se lhe concedeu a faculdade de na nossa capella-mór ter as tres sepulturas, uma no meio, e as duas em cada um dos lados, ao capitão Fernão Dias Paes, fazendo que fosse a capella-mór, a igreja nova; celebrado todo o contracto por escriptura publica que se acha no cartorio do mosteiro, obrigando-se mais a dar os paramentos necessarios para o uso e serviço d'ella.

18 Com esta faculdade do santo convento, com grande alegria e gosto, deu o capitão Fernão Dias Paes principio a factura d'esta egreja e mosteiro no sitio e logar, onde hoje, pelo favor do céú, existe, algum tanto distante, e mais affastado do logar da primeira capella da fundação do padre Fr. Mauro Teixeira; e continuando sem cessar o seu intento, a acabou de todo, fazendo n'ella tres altares, um que era o altar-mór, em que conservou por padroeira da egreja a mesma Senhora de Montserrate em seu retabulo de taboas pintado, como então permittia a estreiteza da terra, e dous altares mais, collateraes, em que pôz, no da parte do Evangelho, Nosso Padre Santo Amaro, e no da Epistola, Nosso Padre S. Bernardo, assentando mais na egreja um pulpito, ornando-a com côro, e dando todos os paramentos necessarios, tanto para o uso da egreja, como para ornato dos altares.

(Copiado do respectivo Livro do Tombo do Convento de S. Bento.)

BENEDICTO MARCONDES HOMEM DE MELLO.

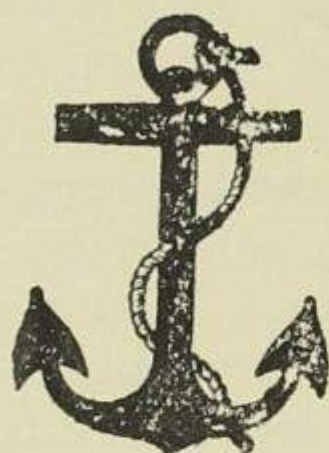
TROVA POPULAR

Hei de romper embaraços,
Vidinha, p'r'amor de ti;
Si me tirarem a vida,
Eu para morrer nasci.

PROVERBIO TURCO

Aquelle que se detém a atirar pedradas a todos os cães que o assaltam no caminho, nunca chega ao fim da sua viagem.

LINHA CLARK MARCA ANCORA



A LINHA

SEM RIVAL



PARA
MACHINAS

PARA
CROCHET

Esta afamada linha, superior a qualquer outra, tanto para machinas de costura como para chrochet é que tem uma quasi exclusiva applicação em todo o grande Imperio do Brasil e uma enorme aceitação em toda parte do mundo, vende-se em todas as lojas de fazendas e de armarinho e no

Grande deposito

DE

MACHINAS DE COSTURA

DE

VICTOR NOTHMANN & C^A

57-Rua de S. Bento-57

O SUICIDA

Para cortar essa corrente escura
que te arrastára a vida,
foste aguçar na cruz da sepultura
punhal de suicida.

Vendo de rojo a tua honra... morta
ess'alma se espedaça :
e no lar foste abrir mais uma porta
por onde entrasse a noute da desgraça.

Que testamento horrivel escreveste !
que triste a tua herança !
Forrar com a palma negra do cypreste
um berço de criança...

Derramar sobre o calix do tormento,
que essa mão repellia,
a lagrima vermelha que escorria
de teu punhal sangrento...

e assim mais repulsivo conchegal-o
aos labios soluçantes
dos filhos, da mulher... para tragal-o
mais cheio do que d'antes.

Era mais santo e nobre erguer a fronte
do braço das tristezas
e de frente encarar esse horisonte
que se antolhava prenhe de incertezas ;

e atirar a coragem sobre a arena
às pelejas renhidas,
que desertar da scena
pelo escuro alçapão dos suicidas.

O tum'lo não consome
o punhal que partiu essa corrente...
Teus filhos vel-o-hão, rubro, pendente
das lettras de teu nome !

1880.

B. MACHADO.

N'UM ALBUM

Possue o nosso dilecto Brazil tão amenos climas como os de certos pontos da Italia, tão poeticos sitios como os da montanhosa Suissa, tão formosas praias como as mais afamadas da França, *Nizza la Bella* não possúe os encantos da soberba bahia do Rio de Janeiro. Os cafesaes de S. Paulo recendem mais do que as esfalfadas e rachiticas laranjeiras de Sorrento.

Porque será então que a tantas bizarras formosuras patrias, nós os brazileiros, antepomos a natureza caiada, penteada, postixa, ora regelada, ora bacchanal, d'esta Europa prosaica.

Nice, Março 83.

A. PEREIRA PINTO JUNIOR.

IMPrensa DE S. PAULO EM 1883

E' notavel o desenvolvimento que vae tendo na nossa provincia a imprensa. Localidades mesmo de pequena importancia já vão tendo os seus orgams de publicidade. E' um excellente symptoma de civilisação, este. O *observador* fez uma pequena collecção modesta dos jornaes existentes na provincia, e hoje publica-a, sem pretensão a documento valioso de estatistica, sendo mesmo possivel que haja enganos ou omissões. Em todo o caso a boa vontade desculpará os erros.

Existem os seguintes jornaes :

Capital.—Correio Paulistano, Diario de S. Paulo, Gazeta do Povo, Jornal do Commercio, Provincia de São Paulo e Ypiranga, diarios. O Thabor, organ catholico. A Germania, da colonia allemã. Os academicos: Constitucional, Idéa, Liberal, Ordem, Patricia, Pindamonhangabense, Reacção e Republica. Os commerciaes: da casa Ecletica e Porta Larga.

Amparo—Commercio do Amparo.

Araraquara—Municipio.

Arêas—Aurora e Aialaya.

Bananal—Bananal.

Batataes—União.

Bocaina —Gazeta da Bocaina.

Bragança—Guaripocaba e Labaro.

Campinas—Diario e Gazeta.

Cananéa—Gazeta.

Casa-Branca—Municipio.

Franca—Gazeta e Nono Districto.

Guaratinguetá—Norte de S. Paulo, Parahyba.
Iguape—Commercio e Iguapense.
Ytú—Imprensa Ytuana.
Jacarehy—Município e Guttemberg.
Lorena—Tribuna.
Mogy-mirim—Situação e Brado da Lavoura.
Pindamonhangaba—Tribuna do Norte.
Piracicaba—Gazeta e Piracicabano.
Pirassununga—Rio-Branco.
Rio-Claro—O Tempo.
S. Bento de Sapucahy—Liberal.
S. José dos Campos—Pararangaba.
S. Luiz do Parahytinga—Redempção.
Santos—Diario e Gazeta.
Silveiras—Nortista.
Sorocaba—Diario.
Tatuhy—Progresso.
Taubaté—Gazeta e Jornal.
Tieté—Echo Municipal.
Ao todo

57

Dos quaes

Liberaes

Bananal, Gazeta da Bocaina, Norte de S. Paulo, Município, Tribuna, Situação, Brado da Lavoura, Tribuna do Norte, Diario de Santos, Nortista, Gazeta de Taubaté, Jornal de Taubaté, Ypiranga, Diario de S. Paulo, Liberal, capital, e Liberal, de S. Bento de Sapucahy.

16

Conservadores

Correio Paulistano, Gazeta da Franca, Gazeta de Santos, Rio Branco, Constitucional, Ordem.

6

Republicanos

Provincia de S. Paulo, Gazeta de Campinas, Republica, Idéa, Nono districto	5
--	---

Commerciaes

Jornal do Commercio, Caixeiro, Casa Eclectica, Porta Larga	4
--	---

Catholicos

Thabor e Reacção	2
------------------	---

Neutros

Commercio do Amparo, Municipio de Araraquara, Aurora, Atalaya, União, Diario de Campinas, Gazeta de Cananéa, Municipio, de Casa Branca, Commercio de Iguape, Iguapense, Imprensa Ytuana, Guttemberg, Gazeta de Piracicaba, Piracicabano, Tempo, Pararangaba, Redempção, Diario de Sorocaba, Progresso de Tatuhy, Echo Municipal, Gazeta do Povo, Patriota, Pindamonhangabense, Germania	25
---	----

57

D'estes são :

<i>Diarios</i> —Correio Paulistano, Diario de S. Paulo, Gazeta do Povo, Jornal do Commercio, Provincia de São Paulo, Ypiranga, Diario e Gazeta de Campinas, Diario e Gazeta de Santos e Diario de Sorocaba	11
--	----

<i>Periodicos</i> —Outros todos.	46
----------------------------------	----

57

Existem na capital as typographias : Popular ; Seckler, com poucas competidoras no imperio ; King ; Provincia, movida a vapor, com o unico prélo de reacção existente na provincia e um Alauzet ; Correio Paulistano, tambem movido a vapor ; Diario de S. Paulo, a vapor egualmente, com prélo do systema Potter, 2 cylindros, e mais um Minerva ; Gazeta do Povo ; (é o unico jornal na provincia que se publica ás segundas-feiras tambem) ; Ypiranga e Jornal do Commercio ; Germania ; Commercial ; Garraux, primando pelos typos de phantasia.

Em Santos existe a typographia do *Diario*, montada com materiaes da Allemanha, a maior parte, com tres machinas a vapor e officina de encadernação contendo os aparelhos mais modernos.

Em Campinas, a da *Gazeta* que se tem distinguido diversas vezes pelos seus trabalhos a côres.

+

Como disse no principio, é possivel que por ahi acima hajam alguns erros. Compromettemo-nos a corrigil-os todos, e, portanto, é só pedir por bocca ou por escripto.

MANOEL DA ROCHA.

JUNDIAHY

Teve seu principio em 1651. Dous annos ao depois foi erecta uma egreja por Petronilha Rodrigues Antunes e seus filhos e genros, paulistas que por criminosos alli se acoutaram. Em 1742 tinha 209 fogos e 1.306 individuos. Comprehendia o seu districto dezoito leguas de Norte a Sul, desde o Juquery-mirim até o Atibaia no logar denominado —Tapera-grande—, e para o lado de Ytú cinco leguas pela serra do Japy. Villa, em 14 de Dezembro de 1655, por provisão do capitão-mór e ouvidor Manoel de Quebedo e Vasconcellos ; cidade, pela lei n.º 24 de 28 de Março de 1865.

O CRITERIO CATHOLICO

Alfredo Maury, caracterizando as circumstancias que diferenciaram o naturalismo árico entre os dous ramos aryanos e iranianos, reconhece os elementos medo-persas sobre que se constituiu o christianismo : « Em quanto para além do Indus o pantheismo naturalista era substituido por uma theogonia complexa que tendia para a idolatria, na Persia este pantheismo despojava-se gradualmente do que tinha de mais material e transformava-se em um dualismo, que continha em germen muitos dos princípios que o christianismo consagrou. (*) » O desenvolvimento do principio dualista não resulta de uma elaboração espontanea do genio abstracto dos povos iranicos, mas sim da assimilação das doutrinas do magismo proto-medico das raças turanianas com que fusionaram ; é isto o que se demonstra com toda a clareza, estudando a origem secundaria de Mithus nos Vedas, e a sua transformação fundamental como um mediador de Ormuz, sacrificando-se pela salvação da humanidade.

Hoje que existem bellas traducções do *Avesta*, onde se encerra toda a mythologia iranica, alli se acham na sua fórma a mais primordial os mythos do Eden e do Diluvio, que os judeus copiaram inconscientemente, e por isso substituiram o character cosmico não comprehendido por sua interpretação moral ; dogmas organicos do christianismo, como a theoria das penas e recompensas, como a remissão da culpa pelo sacrificio, como a tentação demoniaca e a in-

(*) *Legendes et croyances de l'antiquité*, pag. 159.

tervenção protectora dos Anjos, tudo isto se deriva das doutrinas theologicas da Persia, sobretudo quando tomaram uma tendencia exclusiva de mysticismo, e que esse mysticismo penetrou na Synagoga Judaica. Alguns escriptores catholicos, como Lenormant e Arlez, este ultimo padre e traductor do *Avesta*, abstrahem systematicamente das relações de successão chronologica e do criterio da evolução psychologica da humanidade, para considerarem estas fructos do monotheismo judaico e principalmente do christianismo, como manifestações secundarias e pervertidas de uma revelação primordial dos mysterios christãos ao homem, revelação de que só o judeu conservou a tradição pura ! Que esforços de imaginação para falsificar a corrente da connexão historica !

Tal é o typo do criterio catholico, que até a moderna disciplina scientifica serviu de guia á razão para estudar a natureza, o passado humano, e dirigir a marcha das sociedades na sua politica, na sua moral e na sua industria.

Lisboa, 1880.

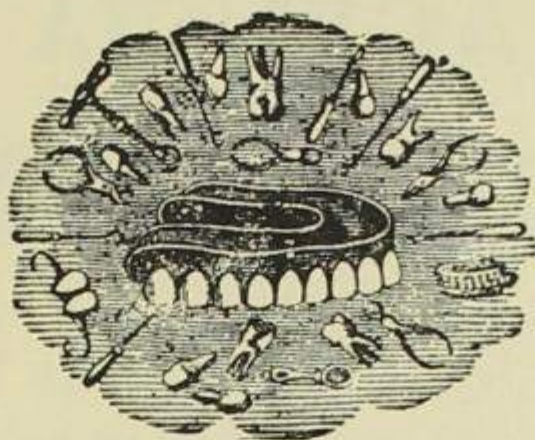
THEOPHILO BRAGA.

TROVA POPULAR

Noute escura e tenebrosa
Não temi p'ra te fallar ;
Quem ama não teme a morte,
Quem teme não sabe amar.

A sciencia da gloria encimou a seu tempo ; chegou o tempo da gloria da sciencia.

E. GIRARDIN.



W. ALBERT NAXARA

DENTISTA MECHANICO

41-Rua de S. José-41

En: frente á Rua Direita

N'este bem montado estabelecimento dentario fazem-se todos os trabalhos mechanicos dentarios com a maior perfeição e pelos mais modernos sistemas.

Fazem-se e collocam-se dentes :

**A' pivot
sobre vulcanite
platina
e ouro.**

Todos os trabalhos são garantidos pela sua perfeição e executam-se com a maxima brevidade.

Recebe-se chamados por escripto para executar qualquer trabalho tanto n'esta capital como no interior da provincia.

Os preços são os mais moderados possiveis.

S. PAULO

AGENCIA

PARA A INTRODUCCÃO DE SEMENTES E
PLANTAS UTEIS

F. M. DOS SANTOS VIANNA

AGENTE DOS ESTABELECIMENTOS DE HORTICULTURA DE

HAAGE & SOHMIDT

MERCADORES DE SEMENTES EM **ERFURT**

LOUIS VAN HOUTTE, DE GAND
SOUPERT & NOTTING, ROSEIRISTAS

(No Grão Ducado de Luxemburgo)

encarrega-se de mandar vir da Europa, sementes de cereaes, forragens, hortaliças e flores, bem como esplendidas fructeiras, camelias, roseiras, e quaesquer outras plantas de que tenham necessidade os agricultores, ou amadores.

Recebendo o agente uma commissão dos estabelecimentos, calculada sobre o custo das sementes e plantas, o agente com o fim de facilitar aos agricultores a obtenção de sementes e plantas uteis, abriu mão de qualquer commissão sobre o valor das facturas: assim, pois, os agricultores e amadores pagam as sementes e plantas pelos preços dos catalogos, como se comprassem pessoalmente nos estabelecimentos, carregando-se além do custo, as despezas do caixão, transporte e frete até o Rio de Janeiro.

As encomendas devem ser enviadas por intermedio de uma casa commercial, que se responsabilise pelo pagamento, e se incumba da remessa dos volumes para as provincias.

Para informações em S. Paulo, com o sr. José Maria Lisboa, ou dirigir pedidos de catalogos a

F. M. DOS SANTOS VIANNA

Caixa n. 1147, no Correio do Rio de Janeiro

A PRIMAVERA

Foi-se de todo o inverno. A primavera
Enche de luz o calice das flôres
Vôa o insecto no azul como a chimera
Tambem recorta o azul dos meus amores.

Nos aditos do bosque os troncos d'hera
Acurvam-se como arcos vencedores,
Por onde passa triumphante a fera
Ao rubro som da musica das côres.

Trinam aves vôando em douda festa...
Pendura-se das ramas da floresta
A parasita... E o sol ardente, ufano,

Um punhado de luz no espaço atira...
E como treme e canta a minha lyra
« *Oh primavera! gioventú dell'anno!* »

1883.

WENCESLAU DE QUEIROZ

A liberdade é o unico codigo religioso dos tempos mo-
dernos. RENAN.

AU
BON
DIABLE



BLOCH FRÈRES & C.^A

ESPECIALIDADE
DE ROUPAS FEITAS FRANCEZAS
PARA
HOMENS E MENINOS
Roupas brancas

GRAVATAS
GUARDAS-CHUVA
BENGALAS
RAYONS ESPECIAES
DE ROUPAS PARA CRIANÇAS
*Robes de chambre e coins
de feu*

—
IMMENSE
GALERIA
DE
SOBRETUDOS

—
45, Rue Foubert, 45
PARIS

ROUPAS PARA LUTO

E
CASAMENTO
ROUPAS

PARA
*Cocheiros, Copeiros
Cosinheiros e
Caçadores*

—
CASA UNICA
NO SEU GENERO
NO IMPERIO DO BRAZIL

—
**PREÇOS
BARATISSIMOS**

—
46, Rua Direita, 46
S. PAULO

A DIRECTORIA DO 'CULTO A' SCIENCIA' NO BIENNIO DE 1880-1882

Diz um proverbio hungaro que — « *um hungaro póde viver no cume de uma rocha.* »

Tambem o póde mais alguem.

No deserto de esperanças, em que vive o educador brasileiro quando, mais que o seu interesse pecuniario, considera o interesse geral do paiz, ha rochedos abençoados, a cujo pico ascende elle por vezes, afim de estender a vista pelos horisontes e adivinhar os clarões da aurora que deseja, mas sabe não ha de surgir tão cedo — a reforma da educação.

Eu já topei com um d'elles, e, sempre que o desalento me afunda no seio, galgo-lhe a encosta inclinada para deliciar-me do alto, vendo desfilarem na bruma azulada de um futuro afastado, como toda a vida de uma realidade pujante, essas instituições de ensino que, actualmente não são sinão reputadas como do dominio das utopias.

Esse ponto de perspectiva para o futuro, onde páro para retemperar as forças, é representado pela directoria do Collegio Culto á Sciencia no biennio de 1880-1882.

Collocados pelos votos da associação á testa do movimento do Collegio, os Srs. Drs. Candido Ferreira da Silva Camargo, Jorge Miranda, Carlos Norberto de Souza Aranha e Francisco Augusto Pereira Lima e o Sr. Alvaro Xavier de Camargo Andrade, desde os seus primeiros actos demonstraram que, superiores á vil industria do *preparo para exames*, tinham idéas sãs a respeito do verdadeiro modo de encarar o ensino em um estabelecimento d'aquella natureza.

O livro das actas da associação narra a historia authentica dos factos que, a meu vêr, os exaltam no conceito de todo o educador como homens de vistas largas e comprehensão exacta das necessidades do ensino moderno; e, embora as circumstancias do meio lhes possam tirar o direito á qualificação de *opportunistas* para lhes outorgar a de *revolucionarios*, não lhes obscurece isso em nada o merecimento, pois ha interesses sobre os quaes não é lícito contemporisar sem crime, e, os que tinham a seu cuidado, são d'essa especie. Os revolucionarios, mesmo quando derrotados, triumpham muitas vezes, porque, si as suas idéas não vingam no momento, fica-lhes o germen na terra, e ergue-se prompto em seára abundante, logo que o meio perde os elementos viciosos, contrarios ao seu desenvolvimento.

Proscrever ao estabelecimento o ensino pelos *pontos*; ampliar o programma das materias de ensino para iniciar o espirito dos alumnos em uma educação capaz de os habilitar para as lutas da vida; munir o Collegio dos meios materiaes necessarios á ministração dos conhecimentos scientificos e ao bem-estar aconselhado pelos preceitos da hygiene; estabelecer conferencias, que fossem como que pontos de reunião, destinados a activar o movimento da reforma pela demonstração de sua necessidade e vantagens; manter a mais completa neutralidade na educação moral pela exclusão de todo o ensino religioso; e, finalmente, em exames publicos, chamar a opinião publica para ajuizar de que, tudo quanto alli se fazia, não era simples e puro *réclame*, mas conscienciosa e salutar obra;—eis, em synthese, pelo que se esforçou a directoria do biennio de 1880-1882.

Que esses esforços tiveram compensação parcial, ninguém o póde contestar si, tomando a lista dos examinandos inscriptos em 1881, verificar que o Culto á Sciencia obteve a proporção de 97 % de approvações, em grande parte plenas, sobre a inscripção—facto phenomenal nos

precedentes, não só do Collegio, como de todas as instituições congêneres da provincia, e, quiçá, do imperio.

Porque essa compensação não foi completa, envolveria uma indagação de causas muito complexas.

O que, porém, é indubitavelmente certo é que o Collegio nada soffreu com os *novos principios* de educação alli introduzidos, e que os membros da directoria tão convenientemente os consideram indispensaveis que, homens formados em maioria, no relatorio apresentado em 1882 declaram por um modo formal haverem por elles se esforçado por entenderem ser tempo de reformar uma educação falsa, improficua em bons resultados e que põe as habilitações dos graduados muito inferiores á presumpção, que estabelecem os pergaminhos.

O futuro historiador do movimento educacional no Brazil, ao folhear os documentos do Collegio Culto á Sciencia, ha de confirmar as palavras, que aqui deixamos; e, si algum dia este paiz chegar á reforma de que carece, entre os nomes dos gloriosos precursores da sua emancipação mental, hão de occupar logar honroso aquelles a quem estas linhas dão o que lhes pertence:—a justiça desinteressada a actos de benemerencia.

Commungando nas mesmas idéas, tenho hoje a directoria do Culto á Sciencia no biennio de 1880—1882, como um ponto de animação, quando, cansado do lidar de todos os dias, quero desanimar, convencendo-me de que as boas idéas não acham éco e que clamo por uma causa inopportuna.

Possa o exemplo dos illustres cidadãos ser imitado, e os insuccessos, que acompanham as reformas, mas a que ellas não dão causa, não servirão de obstaculos ao avançamento da boa doutrina.

Campinas, Agosto, 1883.

JOÃO KOPKE.

ON PARLE FRANÇAIS
MAN SPRICHT DEUTSCH

GRANDE HOTEL

51 e 53-Rua de S. Bento-51 e 53

S. PAULO

—:—

CASA ESPECIAL PARA FAMILIAS

Cosinha e Adega o que se póde exigir
de melhor

*Encarrega-se de qualquer encommenda e de
banquetes para fóra*

PROPRIETARIO

Carlos Schorcht

FALLA-SE PORTUGUEZ
ENGLISH SPOKEN

CARVALHO, COSTA & PIRES

4 RUA DIREITA 4

ARMAZEM DE MOLHADOS

POR ATACADO E A VAREJO

*Deposito especial de fructas de todas
as procedencias*

DOCES EM CALDA, VINHOS FINOS, LICORES FINOS,
Chocolates finos, conservas inglezas, peixe
em latas, massas para sopa,

CHÁ DA INDIA, ETC.

S. PAULO

DERRADEIRO ACCORDE

A's vezes quando eu penso entristecido,
Nos mysterios profundos da existencia,
Sinto as ancias de um nãufrago perdido !

— Ao riso, segue a dôr, n'esta sequencia
Do sumir-se do espaço eternamente
As sombras, á auroral resplandecencia !

A' vida, segue a morte ; á luta ingente,
Aos hymnos do trabalho e da alegria...
A morbidez da paz que dorme algente !

Nada fica de pé ! A' noute fria,
Andam os furacões enraivecidos
A solfejar uns gritos de agonia !

Nada fica de pé ! Prados floridos,
Como as crenças de amor e d'esperança
Lá vão nos turbilhões enfebrecidos !

Lá vão, lá vão em doudrejante danza
Do triste Nada, pela estrada enorme,
Até que mais além... tudo descança !..

Assim dormem heroes em lousa informe,
Assim tambem, idéas redemptoras...
Que nos braços da morte... tudo dorme...
— Os bons, os máus, as noutes e as auroras !

S. Paulo, 1883.

H. DE CAMARGO.

TROVA POPULAR

Um cégo estava escrevendo,
Um mudo estava ditando,
E para mais galanteria
Um surdo estava escutando.

O ENSINO SECUNDARIO PARA A MULHER

Esta questão não é politica, é social na mais alta e pura accepção da palavra, porque a sociedade repousa sobre a familia e a familia é que faz a mulher. Emquanto o homem luta e trabalha fóra, a mulher educa os filhos ; assim como lhe alimenta o corpo, alimenta-lhe o espirito ; ella é a sua primeira e talvez unica instructora ; cultiva-lhe as faculdades, desenvolve-lhe os sentimentos, os gostos e as idéas moraes ; ella prepara-os á vida pratica e a sociedade recebe-os de suas mãos, adestrados pelas suas lições e pelos seus exemplos, cujas recordações são mais perduraveis que todas as outras. Sendo ellas que formam os costumes e visto que todos os partidos politicos são accordes na utilidade dos bens, não deve haver divergencia sobre a utilidade da instrucção das mulheres.

P. BROCA.

N'UM ALBUM

A virtude na mulher é uma porção da divindade.

Quem póde descrêr da existencia dos anjos, revelada nos indeleveis vestigios d'essa existencia, impressos n'um coração de mulher? E porque não fôra ella na série da criação um anel da cadêa dos entes, presa de um lado á humanidade pela fraqueza e pela morte, e do outro, aos espiritos celestes pelo amor e pelo mysterio? Porque não seria a mulher o éco melodioso do Eterno, o intermedio entre o céu e a terra e o interprete insinuante e prestigioso da vontade divina? Mas inspirariam menos confiança e menos resolução, intimadas com doçura, e sem estrepito, as vozes descidas do alto e articuladas pela intimativa meliflua da mulher, essa flôr da existencia viva, collocada por Deus ao lado do homem para incutir-lhe o cheiro benefico da virtude e para, sobretudo, fazer-lhe penetrar na alma o amor divino? Teriam maior efficacia os imponentes dictames, d'envolta com ameaças d'aquelles que se investem da autoridade espiritual da terra, sobre cujo menor abuso fulmina-se o anathema, a desherdação do céu?

A mulher sente em si mais elementos de virtude do que o homem.

Apresentae-a ante aquelle que soffre dôres, vêl-a-heis, derramando lagrimas, desvelar-se por minorar-lhe seus padecimentos, já pelos meios que lhe parecem adequados, já pedindo-lhe que não caia em desanimo no triumpho do curativo com vozes affectuosas e fortalecidas pelo amor da humanidade. Eis ahi a virtude que gera o sentimento do amor do proximo.

Sabe a mulher da existencia de alguém que vive em penuria, resignado em silencio ás púas da miseria e indigencia, e não querendo expor-se ás incertezas de esmolar em publico o pão quotidiano, ahi vae ella com o obulo do pobre afugentar a fome e a nudez no tugurio d'esse desvalido. E' esta a virtude da caridade.

Chega á noticia da mulher que ha orphans desvalidos, sem nenhum recurso a percorrer o estadio da vida, mais do que o instincto que inspira sua innocencia e isolamento, ahi vereis esse ente piedoso tutelar a indigencia, aliviar infortunios e inscrever um nome na escala do genero humano. Obra é esta da virtude pela infancia. (*)

• • • • •
BRIGADEIRO J. J. M. O.

—
A liberdade é uma religião tão boa como as outras.

H. HAINE.

—
Uma sociedade na qual uma classe soffre parece-se a um homem que tem uma perna enferma. Todo o corpo é affectado por esta enfermidade.

LUIS BLANCH.

—
(*) Esta producção foi interrompida pela morte do paulista, cujo nome pedimos venia para revelar em simples iniciaes.

Foi escripta em fins de Julho de 1867.

DELIRIO

(IMITAÇÃO)

Ai ! si eu te—visse a sós no val deserto
Vagando incerta—a murmurar baixinho
Do vate o nome que ninguem conhece,
Que se—roja no pó—triste e mesquinho !


Ai ! si eu te—visse—corajosa e fraca—
A fugir e a voltar—a meio esquiva—
Cerebro e coração em lucta ardente,
Querendo sem querer... e pensativa !...

Ai ! si eu te—visse como sombra errante
Ao pallido clarão de argentea lúá,
O peito em febre a palpitar soluços,
Deixando-me beijar a dextra tua !...

Ai ! si eu te—visse—palpitante e meiga,
Chorando e rindo—a reclinar a frente,
Depois os labios teus aos meus collados...
E depois um suspiro... um ai ! tremente !...

Ai ! si eu te—visse assim—qual eu te—sonho—
Cingido ao peito n'um abraço eterno,
Teria o céu na terra—eu fôra um Deus—
E sob os pés calcára o proprio inferno !

BARÃO DE PIRATININGA.

A decorative border of black and white floral illustrations surrounds the text. The border consists of various flowers, including sunflowers, roses, and smaller blossoms, connected by thin, curving stems with leaves. The border runs along the top, bottom, and sides of the page.

PEDRO P. BITTENCOURT & C.^A

46-Rua de S. Bento-46

S. PAULO

Deposito de papeis nacionaes e estrangeiros para forrar casas, vidros para vidraças, etc.

Papel e tinta de impressão

E o mais completo sortimento de lampeões, vasos, escarradeiras, transparentes, tapetes, capachos, oleados, espannadores, esteiras da India, cortinas, serpentinas, molduras, espelhos ovaes e quadrilongos e muitos outros artigos de uso domestico.

Sobre medida, apromptam qualquer encommenda de vidros para o interior.

Preços fixos e modicos

46-Rua de S. Bento-46

S. PAULO

O FIM DO MUNDO SEGUNDO A SCIENCIA

(C. FLAMMARION—*Astronomie Populaire*)

O estudo dos mundos abre-nos na ordem dos tempos horisontes tão vastos como os que nos abre na ordem do espaço.

Faz-nos sentir a eternidade, assim como faz-nos entrever o infinito...

Admiramos hoje as bellezas da natureza terrestre, as collinas verdejantes, as campinas perfumadas, os ribeiros murmurantes, os bosques de sombras mysteriosas, os arvoredos animados de passaros cantores, as montanhas coroadas de gêlo, a immensidade dos mares, o calido pôr do sol nas nuvens bordadas de ouro e de escarlata, e o sublime nascer do sol no cume das montanhas coloridas, quando os primeiros raios da manhã estremecem nos vapores esbranquiçados da planicie.

Admiramos as obras humanas que corôam hoje as da natureza, os ousados viaductos lançados de uma a outra montanha, sobre os quaes corre o vapor; os navios, edificios maravilhosos, que atravessam o oceano; as cidades brilhantes e animadas; os palacios e os templos; as bibliothecas, museus do espirito; as artes de esculptura e de pintura que idealisam o real; as inspirações musicaes, que nos fazem esquecer a vulgaridade das cousas; os trabalhos do genio intellectual, que escruta os mysterios dos mundos e nos transporta ao infinito; e vivemos felizes no meio d'esta vida tão radiante, da qual fazemos parte integrante.

Mas, toda esta belleza, todas estas flôres e todos estes fructos passarão.

A terra nasceu. Ella morrerá.

Morrerá, ou de velhice, quando seus elementos vitaes estiverem esgotados, ou pela ~~extincção~~ do Sol, de cujos raios sua vida depende.

Ella poderia tambem morrer por um accidente, pelo choque de um corpo celeste que a encontrasse em seu caminho, mas este fim do mundo é o menos provavel de todos.

Ella póde, dizemos, morrer de morte natural, pela absorpção lenta de seus elementos vitaes. Com effeito, é provavel que a agua e o ar diminuam. Tanto o oceano como a athmosphera parecem ter sido outr'ora muito mais consideraveis que em nossos dias.

A camada terrestre é penetrada pelas aguas que se combinam chimicamente nas rochas. E' quasi certo que a temperatura do interior do globo attinge á da agua fervente, a dez kilometros de profundidade, e impede a agua de descer mais baixo; mas a absorpção continuará com o resfriamento do globo. (*)

O oxygenio, o azoto e o acido carbonico, que compoem nossa athmosphera, parecem soffrer tambem uma absorpção lenta. O pensador póde prever, através da bruma dos seculos vindouros, a época ainda muito remota em que a

(*) Nossa visinha, a Lua, mais nova que a terra, pois que é sua filha, porém menor, mais leve e mais fraca, perdeu já a maior parte de seus liquidos e gazes, porque as innumeraveis crateras que a crivam com suas goelas escancaradas não puderam vomitar suas entranhas abraçadas no meio das tormentas espasmodicas que a agitam sinão em uma época em que a athmosphera lunar devia ser incomparavelmente mais espessa que hoje. Talvez assistamos d'aqui, sem percebermos, á agonia das ultimas tribus da humanidade lunar, luctando contra a invasão do

Terra, desprovida do vapor da agua athmospherica que a protege contra o frio glacial do espaço concentrando ao redor d'ella os raios solares, como n'uma estufa, se resfriará com o somno da morte. Do cume das montanhas, a mortalha das neves descera sobre os altos *platós* e valles, expellindo deante de si a vida e a civilisação, e encobrendo para sempre as cidades e as nações que encontrar sobre sua passagem.

A vida e a actividade humana ir-se-ha restringindo insensivelmente á zona intertropical. S. Petersbourg, Berlim, Londres, Pariz, Vienna, Constantinopla, Roma, adormecerão successivamente sob sua mortalha eterna. Durante muitos seculos, a humanidade equatorial emprehenderá vãmente expedições arcticas para descobrir sob os gêlos o logar onde foi Pariz, Lyão, Bordéus, Marselha. As praias dos mares terão mudado, e a carta geographica da Terra será transformada. Não se viverá mais, não se respirará mais, sinão na zona equatorial, até o dia em que a ultima tribu vier sentar-se, já morta de frio e de fome, sobre a praia do ultimo mar, aos raios de um pallido sol, que não illuminará d'ahi em deante sinão um tumulto ambulante gyrando ao redor de uma luz inutil, e d'um calor esteril. Sorprehendida pelo frio, a ultima familia humana será tocada pelo dedo da Morte, e logo seus ossos serão enterrados sob a mortalha dos gêlos eternos.

frio e da morte. Ah! si estes visinhos do céu pudessem fallar-nos telegraphicamente e contar-nos sua historia!

O planeta Marte, anterior á Terra e menor, parece tambem mais adiantado que nós, porque seus mares não occupam como os nossos, os tres quartos do globo, e estão apertados em mediterraneos longos e estreitos. Sem duvida a humanidade marcial tem chegado actualmente a seu apogêo, emquanto nós apenas sahimos, do estado da infancia e da barbaria.

O historiador da natureza poderia escrever no futuro : Aqui jaz a humanidade inteira d'um mundo que viveu ! Aqui jazem todos os sonhos da ambição, todas as conquistas da gloria guerreira, todos os negocios retumbantes da finança, todos os systemas de uma sciencia imperfeita, e tambem todos os juramentos de amores mortaes ! Aqui jazem todas as bellezas da Terra... Mas pedra alguma marcará o logar onde o pobre planeta exhalou o ultimo suspiro.

Talvez que a Terra viva bastante tempo para não morrer sinão com a extincção do Sol. Nossa sorte seria sempre a mesma (seria sempre a morte pelo frio) ; sómente seria retardada por um praso mais longo.

No primeiro caso, a natureza nos reserva, certamente, ainda alguns milhões de annos de existencia ; no segundo, é por milhões de seculos que será preciso enumerar os estadios do futuro... A humanidade será transformada, physica e moralmente, muito tempo antes de attingir seu apogêo, muito tempo antes de decahir.

O Sol se extinguirá. Elle perde constantemente uma parte de seu calor, porque a energia que gasta em sua irradiação é, por assim dizer, inimaginavel. O calor emittido por este astro faria ferver por hora 2.900 milhões de miriametros cubicos de agua, á temperatura de gêlo ! Quasi todo este calor perde-se no espaço. A porção que os planetas aproveitam na passagem e utilizam para sua vida é insignificante relativamente á quantidade perdida.

Si o Sol ainda condensa-se actualmente com rapidez sufficiente para compensar uma tal perda, ou si a chuva de aéreolitos que deve incessantemente cahir em sua superficie é sufficiente para completar a differença, este astro não se resfria ainda ; mas, no caso contrario, seu periodo de resfriamento já está começado. E' o que é mais provavel, porque as manchas que o cobrem periodicamente não podem quasi ser consideradas sinão como uma manifestação de resfriamento.

Dia virá em que estas manchas serão muito mais numerosas que hoje, e em que começarão a mascarar uma parte notavel do globo solar. De seculo em seculo, o obscurimento augmentará gradual, mas não regularmente, porque os primeiros fragmentos de crosta que cobrem a superficie liquida incandescente não tardarão a derreter-se, para serem substituidos por novas formações.

Os seculos futuros verão o Sol apagar-se e reaccender-se, até o dia remoto em que o resfriamento invadir definitivamente a superficie inteira, em que os ultimos raios intermitentes e baços desvanecerem-se para sempre, [em que a enorme bala vermelha escurecer-se para nunca mais voltar a avivar a natureza com o doce beneficio da luz. E' o fim dos tempos cantado um instante sobre a lyra ligeira pelo cantor de Rolla :

Le neant ! le neant ! Vois-tu son ombre immense
Qui ronge le Soleil, sur son axe enflammé ?
L'ombre gagne e s'étend... l'éternité commence !

Já vimos no céu vinte e cinco estrellas scintillar com um clarão espasmodico, e recahir n'uma extincção visinha da morte ; estrellas brilhantes saudadas por nossos paes já desapareceram das cartas do céu ; o Sol não é sinão uma estrella ; elle terá a mesma sorte de suas irmãs ; os sóes, como os mundos, não nascem sinão para morrer, e na eternidade sua longa carreira não durará, tambem, sinão «o espaço d'uma manhã».

Então, o Sol, astro obscuro, mas ainda quente, electrico, e sem duvida vagamente allumiado por clarões ondeantes da aurora magnetica, será um mundo immenso, habitado por seres estranhos. Ao redor d'elle continuarão a gyrar as tumbas planetarias, até o dia em que a republica solar fôr riscada inteiramente do livro da vida e desaparecer para dar logar a outros systemas de mundos, a outras ter-

ras, a outras humanidades, a outras almas,—nossos successores na historia universal e eterna.

Taes são os destinos da terra e de todos os mundos. Será preciso concluir-se que, n'estes fins successivos, o universo não será mais um dia sinão um immenso e negro tumulto? Não: pelo contrario, desde a eternidade passada elle existiria já.

Deus tem devido crear desde o primeiro instante de sua existencia, isto é, eternamente; e elle não cessará de crear mundos e seres; por outra fórma, as forças da natureza não pódem ficar inactivas. Os astros ressuscitarão de suas cinzas. O encontro dos destroços antigos faz brotar novas chammas, e a transformação do movimento em calor torna a crear nebulosas e mundos. A morte universal não reinará jámais.

Traduzido por

ANNA MARIA DE MORAES BARROS.

Piracicaba, Julho de 1883.

A mulher verdadeiramente livre é a mulher casta.

PROUDHON.

O mercado nunca é livre no meio em que o homem tem fome e o capital póde esperar.

LEDRU ROLLIN.

Os tres milhões de homens que habitam os Estados do Papa eram votados pela Europa a supprir ao luxo da sua côrte.

E. ABOUT.

O DR. JOÃO KOPKE

Tem 31 annos este valente trabalhador.

Completa-os no dia 27 de Novembro.

Nasceu em Petropolis, onde residiu seu pae, o Dr. Henrique Kopke, emigrado portuguez, soldado do Batalhão da Rainha, que se batêra pela causa constitucional, e fundador de um collegio n'essa pittoresca cidade.

Formou-se em Direito em 1875, na Faculdade de São Paulo ; pretendeu seguir a carreira da magistratura e foi nomeado, em Novembro de 1875, promotor publico da Comarca da Faxina, depois removido a seu pedido para a de Jundiahy e em 1878 para a Comarca da Capital.

Não entrou no quadro da magistratura, porque poucos mezes serviu como promotor da Capital, tendo pedido demissão por dar preferencia ao magisterio.

+

Casando-se no 2.º anno do curso de Direito, ainda moço, teve de trabalhar para sustentar familia e proseguir nos seus estudos.

Por esse tempo já o velho Kopke havia deixado o afamado collegio e, doente, não dispunha de grandes recursos para attender á educação dos filhos.

O joven academico soube vencer com seu proprio esforço as difficuldades que lhe faziam comprehender os espinhos da estrada a percorrer.

Bem preparado, viva attestação do que fôra o Collegio Kopke, onde o ensino das linguas principalmente era notavel, sendo raro o rapaz que d'alli sahisse sem fallar

inglez, francez e allemão, pôde leccionar durante o curso de Direito alguns preparatorios.

Ao deixar a promotoria da Faxina regeu com brilhantismo, no Collegio Rangel Pestana, n'esta Capital, aulas de inglez, francez, italiano e geographia, dando fiel execução ao programma de ensino d'esse estabelecimento destinado a ministrar uma larga e solida instrucção ás meninas.

Exerceu tambem o magisterio em outros collegios e abriu cursos particulares em sua casa.

+

Quando a sua aptidão já era conhecida e provada foi nomeado por decreto, sem concurso, professor substituto de Philosophia, Historia, Geographia e Rhetorica do Curso **Annexo** á Faculdade de Direito.

Pouco tempo exerceu as funcções de professor publico. Dentro do regime do ensino official, adstricto aos pontos, o discipulo do velho Kopke de Petropolis não comprehendia a grandeza do magisterio.

Teve então oportunidade para conhecer quanto são tolas e absurdas as pretensões de muitos pais que só querem vêr os filhos em exames. Viu mais que isso—a ousadia com que se propõe a compra do voto para approvação de um ignorante, e como officialmente se viola a lei e se abaixa o nivel moral em julgamentos, que envergonham mais os que approvam do que os que passam ignorando a materia em que foram examinados.

Tudo isso o enojou, e elle pediu demissão do cargo de professor substituto do Curso Annexo.

Contratou-se como professor do importante *Collegio Culto á Sciencia*, em Campinas, onde procurou executar seu plano de ensino.

N'essa cidade, por um trabalho pesadissimo, que começava ás 6 horas da manhã e terminava ás 9 da noute,

repartindo o tempo com as aulas n'aquelle Collegio, nas de meninas da Exma. Sra. D. Carolina Florence e com as lições em casas particulares, o Dr. Kopke chegou a ter um rendimento mensal de conto de réis.

+

Era afanosa a sua tarefa. Não obstante punha-se em dia com os progressos da pedagogia e á sua custa mandava vir da Europa apparatus, mappas, quadros e collecções de objectos necessarios ao ensino intuitivo.

Em pouco tempo a sua sala transformou-se em um pequeno museu pedagogico. Só elle na provincia possuia o que ha de mais moderno para o ensino pratico.

Tive occasião de visitar o seu museu e de assistir a diversas experiencias dos seus apparatus de physica e chimica.

Observámos juntos algumas estrellas e o planeta Jupiter, servindo-nos de um telescopio que tinha postado no seu gabinete.

Para exercer o magisterio, segundo a pedagogia moderna, o Dr. J. Kopke tem estudado muito.

E' hoje um professor distincto e capaz de leccionar, com brilhantismo e excellente resultado, quasi todas as materias que constituem preparatorios dos nossos cursos superiores.

O seu grande talento, porém, manifesta-se em todo o esplendor no ensino primario, no preparo intelligente da criança para a comprehensão dos problemas que apparecem no correr da idade.

E' bonito, alegre, enthusiasma mesmo vêl-o carinhoso, perspicaz e activo guiar o pequeno alumno no estudo da Geographia, da Geometria, da Botanica e dos elementos da Anatomia e Physiologia.

Deante dos mappas anatomicos ou das cartas geographicas, fazendo descripção, e da pedra, traçando figuras

geometricas e resolvendo problemas, admira-se o alumno e se applaude o mestre.

Só quem estuda a marcha do ensino nos paizes mais adeantados em civilisação e conhece as difficuldades de adaptação dos methodos aperfeiçoados ao estudo de nossa mentalidade, comprehende o que ha de grandioso e paciente no individuo que consegue instruir assim as crianças.

E' força confessar, entretanto, que aquelle espirito reformador não se póde accomodar a todos os meios; ás vezes faltam-lhe os elementos que constituem a força que deve impulsionar um talento da ordem do laborioso e patriotico mancebo.

Não é novo isso, nem ha que estranhar.

A historia de pedagogismo nos apresenta as illustres victimas de tão nobres quanto justas dedicações pelo aperfeiçoamento da humanidade. Desde Comenius até Fröbel e Pestalozzi é immensa a série dos que se sacrificaram na luta com a ignorancia.

Ha poucos annos elles encontraram na Europa e na America fideis interpretes e só agora entre nós se começa a sentir o effeito da luz que elles derramaram no mundo.

Para muita gente os esforços do Dr. Kopke accusam um defeito: o de constantes innovações.

Relativamente á *profissão*, avaliados esses esforços pelos redditos que deixa a *industria* de ensinar, o illustrado professor não fica isento da censura. Sob outro ponto de vista, porém, elle só é digno de louvores.

N'esse afan de construir, o Dr. Kopke compõe methodos de ensinar a lêr, organisa séries de livros para leitura, e trabalha em uma grammatica ingleza.

+

Junto da esposa e filhinhos a sua physionomia tem um quê de evangelico. Entre os discipulos, no tópo de uma

sala, dirigindo uma aula, esse moço esbelto e louro nos faz lembrar um d'esses apóstolos da civilização que enchem com o olhar intelligente e activo as escoias da patria do glorioso Horacio Manza.

Em um paiz onde a educação se effectúa entre o escravo e o jesuita e escapa dos effeitos rudes e viciosos da escravidão para a influencia horrivel do achatamento intellectual produzido pelo fanatismo, deixa-se abafar pelos desgostos uma vocação tão notavel !

Já dissemos e repetimos hoje : um professor como o Dr. João Kopke tem um logar fatalmente determinado pelas necessidades do paiz : a Escola Normal.

Entretanto, o illustrado e laborioso fluminense gasta por aqui a sua actividade em tentativas para elevar o ensino particular, e mais de uma vez, contrariado e triste, as suas vistas têm pairado sobre a encantadora cidade, onde elle nasceu e seu pae levantou um edificio para collegio, Petropolis.

As relações de familia, o excessivo affecto de esposo e pae, o laço mystico que prende o homem de sentimento a essas mil lembranças que nos arrastam para junto do berço dos nossos filhos, que nos encadeiam á terra onde vimos a mulher a quem amámos e constituimos esposa e companheira de nossas alegrias e desgostos, atam-n'o a S. Paulo, que elle se esforça por tornar o grande theatro para sua accção de mestre illustrado e intelligente executor dos mais modernos systemas de educação.

O Dr. João Kopke é, pois, digno de figurar na galeria dos nossos homens uteis, e sentimos immenso prazer fazendo-o apparecer aqui.

S. Paulo, 1883.

R. P.

PRIMAVERA

Foi-se o inverno !... Ao bosque adormecido
Desce um raio do sol ! Nas frescas rosas
Tremem do orvalho as gottas fulguosas
— Perolas soltas de um collar partido !...—

Do azul do céu profundo e enlanguecido
Rolam estrophes festivaes, formosas...
Musas do amor sensual ! musas nervosas !
Vinde banhar o coração ferido

Nos effluvios da aurora ! A' dôr que mata
Responde ao longe o múrmur da cascata,
Fallam da luz os lubricos tremores !

O insecto loiro zumbe... a ave gorgeia...
Nas luxurias do amor a terra aneia
E a vida foge em turbilhões de flôres.

Campinas, 8 de Setembro de 1883.

CARLOS FERREIRA.

Eu sou pelo bem estar e pelo trabalho de todos contra
o luxo e a ociosidade de alguns. E. DE GIRARDIN.

PIRASSUNUNGA

A bella cidade de Pirassununga, tão importante pela sua immensa lavoura de café, acha-se collocada a 640 metros acima do nivel do mar e ao Oeste da capital de S. Paulo, d'onde dista 247 kilometros pela linha ferrea.

Pirassununga comprehende a freguezia de Santa Rita do Passa-Quatro, e pertence á comarca do Belém do Descalvado.

Foram seus fundadores Ignacio Pereira Bueno e Manoel Leme, que no anno de 1823 fizeram doação do terreno para patrimonio, edificando por essa occasião uma capella sob a invocação do Senhor Bom Jesus dos Afflictos, onde foi resada a primeira missa pelo Rvd. padre Felippe Antonio Barreto.

Em 1841, segundo um documento que existe em meu poder era curato; em 1842 foi elevada á cathegoria de freguezia.

Pela lei provincial n. 76, de 22 de Abril de 1865, foi elevada á cathegoria de villa com fôro, havendo a primeira audiencia de juizo municipal no dia 1.º de junho de 1866.

Sendo elevada á cidade pela lei provincial n. 20, de 31 de Março de 1879 e publicada a 29 de Abril do mesmo anno.

+

Tem esta cidade um paço da municipalidade, proprio.

A cadêa existe em pessimo estado, havendo uma verba de dez contos de réis, votada no orçamento ultimo, para o seu concerto.

+

Duas egrejas : Matriz e a de N. S. do Rosario.
Uma capella de Santa Cruz.

+

Dous cemiterios : Municipal e um dos acatholicos.

+

Lojas de fazendas, 7; armazens de commissões, 3; armazens de molhados por atacado, 5; armazens de seccos e molhados, 38; hoteis, 2; hospedarias, 2; marcenarias, 3; tanoarias, 2; chapellaria, 1; tinturaria, 1; fabrica de cerveja e bebidas, 1; sellarias, 3; sapatarias, 3; relojoarias, 3; photographia, 1; bilhares, 2; barbeiros e cabelleiros, 3; ferrarias, 4; funileiros, 5; latoeiros e caldeiros, 2; pintores, 3; fabricantes de carroagens, 2; mestres de obras, 2; pharmacias, 3; medicos, 3; advogados formados, 3; solicitadores, 4; padarias, 3; açougues, 2; alfaia-tarias, 2. Tambem existe dentro do quadro da cidade uma machina movida a vapor, para beneficiar café, serrar madeira e apparelhar taboado para forro e assoalho.

Typographia do *Rio Branco*, este estabelecimento occupa a maior casa que existe n'esta cidade, acha-se bem montado e apto para apromptar qualquer trabalho concernente á arte, tendo os empregados seguintes : redactor, quatro collaboradores; tres compositores; um impressor; um aprendiz; um empregado do expediente e um de escriptorio.

O *Rio Branco* é orgam do partido conservador e acha-se no seu terceiro anno de existencia. E' hoje propriedade exclusiva de José Peixoto da Motta Junior.

+

LAVOURA

Fazendas de cultura de café, existem 29, sendo 7 com machinas movidas a agua e 22 com machinas movidas a

vapor ; e 38 sitios de pequena lavoura, ainda sem machinas.

+

Fazendas de cultura de canna, 3 movidas a agua ; 5 movidas a força animada ; 23 engenhosas, movidas tambem a animaes.

+

Fazendas de criar gado vaccum e muares, 10.

+

Lavradores de fumo, 3.

+

Lamento profundamente, não poder fornecer uma estatistica exacta dos habitantes d'esta cidade e seu municipio, por falta de dados sufficientes, e da resistencia que se encontra nos habitantes em não quererem de fórma alguma dar a mais simples informação ; temendo-se talvez dos malditos impostos, recrutamento, etc., etc., que para elles, são verdadeiros panicos.

Pirassununga, 10 de Setembro de 1883.

J. P. DA MOTTA JUNIOR.

O verdadeiro fundamento da liberdade é o imperio da
razão. ROUSSEAU.

Quasi sempre os atheus são caridosos e os devotos
egoistas. DROZ.

SPLEEN

A VICTORINO MONTEIRO

Na funda solidão das noutes invernosas
Quando soluça o vento uns lugubres gemidos,
E a fria chuva bate aos vidros sacudidos
Com a cadencia feral das musicas chorosas ;

Emquanto ao longe estoira a trovoada rouca
Pelos antros sem fim do espaço illimitado,
Fazendo estremecer o mundo estatelado
A' medonha expansão d'aquella furia louca ;

Mergulhado no horror que invade a Natureza,
Sinto abrir-se-me n'alma o abysmo da Tristeza
Em cujo fundo negro habita a flor do Mal ;

E nas ondas do *spleen* que o espirito me toma...
— Eu tenho o sanguinario instincto do chacal,
E comprehendo Néro incendiando Roma !

VICENTE DE CARVALHO.

A religião é o hospital das almas que o mundo feriu.
SENECA.

OS NOSSOS FILHOS

(A' D. ALEXANDRINA SARMENTO)

Viver para elles, educar e apresental-os á sociedade, é missão que bem poucos comprehendem !

A educação actualmente é como a felicidade que, no dizer d'um philosopho, cada um a comprehende a seu modo.

D'ahi, as consequencias más e desastrosas para o futuro.

Precisamos d'um estudo muito especial para educar os nossos filhos e mais ainda—de muita attenção para com os nossos actos ; e por isso diz bem um escriptor contemporaneo :

« A educação, como o indica o proprio nome, é um desenvolvimento e uma expansão : desenvolvimento dos instinctos mais generosos, expansão das mais legitimas aspirações da vida.

Descobrir, com olhar penetrante de amor, na alma de um menino, o que ha n'ella de mais legitimo e nobre, de mais profundo e sublime e dar a tudo isto, pelo contacto da palavra, da alma e do coração, uma expansão harmoniosa e um desenvolvimento fecundo,—tal é o principio que deve regular toda a educação racional... »

Si nos convencessemos d'esta verdade, e si nós, as mães, nos unissemos pelas idéas embalando nossos filhos na moral e illustração, educando-os na obediencia, dignidade e respeito, habituando-os ao trabalho e economia, quantos cidadãos uteis e estimaveis apresentariamos á sociedade ?

Saberíamos evitar muitos desgostos e inconvenientes que mais tarde, no correr dos annos, nos desalentam.

A nossa responsabilidade incontestavelmente é muito grande !

As mães devem preoccupar-se muito com estas creaturinhas que lhes dão tanta alegria e suavizam a vida.

Mas para isso não basta só enfeitá-las e exigir que as admirem ; é preciso mais—formar-lhes o character. »



Tenho ouvido diversas opiniões sobre o tempo em que convém educar os filhos. Entendem uns que elles pódem viver ao abandono até aos sete annos e que só d'ahi devemos corrigir os seus erros.

Completo engano ! Começar quando já deveríamos estar em meio da tarefa !

E' justamente até essa idade que elles precisam das sãs palavras, dos conselhos e bons exemplos d'uma mãe que os ensine a não amar os vicios como o da mentira, da baixeza e outros tão proprios da escravidão, procurando sempre elevar-lhes os sentimentos, para tornarem-se dignos da estima publica.

Lamento profundamente essas crianças que vivem entregues a pessoas que não têm a devida educação para incutir n'ellas os verdadeiros sentimentos de honra e dignidade.

No lar, na pratica dos deveres de mãe e na sociedade, na observação dos outros, lembro-me sempre de um honrado mestre cuja lição ouvi e a vejo agora em livro :

«A palavra da mãe aprofunda e grava-se no espirito do filho. Uma boa palavra póde valer milhões !

Elevae, enobrecei a vossa palavra, e vossos filhos serão nobres e distinctos : embalae-os desde a infancia com os grandes pensamentos, não os alimenteis com essas subs-

tancias pouco nutritivas com que usualmente criam-se os rachiticos d'este paiz.»

×

Parte dos grandes males que nos sobrevêm, devemos confessar, são devidos á nossa ignorancia; e faltando-nos os elementos necessarios para uma instrucção solida, é justo que nos acautelemos, bem dirigindo os nossos affectos de mãe e empregando todos os esforços e a tenacidade contra a influencia dos máus exemplos.

Combatamos assim o exagero de amor com o qual se educam as crianças, habituando-as a disporem, já não direi da fraqueza e bondade d'uma mãe, mas, o que é peor, do cerebro do proprio Pae !

Com quanto reconheça que em muitos casos convém proporcionar o prazer ás crianças, em outros muitos a contrariedade deve prevalecer para acostumar-as á realidade e a não soffrerem decepções tão amargas no futuro.

E' certo que não fallo aqui da contrariedade aspera e rude que desenvolve na criança o máu genio e ferocidade; porém da prudente e persuasiva, administrada branda e opportunamente.

O excesso de bondade para com as crianças, não nos faz conhecer um perfeito coração de mãe e só muito pelo contrario — deixa-nos vêr uma incapacidade para reger-se a si propria e áquelles pelos quaes somos responsaveis perante a sociedade.

Todo o homem deve saber elevar-se pela firmeza e conhecer desde cedo, a força da palavra—*Não*.

Ah ! Não são raros os casos em que ouvimos muitas mães, em idade bem avançada, lastimarem-se por causa dos desgostos e soffrimentos provenientes d'aquelles que só então deveriam offerecer-lhes glórias e prazeres.

Desconhecem ainda que são as causadoras de taes males e accusam como autor de seus infortunios ao proprio Deus !

Ha n'isso grave erro e grande injustiça. Na desgraça de nossos filhos temos sempre grande parte, por que ella é o producto da educação que lhes damos.

Diz-se commummente que os filhos bebem com o leite os vicios da mãe.

Um philosopho moderno, H. Spencer, no seu livro *A educação e a Sciencia*, váe mais longe e affirma, com a sua autoridade, o seguinte que reproduzo com tristeza :

« A verdade é que as difficuldades da educação moral têm uma dupla origem, e que provêm tanto dos paes como das crianças. Si a transmissão hereditaria é uma lei da natureza, como sabem os naturalistas, então, na média dos casos, os defeitos das crianças são o reflexo dos defeitos dos paes. E si na média dos casos, essa herança de defeitos existe, as más paixões que os paes têm a combater nos filhos são precisamente os que elles proprios possuem. Não se póde, pois, na verdade, vêr reinar um systema ideal de disciplina : os paes não são bastante bons para isso.

De mais, quando mesmo houvesse methodo pelos quaes se pudesse chegar ao fim desejado ; quando mesmo os paes tivessem bastante benevolencia e imperio sobre si mesmo, ainda assim se poderia sustentar que seria impossivel reformar o governo da familia mais apressadamente do que tantas outras cousas. »

S. Paulo—1883.

D. P.

Nas mulheres a libertinagem vem quasi sempre da cruel necessidade.

MARAT.

A EDUCAÇÃO INDIVIDUAL

A submissão é a base do aperfeiçoamento individual.

AUG. COMTE.

Na familia, como na sociedade, tem este principio plena applicação. Assim, é necessario que o filho submetta-se ao pae para que este possa, desenvolvendo n'elle os sentimentos altruistas e comprimindo o egoismo, aperfeiçoal-o physica, intellectual e moralmente. Si, pelo contrario, o filho não se submeter ao pae, os instinctos egoistas, sendo mais energicos do que os altruistas, desenvolver-se-hão muito mais, perturbando a unidade e por conseguinte prejudicando a saúde e embrutecendo-o intellectual e moralmente. O mesmo dá-se de todo o individuo para com seu preceptor.

Acceito o principio de que a submissão é a base do aperfeiçoamento individual, fica destruida a pretendida liberdade dos metaphysicos. Com effeito, um homem do seculo XIX, por exemplo, não póde pensar nem ter os mesmos desejos que um do seculo IV. A liberdade, como tudo o mais, é relativa; é relativa ao tempo, logar, educação a instrucção do individuo.

Para nós, os positivistas, a liberdade consiste em, conhecendo as leis naturaes que são immutaveis, saber modificá-las até certos limites. Assim, por exemplo, a agua, obedecendo á lei da gravidade, que é como todas as outras immutavel, correrá para baixo, até que um homem, conhecedor da sciencia, venha, construindo uma bomba e em seu corpo fazendo o vazio, oppôr á esta lei a pressão athmospherica e obrigando d'este modo a agua a subir; pois bem, este homem praticou um acto de liberdade, é livre.

Pelo que deixamos dito, vê-se que a liberdade não só está em razão directa da civilização, mas também que só existe dentro de certos limites; mesmo em relação aos phenomenos moraes, porque estes, como todos os outros, estão sujeitos a leis, ás quaes devemo-nos submeter, porque, do contrario, seremos por ellas punidos. Assim, um individuo n'um accesso de colera está arriscado a ter uma congestão cerebral e portanto a fallecer; o individuo guloso arrisca-se, pelo menos, a ter uma indigestão com todas as suas consequencias; no mesmo caso acham-se os sete peccados mortaes que não são mais do que a infracção da lei moral que manda submeter o egoismo ao altruismo para poder haver unidade moral e portanto saúde.

O homem em sociedade deve submeter-se aos preceitos estabelecidos, porque si cada um revoltar-se contra as instituições sociaes, a ordem será perturbada, e deixará de haver progresso, visto este não ser mais do que o desenvolvimento da ordem. Está claro que sem ordem nem progresso, isto é, sem sociedade, o individuo não poderá aperfeiçoar-se. Isto não quer dizer que o homem não tem liberdade alguma de acção na sociedade em que vive. Do mesmo modo que um individuo, embárcado em um navio, que se dirige a um ponto determinado, póde andar dentro do navio em todos os sentidos, mas é obrigado a ir ao porto aonde fôr o navio, assim também o homem na sociedade, tendo um campo mais ou menos vasto de acção, em que póde dar expansão á sua liberdade, é obrigado a acompanhar a sociedade em sua marcha, submettendo-se ás suas instituições; d'onde o principio de que a Humanidade caminha e em sua marcha acarreta as individualidades.

Depois do que deixamos dito, quem mais ousará dizer que o Positivismo destróe toda a liberdade humana?

S. José dos Campos, 13 de Agosto de 1880.

DR. J. R. MENDONÇA.

OS INIMIGOS DA PHILOSOPHIA POSITIVA

Augusto Comte distribuiu em tres classes os futuros elementos hostis ao seu immortal systema : os theologos, os metaphysicos e os sabios especialistas. Os theologos, porque os irrita toda a tentativa, qualquer que ella seja, de partir os moldes por onde se affeioára a intelligencia humana no seu periodo de infancia ; os metaphysicos, porque a Philosophia Positiva é uma disciplina mental que remette ao campo do incognoscivel as causas primarias e finaes, problemas que a metaphysica explora, e prohibe em nome da sciencia a utopia politica, campo que a revolução cultiva ; os especialistas, porque os incommoda a synthese, o horisonte, o ponto de vista largo, a elles que fizeram a sua educação e a sua gloria no estudo estreito e analytico de um ramo especial de conhecimentos.

Os factos encarregaram-se de confirmar a lucida previsão do mestre.

Nenhum d'estes inimigos entra desarmado no combate. O theologo vem couraçado pela tradição, pela disciplina clerical e pelo respeito do grande numero ; demais, elle dispõe para dominar as consciencias, do pulpito, do confissionario, da escola, do brilhantismo enervante do culto e apoia-se no espirito maleavel da mulher, da criança e do ignorante pelo terror e pela promessa. O metaphysico tem o vago attrahente da utopia, a declamação, a legenda sympathica das revoluções ; sobretudo tem o vigor dos iconoclastas e não exige do publico os esforços mentaes que o Positivismo reclama dos seus discipulos, impondo-lhes o estudo de todas as sciencias. O especialista tem por si a autoridade rudemente conquistada nas academias e nos

gabinetes de estudo ; é um temível lutador porque combate do lado da sciencia.

E no entanto o Positivismo avança e faz discipulos todos os dias e por toda a parte ; as barreiras que os inimigos oppõem á sua passagem gloriosa vão cahindo uma a uma. A theologia refugia-se no ambiente das classes ignorantes, a metaphysica principia a ser batida nas proprias academias e o espirito de especialisação perde terreno entre as gerações novas.

A razão d'este facto é dupla : O Positivismo triumphou porque tem a rigidez inflexivel das sciencias que lhe servem de base e porque elle é uma disciplina mental, quer dizer um equilibrio necessario do espirito e do sentimento.

Porto, 9 de Setembro de 1880.

JULIO DE MATTOS.

BONDS DE S. PAULO

O movimento do trafego, deficit e saldo, desde a inauguração do transito n'esta Companhia, foi o seguinte :

<i>Anno</i>	<i>Passagens</i>	<i>Deficit</i>	<i>Saldo</i>
1872—73	156.912	22:947\$500	
1873—74	147.508	15:447\$070	
1874—75	187.245	5:519\$880	
1875—76	191.032	1:186\$094	
1876—77	221.520	8:629\$946	
1877—78	442.525	. . .	17:014\$914
1878—79	496.125	. . .	33:833\$178
1879—80	731.455	. . .	73:070\$783
1880—81	1.022.689	. . .	59:984\$188
1881—82	1.061.231	. . .	68:052\$579
1882—83	1.143.879	. . .	83:896\$221

A UM VETERANO

Eil-o já velho e encanecido—o bravo
E valente guerreiro d'outras éras
Que corria da patria em desaggravo
A combater terrível como as feras...

Das bastas cãs os fios prateados
Corôam-lhe a cabeça gloriosa,
Como um pouco de louros conquistados
Das balas na floresta estrepitosa.

Nas noutes frias ao soprar dos ventos
Aos pés do fogo o bravo conta aos centos
Essas historias tragicas da guerra...

E tremulo de espanto e de entusiasmo,
Do ardor guerreiro no febril espasmo
Cuida ouvir um clarim ecoar nas serras...

1883.

WENCESLAU DE QUEIROZ.

E' extremamente difficil decidir se as pessoas estupidas se tornam naturalmente devotas, ou se a devoção tem por effeito tornar estupidas as mulheres intelligentes.

BALZAC.

DEVANEIO

I

Purpurinas ou aureas nuvens—do lindo céu azul das bemditas paragens que me viram nascer—attrahiam ainda minhas vistas—em quanto canções maviosas dos passaros do laranjal e dos prados, de harmonia com o susurro da brisa, que, beijando as arvores do pomar e as alvas paredes da maternal casa, encantavam e perfumavam-me o coração—dando um não sei quê de sublime e de divino ao movimento da familia que alli se via então.

E eu, como em sacrario a descortinar plagas celestes !...

O panorama era arrebatador.

Em frente, estreita planice guarneçada de bisarras montanhas e ornada de ribeiras e fontes—conduzia-me a vista ao pendor da collina sagrada, onde, de um e outro lado do templo, se estendiam fileiras de alvas casinhas e garbosos palacetes—á sombra de altos cruzeiros e serrada cinta de bananeiras, que servia-lhe de fundo.

Mais além—escarpada cordilheira escalando o céu e recamada de rochas—sobranceira parecia contemplar caudaloso rio que banhava-lhe os pés.

Aos lados e fundos da maternal casa—florestas, jardins naturaes, rico pomar e risonhas campinas ornadas de frondosas arvores, sobre as quaes soava o gorgear doce das aves.

E sob o mesmo tecto—entes queridos a desprender dos labios hymnos sublimes !

II

Assim, minha alma elevava-se a contemplações maravilhosas e sombras do negro cuidado da vida não pairavam em meu coração.

Tudo me era bello e tudo sublime !

O horisonte—sempre risonho, e, como em Eden formoso, as mais simples scenas da natureza tangiam nas cordas de minha lyra sómente canticos de alegria !...

Observador do mundo pela face risonha, achava-me absorto pelo regorgitar de louros angelinhos nas diaphanas nuvens e floridos prados.

De illusão em illusão avançavam-se os dias e as noites da idade de ouro, até que, succedendo-se os annos, a fada da infancia despertando-me do lethargo e dirigindo-me seu apparatuso cortejo... sumiu-se ao través das nuvens para o infinito !...

Então, apto para novas observações sobre o mesmo planeta, teria de consideral-o despido de galas e trajado de luto !

Soou o tempo do recolhimento e eis a flammejante espada do altivo Uriel transformando o jardim das delicias em valle de lagrimas !

Lanço, pois, um dolorido brado—e... peço ao leitor mudança de tom, depois de breve pausa !...

III

O anjo da desolação agora estende alli seu funéreo véo !

Percorre montes e valles dedilhando a lyra triste, e seu canto é doloroso e tetrico.

A brisa que faz susurrar os bosques ; a aura que visita os tectos e o trovão que retumba ao longe, tudo, tudo parece dizer—jámais !...

O azulado espaço... ainda ousa recamar-se de estrelas! E sua polyanthia infunde a saudade e a dôr no coração; pois esses mesmos astros desmaiados são.

A casta lua, o refulgente sol e a propria aurora—nem mais fulguram bellos; pois a rainha da noute já não prateia o lago; a mensageira fada—perdeu seu sorrir airoso, e o rei diurno—não enrubece os montes.

O gemer da rôla se ouve em profundas brenhas; o sabiá queixoso—foi lamentar nas selvas, e o cantar do gallo se tornou monotono.

O trinar dos passaros do arrebol converteu-se em hymno funebre—commemorando quèridos seres cuja existencia foi um cantico saudoso, modulado nas bemditas paragens, hoje quasi amortecidas!...

A transição é perfeita e vae além.

IV

Os alvos predios da collina sacra com seus cruzeiros negros, parecem-se transformados em Jerusalem sentida, porque os filhos da nova Sião tambem se espalharam em estranhas terras, ficando alguns para chorar deante de seus muros e templos profanados.

A humilde terra de meu berço (C...) é, pois, como a cidade santa cujo sólo calca o impuro e féro turco, ou antes—como Ramá chorosa, em cujo seio *se ouviu um grande pranto!*...

A paternal casa—uma visão symbolica, ou Venus engastada no firmamento—silenciosa ou muda!...

.

S. João da Boa-Vista, 10 de Setembro de 1883.

BARBOZA DE SANDEVILLE.

O MUSEU E A BIBLIOTHECA DO SERAPEUM, EM ALEXANDRIA

Um dos escriptores de mais nota, d'estes tempos, estudando o movimento artistico e scientifico do Egypto, nos tres ultimos seculos anteriores á era vulgar, assim se exprime com relação a esse grande fóco de luz que se chamou a *Bibliotheca de Alexandria*, e que o catholico furor de Theodosio, de mãos dadas com o pharisaico zelo do violento patriarcha Theophilo, reduziram a cinzas no anno 390, *de Christo*.

Este inaudito attentado que tão poderosamente influiu para o retardamento da civilisação européa, em consequencia da total perda do grande cabedal scientifico alli laboriosamente accumulado,—é seguramente uma das paginas mais lugubres na longa resenha das perversidades e desatinos praticados em nome, ou sob a sombria capa da religião.

O facto porém explica-se :

Era preciso fazer medrar a funesta semente da seita *imposta* por Constantino, 60 annos antes, e n'aquelle grandioso e vasto repositório das sciencias, e especialmente da Historia, não havia um unico documento em abono do novo dogma que se destinava a supplantar o bom senso dos povos; antes pelo contrario : o que **alli havia** era tudo quanto poderia servir para a **negação** a mais formal do embuste do barbaro imperador e seus consocios. Assim, **queimou-se** a bibliotheca, **arrazou-se** o Serapeum, e **continuou-se** na faina que até hoje perdura, posto que por outros **processos** e modos, louvado Deus !

R. M.

«O MUSEU E A BIBLIOTHECA DO SERAPEUM»

« Os engenheiros e architectos da Grecia fizeram de Alexandria a mais bella cidade que tem, talvez, existido no mundo. Povoaram-n'a de templos, de palacios e de theatros magnificos. No centro da cidade, no ponto de intercepção de suas duas principaes ruas, e no meio de jardins, de fontes e d'obeliscos elevava-se o mausuléo onde repousava o corpo de seu fundador Alexandre, embalsamado á maneira egypcia. O cadaver do grande homem fôra trazido de Babylonia em cortejo funebre que não gastou menos de dous annos para realisar este transporte. O ferebro fôra primitivamente feito de ouro puro, mas mudaram-n'o, mais tarde, para outro de alabastro, com receio de que o roubassem. Entretanto, estas magnificencias, assim como os maravilhosos pharóes em marmore branco, e tão altos que suas luzes eram avistadas a uma distancia prodigiosa, não merecem que sobre elles detenhamos a nossa attenção. O verdadeiro e de todo o ponto glorioso monumento dos reis macedonios no Egypto foi o Museu e a famosa Bibliotheca de Alexandria. A influencia d'esta fundação far-se-ha ainda sentir no mundo até muito depois que as pyramides se hajam desfeito no pó dos tempos.

« O Museu de Alexandria foi começado por Ptolomeu Soter e continuado por Ptolomeu Philadelpho, seu filho; Era elle situado no quarteirão aristocratico da cidade e annexo ao palacio do rei. Em torno haviam jardins onde o povo passeava livremente. Suas salas admiravelmente esculpturadas encerravam a bibliotheca chamada—*philadelphiana*, e uma quantidade innumeravel de estatuas e quadros de grande valor. Mais tarde, não sendo já sufficiente o espaço para o numero de volumes que gradualmente se augmentava, foi preciso estabelecer uma outra bibliotheca no templo de Serapis, situado no quarteirão adjacente. Esta ultima possuia cerca de tresentos mil volumes, e era

por isso chamada *a filha* da do Museu. Havia pois em ambas, cerca de setecentos mil volumes !

« Alexandria não era sómente a capital do Egypto, era a metropole intellectual do mundo todo. Com razão diziam que alli o genio do Oriente encontrára-se com o genio do Occidente ; e este Paris da antiguidade tornou-se, como era natural, o foco da dissipação, do luxo e do scepticismo.

« Ao estabelecer o Museu, os Ptolomeus tiveram em vista tres objectos : 1.º— conservar os conhecimentos adquiridos ; 2.º— augmental-os ; 3.º— disseminal-os.

« 1.º—Para conservar os conhecimentos adquiridos, ordem foi dada ao 1.º bibliothecario de comprar, sem distincção, todos os livros que apparecessem. O Museu sustentava um corpo de copistas encarregados de reproduzir correctamente as obras das quaes os seus possuidores se não quizessem separar. Todo o livro que entrava no Egypto devia ser immediatamente levado para alli, afim de fazer-se uma copia correcta que se entregava ao possuidor, com uma recompensa pecuniaria, guardando-se o original. Diz-se que Ptolomen Evergetes, tendo obtido que de Athenas se lhe enviassem as obras de Sophocles, de Euripedes e de Eschylo,, deu ao proprietario dos originaes cerca de 15.000 escudos e bellissimas copias. Na volta de sua expedição á Syria trouxera elle, em triumpho, de Ecbatane e de Suze, todos os monumentos egypcios que Cambyses e outros conquistadores asiaticos haviam arrebatado ao Egypto, e collocou-os em seus antigos logares, adornando com alguns d'elles o Museu. Quando eram as obras traduzidas, em lugar de serem simplesmente copiadas, pagava-se sommas fabulosas, como aconteceu com a versão *dos Setenta* feita por ordem de Ptolomeu Philadelpho.

« 2.º—Para augmentar os conhecimentos. Um dos principaes fins do Museu era servir de asylo a um certo numero de homens que se consagravam ao estudo e que eram alli estabelecidos e alimentados por conta do rei. Na orga-

nisação primitiva o estudo estava dividido em quatro faculdades—bellas-lettas, mathematicas, astronomia e medicina. Os ramos da sciencia que d'estas se derivavam estavam-lhes subordinados. Um personagem importante era sempre quem tinha a superintendencia do estabelecimento, e o que primeiro occupou este logar foi Demetrius de Phalero, o homem mais sabio do seu tempo, e que fôra por muitos annos governador de Athenas. Sob suas ordens estava o bibliothecario, o qual era sempre um homem cujo nome devia passar á posteridade, como Eratosthenes e Apollonius de Rhodes.

« Junto ao Museu havia um jardim botanico e zoologico. Este jardim, como seu nome o indica, servia para facilitar o estudo das plantas e dos animaes. Existia egualmente um observatorio munido de espheras armillares, de globos, de solsticios, de circulos equatoriaes, de regras parallacticas, emfim, de todos os instrumentos então em uso, sendo, como eram, as divisões por grãos e sextis. No assoalho estava traçado um meridiano. Havia ainda no Museu um laboratorio de chimica e uma sala para dissecções.

« 3.º—Para disseminar os conhecimentos. No Museu instrua-se o povo em todos os ramos da sciencia e da litteratura por meio de leituras publicas e conferencias. Um grande numero de estudantes accorria de todos os paizes a este centro intellectual. Diz-se que não era inferior a 14.000 o numero dos que alli estudavam. Alguns dos mais illustres doutores da egreja, mais tarde interpolados como Clemente de Alexandria, Origenes, Athanasio e outros, sahiram d'esta escola. »

Mil gregos combatendo pela liberdade derrotaram um milhão de persas.

A COZINHA AFRICANA

(DE BENGUELLA ÁS TERRAS DE IÁCA)

A mesa em Africa não é tão singela como poderia presumir-se, e embora sejam poucas as viandas, os sybaritas variam-as, conforme adeante vereis.

Transportae-vos pela imaginação á Africa, supponde-vos ao nosso lado, e entrae connosco na senzala que a pena se encarrega de desenhar.

E' uma ampla *libata* de que tratamos. Espaçosa, cercada de estacaria, tem ao longo duas duzias de habitações, por detraz das quaes apparecem os nodosos troncos dos sycomoros, onde a fada do ocioso ha traduzido em garatujas a buliçosa imaginação.

Em redor e pela parte exterior vêm-se as largas folhas das bananeiras, que, rasgadas em numerosas tiras, oscillam ao vento, no meio de plantações de milho, mandioca, tabaco, etc.

Quatro varas ao alto e postas ao acaso têm superiormente, presos na extremidade, uns sujos pannos que fluctuam.

São os espantalhos.

Ao meio, solidamente ligados, chifres ou cabacinhas partidas.

São os feitiços preservadores.

No interior está a residencia do chefe, que se acha sentado na sua posição habitual, isto é, fóra da porta, conversando com dous mais velhos.

O resto dos moradores, composto de indigenas, africanos, mestiços, negociantes e outros individuos, fallam em grupos diversos no amplo largo.

Perto das portas das cubatas, ou nos intervallos de uma a outra habitação, vêm-se as raparigas. Junto uns garotos de grande barriga rilham um bocado de mandioca.

Ao fundo, sentado perto de uma derrocada palhoça, ve-reis um desgraçado, que ao pescoço tem enorme forquilha. E' o escravo de algum negociante a quem foi infligido o barbaro castigo, que muitas vezes se prolonga cinco e seis mezes e durante os quaes para se mover precisa ser ajuda-do por duas pessoas.

O relógio marca cinco horas da tarde. Tudo está em movimento ; chegou a hora de preparar a comida.

Comecemos pela direita. A primeira creatura com que deparâmos é uma mulher, tendo junto aos pés uma panel-la ligeiramente inclinada, a qual ha pouco tirou do lume, cuja substancia gomosa mexe com um comprido pau, dei-tando a intervallos pequenos punhados de farinha, que fa-vorecem a acção e desligam a massa.

E' o *infundi*, feito com a raiz de mandioca que as ra-parigas vão de manhã *bombicar* (amanhar) ás lavras.

Colhido e descascado o tuberculo, divide-se conforme o comprimento, e seguidamente secco constitue a *bala*. Col-loca-se de molho durante tres dias, ao fim dos quaes co-meça a fermentação acetica ; quando enxuto passa a desig-nar-se *bombó*.

Levado ao pilão dá origem á farinha que vistes, deno-minada *fubá*.

Não é este, porém, o seu unico emprego.

Ahi adeante acha-se sentada com negligencia uma guapa moça, accommettida por dous porcos, que quasi in-conscientemente enxota com o pé, para lhe não roubarem o conteúdo de duas *quindas*.

Esfrega entre as mãos uma pasta branca, com que fór-ma pequenos cylindros, os quaes embrulha em largas fo-lhas e empilha junto de si.

E' a *quiquanga*, feita da mesma mandioca antes de en-xuta, reduzida á pasta no pilão.

O seu cheiro nada tem de agradável.

Si lhe addicionardes alguma pimenta e a seccardes, constituirá um artigo que os indigenas apreciam e transportam para longe.

Esta outra joven, que observaes á esquerda, de joelhos e com um filho ás costas, é a *mu-cajê* de algum negociante.

Prepara-lhe a farinha serrada, a que já se habituou com a residencia no litoral.

A lata que vêdes no chão, crivada de furos feitos a prego, é o involucro de uma caixa de conservas, hoje transformado em ralador.

Sobre a face mais aspera esfrega ella a raiz, logo depois de colhida, reduzindo-a a pó grosseiro, que, bem espremido, é posto em pequenos tachos e secco ou torrado sobre as brazas.

Si sois curioso, perguntae-lhe como se comé em geral aquelle artigo, dir-vos-ha :

— Crú, em *farofia* ou em *pirão*.

E si vos quizerdes utilizar dos nossos esclarecimentos, diremos que a *farofia* é a simples mistura da farinha com vinagre, azeite ou agua, a que se junta *d'jindungo* (pimenta do Chili); *pirão* é o mesmo genero cozido em agua até ao estado pastoso, adubado com azeite de palma, cebola, tomate, sal e pimenta.

Continuemos as informações; conservae, porém, a vossa carteira aberta.

Vêde este muleque de ventre desenvolvido, cujo mal curado umbigo emerge seis centímetros da parede abdominal; rapaz que quando nos approximámos fugiu para junto da mãe, agarrando-se-lhe ás pernas.

Conserva entre os dentes um rôlo do feitio dos de tabaco americano, que tambem segura com a dextra.

E' o nogado do mato, verdadeira delicia dos garotos, que se consegue amassando a ginguba em mel e envolvendo-a em folhas.

Transponhamos o largo.

Aqui diversifica o quadro.

Cinco raparigas trabalham ao pilão e outra está junto de uma lareira.

Trata-se de pulverisar tres artigos importantes, a saber : o milho, a *massambala* (*Sorghum*) e o *massango* (*Penisetum typhoideum*), de applicações differentes, como o fabrico do *jimbolo*, especie de pão, simplesmente amassado com agua ou addicionando-lhe ovos, e o do *matete*, papas que se cobrem de mel.

Não é d'isso, porém, que as jovens agora cuidam ; mas de obter a cerveja do matto, que se denomina *úalúa*, *quimbombo* ou *garapa*, conforme as terras, ou outra bebida, a *quissangua*.

A primeira arranja-se como estaes vendo.

Põe-se o milho de infusão durante tres dias, e, quando começa a germinar, estende-se em amplas folhas e fica exposto ao sol, sendo logo triturado.

O processo é o mesmo que o da cerveja para obter a diastase, depois coze-se em agua, até levantar grande escuma, e retira-se para a decantação.

Junta-se-lhe raizes de mandioca e de *luco*, o que lhe dá um travo amargo semelhante ao do nosso lupulo.

Ao principio é doce, mas passado tempo azéda e promove embriaguez.

Os exigentes senhores, pouco dispostos a esperar, substituem-a muitas vezes por este outro liquido de que vêdes uma panella cheia.

E' a *quissanga*, de rapido fabrico.

N'um vaso cheio de agua a ferver deita-se uma porção de farinha de milho, *massango* ou *massambala*, junta-se-lhe mel e suspende-se a escumação.

Deixa-se esfriar, coa-se por um panno (quasi sempre sujo, que lhe dá um *tic* de catinga) e bebe-se !

Falta notar dous generos de bebidas, que por aqui não ha : o *quingunde*, cujo preparo é moroso e consiste na in-

fusão do mel em agua, provocando a fermentação, e o *malayo* ou vinho de palma, do qual mais tarde fallaremos.

Reparae agora nas enormes bananas, que estes mais pobres e esfaimados assam diligentes, e as variedades de legumes que aquella velha megera está cozendo.

Entre ellas a mais importante comida é o amarellado *macundi*, especie de feijão fradinho, tenro e facil de cozer.

Voltae-vos, leitor (com o pensamento), para a porta da senzala.

Uma fila de galantes raparigas vem entrando.

Em semelhante traço coraria um cabo de granadeiros.

Apenas a da frente traz um pequene feixe de capim para lhe cobrir a nudez, de que as cabras em jejum ás vezes se aproveitam. As demais dispensaram-o, contentando-se, com pudibundo engenho, em cruzar os braços sobre tudo que o sol não possa illuminar !

O natural abandono, as fórmas correctas, o olhar timido, têm um não sei quê de attrahente, contrastando com o pudico menosprezo.

Mas... transviamo-nos ; não é d'isso que se trata.

A' cabeça trazem enormes quindas, de onde podeis vêr sahir os dous cabos das pequenas enxadas.

Dentro está a ginguba (*Arachis hypogea*) para cozer e torrar, e os grandes inhames (*Discoreas*) que apanharam de tarde para ficarem ao lume até a proxima manhã.

Alguns fructos do *Palma christi*, para fins medicinaes; quatro cogumelos, dous tóros de canna (*Saccharium*), seis beringellas (*Solanum melongena*), dous *n'jillo* (*Solanum sp.*), uma duzia de *jinguengues* (*) e quatro talhadas de abobora completam os pequenos farneis, á mistura com

(*) Fructo vermelho, lustroso e resistente, com a fórma aproximada da castanha do Maranhão, tendo interiormente um creme acido e sementes pretas. E' notavel, porque se liga á base do caule de uma pequena planta, ficando assim meio enterrado. No Bié chamavam-lhe *uatundo*.

dous ratos e uma toupeira que os garotos apanharam nas lavras.

Chegou a hora da refeição : fuja-mos para junto d'aquelle grupo presidido pelo chefe, que acocorado cerca tres enormes pratos e uma cesta immensa de *infundi*.

Vão comer. Com um bochecho de agua procedem á lavagem dos dedos, esguichando da bocca, sobre estes, o respectivo liquido.

O soba é o primeiro. Vêdes como mette a mão no amplo bolo, puxando com difficuldade uma parte para fazer uma bola, que meêgulha no môlho gomoso do prato da direita ?

E' um cozido de *quiabus* (*Abelmoschus esculentus*), que elles muito apreciam por facilitar a acção de ingerir o *infundi*.

O segundo procede pela mesma fórma, dirigindo-se ao prato da esquerda.

N'esse notaes uma materia verde, que se denomina *mienguelecas*, especie de esparregado feito de folhas de abobora e mandioca, em agua e azeite de palma ou ginguba.

Nas regiões da grande *malvacêa* (*Adansonia digitata*) servem as folhas d'esta parâ o mesmo fim, com processo identico.

Os mais glotões atacam o terceiro prato, que é um assado de gallinha, á mistura com mandioca desfeita, depois de começar a fermentação ascetica.

Um *churasco* (carne assada na braza) completa o banquete.

E' a iguaria que, si olhardes, vêreis o chefe devorando.

Finalmente, eil-os que se levantam e procedem a novas abluções, pelo systema já dito, dirigindo-se em seguida para o *django*, aonde os cachimbos vão entrar em serviço.

Retiremo-nos, pois. O que nos interessava está visto.

H. CAPELLO e R. IVENS.

O TROPEIRO

Tambem sou rei ; se tanjo as minhas tropas
Tremem todas a um só dos gritos meus ;
Na terra não respeito mais que as chuvas,
Não dou contas de mim sinão a Deus.

Si me cortejam, bem ; tambem lhes tiro
Meu chapéu de aba larga á senhoria ;
Quando não, vou seguindo repinpado,
E meu burro que faça a cortezia.

Não sei de classes, mas ninguem me vence,
Que sou filho legitimo de Adão,
Bastardia não entra-me na raça
Porque nunca mudei de geração.

Não soffro lérias ; quem quizer que passe,
Mas que não venha me contar façanhas...
Ai d'elle ! pelas tripas do machinho,
Que lhe faço no ventre umas aranhas.

De cima sempre, e como prova d'isto
Posso dar mesmo aqui pública fé,
Conheço-me tropeiro ha muitas luas
E ninguem me viu inda andar a pé.

Portanto, sou senhor ; só estremeço
Quando ronca no céu a trovoada ;
Sou homem do calor, não amo o frio
Muito mais quando a roupa está molhada.

Sou amigo do ponche, e da viagem
E' elle o meu constante companheiro...
E assim vou indo, como vão as bestas,
Alegre quando mesmo sem dinheiro.

Amo, entretanto, os cobres ; na taverna
Gosto de os vêr rolar pelo balcão :
Tem musica suave, que penetra
Nas dobras mais fieis do coração.

Tomo o codorio, que não é por isso
Que minh'alma ha de ir parar no inferno
Não o dispenso nunca quando ha calma,
Nem quando cahem neves pelo inverno.

Desprézo as moças, mas recebo os beijos
Da caipirinha á beira do caminho,
São frescos como o orvalho das barracas
Ou como a espuma do rosado vinho.

Sou rei, amo sómente as minhas tropas,
O dinheiro, o facão, o azul dos céos ;
Não temo tentação de excommungados,
Não dou contas de mim sinão a Deus.

Nem mais nem menos ; é`assim que gyra
O tropeiro feliz quando caminha ;
Anda altivo e soberbo como um frade,
Como a besta que vae co'a campainha.

Alerta ! minhas tropas de viagem,
Que os nevoeiros sobem já do monte.
E' tempo de partir, o so! desponta,
E a serra lá apparece no horisonte.

M. A. DUARTE DE AZEVEDO.

DEVOTA

A devota é um producto particular do catholicismo ; as outras religiões tiveram entusiastas, fanaticas, illuminadas ; só a religião catholica teve devotas. Na antiga Roma algumas matronas desvergonhadas iam fomentar intrigas com os sacerdotes de Isis ; estas galanterias nada tinham de commum com a devoção, e tanto eram uma excepção que Tiberio baniu da cidade o culto d'esta deusa egypcia.

O que caracteriza a devota, o que lhe deu origem, foi a confissão ; a devoção nas mulheres é o amor de Deus por intermedio da creatura, isto é, do confessor e do director.

SUPERSTIÇÃO

Feliz ao jogo, infeliz no amor.

« Constante azar ! tres vezes a *sequela*
Falha por uma carta ! e d'esta vez
Foge a sota de espadas, e eu com tres
Condes de ouros, de mão ! ».

No entanto, áquella

Mesma hora infeliz, a sua bella,
Sósinha, em melancholica mudez,
Pensa no noivo ingrato que talvez
Ao jogo se esqueceu dos olhos d'ella.

« Bom ! a sorte virou ! já posso expor
O que falta ao parceiro ; e sem demora
Vem-me o *duplo besigue* ! »

Ai, jogador !

Na camara tranquilla dorme agora
A noiva, e sonha que mudou de amor
E dá beijos ao primo que a namora.

Setembro de 1883.

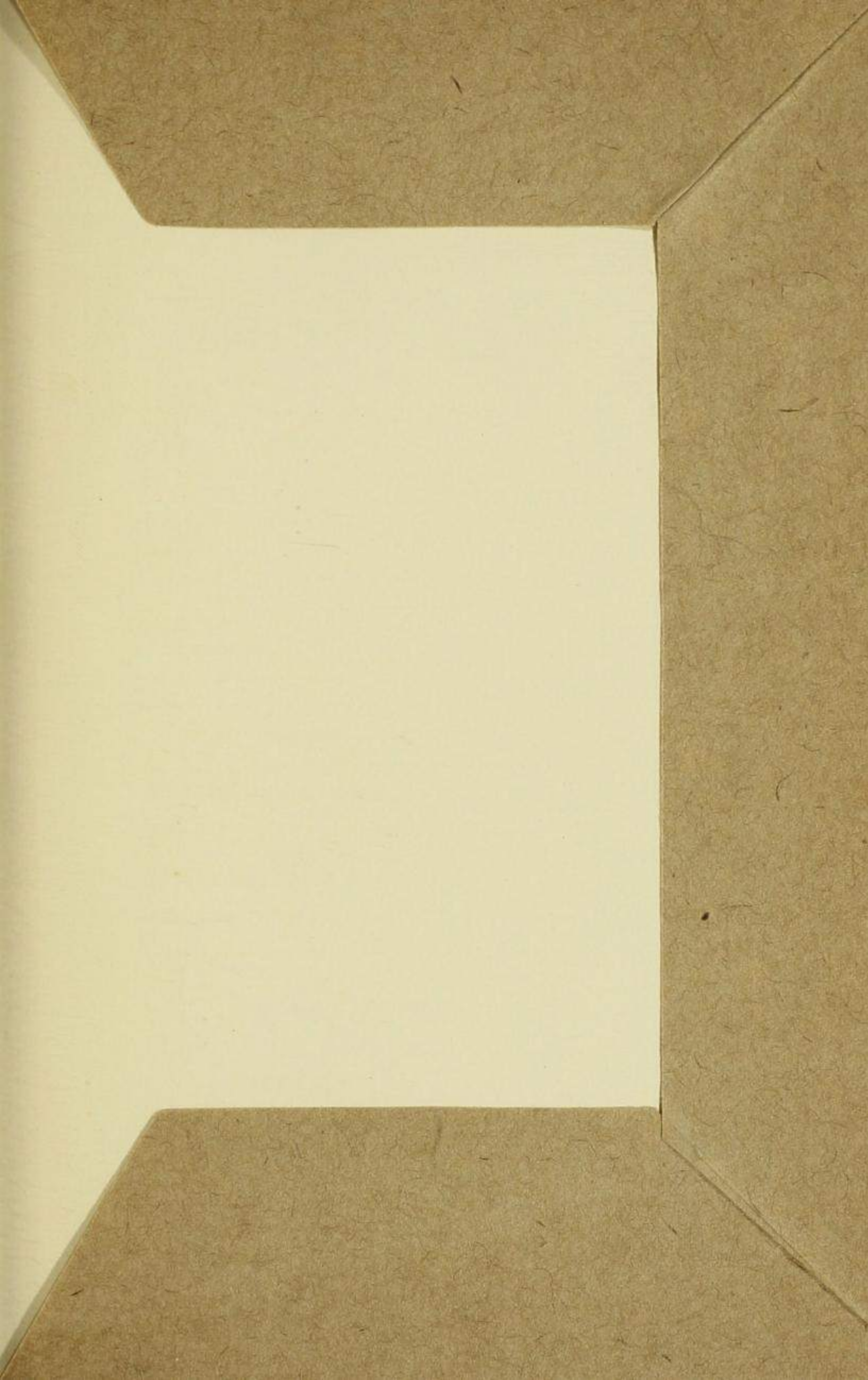
LUCIO DE MENDONÇA.

INDICE

	PAGINAS
Anecdota historica	129
Antonio Carlos do Carmo.	5
Arrolamento predial	184
Assombrações antigas	19
Augusto Cesar de Miranda Azevedo (Dr.)	167
Bando publicado em Porto-Feliz em 1819	161
Barroso (a), soneto	11
Bonds em S. Paulo	242
Breve noticia sobre o Tieté	83
Carros de praça	73
Céu (o) e a razão	22
Chloroformio (o) e a alma.	20
Como os indigenas cozinhavam	15
Conhecer para prever e prever para prover	17
Conselho (um) util	176
Contra maleitas	166
Conventos religiosos de S. Paulo	191
Cousas da Côrte, soneto	157
Cozinha (a) africana	251
Criterion (o) catholico	205
Curupira (o)	21
Delirio	217
Demora (a)	177
Devaneio	244
Devota.	259
Derradeiro accorde	213
Dinheiro (o) em 1808	12
Directoria do Culto á Sciencia	209
Dous (os) espelhos	151
Educação (a) individual	239

	PAGINAS
Ensino (o) secundario para a mulher.	214
Familia (uma) modelo	189
Fim (o) do mundo	219
General (ao) Ozorio	175
Imprensa de S. Paulo em 1883	201
Incognoscivel (o)	95
Influencia das religiões etc.	125
Influencia do escravo etc.	80
Inimigos (os) da philosophia positiva	241
Investigações da historia patria	24
João Kopke (Dr.)	225
Jundiahy	204
Litigio interessante	128
Locuções paulistas	105
Luiz Pereira Barretto (Dr.)	97
Mães (as)	13
Manhã (na) d'esse dia.	117
Medalha rara	53
Methodo (o) João de Deus etc.	154
Mineração do ouro	129
Monstro marinho que se encontrou etc.	75
Movimento litterario em 1842	159
Museu e bibliotheca do Serapeum	247
Nossos (os) filhos	235
N'um album	200
»	215
Origens da Franca do Imperador	59
Ouro (o) dos Pinheiros	29
Padres vadios	157
Paraguay (no)	109
Peste negra (a)	165
Pirassununga	231
Poemeto latino	156
Poesias do Dr. Joaquim Xavier da Silveira.	91
Porto-Feliz e as monções a Cuyabá	131

	PAGINAS
Primavera	230
Primavera (a)	207
Proverbios . 58, 81, 89, 108, 117, 123 e	197
Que noute!	58
Questão (a) religiosa	181
Rabula (o).	51
Receita para matar pulgas	160
Recordação.	185
Retrato (o)	3
Rio da Prata	118
Romantico (a um)	69
Rua Direita	126
Salto do Guaynumby	1
Sobre uma criança morta	163
Soneto	27
Sonho (o) de Platão.	127
Spleen (.	234
Suicida (o)	199
Superstição	260
Testamento (um)	111
Theatro S. José.	15
Tremembé.	119
Tropeiro (o)	257
Trovas populares—3, 9, 12, 49, 81, 94, 115, 123, 126, 156, 166, 173, 176, 179, 184, 189, 206, 214	
Veterano (a um)	243
Villa queimada (a)	74
Virgem da miseria (a)	153
Visão materna.	107



**Governo do Estado de São Paulo
Governador José Maria Marin**

**Casa Civil
Secretário Calim Eid
Imprensa Oficial do Estado**

**Secretaria de Estado da Cultura
João Carlos Martins
Arquivo do Estado**

Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo